

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO EM SAÚDE DO INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E
INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE

DANIELA MUZI

**YOUTUBE-SE:
circulação e condições de visibilidade de vídeos sobre saúde na internet**

Rio de Janeiro

2020

DANIELA MUZI

**YOUTUBE-SE:
circulação e condições de visibilidade de vídeos sobre saúde na internet**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, para obtenção do grau de Doutora em Ciências.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Janine Miranda Cardoso

Rio de Janeiro

2020

Muzi, Daniela.

YOUTUBE-SE: circulação e condições de visibilidade de vídeos sobre saúde na internet / Daniela Muzi. - Rio de janeiro, 2020.

208 f.; il.

Tese (Doutorado) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, 2020.

Orientadora: Janine Miranda Cardoso.

Bibliografia: f. 200-208

1. Comunicação e saúde. 2. Circulação. 3. Mídia. 4. Mediações sociotécnicas. 5. YouTube. I. Título.

DANIELA MUZI

**YOUTUBE-SE: circulação e condições de visibilidade
de vídeos sobre saúde na internet**

Aprovado em 27 de maio de 2020.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Janine Miranda Cardoso (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Elaine Teixeira Rabello

Prof. Dr. Fernando Nascimento Gonçalves

Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento

Prof.^a Dr.^a Inesita Soares de Araujo

Dedico este trabalho ao amor.
Que nasce apesar da dor.
Que insiste, que resiste, que existe.
Pelo amor eu comecei.
Pelo amor eu terminei.
Sem amor eu não teria chegado até aqui.
O amor é tudo isso mesmo.

AGRADECIMENTOS

Tenho tantos agradecimentos a fazer nesta longa jornada de quatro anos, que tenho medo de esquecer de alguém. Escrevi esse texto mentalmente várias vezes e sempre era atropelada pela emoção. Escrever uma tese é o trabalho solitário mais colaborativo que eu já realizei. Aqui tiveram muitas mãos, mentes, abraços, muito afeto, muito amor. Sim, o amor perpassa todas essas linhas, aliás, ele é a linha. Vou tentar ser cronológica para não perder o fio.

Agradeço à minha mãe Fátima, nossa, meus olhos já empoçaram aqui. Minha mãe me apoiou todos esses anos, aliás todos os anos da minha vida. É a maior entusiasta do meu trabalho mesmo sem entender muito. Quando eu mais precisei dela, foi quando ela foi mais forte e na força dela eu me fortaleci. Agradeço *in memoriam* à minha vó Halime, que me iluminou nos dias mais escuros, me abraçou nos momentos mais difíceis e com sua doçura me envolveu. Agradeço *in memoriam* ao meu pai Fauzi, a ausência que virou presença, o reencontro que se deu nas últimas linhas, a descoberta que ele esteve sempre por aqui.

A essa altura os meus batimentos já estão bem acelerados, é a hora de falar da minha família do coração, as irmãs que eu escolhi ter. Agradeço à irmã Aline, que sempre teve muito orgulho da irmã “caçula” pesquisadora, minha grande incentivadora e que mesmo cansada me ajudou em todas as dúvidas matemáticas desta tese. Agradeço às minhas irmãs Mônica, Fernanda e Maria Clara, que estiveram presentes de outras formas também indispensáveis para estas linhas. Agradeço ao Christian pela trajetória, por ter feito parte da minha história e de quem eu me tornei.

Agradeço à minha família VideoSaúde, meus companheiros de trabalho que sempre me apoiaram e me incentivaram em todos esses quatro anos de doutorado. É para eles que também dedico esta tese, que partiu da reflexão da minha prática profissional e acadêmica. Passei por três chefias que foram determinantes para a minha formação, Tania Santos, que me recomendou fazer a especialização em Comunicação e Saúde, Eliane Pontes e Paulo Lara. Obrigada. Agradeço aos diretores do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), Umberto Trigueiros e Rodrigo Murtinho. Estou usando os crachás só para contextualizar, mas sabemos que isso vai muito além das credenciais.

Nessa vida no gerúndio que é ser *doutoranda*, só mesmo estando ao lado de uma turma de outro planeta para sobreviver. Era uma vez uma turma com tantos sonhos e ideais que nos autodenominamos *Saúde Interplanetária*. Que possamos seguir lutando para mudar o mundo, enfrentar as determinações sociais da saúde, defender o SUS e fazer uma pesquisa cidadã.

Obrigada Alan de Jesus, Alexandre Trino, Allan Gouvêa, Catarina Schneider, Cyntia Aguiar, Fábio Lamin, Fernanda Nogueira, Flávia Carvalho, Flavia Marques, José Eduardo Saraiva, Lucilene Bertoldo, Mariana Rodrigues, Marina Saraiva, Marcelo Carvalho, Nathalie Citeli, Niki Rodrigues, Pamella Vieira, Renata Ribeiro, Rodolfo Paolucci e Tatiana Sanjuan. Avante, interplanetários! Nossos sonhos não têm limites. Agradeço também aos colegas de outras turmas, que represento pela querida amiga Patrícia Barcellos.

Agradeço também de coração todos os meus professores nesse percurso. Somos as somas das pessoas que encontramos nas nossas vidas e eu aprendi muito com vocês, não só o conteúdo disciplinar, mas sobre afeto, política e luta. Para começar com o PPGICS/Icict/Fiocruz, meu agradecimento aos que me iniciaram no campo da Informação Cristina Guimarães, Cícera Henrique e Paulo Borges. Cris, eu nem sei o que dizer sobre você, as palavras não dão conta, só aqueles nossos abraços apertados. Transforme em dado se puder, eu não consigo. Obrigada. A José Noronha agradeço pelas aulas sobre política de saúde e SUS, nada ficou o mesmo depois dessa experiência. Agradeço à professora Dália Romero, com quem aprendi uma importante metodologia de resistência: política, saúde e luta. Agradeço ao professor Wilson Borges pela narratologia e retórica admiráveis, queria sempre o ouvir como aluna. Agradeço à professora Adriana Aguiar pela leveza das aulas de metodologia e sobre a importância de conseguir me fazer entender em um curto espaço de tempo. Agradeço às professoras Mel Lisboa e Rosane Abdalla pela formação em docência, vocês me contaminaram para sempre. E como o bom filho à casa torna, diz o ditado, e eu tenho uma outra casa além da Fiocruz, agradeço também aos meus professores do PPGCom da Uerj, Marcelo Castañeda e Patrícia Rabello, cujas contribuições fizeram parte das minhas reflexões. Está faltando gente, eu sei, mas esses eu carreguei para a banca.

No início, meio e fim as amigas e um companheiro. Eu nem sei como agradecer à minha amiga Catarina, que me deu a mão e eu dei a minha para ela e assim seguimos e seguiremos. Além dela eu tenho outros dois amores, Beatris Duquevis e Juliana Krapp. Amores para a vida inteira. Obrigada amigas, cheguei até aqui por causa de vocês. E por meio delas veio um “Lote” de amigas, que não foi apenas uma paixão de Carnaval, é por vocês também. Nos momentos turbulentos a amiga Daniele Garcia não desistiu de mim, todo dia um bom dia e a certeza de que eu iria dar conta. Tatiana Clébicar foi outro reencontro, com ela e com a fé e ela vai amar ler isso. Obrigada, Tati. E como o amor é linha, na dor eu também costurei com Izamara Bastos e Mel Lisboa, obrigada pelo grupo de apoio, foi muito bom ter vocês por perto nesse momento. Tatiana Sanjuan e Renata Ribeiro, minhas queridas amigas, obrigada também pelos socorros e risadas. Sidnei, meu amigo e companheiro (e consultor até

nas horas ocupadas), que entendeu como ninguém a importância deste trabalho para mim, acreditou em mim quando eu mesma duvidava. Por você também eu cheguei até aqui. Chegamos juntos. Tem você nessas páginas. Obrigada por isso.

Gostaria de agradecer os colegas do Serviço de Gestão do Trabalho do Icict, em especial Carlos Henrique e Helen Waldhelm pela viabilização das licenças necessárias para que eu pudesse concluir esta tese. Às colegas da Biblioteca de Manguinhos, Angelina Pereira e Márcia Aguiar, por me ajudaram nas buscas e referências bibliográficas. À equipe da Gestão Acadêmica pela presteza e acolhimento que só se acentuou quando eu mais precisei. Karla Juliano, Nielle de Andrade, Rosilene Oliveira, Marcos Oliveira, Gabriel Gomes, Luciana Martins e Wilson Borges.

Agradeço aos professores que integram esta banca, que são tão importantes para minha formação que trouxe vocês até aqui. Denise Tavares, obrigada por ter cruzado o meu caminho na minha entrada para o campo da ciência e saúde, espero que nos cruzemos sempre. Kátia Lerner, com você eu aprendi metodologia de pesquisa, da vida e... Obrigada querida. Elaine Rabello, obrigada pelo “metamundo” que você me abriu com os métodos digitais na saúde e pela forma com que me acolheu no grupo de pesquisa no Instituto de Medicina Social da Uerj. Seguirei seguindo os seus rastros. Igor Sacramento também agradeço o metamundo que aprendi com você. Esta tese tem muito de você, que mediou muito dos escritos por aqui, obrigada querido. Fernando Gonçalves, meu obrigada vem de longe, você faz parte de toda a minha trajetória acadêmica que também se chama vida, obrigada por sempre me inspirar. E por falar em inspiração, obrigada Inesita Araujo, pelos modelos que eu me inspiro em você, o modelo de pensadora, de pesquisadora... é um privilégio poder conhecer a minha bibliografia e até pensar junto com ela. E por falar em bibliografia... Janine Cardoso, minha orientadora, colega de trabalho, amiga, inspiração... não sei se está bom de credenciais, mas está bom de eu parar de escrever. Você me deu a mão, o colo, o afeto, o carinho e juntas pensamos e discutimos muito esta pesquisa e você sabe como eu gosto disso tudo. Obrigada por isso. Obrigada a todas e todos que me ajudaram a chegar até aqui, eu tenho muito que aprender com vocês e por isso espero que esse caminho continue. Como eu já disse antes, uma tese é o trabalho solitário mais colaborativo que eu já fiz, engana-se quem acha que chegamos até aqui sozinhos e esse trabalho foi tecido com a linha do amor. Obrigada ♥

RESUMO

A importância da cultura audiovisual é sentida e experimentada a cada dia em diversos setores da sociedade, seja por meio dos produtos da indústria cultural, de tecnologias educacionais ou das formas de sociabilidade propiciadas pelo uso da internet. Em uma sociedade midiaticizada, onde as lógicas da cultura midiática se espraiam pelas práticas sociais, a disponibilização de vídeos no YouTube ganha força estratégica para visibilizar e garantir a capilaridade da produção de conhecimento e tornar visíveis atores e propostas que dificilmente têm lugar nos meios de comunicação tradicionais. Mas, como se dá o processo de circulação de documentários sobre saúde no YouTube? Quais mediações os atravessam e como atuam? Por que alguns filmes são mais vistos e circulam mais do que outros? Quais as potencialidades, tensões e fragilidades da plataforma? Com esses pontos de partida, o objetivo desta tese foi desenvolver e propor um método de mapeamento e análise da circulação de vídeos sobre saúde disponibilizados no YouTube que permitisse identificar as mediações sociotécnicas que interferem nesse processo. Este estudo parte do olhar interdisciplinar da área da Comunicação e Saúde, que propõe articulações das práticas comunicacionais com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e o entendimento da comunicação como direito que garante outros direitos, como o direito à saúde, como apresentam Inesita Araujo e Janine Cardoso (2007). Toma-se para tal o modelo de comunicação como mercado simbólico proposto por Inesita Araujo (2002, 2004) – no qual a comunicação atua como um mercado e os sentidos sociais são bens simbólicos negociados e disputados em meio a relações de saber e poder. O marco teórico desta pesquisa também articula os conceitos de circulação – Fausto Neto (2008, 2010a, 2010b); Braga (2007, 2012a, 2012b); Jenkins, Green e Ford (2014) –, midiatização (além de Fausto Neto e José Luiz Braga, também a perspectiva proposta por Krotz (2007) e Nick Couldry (2014) –, em articulação com a abordagem das mediações comunicativas da cultura de Jesús Martín-Barbero (2009, 2015). Selecionamos e analisamos a circulação de três documentários sobre o tema violência obstétrica: *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas* (2014), *Violência obstétrica: a voz das brasileiras* (2012) e *A dor além do parto* (2013). O método compreende três etapas: identificação dos contextos de produção e circulação; rastreamento dos circuitos, a partir do uso de métodos digitais e a identificação e análise das mediações. Entre os resultados, destacamos que as mediações sociotécnicas atuam de forma decisiva para que os filmes ampliem ou não seus circuitos de circulação de origem, em especial a ação dos algoritmos pelos sistemas de recomendação e

indexação; as listas; ações de ciberativismo e engajamento e a mediação do comunicador em combinação com a ação algorítmica. Concluímos que as mediações sociotécnicas são cada vez mais determinadas e determinantes na circulação dos documentários sobre saúde e até preponderantes à legitimidade de uma instituição do campo da saúde, revelando as transformações da sociedade, cujas práticas sociais estão sendo reconfiguradas pelo metaproceto de midiatização, uma *metamediação*.

Palavras-chave: Comunicação e Saúde. Circulação. Midiatização. Mediações Sociotécnicas. YouTube.

ABSTRACT

The importance of audiovisual culture is felt and experienced every day in different sectors of society, whether through products of the cultural industry, educational technologies or forms of sociability provided by the use of internet. In a mediatized society, where the logics of media culture spread through social practices, the availability of videos on YouTube gains strategic strength to make visible and to ensure the capillarity of knowledge production and to make visible actors and proposals that hardly take place in traditional media. But how is the circulation process of health documentaries on YouTube? Which mediations go through them and how do they act? Why are some films seen and circulated more than others? What are the platform's strengths, tensions and weaknesses? Taking these questions into account, the goal of this thesis was to develop and propose a method of mapping and analyzing the circulation of health videos available on YouTube which enables to identify the sociotechnical mediations that interfere in this process. This study is based on the interdisciplinary view of the Health Communication area which proposes articulations of communication practices with the principles of the Brazilian Unified Health System (SUS) and the understanding of communication as a right that guarantees other rights, such as the right to health, as presented by Inesita Araujo and Janine Cardoso (2007). For this purpose, the communication model as a symbolic market proposed by Inesita Araujo (2002, 2004) is considered - in which communication acts as a market and the social senses are symbolic goods negotiated and disputed in the midst of relations of knowledge and power. The theoretical framework of this thesis also articulates the concepts of circulation - Fausto Neto (2008, 2010a, 2010b); Braga (2007, 2012a, 2012b); Jenkis, Green and Ford (2014) -, mediatization (in addition to Fausto Neto and José Luiz Braga, also the perspective proposed by Krotz (2007) and Nick Couldry (2014) -, in articulation with the Jesús Martín-Barbero's (2009, 2015) approach of the communicative mediations of culture. The circulation of three documentaries on the topic of obstetric violence were selected and analyzed: *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas* [Being born in Brazil: Childbirth, from obstetric violence to good practices] (2014), *Violência obstétrica: a voz das brasileiras* (2012) [Obstetric violence: the voice of Brazilian women] and *A dor além do parto* [Pain beyond childbirth] (2013). The method comprises three stages: identification of the contexts of production and circulation; tracking of circuits, using digital methods; and identification and analysis of mediations. Among the results, we highlight that sociotechnical mediations act decisively so that the films

expand or not their original circulation circuits, especially the action of the algorithms by the recommendation and indexing systems; the lists; cyberactivism and engagement actions and the mediation of the communicator in combination with the algorithmic action. It is concluded that sociotechnical mediations are increasingly determined and determinant in the circulation of health documentaries and even preponderant to the legitimacy of an institution in the health field, revealing the transformations of society, whose social practices are being reconfigured by the mediatization meta-process, a *meta-mediation*.

Keywords: Health Communication. Circulation. Mediatization. Sociotechnical mediation. YouTube.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Circulação midiaticizada.....	p. 35
Figura 2 – Representação gráfica do Modelo de Comunicação como Mercado Simbólico.....	p.43
Figura 3 – Fatores de mediação identificados pela matriz de análise do modelo do mercado simbólico.....	p.47
Figura 4 – Página “Sobre”, YouTube, em 28 de abril de 2005.....	p.70
Figura 5 – Representação gráfica dos circuitos heterogêneos.....	p.105
Gráfico 1 – Ano de lançamento dos filmes sobre parto - 1993-2018.....	p. 123
Figura 6 – Imagem da tabela de visualização da coleta de dados	p.127
Figura 7 – Página do documentário <i>Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas</i> no YouTube.....	p.129
Gráfico 2 – Citações sobre o documentário <i>Nascer no Brasil</i> por tipos de mídia e setores da sociedade.....	p.133
Figura 6 – Citações sobre o documentário <i>Nascer no Brasil</i> por tipo de mídia e setores da sociedade	p.133
Figura 7 – Citações sobre o documentário <i>Nascer no Brasil</i> em sites e portais	p.134
Figura 8 – Citações sobre o documentário do <i>Nascer no Brasil</i> nas mídias sociais.....	p.135
Figura 9 – Citação sobre o documentário <i>Nascer no Brasil</i> como vídeo no sugerido no YouTube.....	p.137
Figura 10 – Playlist “9 DOCUMENTÁRIOS PARA DEBATER ABORTO E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA” no YouTube	p.141
Figura 11 – Citações sobre o documentário do <i>Nascer no Brasil</i> nas plataformas independentes ...	p.141
Figura 12 – Página de visualização do <i>Nascer no Brasil</i> no YouTube e vídeos sugeridos.....	p.144
Figura 13 – Página de visualização do documentário <i>Violência obstétrica</i> no YouTube... ..	p.150
Gráfico 3 – Citações sobre o documentário <i>Violência obstétrica</i> por tipos de mídia e setores da sociedade	p.151
Figura 14 - Citações sobre o documentário <i>Violência obstétrica</i> por tipos de mídia e setores da sociedade	p.151
Figura 15 – Conteúdos reunidos no <i>Portal EBC</i> pela tag “violência no parto”.....	p.152
Figura 16 – Nota de divulgação de documentário <i>Violência obstétrica</i> publicada no <i>Portal EBC</i>	p.154
Figura 17 – Citações sobre o documentário <i>Violência obstétrica</i> nas mídias sociais.....	p.155
Figura 18 – Citações sobre o documentário <i>Violência obstétrica</i> nas plataformas independentes.....	p.162
Figura 19 – Página de visualização do documentário <i>A dor além do parto</i> no YouTube.....	p.164
Figura 20 – Citações sobre o documentário sobre <i>A dor além do parto</i> por tipos de mídia e setores da sociedade	p.169
Gráfico 4 – Citações sobre o documentário sobre <i>A dor além do parto</i> por tipos de mídia e setores da sociedade	p.171
Figura 21 – Citações sobre o documentário <i>A dor além do parto</i> em sites e portais.....	p.171
Figura 22 – Postagem do blog CordVida.....	p.173
Figura 23 – Citações sobre o documentário <i>A dor além do parto</i> nas mídias sociais.....	p.174
Figura 24 – Citações sobre o documentário <i>A dor além do parto</i> nas plataformas independentes ...	p. 176
Gráfico 5 – Métricas escolhidas como indicadores da circulação.....	p.187
Figura 28 – Mapa da circulação dos documentários sobre violência obstétrica na internet p.	188

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Filmes localizados na busca por “filmes sobre parto”	p.116
Tabela 2 – Filmes localizados na busca por “lista de filmes sobre parto”	p.117
Tabela 3 – Listas de filmes sobre parto	p.120
Tabela 4 – Lista de filmes recomendados nas listas de filmes sobre parto	p.122
Tabela 5 – Aspectos dos contextos de produção dos documentários sobre violência obstétrica.....	p.181
Tabela 6 – Rastreamento da circulação e identificação das mediações sociotécnicas	p.185

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	3
INTRODUÇÃO.....	6
1 CIRCULANDO FILMES SOBRE SAÚDE NA SOCIEDADE MIDIATIZADA	16
1.1 A CIRCULAÇÃO MIDIATIZADA E SUAS MEDIAÇÕES.....	16
1.1.1 <i>De qual circulação estamos falando</i>	<i>17</i>
1.1.2 <i>A midiatização como metaprocesso.....</i>	<i>24</i>
1.1.3 <i>Das mediações à midiatização</i>	<i>29</i>
1.2 DE ONDE FALAMOS: A PERSPECTIVA DA COMUNICAÇÃO E SAÚDE	35
1.2.1 <i>Um mercado simbólico em constante negociação.....</i>	<i>42</i>
1.2.2 <i>A comunicação como direito que garante outros direitos</i>	<i>48</i>
1.3 A LEGITIMIDADE DO DOCUMENTÁRIO NO ESPAÇO MIDIATIZADO DA SAÚDE.....	52
1.4 VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA, A EXPRESSÃO PROIBIDA.....	57
2 NOVAS TEORIAS E NOVOS MÉTODOS PARA AS “NOVAS” MÍDIAS DIGITAIS	65
2.1 YOUTUBE-SE.....	66
2.2 O PARADIGMA DA AUTOCOMUNICAÇÃO DE MASSA	77
2.3 DIGITAL METHODS E MÉTRICAS CRÍTICAS E DE VAIDADE.....	85
3 RASTREANDO FILMES: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	92
3.1 A SELEÇÃO DOS FILMES E DO MÉTODO: BASTIDORES DE UM PROCESSO.....	93
3.1.1 <i>Primeira tentativa: seguindo o filme “Nascer no Brasil”</i>	<i>95</i>
3.1.2 <i>Segunda tentativa: filmes de diferentes temáticas produzem circuitos diferentes?..</i>	<i>97</i>
3.1.3 <i>Terceira tentativa: circuitos heterogêneos</i>	<i>104</i>
3.1.4 <i>Quarta tentativa e valendo: o encontro com os métodos digitais</i>	<i>108</i>
3.2 A PROPOSTA DE UM MÉTODO.....	124
3.3 NASCER NO BRASIL: PARTO, DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA ÀS BOAS PRÁTICAS: A MIDIATIZAÇÃO DA PESQUISA.....	128
3.3.1 <i>Contextos de produção e circulação.....</i>	<i>128</i>
3.3.2 <i>Rastreamento da circulação</i>	<i>132</i>
3.3.3 <i>Análise do circuito e identificação das mediações envolvidas</i>	<i>142</i>
3.4 VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: A VOZ DAS BRASILEIRAS: UM GRITO COLETIVO DE SOCORRO.....	145
3.4.1 <i>Contextos de produção e circulação.....</i>	<i>145</i>
3.4.2 <i>Rastreamento da circulação</i>	<i>150</i>
3.4.3 <i>Análise do circuito e identificação das mediações envolvidas</i>	<i>165</i>
3.5 A DOR ALÉM DO PARTO E PARA ALÉM DA UNIVERSIDADE.....	167
3.5.1 <i>Contextos de produção e de circulação.....</i>	<i>167</i>
3.5.2 <i>Rastreamento da circulação</i>	<i>170</i>

3.5.3	<i>Análise do circuito e identificação das mediações envolvidas</i>	177
3.6	OS CIRCUITOS, SUAS SEMELHANÇAS E HETEROGENEIDADES.....	180
3.6.1	<i>Contextos de produção e de circulação</i>	180
3.6.2	<i>Rastreamento da circulação</i>	184
3.6.3	<i>Identificação dos circuitos</i>	185
3.6.4	<i>Identificação das mediações</i>	189
	CONCLUSÃO	193
	REFERÊNCIAS	200

MEMORIAL

Quem nunca disse “A minha vida daria um filme?”. Como seria o filme da minha vida? Que imagens estariam nele? Foi então que decidi contar a história do “audiovisual e eu”, porque a minha história se cruza com uma outra história muito mais importante que a minha: a popularização dos meios de produção audiovisual. As câmeras, antes apenas disponíveis nas grandes empresas de comunicação ou em famílias ricas, começam a ser manuseadas por outras mãos, inclusive as minhas e isso mudou muita coisa. A minha história é também meu lugar de fala, que revela contextos que me precedem e formatam a minha forma de olhar.

Eu nasci em 1980. Nessa época não tinha gravações de parto. Tinham 12, 24 ou 36 poses, e olhe lá, e elas raramente entravam na maternidade. A fotografia era um momento célebre. Minha mãe me vestia com uma roupa bonita, sapato novo ou me levava para passear para tirar foto. Lembro-me da alegria que era ver ela chegar da loja de revelação, alguns dias depois, com as fotografias. Era sempre uma surpresa. Talvez seja por isso que até hoje eu adoro tirar foto. As décadas de 1980 e 1990 passaram com uma grande inovação: as câmeras VHS criadas em 1976 pela empresa JVC. A sigla VHS significa *Video Home System*, em português "Sistema Doméstico de Vídeo". Domesticou mesmo. Os meus espetáculos de ballet agora poderiam ser filmados! Por uma pequena fortuna minha mãe conseguiu duas vezes pagar pelos registros das minhas apresentações. Tudo vale a pena mesmo que a TV seja pequena.

Em 1998, eu entrei na Faculdade de Comunicação da Uerj. Muita coisa mudou. VHS, SuperVHS, Betacam. A essa altura o audiovisual já tinha conquistado o seu espaço no mundo e no meu coração, eu só não saberia que seria literalmente. Ano 2000. Uau! Achamos que o mundo ia acabar, que teria uma *Odisseia no espaço*. Nada disso o aconteceu, mas houve uma revolução, a “revolução digital”, com alguns teóricos do campo da comunicação chamam o advento do vídeo digital. A imagem não era mais analógica, tinha maior qualidade e definição e o equipamento era muito mais barato. Resultado: muitas ideias na cabeça puderam virar imagem em movimento, inclusive, uma ideia minha. Essa foi para a disciplina de Telejornalismo. O professor Antonio Brasil pediu que realizássemos seminários sobre grandes documentaristas. Cada grupo ficaria com um. Eu gostei do brasileiro, um tal de Eduardo Coutinho, que na época não era nem um pouco conhecido, mas tinha feito um filme muito importante chamado *Cabra marcado para morrer*. Pensei: “Por que a gente não faz um documentário sobre o Eduardo Coutinho e entrevista pessoas que trabalharam com ele para apresentar para a turma?”. “Impossível, ele detesta dar entrevistas.”, antecipou o professor.

Eu fiquei irritada e ainda mais estimulada. Deu certo. Coutinho não só deu a entrevista como adorou. O vídeo das quatro alunas virou um documentário premiado em festival. *Cinema de reportagem: a obra de Eduardo Coutinho* passou na TV marcou e mudou a minha vida para uma realizadora de audiovisual. De lá para cá foram muitas reportagens, programas de TV, institucionais e filmes. Do jornalismo para o documentário, do documentário para o cinema, do cinema para a TV, da TV para a internet e outras telas. A questão é a circulação.

Em 2012, vim trabalhar em uma distribuidora de vídeos na Fiocruz, a VideoSaúde, e me inseri de corpo e alma no campo da Comunicação e Saúde, muitas descobertas e questões. Na Fiocruz, pude compreender a importância do direito à comunicação, direito que garante outros direitos como o direito à saúde. Na distribuição de filmes com diversas vozes e sotaques e por meio de diversos formatos, pude entender o que é democratizar a comunicação, ampliar o acesso à informação e compartilhar conhecimento. Foi então que cruzei com um filme, *Nascer no Brasil*, lançado em um auditório cheio de rostos emocionados. Durante o debate mulheres e homens contaram suas histórias de maternidade e paternidade, histórias de dor e de amor. Um filme provocou uma explosão de sentimentos em mim. Uma das doulas presentes no evento falou no fim da sessão: “Ainda bem que Fiocruz fez esse filme, nós precisamos desse reconhecimento. Nós somos chamadas de loucas por defendermos o parto normal”.

A intuição nesse momento já estava aguçada, mas foi o coração de pesquisadora que falou mais forte. O filme tocou fundo o meu aspirante coração de mãe, os depoimentos das mulheres poucas horas após o parto deram à luz a diversas questões em mim. Tudo que eu achava normal sobre parto não era normal, todo conhecimento que eu sabia era baseado em discursos hegemônicos que eu ainda não problematizava. Eu, jornalista, comunicadora da saúde. A epidemia de cesáreas que assola o nosso país nunca foi baseada em evidências científicas, mas sim em questões de ordem econômica que visam o lucro do nosso modelo hospitalocêntrico e biomedicalizante. Não era só eu quem sentia isso, na verdade eu estava vendo pela primeira vez um movimento que já era visível na internet no Brasil e em outros lugares do mundo. Em alusão ao filme do mesmo nome, eu chamo esse movimento de “O renascimento do parto”. No YouTube, milhares de filmes e vídeos, caseiros e profissionais, sobre tema. Nas redes sociais, coletivos de mulheres reunidas trocando informação e se apoiando. No meio desses circuitos e apropriações de um documentário, um ponto de partida para acompanhar a circulação do conhecimento em saúde, que já começou muito antes do filme existir.

E o YouTube-se foi comigo também. Tenho que confessar que sou dessas que busca conteúdos no YouTube e por meio de tutoriais disponíveis na plataforma eu aprendi como

iniciar a numeração a partir da página deste memorial, aprendi a criar um navegador de pesquisa e a usar o software Gephi. Novas práticas na sociedade midiaticizada.

Eu sou imagem em movimento, sou áudio e visual, sou escrita. Sou a uma crença na potencialidade do audiovisual como estratégia de comunicação. Sou uma curiosidade em compreender como se dá o processo de circulação de informação e que fatores o influenciam. *O que nos move?* E hoje eu também sou mãe. Mãe desta tese. Pari às 20:33 do domingo, dia 10 de maio de 2020, Dia das Mães. Foi um parto normal, com dor, mas com muito amor. Convido vocês a conhecerem quem acaba de nascer.

INTRODUÇÃO

A importância da cultura audiovisual é sentida e experimentada a cada dia em diversos segmentos e setores da sociedade, seja por meio dos produtos da indústria cultural, de tecnologias educacionais ou das formas de sociabilidade propiciadas pelo uso da internet. A produção e circulação de imagens extrapola o setor do entretenimento alcançando campos como o da saúde, ciência e política. Em uma sociedade midiaticizada, onde as lógicas da produção midiática se espraiam pelas práticas sociais, a disponibilização de vídeos no YouTube ganha força estratégica para visibilizar e garantir a capilaridade da produção de conhecimento despertando o interesse de instituições, pesquisadores, grupos e movimentos sociais inseridos no âmbito da saúde. Mas como se dá o processo de circulação de documentários sobre saúde no YouTube? Quais mediações os atravessam e como atuam? Por que alguns filmes são mais vistos e circulam mais do que outros? Quais as potencialidades, tensões e fragilidades da plataforma?

De acordo com a Pesquisa TIC Domicílios 2018, a internet é usada por 70% da população brasileira, cerca de 126,9 milhões de pessoas com dez anos ou mais. A maioria dos usuários são das classes A, B e C, mas por conta do uso do celular o acesso cresce nas classes D e E, passando de passando de 37%, em 2017, para 47%, em 2018. Do total de usuários de internet no Brasil, 97% utilizou a rede pelo celular e a maior parte, 56%, apenas pelo dispositivo (CETIC.BR, 2019)¹. A principal atividade tem sido a troca de mensagens instantâneas (via WhatsApp, Skype ou Messenger), indicada por 92% dos usuários, seguida pelo uso de mídias sociais², citada por 75% dos usuários e superando por pouco as chamadas de voz ou vídeo (por WhatsApp ou Skype). Tais indicadores dão a ver práticas e hábitos de uma sociedade mediada por configurações tecnológicas e em constante transformação.

Nessa sociedade midiaticizada, destaca-se a popularidade da maior plataforma vídeos on-line, o YouTube, segunda maior rede social do mundo³, com dois bilhões de usuários empatando com o WhatsApp, e que só ficam atrás do Facebook, que conta mais de 2,5 bilhões de usuários ativos, segundo dados de abril de 2020 do portal de estudos e estatísticas Statista. A popularidade tem a ver com a resignificação da plataforma. Criado inicialmente em 2005

¹ Dados da TIC Domicílios 2018 – Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros disponível em: < https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028-tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf > .

² A pesquisa usa o termo redes sociais para se referir às comunidades virtuais onde usuários criam perfis para interagir e compartilhar informações.

³ Dados disponíveis em: <<https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>> e <https://www.statista.com/statistics/280685/number-of-monthly-unique-youtube-users/>>.

para ser um site de compartilhamento de vídeos pessoais, o YouTube foi sendo apropriado para outros usos, passando a agregar conteúdo de empresas, marcas, instituições governamentais e não-governamentais, movimentos sociais e sociedade civil. Dessa forma, foi se transformando em um repositório audiovisual on-line sobre quase tudo, hospedando diversos olhares, vozes e opiniões e, por conta disso, passa a ser usado também como um *buscador de informação*.

Mas como circulam os vídeos disponibilizados na plataforma? O processo comunicacional é formado pelo imbricamento das instâncias de produção, circulação e recepção, que são separadas para finalidade de análise e nessa separação não são igualmente analisadas. Fenômeno pouco explorado, a circulação não tem encontrado espaço proporcional à sua importância, uma vez que as pesquisas privilegiam os estudos sobre as instâncias da produção e da recepção. Isso ocorre por várias razões, como o predomínio de determinadas concepções teóricas e interesses políticos e institucionais, mas também pelos desafios metodológicos envolvidos na delimitação e análise dos processos de circulação. Apesar disso, a circulação tem sido uma área emergente nos estudos de comunicação, em geral associado aos conceitos de midiaticização e mediação, e uma alternativa para a compreensão dos fenômenos comunicacionais na sociedade midiaticizada.

O fenômeno da circulação do audiovisual na internet⁴ é visto na tese *Cinema na internet: espaços informais de circulação, pirataria e cinefilia*, de Angela Maria Meili (2015), que oferece uma orientação sistemática sobre o universo das redes de distribuição BitTorrent de filmes de ficção, às margens do mercado oficial. A autora traz duas importantes contribuições metodológicas para esta pesquisa: a sistematização da ecologia da circulação informal com a elaboração do “Diagrama das variáveis da circulação digital”, que caracteriza o YouTube como empreendimento híbrido representado pela dualidades formal e informal e legal e ilegal para circulação de filmes, e a segunda pelo uso do conceito de navegação imersiva de Lucia Santaella (2004), que forma um leitor que interage, cria e segue um percurso

⁴ Para a revisão de literatura no campo da comunicação, foi realizada busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) pela relevância da chamada literatura cinzenta na área de concentração das Ciências Sociais Aplicadas. A estratégia de busca usada foi restrita ao título da seguinte forma: (Título:circula* E Título:audiovisua* OR vídeo* OR cinema OR documentário OR filme E Título:internet OR redes sociais OR mídias sociais OR YouTube) que rendeu apenas um resultado em 20/04/2018 e na atualização feita 01/05/2020, a tese de Angela Maria Meile. Foi utilizada uma segunda estratégia mais abrangente para ampliar os resultados que estendia a busca ao campo “resumo” da seguinte forma: (Título:circula* E Resumo Português:audiovisua* OR vídeo* OR cinema OR documentário OR filme E Resumo Português:internet OR redes sociais OR mídias sociais OR YouTube). A segunda estratégia obteve 14 resultados em 20/04/2018, dos quais foi selecionada a dissertação de Cristiane Scheffer Reque. Ao refazermos a busca em 01/05/2020 foram localizados 20 resultados dos quais destacamos o mesmo trabalho.

e lógica próprios no ciberespaço. No entanto, o estudo não se dedica ao YouTube, tão pouco às mediações sociotécnicas e à temática saúde.

Outra contribuição vem por meio da dissertação *Novos processos de realização e circulação no longa-metragem brasileiro Castanha*, de Cristiane Scheffer Requer (2017), que traz subsídios com o uso do método tríade (BARONE, 2009), que define o ambiente audiovisual por meio das principais atividades: produção, distribuição e exibição, e com a construção da análise a partir da perspectiva do fato cinematográfico (METZ, 1980), observando aspectos relacionados ao que acontece antes, durante e depois do encontro do filme com o público. Apesar de analisar um documentário, a dissertação trata mais especificamente do conceito de “distribuição”, que, como será visto mais adiante, se confunde com o conceito de “circulação”. Aliás, essa foi uma recorrência nas teses e dissertações da área das Ciências Sociais Aplicadas.

Para além dos aportes do campo da comunicação acima listados, a literatura publicada em periódicos da área da saúde⁵ mostrou a emergência e relevância da circulação de vídeos sobre saúde no YouTube e onde foram encontrados resultados mais próximos aos objetivos desta tese. Além de estudos sobre a plataforma enquanto fonte de informação para doenças específicas, foram localizados estudos mais amplos como as revisões sistemáticas sobre o YouTube como fonte de informação sobre saúde em geral.

A partir do uso de plataformas como o YouTube, Facebook, Flickr, Ebrahim Randeree (2009) analisa a mudança de comportamento dos usuários da internet, que de consumidores passam a ser também geradores de informação e conteúdo no artigo *Exploring technology impacts of Healthcare 2.0 initiatives*. Além de opções como o telessaúde e sites, ao autor destaca a profusão de registros pessoais sobre saúde enquanto alternativa para os pacientes conquistarem autonomia no controle de seus dados médicos e tornarem-se participantes ativos no impulso em direção à saúde digitalizada, transformando a relação médico-paciente no

⁵ Para a revisão de literatura no campo da saúde foi selecionada a PubMed, uma das mais importantes bases da área que reúne mais de 5.600 periódicos indexados e 26 milhões de registros. Foram utilizadas duas estratégias de busca, em 20/04/2018, a partir do uso do vocabulário estruturado e trilingue DeCS – Descritores em Ciências da Saúde. A primeira estratégia, (“Motion Pictures as Topic”[Mesh]) AND “Social Media”[Mesh]), rendeu sete resultados. Refazendo a busca em 01/05/2020 12 resultados foram localizados. A partir da sugestão “similar articles” foi usada uma segunda estratégia, (“delivery of health care”[MeSH Terms] OR (“delivery”[All Fields] AND “health”[All Fields] AND “care”[All Fields]) OR “delivery of health care”[All Fields] OR “healthcare”[All Fields]) AND information[All Fields] AND youtube[All Fields] AND (“review”[Publication Type] OR “review literature as topic”[MeSH Terms] OR “systematic review”[All Fields])) que obteve 11 resultados. Na segunda busca em 01/05/2020 foram localizados 20 artigos, mas ainda assim selecionamos os mesmos trabalhos da busca anterior, pois os demais resultados faziam referência ao uso específico do YouTube por determinadas especialidades médicas ou no tratamento de doenças específicas, como ferramenta de ensino na área médica ou abordavam as mídias sociais de uma forma geral.

ambiente Healthcare 2.0, que inclui redes sociais, conteúdos gerados pelos usuários e tecnologias móveis baseadas na nuvem.

A popularização das redes sociais on-line para disseminação de informações sobre saúde pública, especialmente entre adolescentes e jovens, levou Karl Vance, William Howe e Robert P. Dellavalle (2009) a analisarem suas potencialidades e fragilidades no artigo *Social internet sites as a source of public health information*. Fatores como o baixo custo de produção, possibilidades de transmissão para um público ampliado e a interação foram elencados como aspectos positivos das mídias sociais. Como pontos negativos, foram elencados o anonimato da autoria, falta de citação de fontes e a apresentação da opinião como fato. No entanto, os autores recomendam que profissionais de saúde reconheçam a relevância desse tipo de mídia para a disseminação de informações sobre saúde.

Em *Social media: a review and tutorial of applications in medicine and health care*, Francisco Jose Grajales III (2014) apresenta, a partir de métodos qualitativos, estudos de caso que ilustram como, onde e porque as mídias sociais estão sendo utilizadas pelos setores médico e da saúde, visto a amplitude do papel que vêm desempenhando nessas esferas. Os estudos de caso foram divididos em 10 categorias de mídias sociais: (1) blogs (como WordPress); (2) microblogs (Twitter), (3) sites de redes sociais (Facebook), (4) sites de redes profissionais (LinkedIn, Sermo), (5) sites de redes temáticas (por exemplo, 23andMe), (6) wikis (Wikipédia), (7) mashups⁶ (como o HealthMap), (8) sites de filtragem colaborativa (por exemplo, Digg), (9) sites de compartilhamento de mídia (por exemplo, YouTube, Slideshare) e outros (como o SecondLife). A análise reviu, avaliou e sintetizou 76 artigos, 44 sites e 11 políticas/relatórios e apontou quatro recomendações para os produtores de conteúdo de saúde que desejam se envolver com as mídias sociais como atenuantes de risco: (1) manter o profissionalismo em todos os momentos; (2) ser autêntico, divertir-se e não ter medo; (3) pedir ajuda e (4) foco, mantendo a atenção e engajamento do usuário. No entanto, o estudo aponta que muitas questões como governança, ética, profissionalismo, privacidade, confidencialidade e qualidade da informação permanecem sem resposta.

Em *Healthcare information on YouTube: A systematic review*, Kapil Madathil et al (2014) analisam a literatura sobre informações sobre saúde disponíveis no YouTube em 18 artigos e chegam aos seguintes resultados: (1) o YouTube é cada vez mais utilizado como uma plataforma para disseminar informações de saúde; (2) a análise de conteúdo e estrutura são os

⁶ Mashup é uma aplicação web ou site personalizado que faz uso de conteúdos de mais de uma fonte para criar um serviço ao usuário a partir de uma interface pública. São exemplos de mashups os Web feeds, como o RSS ou Atom, Javascript e widgets, mini aplicações web disponíveis para serem incorporadas a outros sites.

principais métodos empregados pelos pesquisadores para analisar as características dessa informação; (3) o YouTube contém informações enganosas, principalmente anedóticas, que contradizem os padrões de referência, aumentando as chances de um usuário leigo encontrar tal conteúdo; (4) a recuperação de vídeos relevantes depende do termo de pesquisa usado; e (5) vídeos de organizações governamentais e associações profissionais continham informações confiáveis e de alta qualidade. De acordo com a revisão sistemática feita pelos autores, a plataforma é também uma forma para promover terapias e medicamentos ainda não cientificamente comprovados e com potencial para mudar crenças dos pacientes em relação à temas controversos, como a questão das vacinas. Por esse fato, recomendam a necessidade de projetar intervenções com mais fontes autorizadas que possibilitem aos usuários uma assimilação crítica das informações.

O artigo *A systematic review of methods for studying consumer health YouTube videos, with implications for systematic reviews*, de Margaret Sampson et al (2013), examina, em uma revisão de revisões sistemáticas, os métodos utilizados para os estudos sobre o consumo de vídeos sobre saúde no YouTube com conteúdos disponibilizados por profissionais de saúde, organizações governamentais e não governamentais, indústria e os próprios usuários. Todas as análises, que examinaram cerca de 100 vídeos, descreveram as características dos audiovisuais. Os elementos mais comumente relatados foram: número de visualizações; duração em minutos; número de “gostei”; ranqueamento dos vídeos; taxa de visualização; público-alvo (leigo ou expert) baseado na qualidade da produção; tipo do vídeo (animação, publicitário etc.); origem/localização do autor e, por vezes, características dos espectadores a partir de dados demográficos. A avaliação da acurácia dos temas em saúde apresentados nos vídeos também foi um ponto em comum nas análises. Muitos estudos classificaram os vídeos a partir do realizador/produtor, que, apesar de usarem diversas tipologias, podem ser agrupados em: experiência pessoal/paciente, notícias, associações profissionais, ONGs, empresas farmacêuticas e instituições médicas. A revisão traz uma relevante contribuição aos pesquisadores que pretendem reproduzir o comportamento de busca dos usuários: considerar a abordagem bola de neve para a seleção de termos de pesquisa (técnica usada em alguns dos estudos) e incluir os consumidores de vídeos como assessores, em lugar de utilizar o ranqueamento de relevância do próprio YouTube. Em geral, a seleção de termos de pesquisa é realizada por profissionais de saúde cujas pesquisas podem ser diferentes dos usuários. Com a técnica de bola de neve, sugestões adicionais dadas pelo próprio Youtube no campo “vídeos sugeridos” foram incorporadas à lista de vídeos mais relevantes durante a pesquisa.

Uma contribuição inesperada à revisão da literatura veio na etapa de coleta de dados. Foram localizados artigos científicos sobre os filmes que integram o *corpus* desta pesquisa. Em *Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães: relato de duas experiências* (SENA; TESSER, 2017), os autores discutem a relevância das mídias sociais como ferramentas metodológicas e estratégias para pesquisa, ativismo e participação política na promoção da saúde da mulher. Dentro da mesma perspectiva de observância da experiência de militância feminina na internet, Lia Luz e Vânia Gico (2015) analisam o movimento articulado entre mulheres brasileiras nas mídias sociais para defender e dar visibilidade ao parto normal e humanizado em dois artigos. Em *Violência obstétrica: ativismo nas redes sociais* (LUZ; GICO, 2015) partem da análise do blog *Cientista que virou mãe* e das ações promovidas pelas blogueiras, dentre elas a realização do documentário *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*. No artigo *Blogs como canais alternativos de comunicação para o renascimento do parto* (LUZ; GICO, 2016), as autoras investigam a blogosfera brasileira de mulheres ativistas em defesa da humanização do parto até chegar ao blog *Cientista que virou mãe*. A escolha por *Cientista que virou mãe* foi feita por conta da grande visibilidade e credibilidade do blog junto ao Movimento de Humanização do Parto (MHP) e popularidade, pertinência, relevância e periodicidade das atualizações, destacando-o dentre os dez blogs que fizeram parte da pesquisa exploratória, o que evidencia a centralidade do veículo. Luz e Gico analisam duas ações coletivas de engajamento, o Teste da Violência Obstétrica e a postagem coletiva que convidou mulheres a enviarem vídeos com depoimentos dando origem ao documentário *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*. O artigo também faz menção ao documentário *A dor além do parto* (outro filme do *corpus*) confirmando uma rede de associações entres os filmes que acabam por fortalecer e dinamizar a circulação deles.

A revisão de literatura do campo da comunicação e do campo da saúde revelou lacunas em relação aos estudos da circulação e às formas de análise, a própria imprecisão do conceito, que muitas vezes é usado no sentido de distribuição, e a apropriação dos documentários sobre saúde, são fatores que reiteram e justificam a relevância desta pesquisa. Por outro lado, o levantamento trouxe contribuições que foram agregadas a esta tese sobre os usos sociais do YouTube. Foi constatada a relevância e uso do YouTube como fonte de informação sobre saúde e examinados os métodos utilizados para análises sobre o consumo de vídeos sobre saúde na plataforma, em geral baseados nas análises de conteúdo e de estrutura, de forma mais descritiva, e nas métricas quantitativas disponibilizadas pelas pela própria plataforma.

O marco teórico dessa pesquisa se dá partir da articulação dos conceitos de circulação, mediação, mediação. Dentre as diversas abordagens do conceito de circulação, tomamos

como referencial a linha sociosemiótica e construtivista de Antonio Fausto Neto (2008, 2010a, 2010b) e José Luiz Braga (2007, 2012a, 2012b) e a perspectiva de Henry Jenkins, Joshua Green e Sam Ford (2014), que propõem um modelo híbrido e emergente de forças para avançar em uma conceituação mais ampliada. Como macrocontexto para discutir os variados usos sociais do YouTube, toma-se o conceito de mídiatização como metaprocessos, a partir das discussões de autores Friedrich Krotz (2007) e Nick Couldry (2014), em articulação com a perspectiva das mediações comunicativas da cultura de Jesús Martín-Barbero (2009, 2015).

A perspectiva deste estudo parte do olhar interdisciplinar da área da Comunicação e Saúde, que propõe articulações das práticas comunicacionais com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e o entendimento da comunicação como direito que garante outros direitos, como o direito à saúde, como apresentam Inesita Araujo e Janine Cardoso (2007). Toma-se para tal o modelo de comunicação como mercado simbólico proposto por Inesita Araujo (2002, 2004) – no qual a comunicação atua como um mercado e os sentidos sociais são bens simbólicos negociados e disputados em meio a relações de saber e poder.

Esta tese apresenta um acento metodológico propositivo e a análise um caráter experimental. O objetivo é saber como as mediações sociotécnicas interferem na configuração dos circuitos e condições de visibilidade de vídeos⁷ sobre saúde. E para tal, desenvolver e propor um método de mapeamento e análise da circulação de documentários sobre saúde na internet, que considere essas mediações sociotécnicas. Como se dá o processo de circulação de vídeos na internet? O que faz um vídeo circular mais que o outro? Que mediações interferem nesse processo? Diante disso, tem-se como objetivos específicos, em diálogo com os referenciais teóricos do campo da comunicação e por meio do olhar transversal da área interdisciplinar da Comunicação e Saúde 1) contribuir com avanço teórico-metodológico dos estudos de circulação com o desenvolvimento de metodologias de análise da circulação de conteúdos na internet, em especial vídeos sobre saúde; 2) contribuir com o avanço da compreensão dos processos de circulação, a partir do diagnóstico e análise dos contextos comunicacionais e apropriação; 3) compreender a influência dos interlocutores na circulação de vídeos sobre saúde; 4) analisar as formas de materialização das relações de poder na circulação dos vídeos; 5) compreender a atuação das mediações sociotécnicas no âmbito da circulação e 6) colaborar com o aperfeiçoamento das estratégias e práticas de comunicação no campo da saúde que possam otimizar o direito à comunicação e acesso à informação.

⁷ O uso da palavra vídeo é proposital, com o intuito de ampliar o escopo dos gêneros audiovisuais, pois acreditamos que o mapa desenvolvido possa ser aplicado a qualquer produto audiovisual disponível na internet.

Para tal serão traçados os seguintes passos metodológicos 1) rastrear a circulação dos documentários na internet; 2) identificar as mediações sociotécnicas e 3) produzir uma representação gráfica dos circuitos de circulação dos documentários e suas mediações sociotécnicas. Para executar o objetivo principal, realizamos uma análise experimental com três documentários sobre o tema violência obstétrica: *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas* (2014), *Violência obstétrica: a voz das brasileiras* (2012) e *A dor além do parto* (2013).

Para iniciar a análise, apresenta-se no primeiro capítulo os três conceitos que são eixos estruturantes desta tese, circulação, mediação e mediação e as articulações entre eles. Para a circulação são relacionadas algumas das abordagens sobre o conceito como as perspectivas discursiva, institucionalista, sociossemiótica e construtivista, dando ênfase à última e trazendo o modelo de circuito proposto por Braga e o modelo híbrido proposto por Jenkins, Green e Ford. A mediação é discutida a partir da abordagem socioconstrutivista como metaprocessos e do seu metacapital midiático, que reconfiguram práticas da sociedade atravessando campos sociais. Como aspecto central marcam-se os pontos de encontro da mediação com a teoria de mediações, em especial as contribuições de Jesús Martín-Barbero dedicadas às práticas sociais e o reconhecimento dos lugares de onde vêm as construções que delimitam e configuram as materialidades sociais e a expressividade cultural.

O atravessamento entre as três teorias contribui com a compreensão do espaço mediado da internet, macro-objeto de análise desta pesquisa, que fala a partir da perspectiva de campo da Comunicação e Saúde, articulando as práticas comunicacionais aos princípios do SUS e à noção de direito. Ainda no primeiro capítulo, posiciona-se o papel social do documentário no espaço mediado da saúde, destacando a sua legitimidade enquanto gênero que se vincula com o mundo histórico e com a capacidade de significação e representação de pontos de vistas de indivíduos, grupos e instituições que equipar-se ao campo do jornalismo. Ao final, uma discussão sobre as definições do termo violência obstétrica, tema dos documentários que integram o *corpus* da pesquisa, discutindo os sentidos sociais em torno da controversa expressão.

Avançando sobre o objeto da pesquisa, o capítulo dois dedica-se às “novas” teorias e métodos para abordar as “novas” mídias digitais como o YouTube. São discutidas as mudanças da plataforma, que surge como um site de compartilhamento de vídeos pessoais e se transforma no maior repositório on-line de vídeos do mundo, destacando-se as potencialidades e limitações que a mídia social oferece e promete aos usuários ao promover o slogan *Broadcast yourself*. A necessidade de novas teorias e modelos comunicacionais que

deem conta das especificidades das mídias digitais ligadas por um processo comunicacional globalizado, em rede de mídia de massa e interpessoal e com diferentes graus de interatividade também é refletida juntamente com imperativo de novos métodos que sejam capazes de lidar com a profusão de dados disponíveis nesse ambiente de estudo e que possam contribuir com uma pesquisa *com* o meio e não *sobre* o meio, proposta trazida pela linha de estudos dos Métodos Digitais (*Digital Methods Initiative - DMI*). Ao final do capítulo, a problematização sobre as métricas de análise das mídias digitais com o a discussão sobre as métricas “qualitativas” críticas e as métricas “quantitativas” de vaidade.

Tomando a premissa do método enquanto percurso a ser traçado, o capítulo três percorre o caminho metodológico apresentando os passos da pesquisa desde a escolha do *corpus* de análise aos métodos utilizados na coleta de dados para a análise exploratória realizada. Esse capítulo desenvolve-se na forma de um processo de erros e tentativas na busca de um melhor caminho para a seleção dos filmes que integram o *corpus* e do método a ser utilizado na análise da circulação. A escolha dos documentários foi realizada a partir de coletas de dados feitas com a ferramenta Google Scraper, desenvolvida pelo DMI, que rastreia a ressonância de um termo ou de uma série de termos em sites a partir de buscadores como o Google. Foram realizadas buscas a partir das expressões “filmes sobre parto” e “listas de filmes sobre parto”. Os filmes localizados foram reunidos e classificados a partir do número de citações e depois foram selecionados os filmes mais citados disponíveis on-line integralmente.

Para compor o *corpus*, foram escolhidos três documentários sobre o tema violência obstétrica, questão de saúde pública carregada de polêmicas e atravessada por múltiplos sentidos. Os bastidores da pesquisa trazem à tona a reflexão sobre o processo de pesquisa em si e os desafios da pesquisa em ambientes digitais. Desenvolve-se uma estrutura procedimental metodológica dividida em três etapas: 1) identificação dos contextos de produção e circulação dos documentários; 2) rastreamento da circulação e 3) análise do circuito e identificação das mediações envolvidas. Ao fim do capítulo, após as três análises, é possível identificar semelhanças e heterogeneidades entres os circuitos, posicioná-los no mapa da circulação dos documentários sobre violência obstétrica na internet e problematizar as mediações sociotécnicas que contribuíram para a circulação dos três filmes.

O acesso ao conhecimento em saúde a partir da circulação de documentários no *YouTube* pode contribuir com a autonomia do indivíduo, empoderamento da sociedade e fortalecimento do controle social, uma vez que tem a potencialidade de favorecer a circulação de discursos contra-hegemônicos como os da saúde coletiva, que praticamente não encontram

espaço em meios de comunicação tradicionais como a televisão. Processo que reafirma a importância da garantia do direito à comunicação e do acesso à informação na defesa de outros direitos, como o direito à saúde.

Em diálogo com os referenciais teóricos do campo da comunicação e por meio do olhar transversal da área interdisciplinar da Comunicação e Saúde, pretende-se contribuir com avanço teórico-metodológico dos estudos de circulação com o desenvolvimento de metodologias de análise da circulação de conteúdos na internet, em especial vídeos sobre saúde; com o avanço da compreensão dos processos de circulação, a partir do diagnóstico e análise dos contextos comunicacionais e apropriação; compreender a influência dos interlocutores na circulação de vídeos sobre saúde; analisar as formas de materialização das relações de poder na circulação dos vídeos; compreender a atuação das mediações sociotécnicas no âmbito da circulação e colaborar com o aperfeiçoamento das estratégias e práticas de comunicação no campo da saúde que possam otimizar o direito à comunicação e acesso à informação.

1 CIRCULANDO FILMES SOBRE SAÚDE NA SOCIEDADE MIDIATIZADA

A ligação entre cinema e saúde vem desde os primórdios da sétima arte e se mantém profícua até os dias de hoje. Seja pelo interesse científico, motivo central da invenção dos irmãos Lumière no final do século XIX, cujos trabalhos sempre foram de investigação técnica em detrimento do que se chama de *mise-en-scène* (CARTWRIGHT, 1995; DA-RIN, 2008); seja para divulgação científica, como usada pelo médico sanitaria Oswaldo Cruz em seus primeiros filmes científicos no começo do século XX; seja como estratégia de persuasão, higienização e educação em saúde (GUIMARÃES et al., 2010; MORAES, 2013) praticada desde a década de 1940; ou pela necessidade de circulação de discursos contra-hegemônicos produzidos para reflexão e debate das questões contemporâneas.

As disputas em torno do modelo de assistência ao parto – parto humanizado, parto normal, parto cesariano, parto natural e as discussões em torno da questão da violência contra a mulher – resultou em uma grande produção audiovisual que se encontra disponível no YouTube. O audiovisual é usado como estratégia para vocalização desse discurso contra-hegemônico e uma resposta à falta de informação sobre o tema. Identificamos aí um momento especial para a observação e análise da circulação desses filmes na internet. Em uma sociedade midiaticada, onde práticas sociais e formas de sociabilidade estão sendo transformadas pelo uso das mídias, a circulação dessa produção audiovisual, carregada de sentidos sociais, é também o resultado das mediações sociotécnicas.

1.1 A CIRCULAÇÃO MIDIATIZADA E SUAS MEDIAÇÕES

Produção, circulação e recepção são apontadas como as instâncias do processo comunicacional, entendido como processo permanente e disputado de sentidos sociais. Essa compartimentação só existe para viabilizar o estudo e a pesquisa em comunicação. Assim como a medicina faz ao dissecar um corpo separando-o por partes para entender o seu funcionamento, separamos esses momentos em etapas como se eles fossem desassociáveis. Mas seguindo na metáfora, será que um coração funciona sem depender do pulmão, será que o fígado funciona sem depender dos rins? E o tal do sistema circulatório que perpassa todo o corpo humano? Pois é, é desse sistema que queremos falar. O fenômeno da circulação expande a categoria de processo e em uma sociedade midiaticada expande-se ainda mais complexificando e diversificando-se. A midiaticação da sociedade, cada vez mais dependente das tecnologias de informação e comunicação (TIC), traz à luz a questão da tecnologia, que

jamais foi algo em separado do social. Dessa forma, faz-se necessário olhar, dentre as diversas mediações que atuam sob a nossa cultura, para as mediações sociotécnicas, cada vez mais estruturas e estruturantes da circulação na internet.

1.1.1 De qual circulação estamos falando

Fenômeno pouco explorado, a circulação não tem encontrado espaço proporcional à sua importância, já que as pesquisas que focalizam os processos comunicacionais privilegiam, historicamente, os estudos sobre as instâncias da produção e da recepção (FAUSTO NETO, 2010a). Segundo o autor, isso ocorre por várias razões como o predomínio de determinadas concepções teóricas e interesses políticos e institucionais, mas também pelos desafios metodológicos envolvidos na delimitação e análise dos processos de circulação. Embora Thales Vilela Lelo e Rafael Grohmann (2014) observem a circulação como um conceito emergente nos estudos de comunicação e frequentemente associada a conceitos como mediação e mediação. O conceito “emerge por vezes como uma alternativa a apreensões engessadas do circuito que se estabelece entre a mídia e a vida cotidiana, tentando resgatar, em seus diferentes desenhos, a complexidade das práticas comunicativas.” (LELO; GROHMANN, 2014, p. 22).

Lelo e Grohmann (2014) sistematizaram o conceito de circulação em três abordagens: 1) a semiolinguística de Patrick Charadeau; 2) as perspectivas britânicas de escopo institucionalista e construtivista e 3) e a vertente sociosemiótica e construtivista dos brasileiros Antonio Fausto Neto e José Luiz Braga. Elencamos ainda a perspectiva de Eliseo Verón sobre a circulação discursiva, voltada para o discurso em movimento e suas ressignificações, que influenciou muito a abordagem de Fausto Neto, e a abordagem dos autores estadunidenses Henry Jenkins, Joshua Green e Sam Ford (2014). Por afinidade e fidelidade à questão de pesquisa, que não se foca na questão discursiva, embora entendamos que são os discursos que circulam na forma de produtos midiáticos, nos apoiaremos no modelo de circuito proposto por Braga e no modelo híbrido de circulação proposto por Jenkins, Green e Ford para avançar na conceituação da circulação buscando vê-la de uma forma ainda mais ampla.

Fausto Neto (2010b) também sistematiza algumas noções de circulação que são importantes para a compreensão e desenvolvimento do conceito em si. A primeira seria pensar a circulação como “uma zona automática de passagem de discursos” (FAUSTO NETO, 2010b, p. 7). São trabalhos do campo das ciências das linguagens voltados a compreender as

gramáticas de produção e as intencionalidades do discurso e os seus efeitos na recepção. A segunda noção seria a circulação como um “terceiro” que corresponde ao “deslocamento do exame do ato comunicacional de uma problemática instrumental para aquela da dimensão discursiva (da enunciação)” (FAUSTO NETO, 2010b, p. 8). Como o sujeito apropria-se da linguagem para se referir ao mundo, essa abordagem destaca o aspecto relacional da produção discursiva e não somente o transmissional, uma vez que a linguagem age sobre o sujeito de modo voluntário e involuntário. Uma terceira perspectiva seria a circulação como “zona de indeterminação” ou “espaço gerador de potencialidades” no qual retira-se das gramáticas a primazia das intenções, que perdem força, fortalecendo outras dinâmicas que não dependem mais da produção, da recepção, tampouco dos efeitos dos discursos.

A linearidade dá lugar à heterogeneidade. Dissolve-se no ato da enunciação a existência de uma noção de equilíbrio, especialmente vínculos possíveis de simetridade, na medida em que as intenções que os engendram não são controláveis. [...] *No lugar das regras, emergem estratégias e cujas lógicas apontam mais para diferenças do que para convergências* (FAUSTO NETO, 2010b, p. 8-9, grifo nosso).

A quarta perspectiva, ainda envolta em incertezas, refere-se ao entendimento da circulação como diferença ou intervalo entre os dois polos, o caminho percorrido pelo produto midiático da emissão à recepção, um conceito que pertence à década de 1970. Não haveria convergência, mas defasagens entre as gramáticas de produção e de reconhecimento e desvios de lógicas revelando as complexas articulações entre as instâncias de produção e recepção. (FAUSTO NETO, 2010b, p. 10). O autor propõe um olhar para o que ele chama de “pontos ou zonas de articulação” entre a produção e a recepção, uma vez que, em uma sociedade “em vias de midiatização”⁸ estamos diante de um novo cenário sócio-técnico-discursivo que constitui as novas interações entre produção/recepção.” (FAUSTO NETO, 2010b, p. 6). Ou seja, o autor compreende a circulação como um dispositivo constituído de interfaces, o que corresponderia a uma quinta abordagem, e não um conceito associado à defasagem, diferença ou à noção de intervalo.

A circulação ao deixar de ser uma problemática de intervalos entre elementos de um determinado processo de comunicação, passa a se constituir em um dispositivo central, uma vez que as possibilidades e a qualidade das interações sócio-discursivas se organizam cada vez mais em decorrência da natureza do seu trabalho em dar forma à arquitetura de

⁸ Ao falar em “sociedade em vias de midiatização”, o autor queria enfatizar o processo em curso, que naquele momento (2010) traduzia a percepção desse movimento. Embora esteja em constante transformação, visto as incessantes mudanças que a mídia provoca reconfigurando práticas sociais, hoje está instaurado na sociedade.

processos comunicacionais. As lógicas dos “contratos” são subsumidas por outras “lógicas de interfaces” (FAUSTO NETO, 2010b, p. 12).

A lógica de interfaces da circulação remete às conexões, associações e ligações em redes, mas também, remete, como o autor destaca na quarta perspectiva, a um lugar sem regras onde emergem estratégias. Sobre os processos de circulação incidem novos protocolos que articulam produtores/receptores de discursos, complexificando seus papéis ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces, o que leva Fausto Neto (2010a) a refletir sobre a necessidade de se pensar um novo modo de existência da recepção. Quando se entende que a mídia é condicionada a uma multiplicidade de fatores que relativizam as condições que lhe eram atribuídas, o modelo tecnofuncional utilizado para as análises do campo da comunicação perde força. A circulação figura como “um novo objeto, como efeito de pesquisas sobre estratégias de ofertas em situação de reconhecimento, nas quais sistematizam-se os trajetos de processos de apropriação de discurso e sua conseqüente transformação em novos discursos.” (FAUSTO NETO, 2010a, p. 63).

Braga (2012a, 2012b) também compreende o conceito de circulação como uma relação mais ampla que a relação entre emissão e recepção e compartilha do entendimento de que se estabelece em meio a um complexo sistema de forças e interações, um lugar posterior que ultrapassa a situação de recepção (do espectador em frente a tela, por exemplo) e que trata de substituir a ênfase dos estudos voltados à produção e dos produtos que circulam.

Esse “fluxo adiante” acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários – que podem resultar em textos publicados ou em simples “conversa de bar” sobre um filme recém visto; a uma retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); a uma estimulação de debates, análises, polêmicas – em processo agonístico; a esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta; passando ainda por outras e outras possibilidades, incluindo aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais (BRAGA, 2012a, p. 39).

Os regimes sociotécnicos produzidos pela midiatização tiram da invisibilidade a problemática da circulação, complexificando e transformando-a “em dispositivos (com visíveis marcas) sócio-técnico-discursivos que vão reformular imensamente os processos de interação, especialmente o lugar e o próprio conceito de recepção.” (FAUSTO NETO, 2010, p.63). A circulação, vista com mais força e importância dada a complexificação das relações entre produção e recepção, manifesta-se como um lugar de observação de valores simbólicos e da produção e recepção de sentidos. “A comunicação social pode ser vista como um fluxo

incessante de ideias, informações, intervenções e expectativas que circulam em formas e reconfigurações sucessivas.”⁹ (BRAGA, 2012b, p, 49).

Diante da perspectiva abrangente da circulação e da dificuldade de delimitação dos seus processos, Braga (2012a) sugere o modelo de circuitos para o trabalho de pesquisa empírica, uma vez que são praticados culturalmente, são reconhecíveis por seus usuários e podem ser descritos e analisados por pesquisadores, mas sobretudo porque os circuitos têm a tendência de atravessarem os campos sociais. Isso porque, “na sociedade em mediatização, já não se podem apreender os processos sociais segundo essa inclusão de um campo especial, através da cessão de mediações pelos outros campos ao campo mediático.” (BRAGA, 2012a, p. 42-43).

Segundo o autor, a prática social é constituída por circuitos, onde cada setor ou processo da sociedade participa de vários deles. “Com a midiatização crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos.” (BRAGA, 2012a, p. 44), ligados a um imperativo de interação “externa” por conta dos efeitos do aumento de importância da mídia e suas práticas culturais na sociedade. O que não significa dizer que os campos sociais desaparecerão, mas que mudanças em seu modo de operação e na forma de se relacionarem com os demais campos estão em curso, assim como o desenvolvimento de outros campos. A essa capacidade dos circuitos atravessarem os campos sociais acentuada pela mediatização, adiciona-se a necessidade de uma “recontextualização”, “visto que as referências habituais se encontram deslocadas ou complementadas por referências menos habituais – fazendo com que os próprios circuitos em desenvolvimento elaborem e explicitem os contextos requeridos para atribuição de sentidos aos produtos e falas que circulam.” (BRAGA, 2012a, p. 49).

Outra importante contribuição acerca do enfraquecimento da capacidade de refração dos campos sociais, é o que Braga chamou de “esfera de legitimidade”. A legitimidade, ainda que indispensável para o pertencimento aos campos, tem sido amplamente contestada e constantemente reconsiderada e reestruturada em bases diversas. Aqui podemos listar as personalidades midiáticas, com as mais diversas formações, que se tornam referências para falar sobre cuidados de saúde; a maior circulação de discursos contra-hegemônicos disponibilizados por movimentos ou grupos sociais, que encontram mais oportunidades de

⁹ O trecho correspondente a tradução é: “La comunicación social puede ser vista como un flujo incesante de ideas, informaciones, intervenciones y expectativas que circulan en formas y reconfiguraciones sucesivas.”.

difundir suas visões de mundo e a multiplicação de pessoas e insituições que assumem o papel de “produtores” de informação sob a justificativa de terem maior credibilidade por estarem mais “próximos” dos acontecimentos relatados.

O deslocamento da legitimidade provoca uma ressignificação da importância da experiência na sociedade, que passa a reivindicar, e muitas vezes deter, um tipo de autoridade equivalente a de especialistas, como a autoridade médica em assuntos de saúde (LERNER et al., 2018). O valor do testemunho na exposição de experiências de sofrimento, principalmente na TV e na internet, figuram como um forma contemporânea de subjetividade e da política contemporânea “[...] frequentemente acionado como uma forma de denúncia, de ação política, baseada na experiência pessoal. (SACRAMENTO, 2018. p. 131). Ou seja, a pessoa que sofre – o preconceito, a violência ou os efeitos epidêmicos, por exemplo –, deve falar por si própria, um contraponto ao silenciamento da voz de minoriais sociais por grupos que têm prominência em debates no espaço público. Todos esses movimentos de questionamento da legitimidade e ressignificação da experiência na forma de testemunho são mais alguns dos nós que constituem a trama da sociedade midiaticizada que atravessa os campos sociais, por vezes unindo-os, por vezes não.

Em macroambientes de interação social, do qual fazem parte as mídias sociais, não seria pertinente distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, tampouco produção e recepção como instâncias separadas. Ao propor o modelo de circuito para análise da circulação, Braga refere-se a um percurso percorrido pelo produto midiático que não é de ida e volta e como ressalva: o produto não deve ser encarado como “objeto inicial” e sim um “‘momento’ (particularmente feliz, dada a sua materialização) de um circuito *que começa antes e continua depois* e que passa a carregar com a configuração que se formalizou na forma reconhecível de um produto (ou seja, de um registro disponível e duradouro).”¹⁰ (BRAGA, 2012b, p. 49-50, grifos do autor, tradução nossa). Nesse artigo, o autor refere-se ao ambiente internet, mas a proposta de entendimento da circulação midiaticizada é aplicável também aos meios de comunicação de massa tradicionais. Também é preciso destacar que a internet favorece uma melhor visualização dos rastros de circulação, uma vez que a digitalização dos meios e da informação deixam marcas que podem ser mapeadas.

Segundo Braga, na medida em que a comunicação social se amplia por conta da midiaticização também se articula com uma “escuta” crescente e uma produção centrada no

¹⁰ O trecho correspondente a tradução é: “un ‘momento’ (particularmente feliz, dada su materialización) de un circuito *que comienza antes y continua después* y que pasa a cargar con la configuración que se formalizó em la forma reconocible de un producto (o sea, de un registro disponible y duradero).”

receptor, podendo diferenciar-se diversos *contrafluxos* que vão da recepção à produção. Esses contrafluxos, que existem desde sempre, ficam mais evidentes com a midiaticização e por isso são característicos do processo, não seriam uma “resposta de retorno”, mas uma previsão da leitura feita do que iremos dizer, como uma antecipação (BRAGA, 2007, 2012b). Nesse sentido, os produtos midiáticos, sejam eles filmes, matérias jornalísticas, palestras, não dependem exclusivamente das competências individuais dos criadores e produtores para circularem, mas também da qualidade dos circuitos em que circulam.

Em geral, podemos apreciar critérios de circulação que asseguram circuitos produtivos (onde são encontrados processos agonísticos, possibilidade de refutação refletida e tensionamento, limitação do argumento de autoridade e de posições ideológicas fechadas; onde se desenvolvem possibilidades de negociação com boa diversidade interna) quando prevalecem processos experimentais e tentativos de natureza prática, em oposição à mera aplicação de "verdades" assumidas. Em particular, quando há circuitos que desenvolvem de modo expresso ações de escuta do que circula, com o objetivo de criticar tanto os discursos e produtos quanto as formas usuais de fazê-los circular, estimula-se a produção com previsão de contrafluxo¹¹ (BRAGA, 2012b, p. 52-53, tradução nossa).

Dessa forma, o estudo de circuitos se mostra relevante pela capacidade de não fazer prevalecer uma lógica de determinado meio em detrimento de outro, tão pouco as lógicas de determinados tipos de meios, como a contraposição feita entre meios digitais e meios de comunicação de massa, “cada circuito compõe diferentes articulações entre o massivo e o digital, engastando ainda, aí, o presencial e a escrita.” (BRAGA, 2012a, p.47). Na sociedade midiaticizada, o entendimento da mídia como sistema torna-se fundamental ainda que, para efeitos de análise, as pesquisas em comunicação muitas vezes centrem-se em um só meio. Essa dinâmica “astrônômica”, que transcende o entendimento das mídias como planetas solitários, pode ser percebida diariamente nas práticas sociais ao vermos conteúdos de uma mídia reverberando em outras mídias, apenas para citar a faceta mais visível desse metaprocessos.

Comumente a circulação é entendida como uma mensuração quantitativa dos meios de comunicação. A circulação de um jornal ou de uma revista, por exemplo, são números

¹¹ O trecho correspondente à tradução é: “De modo general, podemos apreciar criterios de circulación que aseguran circuitos productivos (donde se encuentran procesos agonísticos, posibilidad reflejada de refutación y tensionamiento, limitación do argumento de autoridad y posiciones ideológicas cerradas; donde se desarrollan posibilidades de negociación con buena diversidad interna) cuando prevalecen procesos experimentales y tentativos de carácter práctico, por oposición a la mera aplicación de "verdades" asumidas. En particular, cuando hay circuitos que desarrollan de modo expreso acciones de escucha de lo que circula con el objetivo de criticar tanto las hablas y productos como los modos habituales de hacerlos circular, lo cual estimula la producción con previsión en contraflujo.”.

importantes para os setores de publicidade e marketing. Para Jenkins, Green e Ford (2014) essa definição de circulação é na realidade a definição de distribuição, onde o conteúdo da mídia é bastante – ou totalmente – controlado pelos interesses comerciais, movimento de aplicação no mundo da mídia de transmissão aberta. Já a circulação seria um modelo híbrido e emergente “em que um mix de forças de cima para baixo e de baixo para cima determina como um material é compartilhado, através de culturas e entre elas, de maneira muito mais participativa (e desorganizada).”(JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 24), elementos que caracterizam a *cultura da conexão*.

Aliás, a circulação não atua só de cima para baixo e de baixo para cima e sim em múltiplas direções, mas entende-se aqui o esforço dos autores em marcarem as desigualdades nos processos comunicacionais e destacarem um modelo mais participativo de cultura marcado pela mudança de distribuição para circulação

[...] onde o público não é mais visto simplesmente como um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes. E estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhe permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinha geográfica (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 24).

Embora seja preciso enfrentar o desafio e pensar em diferentes formas de pesquisa que acolham os novos protocolos e dinâmicas comunicacionais a que somos incessantemente submetidos, olhar para a circulação a partir do seu aspecto discursivo, de um novo modo de existência da recepção ou como um fluxo adiante, ainda que extremamente pertinente, também comporta redução e restrição da sua amplitude. As abordagens até aqui vistas parecem deixar escapar o aspecto associativo, em especial a atuação das mediações que atuam sobre esse processo. Dessa forma, entendemos a circulação, assim como a midiaticização, como um fenômeno que expande o que se entende por processo. Não é uma etapa, uma defasagem, nem um fluxo adiante, mas um processo potencialmente interminável – e muitas vezes interminável e indeterminado – que começa antes mesmo da produção de um produto midiático e se perpetua após a recepção produzindo sentidos que circulam e (re)circulam na sociedade. A circulação, da forma como a percebemos, é um modelo rizomático dinâmico, contínuo e imprevisível que pode não ser fechado em si, já que forças em múltiplos sentidos e diferentes intensidades a configuram.

1.1.2 A midiatização como metaprocesso

A midiatização, entendida enquanto metaprocesso (KROTZ, 2007), vem reconfigurando práticas sociais, formas de sociabilidade e mediações, associadas a contextos e intertextos, como fatores estruturantes das formas de comunicação e construção de sentidos que permeiam a sociedade. Segundo o autor, o conceito de “processo” descreve desenvolvimentos temporais e lineares com pontos de partida, de chegada e direção definidos, não sendo adequado aos desenvolvimentos que se deslocam por séculos e não são restritos a uma determinada área ou cultura. A perspectiva de Friedrich Krotz aponta a necessidade de, em um ambiente global de rápidas mudanças, haver um quadro conceitual capaz de levar em conta a ampla gama de teorias e explicações para os desenvolvimentos em mídia e comunicação que incluam fatores como globalização, individualização e o aumento de importância da economia de mercado como sistema de referência, que ele chama de comercialização, que, juntamente com a midiatização, “podem ser vistos como os metaprocessos relevantes que influenciam a democracia e a sociedade, a cultura, a política e outras condições de vida a longo prazo.”¹² (2007, p.256-257, tradução nossa). Dentre os quatro metaprocessos, o autor destaca a midiatização como o mais importante para pesquisadores de comunicação.

A produção de audiovisuais em saúde cresce e se multiplica pelas diversas telas e ambientes, como TV, cinema e internet – ficando cada vez mais difícil fazer essa distinção quando podemos assistir a um filme em lançamento pelo computador, acompanhar a transmissão de TV pelo celular, ou assistir um canal de TV pela internet. No YouTube, a busca por termos como “saúde”, “parto”, “gripe” e “tuberculose”, para citar alguns exemplos, gera milhares de resultados. Mas não é só a quantidade que cresce, cresce também a diversidade de vozes para além das instituições de saúde que falam sobre o tema, como movimentos sociais, empresas, organizações não governamentais e outros setores da sociedade civil. Observamos na atual produção audiovisual sobre saúde, a despeito da tradição secular como importante estratégia de divulgação científica, um sintoma – e aqui a metáfora médica deve ser lida como uma provocação – da midiatização da sociedade, que sofre uma reconfiguração a partir da onipresença dos meios de comunicação em um atravessamento dos campos sociais.

¹² O trecho correspondente na tradução é: “[...] can be seen as the relevant metaprocesses that influence democracy and society, culture, politics and other conditions of life over the longer term.”

Partindo da perspectiva da midiaticização como metaprocesso, Nick Couldry (2014) analisa a potencial contribuição da pesquisa sobre o fenômeno para a teoria social e para o entendimento das mudanças no espaço social provocadas pela mídia, em especial pelas mídias digitais, avançando por meio do conceito de *metacapital da mídia*, os efeitos transversais da mídia que exercem poder, na forma de um metaprocesso, sobre outras formas de poder, o que corresponde a uma das dimensões da midiaticização. Segundo o autor, a teoria social de midiaticização possui defasagens. A começar pelos fluxos contínuos e cumulativos da mídia, entendidos de forma não linear, que emergem da circulação e incorporação contínua e cumulativa dos conteúdos midiáticos por meio da ação social cotidiana e que se estende a todas as esferas sociais. Um segundo tipo de problema seria como decidir o que conta como evidência empírica para a midiaticização. A redução da diversidade de processos a um termo homogêneo como lógica da mídia que influencia a sociedade, como propõe a tradição institucionalista dos estudos de midiaticização mais voltada à mídia tradicional de massa, não traz contribuições uma vez que a multiplicidade dos processos já foi reconhecida no termo midiaticização. Um terceiro e “mais profundo” problema seria a falta de especificidade da caracterização do fenômeno. O ponto de partida de Couldry é a noção de midiaticização não como uma única lógica transformadora dentro da mídia,

[...] mas uma metacategoria de descrição social que aponta para as *dinâmicas e dimensionalidades alteradas do mundo social (como um todo) em uma idade mídia*. A pesquisa de midiaticização, assim concebida, deve interessar-se pelos novos tipos de causalidade não linear que seguem quando a mídia se torna um aspecto irreduzível de todos os processos sociais e suas interrelações¹³ (COULDRY, 2014, p. 231, grifos do autor, tradução nossa).

Outra defasagem seria o uso da teoria de campo de Pierre Bourdieu (1989), como espaço estruturado de disputas materiais e simbólicas e com regras específicas, largamente usada para análise de processos sociais. Couldry (2014) questiona se o modelo geral de campo social pode explicar os efeitos transversais da mídia sobre a ação social que a teoria da midiaticização foi desenvolvida para abordar. Visto que Bourdieu desconsidera qualquer explicação que não reconheça a profunda diferenciação do espaço social na modernidade tardia e desenvolveu a teoria muito antes que as operações transversais do poder representativo e categorizador da mídia se tornassem características tão dominantes no espaço social. Por “transversal” Couldry entende os “efeitos e transformações interligados que ocorrem

¹³ O trecho correspondente na tradução é: “but a meta-category of social description that points to the *changed dynamics and dimensionality of the (whole) social world in a media age*. It follows that mediatization research, conceived this way, should be interested in the new types of non-linear causality that follow when media become an irreducible aspect of all social processes and their interrelations.”.

simultaneamente em todos ou em muitos pontos no espaço social simultaneamente.”¹⁴ (2014, p. 232, tradução nossa). No entanto, o autor vê pontos de encontro, o que se deve ao fato da teoria de campo ser bastante utilizada por pesquisadores no estudo dos processos da mídia e por conta das análises diferenciadas que são produzidas, respeitando as dinâmicas específicas e a formação de um capital dentro de cada campo, gerando uma diversidade de casos onde a perspectiva da midiaticização como um amplo metaprocessos pode ser refinada e aplicada.

Ao revistar a teoria de campo sobre a perspectiva da midiaticização, Couldry (2014) inspira-se na noção de Estado de Bourdieu (1998), que estava interessado em sua primazia sobre outras definições sociais como, por exemplo, o status de legal e educacional, que, claramente, não influenciam apenas um campo, mas atravessam todos os campos sob o que ele chamou de campo de poder.

Formalmente, o campo do poder é o espaço acima e além dos campos específicos onde operam as forças que disputam a influência sobre as inter-relações *entre* campos: o Estado é o foco principal do campo de poder, mas talvez não seja o único, um ponto que eu volto depois. Este campo de poder *não* é compreensivelmente entendido como um “campo” no sentido normal de Bourdieu, isto é, um espaço limitado de competição sobre formas específicas de capital por conjuntos definidos de atores; antes, é um espaço geral onde o Estado exerce influência sobre as inter-relações entre todos os campos específicos e assim sobre a dinâmica do próprio espaço social. Como diz Bourdieu, o Estado é “o lugar das lutas, cuja aposta é a fixação das regras que governam os diferentes jogos sociais (campos) e, em particular, as regras de reprodução desses jogos”; mais precisamente, o Estado influencia o que conta como “capital simbólico” em cada campo particular. Bourdieu chama isso de influência sobre a “taxa de câmbio” entre os tipos fundamentais de capital em jogo em cada campo individual (por exemplo, capital econômico versus capital cultural) “metacapital”. Esse metacapital do Estado não é, crucialmente, derivado do funcionamento de qualquer campo específico, mas funciona através deles.¹⁵ (COULDRY, 2014, p. 235, grifos do autor, tradução nossa).

¹⁴ O trecho correspondente na tradução é: “linked effects and transformations that occur simultaneously at all or very many points in social space simultaneously.”.

¹⁵ O trecho correspondente na tradução é: “Formally, the field of power is the space above and beyond specific fields where the forces that vie for influence over the interrelations *between* fields operate: the state is the main focus of the field of power, but perhaps not the only one, a point to which I return later. This field of power is arguably *not* best understood as a “field” in Bourdieu’s normal sense, that is, a bounded space of competition over specific forms of capital by defined sets of actors; rather it is a general space where the state exercises influence over the interrelations between all specific fields and so over the dynamics of social space itself. As Bourdieu puts it, the state is “the site of struggles, whose stake is the setting of the rules that govern the different social games (fields) and in particular, the rules of reproduction of those games”; more precisely, the state influences what counts as “symbolic capital” in each particular field. Bourdieu calls this influence over the “exchange rate” between the fundamental types of capital at stake in each individual field (for example, economic versus cultural capital) “meta-capital”. This meta-capital of the state is, crucially, not derived from the workings of any specific field, but works across them.”.

A partir desse ponto, Couldry formula a seguinte ideia: e se as instituições de mídia exercerem a mesma influência que Bourdieu atribuiu ao Estado para contar como capital em campos específicos? O caminho da pesquisa de mediação poderia seguir a partir desse caminho? Acreditamos que sim e investimos nessa perspectiva articulando-a com o conceito de circulação.

E se as instituições midiáticas tivessem uma influência maior em campos específicos do que a influência atribuída ao capital, seria semelhante à influência que Bourdieu atribuiu ao Estado? Poderiam ser concebidos os tipos de influência difundida da mídia, na qual a pesquisa de mediação está interessada – pelo menos em parte – nesse sentido? Isso também seria uma forma de "metacapital" através da qual a *mídia* exerce poder sobre outras formas de poder. Ela operaria apenas no nível macroinstitucional (o nível de metaprocessos, ou "mediação" no sentido de Krotz), e assim seria bastante distinto, embora ligado ao capital relacionado à mídia no trabalho através das ações dos indivíduos em campos específicos. Poderíamos supor que quanto maior o metacapital do setor de mídia, maior a relevância do capital relacionado à mídia para a ação em qualquer campo particular, mas isso não seria uma lógica geral, mas sim um processo emergente de transformações em curso em muitos campos simultaneamente: isto é, transformações nos tipos de capital necessários aos atores sociais em campos específicos de ação onde o capital derivado de atividades relacionadas à mídia tem aumentado em importância¹⁶ (COULDRY, 2014, p. 235, grifo do autor, tradução nossa).

Para Couldry (2014), o conceito de metacapital da mídia seria a convergência entre as duas teorias e uma maneira mais clara de dar forma às ideias de Bourdieu sobre mídia. Mas, para além disso, a noção de Estado, apesar de ter sido desenvolvida para abordar os desafios da teoria de campo fora do contexto de mediação, aponta para uma das maneiras em que os fluxos midiáticos transformam a ação social cotidiana. Corresponde a uma ferramenta conceitual que consegue mensurar níveis de influência de processos tão diversificados como os estudados pela pesquisa de mediação. "Quando a mídia cobre intensamente uma área da vida (culinária, negócios, jardinagem etc.), ela altera o funcionamento interno desses

¹⁶ O trecho correspondente na tradução é: "What if media institutions have an influence over what counts as capital in particular fields that is similar in type to the influence Bourdieu attributes to the state? Could the types of pervasive media influence in which mediatization research is interested be conceived – at least in part – along these lines? This too would be a form of "meta-capital" through which *media* exercise power over other forms of power. It would operate only at the macro-institutional level (the level of meta-process, or "mediatization" in Krotz's sense), and so would be quite distinct from, although linked to, media-related capital at work through individuals' actions in specific fields. We could hypothesize that the greater the media sector's meta-capital, the more likely the salience of media-related capital for action in any particular field, but this would not be a general logic, but rather an emergent process from transformations under way in many fields simultaneously: that is, transformations in the types of capital needed by social actors in particular fields of action where capital derived from media-related activities has increased in importance."

subcampos e assim amplia a valência do metacapital da mídia em todo o terreno social.”¹⁷. (COULDRY, 2014, p. 236). Ao mesmo tempo, o metacapital da mídia, que se refere aos recursos ou capital que atores individuais têm sob seu controle, não atua da mesma forma, não possui a mesma valia e corresponde a uma das possíveis dimensões do processo de midiaticização. Ou seja, uma maneira de compreender as transformações específicas dos campos de uma forma interligada, sem reduzi-la a um mecanismo ou lógica únicos que atravessariam a dinâmica causal de cada campo. Ao mesmo tempo, uma forma de isolar um processo de interesse da pesquisa de midiaticização: as ligações da mídia com os recursos sobre os quais atores sociais contam para agir ou influenciar as ações dos outros, independentemente de sua proximidade ou delimitação de um campo de atuação. (COULDRY, 2014).

A circulação em tempos de midiaticização, marcada pela presença de mídias digitais e difusão de imagens, ganha contornos e características do metaprocessos em que está inserida. É importante destacar que a midiaticização não se inicia com a internet. A escrita foi, à sua época, um processo de midiaticização onde o livro e o jornal foram suas formas preliminares. Ao refletir sobre o tema, Braga (2007) desenvolve o conceito de processo interacional de referência, processo hegemônico que “dá o tom” a processos derivados que passam a funcionar seguindo a lógica do processo de referência, um “organizador principal da sociedade”. Segundo o autor, a midiaticização filia algumas das características da cultura da escrita, processo interacional de referência anterior.

Nas características absorvidas pela midiaticização, incluem-se o aumento do envolvimento geográfico e populacional, aceleração das comunicações; maior duração das mensagens, mais especificamente a possibilidade do registro e a sua permanência; diversidade de formas de produção e circulação de informações e comportamentos; busca por hegemonia; aumento do consumo e rapidez na captação de informações sobre comportamentos sociais. “Assim, dentro da lógica da midiaticização, os processos sociais de interação mediaticizada passam a incluir, a abranger os demais, que não desaparecem, mas se ajustam.” (BRAGA, 2007, p. 142), substituindo a noção de linearidade pela noção de concomitância. Um importante contraponto para mais uma vez refletir sobre a processualidade da mídia, continuidades que trazem a perspectividade de nada ser tão novo que não tenha filiações e descontinuidades que permitem que esse momento se diferencie de outros momentos do processo.

¹⁷ O trecho correspondente na tradução é: “When the media intensively cover an area of life (cooking, business, gardening, and so on), they alter the internal workings of those sub-fields and so widen the valence of media meta-capital across the social terrain.”

A mediação distingue-se por processos interacionais bem específicos e constitutivos do tecido social que Braga (2007) afirma serem menos definições da mediação do que ângulos de prospecção. São eles: 1) processos diferidos e difusos, já antes possibilitados pela escrita, mas que ganham amplitude e qualidades adicionais que independem da personalidade e da expressão verbal; 2) abreviação do tempo de circulação no sentido econômico (de circulação de mercadorias e do produto cultural) e prolongamento da circulação no sentido interacional que ultrapassam o momento do contato e o próprio circuito econômico; 3) profusão de registros em diversas formas e formatos; 4) descontextualização, ausência de pistas contingenciais para garantir a circulação de produtos mediados; 4) viabilização e aceleração da “interatividade difusa”, interações que não são diretamente pontuais (como interação face a face), mas repercussão e redirecionamentos de forma diferida e difusa; 5) foco no receptor e o recente esforço em processos de “amigabilidade”, que garantem ao usuário a não necessidade de formação prévia para compreender as especificidades e características da “linguagem”; 6) aproximação de realidades diversas onde o indivíduo pode entrar em contato a partir das experiência mediada das coisas; 7) “deslegitimação” de campos sociais e seus padrões esotéricos por meio dos quais campos especializados se relacionam com a sociedade em geral. Os campos sociais “não conseguem mais se subtrair ‘por distanciamento’ do público geral, nem manter uma proteção ‘esotérica’ para suas lógicas ‘de campo’”. Tudo se expõe, logo tudo se torna aberto ao esquadramento, se torna ‘familiar’ a todos”(BRAGA, 2007, p. 156).

1.1.3 Das mediações à mediação

Para Martín-Barbero, a posição estratégica da mídia pode ser compreendida ao voltar-se para as práticas sociais em uma perspectiva relacional. Essa perspectiva foi considerada uma virada epistemológica, pois rompeu com o midiacentrismo dos estudos de comunicação, propondo o deslocamento dos meios às mediações. A problemática dos estudos dos meios situa-se na forma de enxergá-los pela estrutura econômica ou conteúdo ideológico e na incapacidade de ver “as mediações através das quais os meios adquiriram materialidade institucional e densidade cultural” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 232). Nessa cegueira seletiva oscilam visões que ora creditam à influência dos meios as mudanças históricas, ora encarregam-se de torná-los “instrumentos passivos” de uma classe dominante, esquecendo o duplo papel de agência e agenciamento da mídia que transforma e é transformada pela sociedade (BRIGGS; BURKE, 2006; THOMPSON, 2002).

No capítulo “Métodos: dos meios às mediações”, Martín-Barbero (2015) discorre sobre os motivos dos desencontros entre método e situação e apresenta a ideia de mestiçagem, que não se refere ao que passou, mas àquilo que é constitutivo, razão de ser. Essa nova sensibilidade política e linguagem, aberta a diversos tipos de mediações, fala de “continuidade na descontinuidade” e “conciliações entre ritmos que se excluem”. “Não como forma de esconder as contradições, mas sim para extraí-las, dos esquemas, de modo a podermos observá-las enquanto se fazem e se desfazem: brechas na situação e situações na brecha. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 262). Um reconhecimento dos lugares de onde vêm as construções que delimitam e configuram as materialidades sociais e a expressividade cultural, a mestiçagem contém em si o resultado das mediações. O autor percebe a mediação como a articulação entre práticas comunicacionais, cultura e o contexto social, como lócus de observação e construção de imaginários sociais e culturais. Esta perspectiva reconhece o receptor como ser ativo, que até então era visto, na maior parte dos estudos de comunicação, como mero consumidor de informação.

Dez anos após a publicação original, em 1998, Martín-Barbero atualiza seu posicionamento sobre a importância da comunicação no prefácio à 5ª edição espanhola, uma espécie de “virada epistemológica”. No texto, destaca “as não poucas vozes” que o convidaram a escrever sobre o aumento da importância da mídia na sociedade sob título reverso *Das mediações aos meios* – convém destacar que o fim da década de 1990, na América Latina e no mundo, a internet não tinha o alcance e dimensão que tem hoje. Martín-Barbero chamou o fenômeno de hegemonia comunicacional do mercado na sociedade, “a comunicação convertida no mais eficaz motor de desengate e de inserção das culturas [...] no espaço/tempo do mercado e nas tecnologias globais.” (2015, p. 13). Essa visada de Martín-Barbero desloca a comunicação para um lugar estratégico estruturado e estruturante da sociedade, que permeia e entrelaça-se nas relações e práticas sociais.

Juntamente com a cultura e a política, a comunicação ocupa a centralidade do Mapa “Noturno” das Mediações e aí reside a principal diferenciação entre as tradições institucionalista e socioconstrutivista de estudos sobre midiatização: a noção de centralidade das mídias. Esse posicionamento gera controvérsias sob a crítica de que Martín-Barbero não teria visualizado o que viria a ser a midiatização, chamando atenção para centralidade das mídias enquanto “lugar mediador” entre as partes da sociedade subjogadas, em maior ou menor grau, à outras dinâmicas de campos e de suas práticas sociais (FAUSTO NETO, 2008).

No entanto, José Luiz Braga (2012a) faz uma importante conciliação entre os conceitos ao considerar os processos de midiatização como as bases das mediações comunicativas de

Martín-Barbero, não identificando o conceito de mediação com a questão dos meios (tecnológica) e da indústria cultural. Não se trata de negar a presença e poder da mídia, mas não reduzir as mediações a uma ação unidirecional. No campo da Comunicação, o advento de uma “mídia de massa” enquanto forma da indústria cultural levou ao entendimento de que a sociedade, vista como massificada e passiva, era orientada por processos informativos e de entretenimento como uma exposição quase que imediata à mídia. Foi contra esse tipo de pensamento que Martín-Barbero revolucionou o campo em seu clássico *Dos meios às mediações*, entendendo o receptor enquanto sujeito ativo e destacando como fundamental que a mídia de massa fosse considerada em articulação com a cultura e o contexto social, assim como a importância, também no plano da produção, de estratégias de captura e/ou sedução da recepção. Braga observa nesse movimento da virada de Martín-Barbero o começo da percepção dos processos midiáticos.

Há uma distinção entre uma perspectiva genérica e uma perspectiva epistemológica de mediação, onde, o primeiro caso corresponde “a um processo em que um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas, organizando as relações entre estes.” (BRAGA, 2012a, p. 32). Já a perspectiva epistemológica refere-se ao relacionamento do homem com a realidade que o circunda. “A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o “real” é sempre intermediado por um ‘estar na realidade’ em modo situado, por um ponto de vista – que é social, cultural, psicológico.” (BRAGA, 2012a, p. 32). Há uma clara filiação do pensamento de Martín-Barbero à perspectiva epistemológica de mediação que Braga reitera com trecho da entrevista do autor sobre a posição da questão comunicacional ser uma questão de meios ou de mediações: “[é] preciso assumir não a prioridade dos meios, mas sim que o comunicativo está se transformando em protagonista de uma maneira muito forte”. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 152). Na mesma entrevista pode-se ainda destacar outro trecho:

Eu já estava repensando essas questões, tinha que fazer uma mudança que não era ir das mediações aos meios, mas perceber que a comunicação se adensava diante da nova tecnicidade, era a “institucionalidade” da tecnicidade. Pode-se continuar falando «das mediações dos meios», mas «mediação» para mim sempre foi outra coisa que tem muito mais relação com as dimensões simbólicas da construção do coletivo. Prefiro falar então de “mediações comunicativas da cultura”, e quando digo da cultura não falo somente de seus produtos, mas digo da sociedade, da política. [...] A mudança foi esta: reconhecer que a comunicação estava mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos. Portanto, o olhar não se invertia no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. Foi aí que comecei a repensar a noção de comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 153).

Sob essas argumentações Braga vê a possibilidade de encontro entre o conceito de midiaticização e mediação na segunda proposição de Martín-Barbero. Compreendendo a relação entre mídia e cultura enquanto processo social e como entrada experimental dos indivíduos em práticas e processos circunscritos à indústria cultural por meio de apropriações das formas de produção. “[...] a midiaticização se põe hoje como principal mediação de todos os processos sociais. [...] São os processos da midiaticização que hoje delinham e caracterizam, crescentemente, as mediações comunicativas da sociedade.” (BRAGA, 2012a, p. 51).

Gisleine Silva (2012) também discute a conciliação entre os conceitos de midiaticização e mediações, mas complexificando um pouco mais a questão ao adicionar conceito de bios midiático, proposto por Sodré (2002). A autora percebe mais proximidades do que distanciamentos entre os conceitos, uma vez que defende o uso do conceito de bios midiático, genuinamente uma teoria comunicacional, como um harmonizador das teorias de midiaticização e mediações. Apesar das críticas à teoria das mediações de Martín-Barbero no que concerne à centralidade da cultura, Silva também parte da virada epistêmica, quando o autor inverte o mapa das mediações culturais da comunicação para as mediações comunicativas da cultura.

Nessa reformulação, Martín-Barbero (2009) propõe como mediações comunicativas da cultura a *tecnicidade*, que se refere às afetações da cultura e práticas sociais pela tecnologia; a *institucionalidade*, institucionalização social crescente dos meios que deixam de ser meros aparatos e a *socialidade*, forma como as relações sociais vêm se transformando. Segundo a autora, o deslocamento de Martín-Barbero evidencia um pensamento para além da centralidade das mídias e do reducionismo da problemática comunicacional à questão tecnológica, pensando as mídias como espaços-chave da produção e consumo cultural. Seriam as mediações comunicativas das culturas uma expressão da midiaticização enquanto mediação dos processos sociais.

Nesse sentido, a autora prossegue com o conceito de midiaticização de Braga (2007), que avança ao diferenciar-se dos sentidos de mídia-empresa e de mídia-tecnologia e busca o enfrentamento epistemológico da separação entre mídia e interação ao pensar em uma continuidade entre os processos comunicacionais midiaticizados e não midiaticizados e propondo o conceito de interações. Braga, assim como Martín-Barbero, “parece sentir necessidade de se deslizar do conceito de interações sociais para o de interações comunicacionais.” (SILVA, 2012, p. 114).

Uma maneira (intuitiva e não “definidora”) de referir-se à interação comunicacional é considerar que se trata aí dos processos simbólicos e

práticos que, organizando trocas entre os seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que se veem engajados (por exemplo, de área política, educacional, econômica, criativa, ou estética) e toda e qualquer atuação que solicita coparticipação. Mas também o que decorre do esforço humano de enfrentar as injunções do mundo e de desenvolver aquelas atuações para seus objetivos – o próprio “estar em contato”, quer seja solidário quer conflitivo (BRAGA apud SILVA, 2012, p. 114).

Em relação ao conceito de bios midiático, Silva (2012) questiona se não seria a chave epistêmica para a apreensão de um objeto da comunicação uma vez que carrega a potencialidade de integralizar as diversas manifestações concretas e abstratas do processo comunicacional

Bios midiático, pela própria ideia de ambiente (no que contém de trocas entre vida e tecnologia) pode como noção ser operacionalizado de maneira mais circular, sem antes, nem depois, sem superior ou subterrâneo, sem estancar eixos em sentidos direcionais e em pares específicos. Permite movimentar tudo isso a partir de qualquer ponto em que nos coloquemos para investigar o processo comunicacional. Pode compor um chão epistêmico integral, que, apesar das bem-vindas e fundamentais flutuações, nos auxilie a fazer pesquisa no campo comunicacional nos acalmando da angústia contínua da fragmentação e do imperativo das dualidades.[...] Quero dizer, nos daria o conforto da inserção numa integralidade e, por isso mesmo, a tranquilidade para trabalhar livremente as especialidades, como ocorre em outros campos de conhecimento; todas as especialidades que demandam nossas múltiplas e diversas atenções (SILVA, 2012, p. 120).

Sodré define midiaticização como uma “‘mediação social’ tecnologicamente exacerbada [...] com espaço próprio e relativamente autônomo em face das formas interativas presentes nas mediações tradicionais.” (2002, p. 24). Dessa forma, a autora reconhece nos três conceitos – bios midiático, midiaticização e mediações – a mesma intenção de totalidade e espraiamento que o aumento da importância da comunicação provoca na sociedade. “Penso que se o conceito de bios midiático de Sodré puder ser apropriado não apenas como midiaticização, mas como a integralidade do campo comunicacional – veiculação (societal) + vinculação (sociável), poderíamos também superar outros impasses epistêmicos.”. (SILVA, 2012, p. 119).

Até aqui foram trabalhados conceitos que remetem à circularidade, atravessamento, espraiamento, trama, logo, rede. Na perspectiva de Bruno Latour (2012), a rede é uma forma de descrever as associações, que são ações, por isso é considerada móvel e temporária e não uma estrutura que antecede os atores, tampouco os atores antecede a rede. As ações são tudo aquilo que transforma e por isso vão deixando rastros, mediações. Os atores, por sua vez, são aqueles que agem ou levam a agir, transformam a ação. As redes são compostas pelas

mediações¹⁸ sociotécnicas, aquelas que acontecem entre atores humanos e não humanos, entrelaçando ações humanas e não humanas. Tanto Araujo (2002, 2004), proposta que discutiremos a seguir, quanto Martín-Barbero indicaram em suas matrizes de análise as mediações tecnológicas, identificando a importância da tecnologia na práticas sociais.

Thiago Salgado, no entanto, defende que estudos e pesquisas a respeito da midiatização, com forte presença de mídias digitais, necessitam especificar e caracterizar as mediações que constroem o social e modificam as formas de interação como mediações sociotécnicas, digitais e computacionais, “pois não dizem respeito apenas às relações entre humanos por intermédio das tecnologias, mas devem incluir estas últimas como mediadoras nas análises sobre esse tema, pois elas agem e nos permitem agir quando a elas nos associamos” (2016, p. 1158). Segundo o autor, tantos os atores humanos e não humanos estão na condição de mediadores nos processos de midiatização que implicam o uso das mídias digitais e o consumo de informações que circulam por elas. “Esse acatamento implica, então, em observar e analisar tanto ações humanas e não humanas e como ambas estão ligadas.” (SALGADO, 2016, p. 1167).

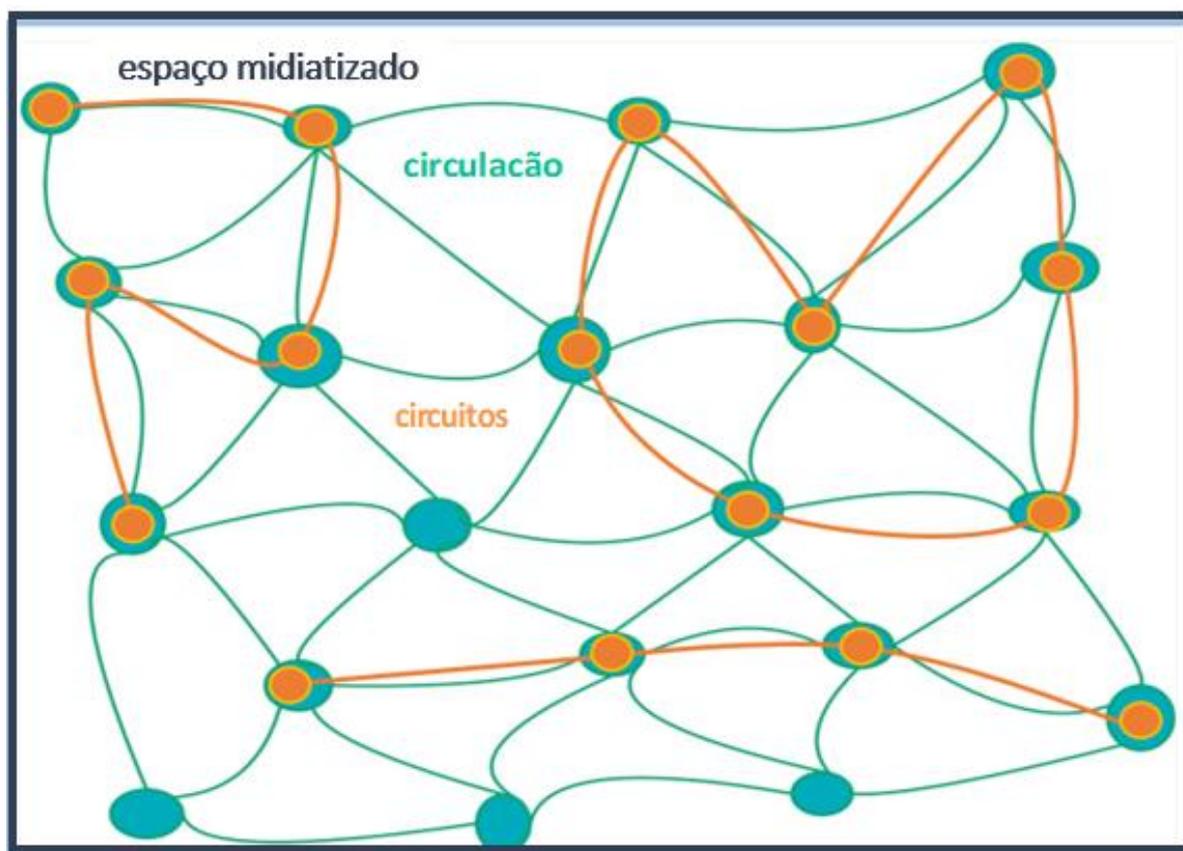
Mas como cartografar essas ações? A partir dos rastros deixados pelos atores, que em ação inevitavelmente deixam rastros. No mundo on-line, os rastros são deixados digitalmente e podem ou não serem recuperados, coletados ou até mesmo apagados. Compreender a midiatização como um metaprocessos e sua abrangência transversal implica na necessidade de uma “explicação não-linear” (COULDRY, 2014). O princípio da explicação não linear é provavelmente agora um ponto de partida acordado entre os pesquisadores da midiatização. Uma questão, porém, é como compreender essa complexidade. Muitos pesquisadores do campo têm avançado no sentido de ir mais longe na especificação de como essa complexidade funciona e suas consequências particulares para a maneira como o social é organizado. Dentre os diversos fatores de mediação, o foco desta tese será as mediações sociotécnicas.

Para materializar a discussão realizada até aqui, as opções teórico-metodológicas do percurso da pesquisa foram representadas graficamente (figura 1). É entendido como percurso as dimensões teóricas que vão dando consistência ao método a ser desenvolvido. A midiatização, esse metaprocessos que medeia e é mediado pelas ações do mercado e dos meios de comunicação atravessando campos sociais e reconfigurando práticas sociais e formas de sociabilidade conforma-se como o *espaço* desta pesquisa, representado pela forma de rede.

¹⁸ Latour faz uma diferenciação entre *intermediário*, aquilo que transporta significado sem transformá-lo, e *mediador* que transforma o significado.

Diante da complexidade do objeto “mídiação” e da dificuldade em escolher focos de investigação e desenvolver conceitos que possam contribuir com a pesquisa sobre o tema, Braga (2012a) tem trabalhado com os conceitos de circulação, circuitos, dispositivos e ambiência midiada. Os dois primeiros conceitos, circulação e circuitos, foram apropriados no percurso da pesquisa e assim a representação gráfica ganha mais duas dimensões teóricas. A rede contida em um quadrado representa o espaço midiado, ao mesmo tempo em que representa a circulação. Em laranja, três modelos de circuitos no espaço midiado para análise da circulação.

Figura 1 – Circulação midiada



Fonte: [A imagem de rede](#) é de autoria desconhecido está licenciada em [CC BY-NC-ND](#), o gráfico foi elaborado pela autora

1.2 DE ONDE FALAMOS: A PERSPECTIVA DA COMUNICAÇÃO E SAÚDE

A luta pela Reforma Sanitária e a construção SUS, que ocorreram de forma simultânea à redemocratização do país, se intensificaram na década de 1980 e acarretaram uma série de desafios teóricos e práticos às práticas e concepções de comunicação desenvolvidas na saúde. Da inversão da lógica do modelo de saúde brasileiro para um cujos princípios fundamentais

são a universalidade, integralidade, equidade, a descentralização da gestão e a participação social, emergiram também demandas e maneiras de se pensar a informação e a comunicação a partir desse novo modelo, em contraponto aos modelos comunicacionais verticalizados operados por uma fala central e unidirecional que predominam desde o século passado nas políticas públicas de saúde. Juntamente com as mudanças no campo da saúde, era preciso pensar em modelos e práticas de comunicação mais interativos, participativos e abertos, além de formar os atores do campo da comunicação para esse novo paradigma (ARAUJO; OLIVEIRA, 2012).

Apesar da relação entre comunicação e saúde no Brasil ser longa, é só na década de 1990 que a “Comunicação e Saúde” como perspectiva de campo¹⁹ começa a ser visibilizada e desde então vem se desenvolvendo e consolidando por meio de Grupos de Trabalho em congressos, cursos de pós-graduação *latu sensu*, cursos e oficinas de curta duração e inclusão do tema nas conferências nacionais de saúde (CNSs) (ARAUJO; CARDOSO, 2007) – principal espaço de participação social do país onde a sociedade contribui com a construção da política pública de saúde.

A configuração da Comunicação “e” Saúde traz características dos dois campos formadores, mas constitui-se primordialmente na interface entre ambos e por isso o destaque para o conectivo que os une. Pensar a partir do campo da Comunicação “e” Saúde significa entender a comunicação em relação com a saúde, sem vê-la de forma instrumentalizada ou subordinada como “à serviço de” embutidas nas abordagens “Comunicação *na* Saúde”, “Comunicação *em* Saúde” e “Comunicação *para a* saúde”

A perspectiva da Comunicação e Saúde, a partir das articulações, sinergias e conflitos entre os dois campos, baliza toda a problematização desta pesquisa, que entende a importância da investigação das práticas comunicacionais a partir desse olhar interdisciplinar que reconhece especificidades e densidades próprias. As práticas de comunicação no campo da saúde contam com algumas premissas:

Não se pode tratar a comunicação no campo da saúde coletiva como se fosse uma empresa comercial. Nesta, trata-se com ‘clientes’, objetiva-se o lucro, a comunicação confunde-se com marketing e está voltada para a publicidade de marcas e a venda de produtos. No campo da saúde, a comunicação não se dissocia da noção de direito, é dirigida a ‘cidadãos’, objetiva o aperfeiçoamento de um sistema público de saúde em todas suas dimensões

¹⁹ Optamos por trabalhar com a noção de perspectiva de campo em vez de assumir a Comunicação e Saúde como um campo já consolidado, que deveria atender a determinados requisitos, como aqueles relacionados à autonomia, embora haja reconhecimento dessa emergente área de estudo.

e a participação efetiva das pessoas na construção dessa possibilidade. Em consequência, não se pode se limitar a ter a persuasão como estratégia, nem trabalhar apenas com a ideia de divulgação: o objetivo deve ser, minimamente, estabelecer um debate público sobre temas de interesse e garantir às pessoas informações suficientes para a ampliação de sua participação cidadã nas políticas de saúde (ARAUJO; CARDOSO, 2007, p. 61).

A partir dessa mirada, Inesita Araujo e Janine Cardoso tomam os princípios do SUS em diálogo com pressupostos teóricos da comunicação como balizadores das práticas comunicativas no campo da saúde. O SUS foi criado sob os princípios classificados como doutrinários que prezam pela universalidade, ou seja, a saúde como direito; pela equidade, que deve assegurar ações e serviços de todos os níveis de acordo com a complexidade que cada caso requeira e reconhecendo as desiguais condições de vida; pela integralidade, provendo assistência à saúde de forma integral abrangendo a promoção, proteção, cura e reabilitação. Já os princípios organizativos são a descentralização, entendida como distribuição das responsabilidades das ações e serviços de saúde, desconcentrando o poder de um comando único; hierarquização e regionalização, com a organização em níveis crescente de complexidade, circunscritos a uma determinada área geográfica e a participação popular; a participação da sociedade na formulação das políticas públicas de saúde e do controle da sua execução.

Pensando o princípio de universalidade para o “modelo de comunicação à moda SUS”, toma-se a comunicação com um direito de todos. Historicamente, as instituições de saúde usaram a comunicação como suporte para a implantação de suas políticas, divulgação de ações e prescrição de comportamentos, identificado pelo campo da saúde coletiva como modelo campanhista de atenção à saúde. Como o nome sugere, foi baseado em campanhas sanitárias para combater as epidemias, com programas de vacinação obrigatória contra febre amarela, peste bubônica e varíola, desinfecção dos espaços públicos e domiciliares e outras ações de medicalização do espaço urbano, que atingiram, em sua maioria, as camadas menos favorecidas da população. Este modelo, com mudanças verificadas ao longo das décadas, foi hegemônico no Brasil entre 1920 a 1960 e até hoje orienta, mesmo que de forma menos predominante e não coercitiva, as práticas de comunicação e saúde. Nesse tipo de comunicação as instituições de saúde caracterizam-se como emissores e à população, sem espaço para interlocução, cabe o papel de receptores. (ARAUJO; CARDOSO, 2007).

O modelo campanhista de atenção à saúde tem no modelo de comunicação baseado em meios de comunicação de massa um forte aliado para “educar, higienizar, sanear” e para “atingir” a população. Na verdade, o modelo de comunicação baseado em meios de

comunicação de massa reúne outros modelos subjacentes que têm como características a linearidade da comunicação, desprezando variações que contemplem dimensões socioeconômicas, afetivas e políticas; a bipolaridade, uma comunicação que se dá apenas de um polo emissor a outro receptor silenciando as diversas vozes de interlocução e por isso centralizadora; preveem a linguagem como estável, um denominador comum que atende a todos os indivíduos receptores da mensagem; e, por consequência, considera a linguagem como mero instrumento, desprezando suas especificidades e relações de poder e força.

Para Manuel Castells, o poder é definido como “a capacidade relacional que permite um ator social influenciar assimetricamente as decisões de outros (s) ator (es) social (is) de formas que favoreçam a vontade, os interesses e os valores do ator que detém o poder.” (2015 [2009], p. 57). O poder pode ser exercido por meio de coerção, da intenção de coerção ou pela construção de sentidos sociais por meio de discursos.

O poder é mais do que comunicação e a comunicação é mais do que o poder. Mas o poder depende do controle da comunicação, assim como o contrapoder depende do rompimento desse controle. E a comunicação de massa, a comunicação que potencialmente atinge a sociedade como um todo, é moldada e administrada por relações de poder, tem raízes nos negócios da mídia e nas políticas do Estado. O poder da comunicação está no âmago da estrutura dinâmica da sociedade (CASTELLS, 2015 [2009], p. 21).

Rodrigo Murtinho (2012) analisa a inserção da comunicação no projeto de desenvolvimento do capitalismo no Brasil a partir da “teoria do Estado ampliado”, de Antonio Gramsci, que compreende o poder no Estado Moderno para além do aparato governamental, assim como da supremacia de uma determinada classe, que se estende para além de instrumentos de coerção. Três contextos principais são associados às políticas de comunicação: “(1) ao projeto de dominação do Estado Novo, onde prevalecem características como ‘coerção e propaganda’: (2) a constituição de um modelo de radiodifusão a partir do rádio; e (3) aos processos de formação e consolidação da televisão brasileira.” (MURTINHO, 2012, p. 23). O primeiro contexto explica a força do modelo campanhista e da perspectiva da comunicação desenvolvimentista que credita à comunicação o papel de resolver problemas estruturais e sociais de uma população ignorante que atrasa o progresso.

Entendendo a comunicação como uma prática inter-relacional, nota-se que há pouco espaço para troca no modelo comunicacional usado tradicionalmente na saúde. Uma das faces do discurso de democratização da comunicação corresponde ao acesso à informação como direito, “outra diz respeito à possibilidade de as pessoas não serem apenas destinatários de uma comunicação, mas interlocutores [...]. Isto implica, de um lado, no acesso a meios, canais

e espaços de fala e, de outro, na existência de canais e espaços de escuta” (ARAUJO; CARDOSO, 2007, p. 62). O princípio da equidade na comunicação corresponderia à uma comunicação que desse conta das diferenças das condições de vida e das necessidades dos interlocutores, diante das diferenças sociais é necessária uma prática comunicativa que atenda a essa diversidade. “Tendo como premissa a existência de uma sociedade desigual, fala de estratégias redistributivas. E fala também de especificidades, portanto de contextos” (ARAUJO; CARDOSO, 2007, p. 64-65).

A questão do contexto, cara ao campo da Comunicação e Saúde, relaciona-se ao acesso à informação, uma vez que a simples oferta de produtos comunicacionais não o garante. “O acesso não está garantido pela oferta ou pela simples adequação de códigos a um perfil médio dos desejados receptores, mas pela articulação dos contextos de circulação e apropriação.” (ARAUJO; CARDOSO, 2007, p. 66). “[...] apropriar-se de algo é tornar este algo próprio e isto só é possível na medida em que o dispositivo de comunicação é adequado aos seus destinatários autoras”, explicam as autoras, “Estamos nos referindo não só a ‘códigos’, mas a meios/tecnologia, lógicas de organização da informação, espaços, momentos.” (ARAUJO; CARDOSO, 2007, p. 63).

A apropriação seria um dos indicadores para a equidade da comunicação. Mas, como destacam as autoras, a equidade pode ser vista sobre outro viés, o espaço da circulação, “a capacidade de fazer circular suas ideias e participar de modo mais equânime da rede de produção dos sentidos [...] é o espaço mais definido do poder simbólico, portanto também lugar de luta por hegemonia e da exclusão social” (ARAUJO; CARDOSO, 2007, p. 66). É sobre esse espaço em especial que esta tese se volta ao observar quais vozes e de que forma circulam no YouTube, compreendendo que a internet não garante a equidade *a priori*. Há lugares e mediações diferenciados no ambiente virtual, ainda que este ambiente dê espaço para vozes e discursos pouco ouvidos ou silenciados.

A integralidade na comunicação seria equivalente “às práticas de escuta e reconhecimento do outro (polifonia, reconhecimento do lugar de interlocução), serviços como espaços de conversa e troca (de comunicação) e recusa ao fechamento dos sentidos e ao privilegiamento das falas autorizadas” (ARAUJO; CARDOSO, 2007, p. 73). Uma comunicação que busca a integralidade seria multidimensional, articulando saberes, práticas, experiências, memórias, afetos e múltiplas vozes, em semelhança à atuação das equipes multidisciplinares.

Passando aos princípios organizacionais, a comunicação descentralizada ou redistribuída diz respeito à desconcentração dos recursos e do poder de fala das instituições.

pode dar a entender, equivocadamente, que a comunicação não seria atribuição dos órgãos de nível mais central, mas trata de fortalecer a capacidade comunicativa dos estados, dos municípios e dos setores não governamentais (ARAUJO; CARDOSO, 2007). Do lado financeiro, o Ministério da Saúde concentra a maior parcela das verbas de comunicação em detrimento dos municípios, mais próximos das necessidades locais da população. Setores não-governamentais e movimentos sociais têm pouca capacidade de circulação de vozes no âmbito da saúde, ao passo que se observa uma predominância de discursos institucionais como o do Ministério da Saúde e mais recentemente do discurso midiático da saúde, ora mediado por personalidades midiáticas, ou médico-midiáticas (CARVALHO, 2009; LEITE, 2016).

A hierarquização na comunicação, num primeiro momento, pode parecer vir de encontro com o princípio de descentralização, mas, em sua formulação, buscou uma melhor divisão de responsabilidade e ações do Ministério da Saúde para além da promoção de campanhas publicitárias disseminadas pelo país. “[...] a missão dos órgãos de nível central estaria em repassar recursos e apoiar tecnicamente os estados e municípios no seu esforço comunicativo (e estes, os movimentos e as organizações locais).” (ARAUJO; CARDOSO, 2007, p. 79). Dessa forma, a hierarquização reforçaria os demais princípios de universalidade, equidade e descentralização no âmbito da comunicação por meio de mecanismos redistributivos de forma que diversas comunidades discursivas sejam capazes de fazer circular seus discursos.

As autoras não falam em regionalização, termo que vem atrelado ao princípio de hierarquização, mas toda conceitualização parte da descentralização como desconcentração de poder e trata da estratificação da comunicação, a partir de um comando unificado, o que não significa ser uno e centralizado. Dessa forma, esse comando unificado não poderia ser reduzido ao Governo Federal – de onde a subordinação, na legislação, ao Conselho Nacional de Saúde – e deveria ter como base a participação social. Como é patente, tal formulação encontra forte resistência na prática, nos diversos níveis de governo, e torna-se emblemático no não reconhecimento do caráter deliberativo dos conselhos de saúde.

Por fim, a participação, “pedra de toque da comunicação”, princípio que é estrutura e ao mesmo tempo estruturante dos demais princípios. A participação no SUS se dá de diversas formas e não só via conselhos de saúde, mas em ações transversais e intersetoriais que envolvem também relações mais amplas. Corresponderia ao direito dos cidadãos e dos profissionais de saúde, mesmo em posições mais periféricas, de serem ouvidos. A prática dominante, no entanto, produz e faz circular materiais que disseminam a voz das instituições e profissionais da saúde ensinando ou determinando comportamentos promotores da saúde, a

despeito dos saberes dos interlocutores e apresentando os problemas de saúde como se fossem de ordem individual, desprezando as determinações sociais, econômicas e políticas. A participação se efetivaria “se a estratégia principal for a de desenvolver espaços, processos e a práticas que ampliem as vozes mais periféricas, sejam das comunidades discursivas, dos trabalhadores da saúde ou da população [...] permitindo-lhes disseminar seus interesses e pontos de vista” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 84-85).

Em resumo, o modelo de comunicação à moda SUS é a proposta de uma comunicação em rede, multidirecional, multipolar e descentrada e acima de tudo polifônica, que dê conta da escuta e da diversidade social. Após esse cotejamento, não é difícil concordar com a afirmação de que a comunicação, no campo da saúde, anda na contramão do SUS (ARAÚJO; CARDOSO, 2007), já que os modelos mais correntes de comunicação continuam a priorizar o âmbito da produção, em detrimento da circulação e apropriação, sob a concepção de comunicação como transferência de conteúdos. O que remete ao Modelo de Comunicação como Mercado Simbólico (ARAÚJO, 2002, 2004), onde os discursos estão em permanente negociação e que será aprofundado mais adiante.

Na proposição de Inesita Araujo e Janine Cardoso (2007) sobre a pesquisa e o planejamento em comunicação e saúde, há outras pistas de como contribuir com a construção de conhecimento para o campo, na verdade, lacunas que podem criar novas relações entre a população e o campo da saúde coletiva

[1] Desenvolvimento de metodologias de cartografia e de escuta da polifonia social e dos movimentos de sinergia ou confronto entre elas.

[2] Diagnóstico e análise dos contextos de circulação e apropriação, pela população da comunicação midiática e institucional. [...]

[3] Diagnóstico e análise dos interlocutores da saúde: quem fala o quê, a partir de que lugar e através de que dispositivos. E mais: que vozes e sentidos estão sendo silenciados ou permanecem sem espaços de expressão e circulação.

[4] Análise dos discursos que habitam e constituem as estratégias e práticas dos vários sujeitos da saúde.

[5] Análise dos modos de articulação dos sujeitos nas redes, sob o prisma das relações de poder (como se produzem os lugares de interlocução?) (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 120–121).

Esta pesquisa dialoga com as cinco propostas acima elencadas, em especial com a segunda, que se refere à análise dos contextos de circulação e apropriação da comunicação midiática. Para isso, pretende-se desenvolver e propor uma metodologia para analisar os

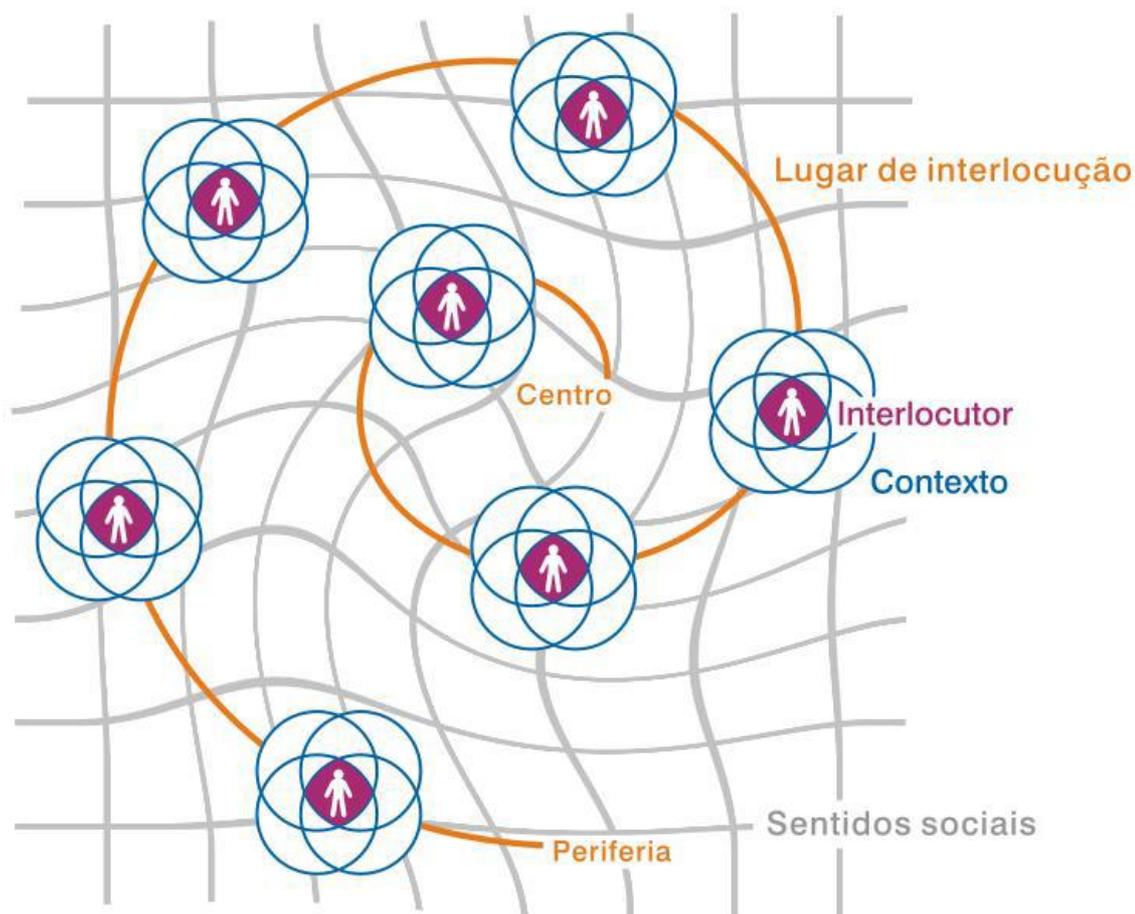
circuitos de circulação de filmes no YouTube que permita a visualização do processo de circulação e identificar a atuação das mediações sociotécnicas, na qual ganha inspiração nos conceitos do Modelo de Comunicação como Mercado Simbólico.

1.2.1 Um mercado simbólico em constante negociação Parei aqui

O modelo comunicacional que se contrapõe ao modelo informacional, proposto por Inesita Araujo (2002, 2004), é chamado de Modelo da Comunicação como Mercado Simbólico, no qual a comunicação opera na forma de um mercado e os bens simbólicos são os sentidos sociais que são produzidos, circulam e são consumidos por meio de discursos. “O mercado simbólico é um mercado de desiguais e a negociação que nele se processa tem o caráter de luta por posições de poder discursivo. Como toda luta, supõe confrontos e embates, mas também acordos, alianças, sinergias.”(ARAUJO, 2002, p. 290).

Na perspectiva da teoria social dos discursos, a autora define como comunicação o processo de produção, circulação e consumo de sentidos sociais. Nesse mercado, pessoas e comunidades discursivas negociam os sentidos sociais por meio de discursos “seu próprio modo de perceber, classificar e intervir sobre o mundo e a sociedade – em busca de poder simbólico, o poder de constituir a realidade.” (ARAUJO, 2004, p.3). Nesse modelo teórico-metodológico de comunicação, a autora propõe uma matriz de análise dos fatores de mediação e também um modelo de comunicação. A matriz, que também é graficamente representada (figura 2), demonstra as relações comunicativas entre os atores sociais e suas relações de poder descrevendo os fluxos e movimentos do circuito produtivo de sentidos sociais: produção-circulação-consumo, traduzindo o que a teoria diz. É “um modelo reticular, multipolar e multidirecional, desenvolvido para uma compreensão da prática comunicativa no campo das políticas públicas.” (ARAUJO, 2004, p. 10). Para isso, conta com os elementos operativos de análise que criam dimensões e densidades de análise: interlocutores, centro e periferia, contextos, e, em especial, lugar de interlocução, que estabelecem posições de poder discursivo, e os fatores de mediação que viabilizam o movimento estratégico entre elas.

Figura 2 – Representação gráfica do Modelo da Comunicação como Mercado Simbólico



Fonte: ARAUJO, 2002

Os *sentidos sociais*, representados pela trama cinza, correspondem à rede semiótica do processo de circulação. Em constante negociação, o mercado simbólico é operado por indivíduos e comunidades discursivas, denominados *interlocutores*. As *comunidades discursivas* por sua vez são grupos de indivíduos que se reúnem entre si, organizados institucionalmente ou não, e que produzem ou fazem circular discursos que neles se reconhecem e são reconhecidos. “A noção de interlocutor se opõe as de ‘emissor e receptor’, dissolvendo a estrutura linear e instaurando a ideia de que cada pessoa participa por inteiro do circuito produtivo que caracteriza a prática comunicativa.” (ARAUJO, 2004, p. 7). A posição dos interlocutores nos nós da rede simboliza, ao mesmo tempo, agente e espaço de negociação de sentidos, que dialoga com a perspectiva da pesquisa de midiatização, onde o indivíduo ocupa múltiplas funções na instância da circulação.

Na representação gráfica, há destaque para as *posições discursivas* dos interlocutores, indicada pela espiral de cor laranja, onde se observam posições mais centrais e periféricas no mercado simbólico, marcando as desigualdades quanto às condições de produção, circulação

e consumo. O que significa dizer que interlocutores em posições centrais estão em situações mais favoráveis no mercado simbólico do que aqueles interlocutores que se encontram em posições periféricas, forma encontrada para caracterizar o tema desigualdade, presente em todo o modelo e em grande parte da obra da autora.

A maior desigualdade se apresenta na circulação, onde há um desequilíbrio flagrante entre as condições desfrutadas pelos núcleos discursivos centrais da sociedade e as que são propiciadas aos núcleos periféricos. E é justamente na circulação que a negociação dos sentidos se faz mais intensa. É ali, nos vários processos espontâneos ou planejados, que se delinearão com mais precisão as chances de concorrer por uma parcela de poder; é ali que se agrega valor aos discursos produzidos; é ali que se amplificam e se fazem ouvir ou serão silenciadas as muitas vozes que compõem os discursos; é ali que essas vozes e os discursos circulantes se cruzam e entrecrocam ou se associam, num movimento sinérgico; é ali, finalmente, que se define parte importante das condições de consumo. A circulação é por excelência o espaço estratégico da comunicação. Não é por acaso que o controle das redes é tão vital na luta pelo poder (ARAUJO, 2002, p. 39).

Os interlocutores participam do mercado simbólico mediados por diversos *contextos*, macros e micros, que “são campos de luta simbólica e, como tal, espaços onde os agentes desenvolvem estratégias de manutenção ou transformação da ordem dominante, seja econômica, política ou discursiva.” (ARAUJO, 2002, p. 57). Na figura 2 estão traduzidos sob a forma dos quatro círculos azuis: contextos existencial, situacional, textual e intertextual. Considerados pela autora como conceitos macros, que se manifestam nos processos discursivos – o que não exclui a existência de outros contextos mais circunstanciais ao objeto de pesquisa.

O *contexto textual* refere-se à proximidade de textos na mesma superfície de espaço ou tempo. “A posição de cada enunciado em relação ao que lhes são próximos constitui condição de produção dos sentidos possíveis.” (ARAUJO, 2002, p. 57). Ou seja, um filme em defesa do parto natural produz diferentes sentidos e possui diferente “potencial de luta” ser for exibido por uma grande emissora de televisão, em um evento científico ou por um grupo de doulas. Já o *contexto intertextual*, que não depende da proximidade física, é formado pela relação dialógica entre textos, dada pela “rede de semiose que é acionada a cada enunciação, que se nutre da memória discursiva. Qualquer texto tem seu intertexto, mas ele não é o mesmo para todos os interlocutores. Depende do seu conhecimento, sua experiência, cada pessoa tem sua rede textual particular.” (ARAUJO, 2002, p. 58). Logo, um texto jamais terá um único sentido, irá sempre depender dos contextos com os quais interage, em especial os contextos existencial e situacional. Ambos os contextos se dedicam aos aspectos discursivos.

O *contexto existencial* refere-se à posição dos interlocutores no espaço social, o que inclui “sua história de vida, seus grupos de pertença, gênero, classe, idade, sua experiência anterior com o referente de cada ato comunicativo e, muito importante na prática de intervenção social, uma história de relações com as instituições, governamentais ou não.” (ARAUJO, 2002, p. 58). Por último, o *contexto situacional*, que com caráter provisório e múltiplo corresponde ao lugar social de onde o interlocutor pratica as ações comunicativas. “Cada pessoa ocupa uma posição na topografia social que determina seu direito de falar e a legitimidade de sua fala, ou seja, o grau inicial de poder a partir do qual ela desenvolve suas estratégias enunciativas”(ARAUJO, 2002, p. 58). Por exemplo, a posição da uma instituição de pesquisa federal como a Fundação Oswaldo Cruz não é mesma ao participar de uma coletiva de imprensa sobre o vírus Zika em seu país de origem e de uma conferência internacional da Organização Mundial de Saúde. Esses dois últimos contextos estão intrinsecamente ligados ao lugar de interlocução.

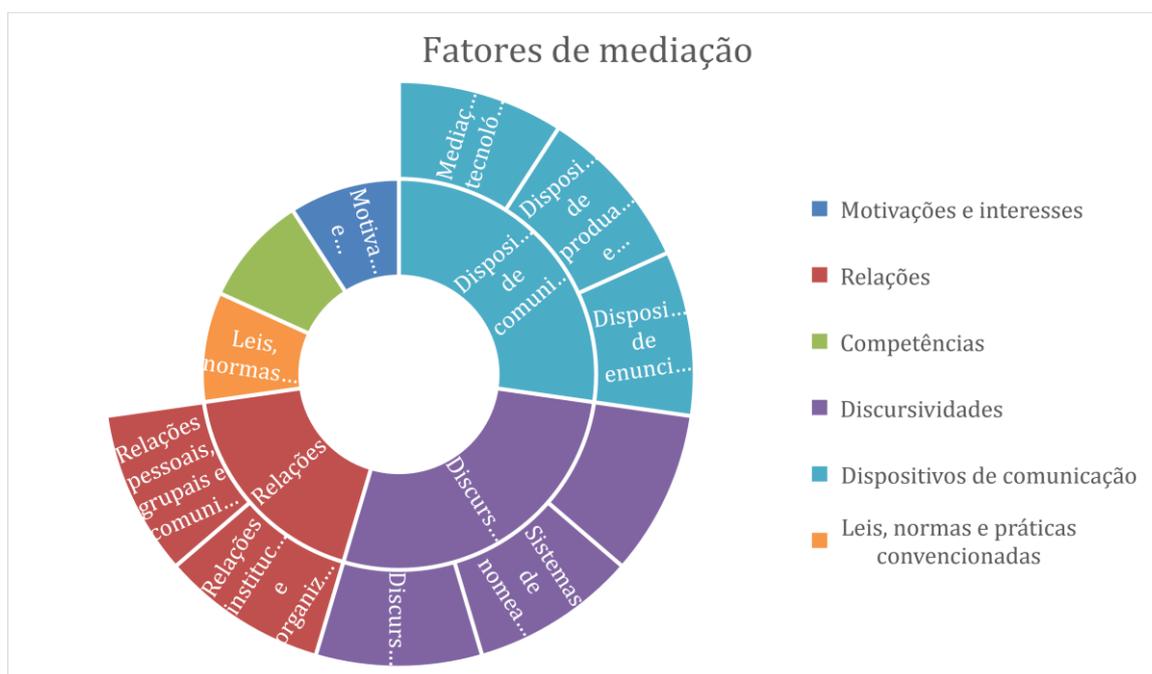
Sobrepondo-se à rede de sentidos, o espaço ocupado e operado pelos interlocutores, têm-se o *lugar de interlocução*, que por sua vez irá produzir vantagens ou prejuízos na operação do mercado simbólico. Esse lugar de interlocução vai determinar o direito de falar e legitimidade de cada interlocutor. Diferentemente do conceito de *lugar de fala*, que representa o lugar social de cada indivíduo e por isso é estável, o *lugar de interlocução* é um lugar móvel, uma posição que ocorre na situação de comunicação/interlocução. “Uma pessoa pode ocupar diferentes posições, dependendo do contexto situacional. Em cada uma exerce um grau diferente de poder em relação ao seu interlocutor, modificando-se a natureza do texto que será produzido e as regras discursivas que presidem o ato de interlocução (ARAUJO, 2009, p. 46). Lugar de interlocução vem a ser um conceito-chave para autora no modelo de comunicação como mercado simbólico.

A matriz de análise do mercado simbólico permite a identificação dos fatores de mediação que promovem o fluxo dos atores entre as posições de poder e “Mapear esses fatores representa, então, mapear as relações de poder que movem a sociedade.” (ARAUJO, 2002, p. 125). Os fatores de mediação, oriundos dos diversos contextos, são de diversas naturezas e amplitudes. Não correspondem a estratégia em si e não possuem um valor aprioristicamente, pois estão relacionados à noção de capital simbólico. “Ou seja, a posse em maior ou menor grau daquela propriedade confere capital simbólico ao interlocutor, modificando sua posição na escala de poder entre Centro e Periferia. É esse mecanismo que confere aos fatores de mediação valor como instrumento estratégico.” (ARAUJO, 2002, p. 264).

A matriz de análise do mercado simbólico, por ser dinâmica, permite a observação da desigualdade dos capitais simbólicos nos processos comunicativos e das estratégias desenvolvidas pelos interlocutores para se movimentarem entre centro e periferia discursiva. Essas estratégias por sua vez dependem de fatores de mediação, contextos e circunstâncias. No intuito de mapear a cena social, a autora elenca seis tipos de fatores de mediações (figura 3) a partir do universo empírico por ela estudado. São eles:

- 1) motivações e interesses (podem ser pessoais, coletivos, comunitários, institucionais, políticos, econômicos etc.)
- 2) relações, que podem ser:
 - a) pessoais, grupais e comunitárias
 - b) institucionais e organizacionais
- 3) competências (fatores que conferem legitimidade ou legalidade aumentando ou diminuindo o reconhecimento de uma competência)
- 4) discursividades, que se subdividem em:
 - a) discursos,
 - b) sistemas de nomeações
 - c) paradigmas, teorias e modelos;
- 5) dispositivos de comunicação
 - a) dispositivos de enunciação (intertexto; gêneros discursivos; campo experiencial e linguístico; estratégias textuais de concorrência)
 - b) dispositivos de produção e circulação discursiva (natureza, estrutura e lógica de produção e circulação dos suportes discursivos; produção e circulação de materiais de comunicação/educação; co-texto; acesso a meios e formas de expressão; formas de consumo discursivo)
 - c) mediações tecnológicas (relações próprias das tecnologias da informação e da comunicação)
- 6) Leis, normas e práticas convencionadas (ARAÚJO, 2002, p. 265–266).

Figura 3 – Fatores de mediação identificados pela matriz de análise do modelo do mercado simbólico



Fonte: (ARAÚJO, 2002) , gráfico elaborado pela autora

“Entre estes fatores, as práticas comunicativas e o fluxo de informações merecem uma atenção especial, por serem ao mesmo tempo fatores de mediação em si mesmos e estruturarem o modo de organização e visibilização dos demais fatores.” (ARAÚJO, 2002, p. 125). Embora a circulação ocupe um lugar privilegiado no modelo, o estudo desse processo necessita de um método e em se tratando da internet, ambiente com forte mediação sociotécnica, é necessário abordar uma série de especificidades. O modelo de comunicação como mercado simbólico, com a sua matriz dinâmica e a tipologia dos fatores de mediações, oferece inspiração para avançar nesse caminho.

Entende-se que para alcançar uma comunicação mais alinhada aos princípios do SUS seja preciso haver uma política de comunicação também alinhada a esse posicionamento. É preciso traçar objetivos, conhecer os destinatários e desenvolver estratégias que dialoguem com este tipo de modelo comunicacional. O que significa reconhecer e dar atenção a interlocutores diferenciados, em especial, aqueles em posições periféricas, que dificilmente são ouvidos; promover a participação social autônoma e a interação mútua dos usuários; ouvir e reconhecer a legitimidade de necessidades e demandas daqueles que, via de regra, são vistos como públicos a serem atingidos. Um tipo de comunicação que fortalece também as políticas no campo da saúde coletiva uma vez que são pautadas nos princípios do SUS. Para além da estrutura reticular da comunicação em rede, na internet é preciso observar seus espaços de disputa e negociação entendendo que o ambiente comunicacional não é um espaço

homogêneo. Pelo contrário, estamos falando de um ambiente heterogêneo, que opera na forma de mercado, um mercado de bens simbólicos constituídos pelos sentidos sociais.

1.2.2 A comunicação como direito que garante outros direitos

O direito à comunicação e o acesso à informação são direitos que garantem outros direitos como o direito à saúde e se constituem como fundamentais para o exercício da cidadania, assim como a mobilização e a participação popular, que por sua vez são sustentados pela democratização da comunicação e acesso à informação. Direitos que empoderam e trabalham a autonomia da população, fornecendo subsídios para que ocorra a articulação entre democracia e cidadania. Dessa forma, a disponibilização de informação sobre saúde na internet em acesso aberto impõe-se como fundamental para o exercício dos direitos.

No campo da Ciência da Informação, uma teoria importante a ser considerada é a Teoria Crítica da Informação, onde a informação é entendida como fundamental para a condição humana e desigualmente distribuída entre os atores sociais, uma vez que é apropriada por alguns, que restringem o acesso, excluindo muitos. A democratização da informação, do acesso à informação a grupos e classes excluídos e marginalizados, a criação de formas e sistemas alternativos de informação, e mesmo estudos sobre a contrainformação, como forma de rejeição aos regimes informacionais hegemônicos são temáticas estudadas no âmbito desta teoria (ARAÚJO, 2009, p. 197).

Pensando no acesso à informação como determinante da saúde, a Teoria Crítica da Informação estabelece aproximações com os estudos sobre os determinantes sociais da saúde (DSS), que por sua vez dialogam com o estudo das mediações.

Todos os modelos de DSS compartilham três características: eles reconhecem a importância do contexto; a capacidade do ambiente social, econômico, cultural e físico para mudar a relação entre saúde e características individuais; e reconhecem, ainda que não desvendem, a complexidade das interações entre vários determinantes²⁰ (GUIMARÃES; SILVA; NORONHA, 2011, p.10, tradução nossa).

Apesar de ser reconhecido como um determinante da saúde e como um direito do cidadão, o acesso à informação é pouco discutido, como destacou o primeiro relatório da

²⁰ O texto em língua estrangeira é: “Todos los modelos de DSS comparten tres características: reconocen la importancia del contexto; la capacidad del ambiente social, económico, cultural y físico para cambiar la relación entre la salud y las características individuales; y reconocen, aunque no desvelen, la complejidad de las interacciones entre varios determinantes.”

Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS). Guimarães, Silva e Noronha (2011, p,10) apontam para ambiguidade das TIC, com o conceito de exclusão digital, onde o acesso desigual às tecnologias levam às desigualdades no acesso à informação. A exclusão digital refere-se ao fosso entre ricos e pobres no acesso à internet e às TIC.

Dentre os conceitos de acesso, o da Ciência da Informação é o mais comumente usado e considera o acesso à informação como acesso ao conhecimento (artefatos do conhecimento com livros, artigos, filmes, bases de dados etc.) e suas representações (referências e metadados). De forma que o acesso ao artefato em si significa o acesso ao conhecimento e supõe-se que o conhecimento afeta a qualidade de vida e a capacidade de tomar decisões (GUIMARÃES; SILVA; NORONHA, 2011). No entanto, as autoras colocam a questão da competência em saúde, que vem ocupando a agenda de profissionais de saúde e educadores, e segue como proposta para agenda de investigação em DSS. Definida como “[...] a capacidade do indivíduo para identificar e acessar e fazer o melhor uso de informações disponíveis na satisfação das suas necessidades. No campo da saúde, competência em saúde (*health literacy*) está a serviço da equidade em saúde.²¹” (GUIMARÃES; SILVA; NORONHA, 2011, p. 16, tradução nossa).

Em teoria, um cidadão competente em saúde é aquele capaz de fazer uso do conceitos de saúde e informações e usá-los em novas situações; é aquele que participa de debates e diálogos públicos e privados sobre saúde, saúde, medicina, conhecimento científico e cultura. Competências de saúde são mais do que um estado ou condição, é um processo, parte do complexo de habilidades humanas, e é tecida com dimensões demográficas, sociopolíticas, psicossociais e culturais²² (GUIMARÃES; SILVA; NORONHA, 2011, p.16).

No Estado Moderno, onde o conhecimento científico consolida-se cada vez mais como basilar para a fundamentação dos processos de tomada de decisões e elaborações de políticas públicas de saúde, ampliando as chances de se tomar decisões mais efetivas e, conseqüentemente, promovendo mais benefícios à saúde da população (BARRETO, 2004), os contornos das competências de saúde são realçados. No entanto, na contramão dessa perspectiva vive-se, a nível nacional uma contestação do conhecimento científico

²¹ O texto em língua estrangeira é: “[...] es decir, la habilidad y capacidad del individuo para identificar y acceder y hacer la mejor utilización de la información disponible en la satisfacción de sus necesidades. Dentro del campo de la salud, las competencias en salud (*health literacy*) se ponen al servicio de la equidad en salud.”.

²² O texto em língua estrangeira é: En teoría, un ciudadano competente em salud es aquel capacitado para hacer uso de los conceptos de salud e información y utilizarlos em nuevas situaciones; es aquel que toma parte em debates y diálogos públicos y privados sobre salud, medicina, conocimiento científico y cultura. Las competencias en salud son más que un estado o una condición, es un proceso, parte del complejo de las competencias humanas, y está tejida junto a dimensiones demográficas, sociopolíticas, psicossociales y culturales.

questionando-se postulados científicos e o próprio trabalho dos cientistas. A nível global, para citar um exemplo muito pungente no campo da saúde, se manifesta no descrédito em relação à eficácia das vacinas, que se associa ao fenômeno de “viralização” das *fake news*, efeito colateral que se potencializa na sociedade midiaticizada.

A elaboração de políticas e outras atividades de tomada de decisões em ambientes democráticos são processos complexos, dos quais participam vários atores da vida social carreando os seus diversificados interesses. O conhecimento científico e seus detentores somam-se aos demais atores, mas, frequentemente, não estão na hegemonia desses processos (BARRETO, 2004. p. 331).

Não por acaso, nos remetemos ao mercado simbólico (ARAÚJO, 2004), modelo de comunicação onde os discursos estão em permanente negociação e entendemos aqui que a sociedade civil, em um regime democrático, como um potencial ator para exercer o controle social. Na saúde existem vários espaços de participação popular – e a participação não deve ser restrita a eles –, podemos citar aqui os Conselhos Municipais, Estaduais e Nacional de Saúde e a Conferência Nacional de Saúde, que têm como objetivo avaliar a situação da saúde e propor as diretrizes para a formulação de políticas de saúde. Instâncias democráticas de participação social cujas ações estão cada vez mais limitadas, distanciando-se do ideário pelo qual foram criadas.

A questão regulatória também se insere na discussão, onde a qualidade do conhecimento também é determinante para o processo de decisão do Estado.

[...] usar ou não um medicamento ou vacina; definir o nível máximo aceitável de um poluente ambiental ou de um dado elemento na água ou nos alimentos etc. Normas reguladoras, muitas vezes, consistem em definir limites precisos e que dividem níveis contínuos de exposição entre o risco e o não-risco. Legislações e normas mal elaboradas podem significar o suporte do Estado a condutas errôneas, com prejuízos para os seus cidadãos no plano da saúde, da moral ou da economia (BARRETO, 2004. p.335).

Exemplos não faltam para ilustrar ações que contaram com a atuação da sociedade civil. Como a consulta pública realizada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), em 17 de junho de 2016, que acabou concluída em favor do banimento do agrotóxico Carbofurano e a mobilização contra a Lei nº 13.301, sancionada em 27 de junho de 2016, que permite a pulverização aérea dentre as formas de combate ao *Aedes Aegypti*. Durante o processo de discussão da lei, a Campanha Permanente Contra o Uso de Agrotóxicos e pela Vida, que reúne instituições como a Abrasco (Associação Brasileira de Saúde Coletiva), Consea (Conselho Nacional de Segurança), Conasems (Conselho Nacional de Secretarias

Municipais de Saúde), Conass (Conselho Nacional de Secretários de Saúde), Fiocruz, o próprio Ministério da Saúde e a sociedade civil, manifestaram-se contra, especificamente em relação à emenda apresentada sobre a pulverização aérea em cidades, mas os alertas não foram considerados.

“Democracia é sinônimo de soberania popular”, significa a participação ativa dos cidadãos na formação do governo e no controle da vida social, e a cidadania é o melhor conceito para expressá-la – a capacidade de apropriação de bens sociais (como educação, cultura, saúde) conquistada por alguns indivíduos. A cidadania não é dada, é fruto de luta permanente de classes subalternas em um processo histórico de longa duração (COUTINHO, 2008, p. 50-51). O direito é a forma de apropriação dos bens sociais e as demandas sociais são a primeira expressão do direito. "As demandas sociais, que prefiguram os direitos, só são satisfeitas quando assumidas nas e pelas instituições que asseguram uma legalidade positiva." (COUTINHO, 2008, p.54).

Nessa mirada, uma comunicação em sintonia com os princípios SUS garantiria essa soberania popular na medida em que pudesse garantir a circulação de vozes periféricas – e não somente as hegemônicas – e democratizar o acesso à informação e principalmente aos meios de comunicação, assegurando não só o direito de ouvir, mas de ser ouvido.

[...] é na circulação, esquecida pelos demais modelos e tão desprezada pelo planejamento da comunicação nas políticas públicas, que se produz mais fortemente a exclusão social. Ou seja, na desigualdade das condições de se fazer circular os sentidos sociais. Quem consegue fazer circular os seus sentidos? Quem consegue ser ouvido? É ali que os sentidos dominantes ampliam sua hegemonia, ao silenciar os demais. O fenômeno da comunicação em rede (basicamente fluxos, circulação) acentuou a diferenciação, manifesta tanto na possibilidade de acesso, como no lugar que se ocupa nas redes. No mundo simbólico, nada assume existência antes de ser posto em circulação. É a circulação que confere existência aos produtos simbólicos, ao mesmo tempo em que a lança no espaço público. E é justamente aí, na capacidade de fazer circular mensagens e sentidos privados, tornando-os públicos, que se localiza grande parte da assimetria no poder discursivo (ARAÚJO, 2004, p. 9).

Esse potencial democrático da comunicação pode ser desenvolvido em plataformas como o YouTube se pensarmos que, em princípio, qualquer interlocutor pode compartilhar seu filme ou vídeo. De todo modo, a comunicação em rede foi potencializada na sociedade midiática garantindo maior visibilidade ao sistema midiático e às suas redes de conexão que extrapolam as mídias e seus conteúdos. O olhar para a circulação se mostra oportuno para um processo comunicacional que não tem início nem fim e que se espalha de forma reticular, configurando um mercado simbólico, em constante negociação, onde os sentidos sociais são

bens simbólicos operados na forma de um mercado. Nessas zonas de interfaces, as interações são mediadas também pelos contextos textuais, intertextuais, existenciais e situacionais de cada interlocutor, produto midiático e do próprio discurso e mais um elemento entra em cena: o formato do produto midiático, que também carrega sentidos sociais.

1.3 A LEGITIMIDADE DO DOCUMENTÁRIO NO ESPAÇO MIDIATIZADO DA SAÚDE

A crescente e veloz articulação entre saúde e mídia é um fenômeno emergente. Cada vez mais os usuários de serviços de saúde recorrem à mídia na busca de informação sobre doenças, tratamentos, farmacologia, fenômeno conhecido como paciente informado, onde os indivíduos aumentam a sua autonomia e participação no processo saúde-doença (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008; PEREIRA NETO et al., 2015; SILVA, 2011). Por outro lado, a mídia explora o campo da saúde em busca de notícias e histórias dada a popularidade do tema; e ainda, profissionais e instituições de saúde buscam a mídia para divulgar e promover suas agendas específicas.

No espaço midiático, o uso do audiovisual, mais especificamente o gênero documental, tem sido uma das estratégias de luta usada pelos movimentos sociais desde a década de 1980, devido às mudanças tecnológicas que popularizaram o vídeo, quando o documentário foi apropriado por grupos de homossexuais, portadores de HIV, negros e mulheres, cujos filmes são manifestações de identidades políticas que deslocam para a mídia problemas até então marginais (SILVA, 2004, p.46). Desde então, o documentário vem sendo utilizado de diversas formas pelos movimentos sociais, como, por exemplo, a recente produção documental sobre agrotóxicos e agroecologia, usada contra as consequências do agronegócio, fortalecendo novas comunidades discursivas e em contraponto às perspectivas dominantes e socialmente injustas (FASANELLO; ARAUJO; PORTO, 2016). Mas o gênero documental em si é carregado de sentidos.

“Todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela.”, segundo Bill Nichols (2008, p. 26). O conceito de documentário é bastante amplo e a definição de Nichols ainda desmitifica a clássica oposição entre documentário e ficção. O autor propõe uma classificação dos documentários dividida em seis modos de representação, subgêneros do gênero, organizados em períodos em que as datas mostram quando cada modo se tornou mais comum. A forma de sistematização linear proposta pelo autor não deve ser confundida

com uma forma evolutiva, apesar de cada modo ter tido um antecessor eles coexistem até hoje. A ideia é mostrar alguns sentidos do gênero cinematográfico documentário para refletir sobre a sua legitimidade enquanto produto midiático. Não por acaso a classificação se inicia após o período identificado como *early cinema*, nos anos 20, quando é lançado o primeiro filme considerado como documentário, *Nanook, o esquimó* (1922), de Robert Flaherty, gênero que somente ganharia reconhecimento no final da década de 1920.

O modo poético (anos 20) não obedece a convenções de montagem (edição) em continuidade, tempo e espaço, as pessoas e objetos estão em igualdade de condições e são utilizados pelos cineastas como matéria-prima, que “selecionam e organizam em associações e padrões escolhidos por eles” (NICHOLS, 2008, p. 135). O modo expositivo (anos 20) “agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética e poética. [...] dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes²³ que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história.” (NICHOLS, 2008, p. 142). Associado à tradição inglesa também é reconhecido como uma forma de fazer documentário mais tradicional e televisivo, inclusive o modo é também chamado de “estilo *National Geographic*”. O modo observativo (anos 60) se deu com o advento do som direto, é o filme documental sem narração, sem entrevistas, onde a câmera tem a pretensão de ser uma mosca na parede para não causar interferência na ação. É associado à tradição norte-americana do cinema direto. O modo participativo (anos 60) também surgiu com a invenção do som sincrônico e tem como principal diferencial mostrar a realidade da filmagem e não filmar a realidade. Se o modo observativo quer esconder os bastidores da realização cinematográfica, o modo participativo quer revelar e por isso se identifica-se com a tradição francesa do cinema verdade e o modelo de pesquisa de observação participativa, onde o pesquisador participa da vida de outras pessoas. Enquanto o modo participativo expõe a relação de negociação entre participante do filme e cineasta, o modo reflexivo (anos 80) tem como foco expor o processo de negociação entre cineasta e espectador, “acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo histórico, mas como também dos problemas e questões de representação.” (NICHOLS, 2008, p. 162). O documentário autobiográfico ou “em primeira pessoa” insere-se nesse modo. Por fim, o modo performático ou poético (anos 80) “suscita questões sobre o que é conhecimento.” (NICHOLS, 2008, p. 169), entendendo que a

²³ A narração foi, nos primórdios do cinema, uma alternativa à ausência de captação de som sincrônica. A relação cinema e tecnologia sempre foi profícua, de modo que as invenções tecnológicas sempre contribuiriam para o desenvolvimento de formas estéticas audiovisuais da mesma forma que a necessidade de novas formas de expressão foram mobilizando novas invenções.

compreensão do mesmo está melhor descrita a partir das experiências pessoais representadas na forma de poesia, literatura e retórica.

Nas descrições dos modos identifica-se o forte vínculo entre o documentário e o mundo histórico, pois o cinema de não ficção adiciona uma nova dimensão à memória popular e à história social.

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencê-los a aceitar suas opiniões. Quanto desses aspectos da representação entra em cena varia de filme para filme, mas a ideia de representação é fundamental para o documentário (NICHOLS, 2008, p. 30).

O viés histórico foi destaque na primeira vez em que o termo foi usado, em um artigo escrito por John Grierson, publicado no jornal *New York Sun*, em fevereiro de 1926. No artigo, Grierson comentava sobre o filme *Moana*, de Robert Flaherty, como “sendo um relato visual da vida cotidiana dos jovens polinésios tem valor documental”. O termo foi emprestado do francês *documentaire*, com o qual eram designados os filmes de viagem (FRANCO, [s.d.]). No entanto, Da-Rin (2008) aconselha a não operar em um plano teórico com o conceito documentário, pois não há uma essência definidora do gênero, uma forma de abordagem ou conjunto de técnicas. A conceituação deve ser produzida na própria análise, sem tomar o documentário como um objeto dado ou como falso objeto. O que não significa dizer que não há uma tradição, que compartilha determinadas referências e mantém coeso um campo tão diversificado, uma “instituição virtual constituída por diretores, produtores e técnicos que autodenominam documentaristas, seus filmes, associações, agências financiadoras, espaços de exibição, distribuidores, mostras especializadas, publicações, críticos e um público fiel.” (DA-RIN, 2008, p. 45).

Da-Rin (2008) considera mais apropriado trabalhar com a ideia de “grandes regimes cinematográficos”, de Christian Metz, que se referem às principais fórmulas cinematográficas com fronteiras fluidas e incertas e por isso são entendidas em compreensão, não em extensão.

[...] qualquer espectador que entre inadvertidamente em uma sala de cinema, em poucos minutos saberá responder se aquilo a que está assistindo é ou não um documentário. Se suas “fronteiras incertas” desafiam o estabelecimento de uma definição extensiva, capaz de esgotar todas as ocorrências, isto não nos impede de reconhecer a existência deste “grande regime cinematográfico” – que preferimos chamar de *domínio*, entendido como âmbito de uma arte (DA-RIN, 2008, p. 18-19, grifo do autor).

Deslocando a questão para o campo da ciência²⁴, transversal ao campo da saúde, Denise Tavares reconhece o crescimento de documentários realizados por cineastas que tornam mais expressivos os diálogos com o tema. Na década de 1960, na América Latina, essa afinidade esteve fora do foco das lentes dos cineastas. “Imersos na questão social, ignoraram as mudanças latentes da ciência e tecnologia, aceleradas exponencialmente a partir dos anos 1990, com reflexo direto nas modificações cotidianas da população.” (TAVARES, 2014, p. 68). Essa reaproximação do documentário com a ciência é creditada pela autora à crise do paradigma dominante da ciência diagnosticada por Boaventura de Sousa Santos (2011). A esterilização da ciência durante a modernidade com a separação entre sujeito e objeto, natureza e cultura faz pensar sobre outras dicotomias que vem perdendo a sua força como o homem e a técnica (os atores humanos e não humanos) e faz refletir se algum dia de fato fomos modernos (LATOUR, 1994) ou apenas tudo não passou de uma grande desejo (sonho) da humanidade.

Dessa forma, a reflexão sobre as questões sociais e culturais, antes restritas ao campo da sociologia da ciência, passam a ocupar espaço na reflexão epistemológica (SANTOS, 2011). No campo da saúde esse debate ganha visibilidade na discussão dos determinantes sociais da saúde (DSS), que privilegia a identificação das variáveis sociais para a compreensão dos contextos de saúde. “Enfim, há muitas outras obras que confirmam, para nós, um movimento fecundo de reconhecimento da importância da relação do audiovisual com a ciência nesta jornada de reposicionamento do mundo científico, tornando-o, de fato, mais próximo e real do cidadão comum.” (TAVARES, 2014, p. 70).

Voltando à questão do estatuto do documentário, Da-Rin defende a desmitificação de que o gênero possui uma verdade intrínseca, assim como qualquer pressuposto de superioridade moral. “Sob este aspecto, o documentário, é um *constructo*, uma ficção como outra qualquer. Por isto mesmo, devemos nos esforçar para deflacionar o valor de troca do rótulo *documentário* no mercado simbólico.” (2008, p. 221, grifo do autor). No entanto, esse posicionamento crítico do autor não compromete a legitimidade atribuída ao gênero documental. Pelo contrário, assim como acontece com o jornalismo, onde entender o processo de construção da notícia e sua parcialidade é fundamental para refletirmos criticamente sobre ele, é também fundamental compreendermos que os documentários são representações da realidade, construções. Um documentário, por mais argumentativo que seja e por maior

²⁴ De acordo com o entendimento ampliado de saúde trazido pela 8ª Conferência Nacional de Saúde, que não se reduz às disciplinas biomédicas e à ausência de doenças, o campo da ciência é transversal ao campo da saúde.

diversidade de vozes e opiniões que tente abarcar será sempre o resultado de escolhas. Escolhas de quem entrevistar, de onde posicionar a câmera, de qual trecho do depoimento manter, de qual imagem suceder a outra. Ter isso em mente é uma boa lente para assistirmos a qualquer tipo de filme.

Sob o “rótulo” documentário, a cineasta alemã Leni Riefenstahl produziu memoráveis obras como *O triunfo da vontade* (*Triumph des Willens*, 1935), considerado um dos melhores documentários da história do cinema, e tratava-se de propaganda nazista. Enquanto, sob o mesmo rótulo, o diretor estadunidense Daniel Clark realiza *A terra é plana* (*Behind the Curve*, 2018), onde busca compreender quem são as pessoas que acreditam que o nosso planeta não é redondo, construindo um perfil social e psicológico dos terraplanistas e atribuindo à arrogância dos cientistas tal fenômeno. De todo modo, entendemos que o posicionamento de Da-Rin, que também é documentarista, além de oportuno, seja também um olhar baseado em uma produção documental menos recente, quando o estatuto de verdade e sua “voz de Deus” eram incontestáveis. Esse estatuto começou a ser questionado com a tradição francesa do cinema verdade, da qual, no Brasil, temos a obra do mestre Eduardo Coutinho como expoente.

Entendemos que certas estratégias epistemológicas engendradas em documentários de produção recente podem resultar na construção de verdades mais contingentes e situadas. Verdades fragmentárias, que estimulam uma subjetividade capaz de abordar mais criticamente o próprio processo social de produção de sentido. Um atributo cada vez mais importante, em meio ao dilúvio de representações que caracteriza o mundo contemporâneo, chamado por alguns de sociedade da imagem. Pois estas imagens não são indiferenciadas, autônomas nem inocentes. São produtos sofisticados, células de retóricas que agem permanentemente sobre nós e nos constituem (DA-RIN, 2008, p. 224).

A vinculação do documentário com o mundo histórico, assim como ocorre com o campo jornalístico, atribui ao gênero um estatuto de verdade. A associação do gênero documental ao campo da saúde para fazer circular um determinado discurso valoriza a competência de legitimidade desse tipo produto midiático. Além das possibilidades triviais de um filme de estimular o debate, a reflexão, sensibilizar, conscientizar, documentários sobre saúde adquirem o potencial de promover uma mudança comportamental e até uma nova visão de mundo, uma vez que circulam com status de prescrição médica, endossados por depoentes como profissionais de saúde e cidadãos que relatam suas experiências em igualdade de condições. Essa legitimidade do documentário sobre saúde é “só” mais uma mediação que atua na circulação midiaticizada.

Uma diversidade de vozes, leia-se realizadores de documentários, passam a falar em nome de um discurso da saúde²⁵ em seu sentido ampliado, dando espaço às suas dimensões sociais e culturais analisando-as criticamente. Dentre essa diversidade de vozes disponíveis no YouTube, selecionamos as vozes dos documentários realizados por mulheres na luta contra a violência obstétrica, que atendem ao pedido pela garantia às suas autonomias, aos seus direitos humanos e reprodutivos, atravessando diversos campos sociais como o da saúde, o da ciência e o da justiça. Aqui tomamos o conceito de campo de Pierre Bourdieu (1989) como espaço simbólico e multidimensional com características próprias cujos agentes ocupam e disputam diferentes posições que determinam as condições de produção dos sentidos sociais. A seleção dos documentários sobre a violência obstétrica não foi uma escolha aleatória, mas um processo indiciário da circulação do tema na sociedade. Nesse imbricamento entre saúde e as determinações sociais, vimos a circulação desses documentários como *locus* de observação e discussão da democratização da comunicação na internet, seus limites e potencialidades, uma possibilidade de uma comunicação mais dialógica e horizontal, dentro da perspectiva de campo da comunicação e saúde.

1.4 VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA, A EXPRESSÃO PROIBIDA

Uma pesquisa pioneira da Fundação Perseu Abramo, realizada em parceria com o Sesc (Serviço Social do Comércio), “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado”²⁶, revelou o chamativo resultado de que uma em cada quatro mulheres sofreu algum tipo de violência durante o parto. Os dados da pesquisa, que entrevistou cerca de 3.546 mulheres e homens de 176 municípios brasileiros, foram divulgados em agosto de 2010 e repercutidos na mídia em jornais de grande circulação em fevereiro de 2011.

Em abril do mesmo ano, foi realizado o debate “Maltrato no atendimento em maternidade e no pré-natal” pela Comissão Permanente de Saúde, Promoção Social, Trabalho, Idoso e Mulher, na Câmara Municipal de São Paulo, que reuniu cerca de 70 pessoas, entre elas o coordenador da pesquisa, o sociólogo e professor da Universidade de São Paulo (USP) Gustavo Venturi; a médica Anke Riedel, coordenadora da Casa Ângela; a enfermeira e

²⁵ Um exemplo desse movimento é a Mostra VideoSaúde, realizada pela VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz, desde 1992, que recebe obras de temas ligados à saúde de produtores audiovisuais – realizadores independentes, coletivos, movimentos sociais, empresas, escolas, sindicatos, associações, organizações não governamentais e demais instituições, públicas ou privadas. Em sua última edição, realizada em 2019, 84% da produção recebida foi do gênero documental. Dos 36 filmes selecionados, 35 foram documentários, assim como todos os oito filmes premiados.

²⁶ Pesquisa disponível em: <http://apublica.org/wp-content/uploads/2013/03/www.fpa.org.br/sites/default/files_pesquisaintegra.pdf>.

coordenadora do Curso de Obstetrícia da USP, Nádia Zanon Narchi; a representante do Programa Mãe Paulista, Maria Aparecida Orsini e a pesquisadora do campo da Saúde Coletiva e ativista feminista, Ligia Moreiras Sena. Na ocasião, Venturi afirmou que existem três problemas principais que geram a violência no parto: primeiramente a formação dos profissionais de saúde, em segundo a superlotação das instituições de saúde e, em terceiro, a não preparação adequada das mulheres para o momento do parto²⁷.

Os resultados sobre o tema da violência contra a mulher revelados na pesquisa, em especial os dados sobre a violência institucional sofrida por 25% das mulheres durante o parto, chamaram a atenção e agiram como um ponto de virada determinante para a discussão da violência obstétrica (VO).

A partir de então, os coletivos femininos começaram a se mobilizar em termos de circulação de informação, denúncia da situação da assistência obstétrica brasileira, reivindicação de direitos, discussão sobre o assunto. E as mídias sociais apareceram como fator catalisador crucial para todas as ações que se seguiram (SENA, 2012, grifo nosso).

Considerada uma violação dos direitos humanos das mulheres que impacta negativamente a qualidade de vida e o exercício dos direitos reprodutivos, a violência obstétrica conta com alguns marcos internacionais como o tratado adotado pela Assembleia Geral das Nações Unidas, a “Convenção sobre a eliminação de todas as formas de violência contra as mulheres”²⁸, de 1979, também conhecida como CEDAW (da sigla em inglês) ou Convenção da Mulher. A CEDAW é uma Carta Magna dos direitos das mulheres promovendo-os por meio da busca da igualdade de gênero e reprimindo quaisquer discriminações contra as mulheres nos Estados-parte, ao todo 180 países até outubro de 2005. A Convenção da Mulher entrou em vigor em três de setembro de 1981.

Outro marco é a “Convenção Interamericana para Prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher”²⁹, mais conhecida como Convenção de Belém do Pará, de 1994, que conceitua a violência contra as mulheres entendendo-a como violação dos direitos humanos. Em seu artigo 1º diz: “entender-se-á por violência contra a mulher qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada” (COMITÊ LATINO-AMERICANO

²⁷ Matéria “Comissão de Saúde debate violência no parto” disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/comissao-de-saude-debate-violencia-no-parto/>>

²⁸ Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/convencao_cedaw1.pdf>

²⁹ Disponível em: <<https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/m.Belem.do.Para.htm>>.

E DO CARIBE PARA A DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER, 1996, p. 2). O Brasil é signatário da Convenção da Mulher e da Convenção de Belém do Pará.

Embora não use o termo “violência obstétrica”, a Organização Mundial de Saúde, na declaração “Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto”³⁰, define a violência física e verbal no parto como

Relatos sobre desrespeito e abusos durante o parto em instituições de saúde incluem violência física, humilhação profunda e abusos verbais, procedimentos médicos coercivos ou não consentidos (incluindo a esterilização), falta de confidencialidade, não obtenção de consentimento esclarecido antes da realização de procedimentos, recusa em administrar analgésicos, graves violações da privacidade, recusa de internação nas instituições de saúde, cuidado negligente durante o parto levando a complicações evitáveis e situações ameaçadoras da vida, e detenção de mulheres e seus recém-nascidos nas instituições, após o parto, por incapacidade de pagamento. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2014, p. 1).

No Brasil, não há um consenso em relação à definição de violência obstétrica – ainda que as evidências indiquem a existência na prática – e por isso urge a necessidade de uma conceituação em documentos legais que a definam e criminalizem para que se possa reduzir as intervenções desnecessárias e as violações aos direitos das mulheres (ZANARDO et al., 2017). Para a Fundação Perseu Abramo a violência obstétrica é definida como

qualquer ato ou intervenção direcionado à mulher grávida, parturiente ou puérpera (que deu à luz recentemente), ou ao seu bebê, praticado sem o consentimento explícito e informado da mulher e/ou em desrespeito à sua autonomia, integridade física e mental, aos seus sentimentos, opções e preferências (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2010).

No *Dicionário Feminino da Infâmia*, organizado por Elizabeth Fleury-Teixeira e Stela Nazareth Meneghel, o verbete violência obstétrica começa com a definição de violência contra a mulher do Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher “[...] qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada.” (1996, p. 6). “Nesse sentido, pode se apresentar de distintas formas e expressões, e em diversos momentos da vida da mulher, inclusive durante o período gravídico-puerperal.” (FLEURY-TEIXEIRA; MENEGHEL, 2015, p. 386), continua o verbete que apresenta uma definição próxima à

³⁰ Declaração “Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde”, endossada por mais de 90 instituições. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/134588/WHO_RHR_14.23_por.pdf;jsessionid=2C3FD7159C8501EA2693CCF95958B4D7?sequence=3.

utilizada pela Fundação Perseu Abramo: “Entende-se por violência obstétrica aquela vivida no momento da gestação, parto nascimento e pós-parto, caracterizada, entre outros, por agressão física, psicológica, verbal, simbólica e sexual, assim como a pela negligência e pela discriminação.”.

São alguns exemplos de violência obstétrica: a violência exercida com gritos; a realização de procedimentos dolorosos sem consentimento ou informação, e falta de analgesia e negligência; a recusa à admissão ao hospital (Lei 11.634/2007); o impedimento de entrada de acompanhante (Lei 11.108/2005); a violência psicológica (tratamento agressivo, discriminatório, grosseiro, zombeteiro, inclusive em razão de cor, etnia, raça, religião, estado civil, orientação sexual e número de filhos); o impedimento de contato com o bebê; o impedimento ao aleitamento materno; cesariana desnecessária e sem consentimento; realização de episiotomia de modo indiscriminado; o uso de ocitocina sem consentimento da mulher; a manobra de Kristeller (pressão sobre a barriga da gestante para empurrar o bebê); a proibição de a mulher se alimentar ou de se hidratar e obrigar a mulher a permanecer deitada; a realização de tratamentos médicos de forma desnecessária, como a realização de cesariana em função da agenda profissional ou social do médico.

Uma polêmica sobre o assunto ocorrida no Brasil em 2019 revelou a fragilidade apontada por Gabriela Zanardo e colaboradoras (2017). As disputas em torno da nomeação violência obstétrica, que ultrapassam a questão semântica, visibilizaram as relações de poder entre homens e mulheres, médicos e pacientes³¹ e a medicalização – entendida como processo pelo qual problemas não médicos são tratados como problemas médicos – do parto (CONRAND, 2007).

O fato é que parir e nascer, definitivamente, não são processos “naturais” nem meramente fisiológicos. São eventos sociais e culturais complexos, que envolvem interações entre indivíduos, grupos sociais e organizações (hospitais e maternidades), com poderes e legitimidades diferenciados. A disputa pelo modelo de assistência ao parto articula uma disputa de políticas públicas, uma disputa organizacional e uma disputa de *ethos* profissional. Embasando essas disputas, tanto o modelo tecnocrático quanto o humanizado partem de representações específicas acerca da mulher, da gestação e do parto (MAIA, 2010, p.14-15).

³¹ Essa disputa, com larga vantagem da medicina, esteve presente no debate sobre o projeto de lei do Ato Médico (PL 25/2002). O PL referia-se ao exercício da Medicina determinando quais procedimentos devem ser realizados exclusivamente pelos médicos, dando margem a uma hierarquização das profissões em saúde e restringindo as ações das equipes multiprofissionais do SUS.

No dia três de maio de 2019, o Ministério da Saúde (MS) emitiu um despacho³² informando que iria abolir o uso do termo “violência obstétrica” em normas e documentos de políticas públicas. Em justificativa, explica que a expressão “[...] tem conotação inadequada, não agrega valor e prejudica a busca do cuidado humanizado no *continuum* gestação-parto-puerpério. [...] pois acredita-se que, tanto o profissional de saúde quanto os de outras áreas, não tem a intencionalidade de prejudicar ou causar dano.”(MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019a). Em nota, o MS disse que o despacho atendeu ao apelo da classe médica, de acordo com as orientações publicadas no parecer nº 32/2018³³ do Conselho Federal de Medicina, de outubro de 2018, onde a entidade afirma que “A expressão ‘violência obstétrica’ é uma agressão contra a medicina e especialidade de ginecologia e obstetrícia, contrariando conhecimentos científicos consagrados, reduzindo a segurança e a eficiência de uma boa prática assistencial e ética”(CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (BRASIL), 2018, p. 12).

Em sete de maio de 2019, o Ministério Público Federal (MPF) expediu uma recomendação³⁴ onde pede que o MS

I- esclareça por meio de nota que o termo "violência obstétrica" é expressão já consagrada em documentos científicos, legais e usualmente empregada pela sociedade civil, sendo o uso da expressão livremente facultado independentemente de eventual preferência do Ministério da Saúde em utilizar expressões alternativas em suas ações específicas;

II- *que se abstenha de empregar quaisquer ações voltadas especificamente à abolição do uso da expressão "violência obstétrica", empregando, ao invés, ações voltadas a coibir as práticas agressivas, maus tratos e desrespeitos durante o parto, independentemente da intenção dos profissionais em causar danos;*

III- adote as ações positivas :recomendadas pela "Declaração de prevenção e Eliminação de Abusos, Desrespeito e Maus-tratos durante o parto em instituições de saúde", publicada em 2014, que reconhece a ocorrência de violência física, verbal e maus tratos durante o parto, independentemente da intencionalidade do profissional em causar dano, e recomenda:

³²Despacho do Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Secretaria de Atenção à Saúde (MS), disponível em:

<https://sei.saude.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&codigo_verificador=9087621&codigo_crc=1A6F34C4&hash_download=c4c55cd95ede706d0b729845a5d6481d07e735f33d87d40984dd1b39a32d870fe89dcf1014bc76a32d2a28d8f0a2c5ab928ff165c67d8219e35beb1a0adb3258&visualizacao=1&id_orgao_acesso_externo=0>.

³³ Parecer do Conselho Federal de Medicina nº 32/2018, disponível em:

<<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/pareceres/BR/2018/32>>.

³⁴Recomendação nº 29/2019, de 07 de maio de 2019, disponível em: http://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/docs/recomendacao_ms_violencia_obstetrica.pdf/.

- 1- apoio dos governos e de parceiros do desenvolvimento social para a pesquisa e ação contra o desrespeito e os maus-tratos;
- 2- apoio e manutenção de programas desenhados para melhorar a qualidade dos cuidados de saúde materna, com forte enfoque no cuidado respeitoso como componente essencial da qualidade da assistência;
- 3- enfatize os direitos das mulheres a uma assistência digna e respeitosa durante toda a gravidez e parto, independentemente da intencionalidade dos profissionais em causar dano;
- 4- adote ações positivas para produzir dados relativos a práticas respeitadas e desrespeitadas na assistência à saúde, com sistemas de **responsabilização** e apoio aos profissionais; (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2019, p.9-10, grifo nosso).

Em resposta à recomendação do MPF, o ofício do MS³⁵, de 07 de junho de 2019, “reconhece o direito legítimo das mulheres em usar o termo que melhor represente suas experiências vivenciadas em situações de atenção ao parto e nascimento que configurem maus tratos, desrespeito, abusos e uso de práticas não baseadas em evidências científicas [...]” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019b, p. 3), mas sem citar o termo “violência obstétrica” – o que não foi por acaso. Em declaração ao jornal Folha de São Paulo³⁶, o secretário de Atenção Primária da pasta, Erno Harszhei, informou que o MS mantém a decisão de não usar o termo em suas normas e políticas públicas sob a justificativa de que, segundo a OMS, a definição do termo violência “associa claramente a intencionalidade com a realização do ato, independentemente do resultado produzido.”(HARZHEIM, 2019).

O embate não terminou por aí. Mais um episódio, dessa vez protagonizado pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), promoveu mais uma reviravolta no assunto. A resolução nº 2.232³⁷ estabeleceu normas éticas para a recusa terapêutica por pacientes e objeção de consciência na relação médico-paciente. No artigo 5ª da normativa, lê-se que:

A recusa terapêutica não deve ser aceita pelo médico quando caracterizar abuso de direito.
 § 1º Caracteriza abuso de direito:
 I – A recusa terapêutica que coloque em risco a saúde de terceiros.
 II – A recusa terapêutica ao tratamento de doença transmissível ou de qualquer outra condição semelhante que exponha a população a risco de contaminação.

³⁵ Ofício nº 296/2019/COSMU/CGCIVI/DAPES/SAPS/MS da Secretaria de Atenção Primária à Saúde, de 07 de junho de 2019. Disponível em: < www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/docs/oficio-ms>.

³⁶ Matéria “Ministério da Saúde mantém decisão de não usar o termo violência obstétrica, diz secretário, de 10 junho de 2019. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/06/ministerio-diz-reconhecer-termo-violencia-obstetrica-mas-que-continuara-a-nao-usa-lo.shtml>>.

³⁷ Resolução CFM 2232 disponível em: <<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2019/2232>>.

§ 2º *A recusa terapêutica manifestada por gestante deve ser analisada na perspectiva do binômio mãe/feto, podendo o ato de vontade da mãe caracterizar abuso de direito dela em relação ao feto* (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (BRASIL), 2019, p. 2, grifo nosso).

Mais uma vez o Ministério Público Federal³⁸ interveio entendendo que a Resolução CFM nº 2.232/2019 poderia aumentar e legitimar os casos de violência obstétrica, acrescentando controvérsias em torno do tema. Dessa forma, recomendou ao Conselho Federal de Medicina a revogação do §2º do artigo 5º do documento, a retirada da assistência ao parto do âmbito de incidência da resolução e “que se abstenha de empregar outras ações contrárias ao ordenamento jurídico em vigor, cerceadoras a autonomia das mulheres e contrárias às Políticas de Atenção ao Parto preconizadas pelo Ministério da Saúde.”(MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2019b, p. 9).

Em meio a esse embate, outras instituições do campo da justiça e da saúde se pronunciaram contra a extinção do termo violência obstétrica como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Nacional dos Defensores Públicos Federais (Anadef), o Conselho Nacional de Saúde e a Abrasco, dando a ver a manipulação simbólica contida nas operações sociais de nomeação (BOURDIEU, 1989). A polêmica gerada pela proibição do uso do termo acabou dando visibilidade ao assunto tradicionalmente invisibilizado e gerando uma nova onda de interesse que acabou promovendo a discussão sobre o tema.

Outra marca dessa invisibilidade é a ausência do termo “violência obstétrica” como um dos descritores das Ciências da Saúde (DecS), vocabulário controlado que serve como linguagem única para a indexação de publicações científicas, para pesquisa e recuperação de assuntos na literatura científica nas fontes de informação disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). O termo mais aproximado localizado no DecS é “violência contra a mulher”, definida como “Qualquer ato de violência baseado no gênero, seja na vida pública ou privada, que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual ou psicológico, incluindo ameaças, coerção, privação de liberdade, mutilação genital e outras”(BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE, [s.d.]).

A violência obstétrica é um dos aspectos do fenômeno da medicalização que ampliou a extensão dos cuidados médicos entre eles o parto, antes um evento circunscrito ao universo domiciliar e das mulheres. A medicalização, um processo sócio-histórico de poderes, se confunde com a própria história da sociabilidade moderna, mas, “A história da tomada do

³⁸ Recomendação do Ministério Público Federal nº 44/2019, de 25 de setembro de 2019, disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/docs/recomendacao-cfm>>.

corpo feminino pela medicina, conta nela, outra história...” (SCHRAIBER, 2002, p. 11). Para Elizabeth Vieira (2002), o fato do corpo feminino e a condição de ser mulher terem sido primeiramente objetos de interesse da medicina com as especialidades médicas de obstetrícia e ginecologia, desqualifica práticas, conhecimentos e sujeitos (no caso o conhecimento tradicional das parteiras e mulheres) ao mesmo tempo em que qualifica outros atos, conhecimentos e sujeitos (os dos médicos). Todo o processo de medicalização do parto, que começou quase 300 anos da instauração do processo de medicalização ocorrido no século XIX, sempre foi marcado por conflitos, mortes e sofrimento. Ao mesmo tempo em que teve uma importante contribuição para a redução da mortalidade materna por meio da tecnologia da assepsia, do controle de infecções e da bacteriologia, houve excessos e a exclusão das mulheres de suas práticas tradicionais menos medicalizadas, que dão prioridade à saúde e aos direitos humanos. (VIEIRA, 2002, p. 72).

Toda essa divergência voltou à tona com a questão da humanização do parto, cujo Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento foi instituído pelo Ministério da Saúde através da Portaria em primeiro de junho de 2000³⁹, e se materializou também na forma de produção audiovisual. Em um levantamento realizado sobre filmes sobre parto, para esta pesquisa, a maioria é do gênero documental. De uma lista de 29 de filmes apenas seis são ficção e a violência obstétrica foi um tema que se destacou dentre as produções. Esse resultado faz refletir sobre como o gênero documental vocalizou a necessidade de circulação do discurso sobre a defesa do parto normal e humanizado e sobre a própria tradição do cinema documental no que tange a problematização e discussão das questões sociais.

³⁹ No entanto, o Programa de Assistência Integral à Saúde Mulher (Paism), lançado pelo Ministério da Saúde em 1983, é considerado um marco na saúde reprodutiva no Brasil, avançando em direção ao reconhecimento dos direitos reprodutivos das mulheres, mesmo antes que essa expressão ganhasse os diversos foros internacionais de luta.

2 NOVAS TEORIAS E NOVOS MÉTODOS PARA AS “NOVAS” MÍDIAS DIGITAIS

É sabido que o adjetivo “nova” é portador de instabilidade e imprecisão, mas o uso do termo como título do capítulo vem como provocação para refletir sobre as teorias e métodos utilizados para estudar as mídias digitais. Tomando como premissa que as mídias digitais trazem continuidades e descontinuidades com as mídias anteriores, parece adequado pensar em escolhas teórico-metodológicas que acompanhem esse mesmo movimento. Não vivemos mais em uma sociedade baseada em meios de comunicação de massa e sim em uma sociedade midiaticizada onde a mídia, com seus diversos tipos de meios, atravessa diversos setores e campos sociais. Não falamos mais em centralidade da mídia e sim em espraiamento da mídia, logo, novos modelos de comunicação e novos métodos se mostram necessários para compreender os processos comunicacionais que envolvem as mídias digitais.

A opção pelo uso da denominação mídias digitais se dá pelo entendimento de que é a digitalização, um processo que reduz a informação, seja ela de qualquer tipo (visual, sonora, textual, audiovisual), a algo que pode ser manipulado, fragmentado, vinculado e distribuído permitindo a comunicação em rede, multimídia, colaborativa e interativa (SCOLARI, 2009, p. 946). Ou seja, toda a comunicação feita por meio da internet é uma mídia digital. Essa escolha reconhece a perecibilidade da expressão *novas mídias* e da anterioridade do conceito de *redes sociais* enquanto “um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes. [...] definidas por seu caráter horizontal, desprovido de uma hierarquia rígida.” (MARTINO, 2015, p. 55). Embora também seja reconhecida a adequação da expressão *redes sociais digitais/on-line* para definir aplicativos como o WhatsApp, LinkedIn, onde há relações interpessoais mediadas pelo computador e sites de redes sociais enquanto

[...] serviços baseados na web que permitem aos indivíduos: (1) construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema delimitado; (2) articular uma lista de outros usuários com quem compartilhem uma conexão; e (3) visualizar e percorrer suas listas de conexões, bem como aquelas feitas por outros usuários dentro do sistema”⁴⁰(BOYD; ELLISON, 2007, p. 211).

A nomeação mídias sociais, apesar de ser bastante utilizada, também carrega a problemática de redes sociais, pois ambas existem offline e on-line, mas é impossível não

⁴⁰ O texto em língua estrangeira é: “web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of other users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system.”

reconhecer que com a WEB 2.0, identificada como a segunda geração da internet que prima pela troca de informação e colaboração, os termos tenham ganhado novos sentidos hegemônicos. Atualmente, falar em redes sociais remete às plataformas como Facebook, Twitter, LinkedIn, Instagram e YouTube, que se adequam à definição de sites de redes sociais. Já o termo mídias sociais implica em uma categorização maior que inclui, além dos sites de redes sociais, sites de compartilhamento de conteúdo (no qual o YouTube também se insere), os blogs e os wikis, páginas na internet que podem ser editadas pelos usuários que tenham acesso a um navegador cujo exemplo mais famoso é a Wikipédia.

Ou seja, toda rede social é uma mídia social, mas nem toda mídia social é uma rede social e estamos combinados. Mas um outro termo entrou na órbita conceitual: plataforma. As plataformas, e aqui estamos nos referindo às plataformas digitais, são modelos de negócios que permitem a conexão e interação entre produtores e consumidores e também são mídias digitais. O termo em si descola-se um pouco da imprecisão e polêmica que redes e mídias sociais provocam e tem sido recorrentemente utilizado pela corrente de Estudos da Internet. De todo modo, o que mais interessa nessa breve discussão é entender que o YouTube navega por todas as definições: é um site de compartilhamento de vídeos, um site de rede social, uma plataforma e uma mídia social digital e esse é um dos desafios para seu estudo.

2.1 YOUTUBE-SE

O YouTube foi criado em 2005 por três funcionários da PayPal (empresa de pagamentos on-line situada na Califórnia, EUA), Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, a partir do desejo de encaminhar vídeos de uma festa, da qual dois deles haviam participado, que, por conta do tamanho do arquivo, não era possível de serem enviados via e-mail. Surge então a ideia de criar um meio, de acesso público, onde os usuários pudessem postar seus vídeos pessoais. Esse contexto de origem, Mário Carlón (2016) chama de *relato*, que traz aspectos extradiscursivos sobre o meio, ou seja, suas materialidades. O YouTube é criado como meio de comunicação para dar conta do formato “vídeo” e atender a necessidade de compartilhar vídeos que eram muito pesados e que não poderiam ser enviados por e-mail, evidenciando a perspectiva sociotécnica da tecnologia.

Além do relato, o autor destaca o primeiro vídeo *Me at the zoo*, postado por Jawed Karim às 8h27 de um sábado, no dia 23 de abril de 2005, que contém em si o que ele denomina de *contrato fundacional*. O vídeo gravado no zoológico de São Diego mostra Karim olhando para a câmera e atrás dele os elefantes na jaula.

A resolução não é boa, é um vídeo caseiro, amador; sua duração é de dezenove segundos. Se analisarmos o enunciado, o conteúdo é banal: apenas “diz” onde se encontra e que os elefantes são *legais* por conta de suas trompas. Mas a sua enunciação é muito sofisticada: o que está “dizendo” é, antes de mais nada, *postem neste meio porque vocês são os verdadeiros programadores do YouTube*, como expressa o *slogan broadcast yourself*. (CARLÓN, 2016, p. 128, grifo do autor, tradução nossa).⁴¹

Segundo Carlón (2016), enquanto o relato revela que o projeto original era construir um meio que permitisse a troca de vídeos de forma interpessoal e grupal, “não massiva”, o contrato fundacional que se estabelece com o primeiro vídeo postado, “[...] *Me at the zoo*, enuncia-se *broadcast yourself*; aqui podem postar o que desejar, o *YouTube* é uma mídia aberta à sua disposição.”⁴² (2016, p. 129-130, tradução nossa). Com isso, o *YouTube* ganha um lugar na história da midiaticização ao trazer uma verdadeira novidade para o campo da circulação discursiva audiovisual: “A possibilidade de que qualquer usuário faça circular discursos que desejam a nível global, produzidos por eles mesmos ou não” (CARLÓN, 2016, p. 131).⁴³ Carlón chama esse processo de desenvolvimento original, uma vez que desde a história pré-midiática – que começa com a Antiguidade e se estende até a emergência dos meios de comunicação de massa – a possibilidade de fazer circular discursos visuais e audiovisuais sempre foi controlada por instituições como a Igreja, o Estado, partidos políticos, estúdios cinematográficos e cadeias de televisão (2016, p. 131).

Atualmente, o *YouTube* configura-se como uma espécie de “canal aberto” para diversas “vozes” assistirem e publicarem conteúdos, diferentemente da TV, que é aberta só em termos de acesso à programação. Conseguir ter um conteúdo transmitido em uma TV aberta é algo bastante difícil e restritivo aos realizadores audiovisuais. O destaque para “vozes” é uma referência a atual descrição do “Sobre”⁴⁴ da plataforma que afirma que “Nossa missão é *dar a todos uma voz* e revelar o mundo.” (grifo nosso). Um discurso reiterado no vídeo⁴⁵ sobre a missão da marca:

⁴¹ O texto em língua estrangeira é: “La resolución no es buena, es un video casero, amateur; su duración es de diecinueve segundos. Si analizamos el enunciado, su contenido es banal: lo único que “dice” es donde se encuentra y que los elefantes son *cool* por sus trompas. Pero su enunciación es muy sofisticada: lo que está “diciendo” e, ante todo, *súbanlos este medio, porque ustedes son los verdaderos programadores de YouTube*, como lo expresa el *slogan broadcast yourself*.”

⁴² O texto em língua estrangeira é: “[...] *Me at the zoo* enuncia principalmente *broadcast yourself*: ‘aquí pueden publicar lo que deseen, *YouTube* es un medio abierto a tu disposición’.”

⁴³ O texto em língua estrangeira é: “La posibilidad de que cualquier usuario haga circular discursos que desea a nivel global, producidos por él mismo o no”.

⁴⁴ *YouTube About* disponível em <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/>.

⁴⁵ *YouTube: Our Brand Mission*, disponível em: <<https://youtu.be/kwmFPKQAX4g>>

Isto é o que acontece quando damos voz às pessoas. Uma oportunidade serem ouvidas. Um palco para serem vistas. [...] Faça o que fizer aqui pode tornar-se um êxito. Aquela pessoa que pensava não ser ninguém pode tornar-se alguém. Aquela voz que pensava não ter importância pode dar início a um movimento. Mesmo quando se sentir sozinho no mundo... aqui pode encontrar alguém igual a si (YOUTUBE, [s.d.], grifo nosso).

É interessante notar também a descrição de valores do YouTube, onde discursos sobre direitos e liberdades, como os direitos à comunicação, ao acesso à informação e liberdade de expressão e empoderamento, alinhados a uma perspectiva mais progressista, aparecem juntamente com o discurso do empreendedorismo, mais alinhado a uma perspectiva neoliberal.

Liberdade de expressão

Acreditamos que as pessoas devam ser capazes de se expressar livremente, compartilhar opiniões, promover o diálogo aberto, e que a liberdade criativa propicia o surgimento de novas vozes, formatos e possibilidades.

Direito à informação

Acreditamos que todos devam ter acesso livre e fácil às informações e que o vídeo tem grande influência na educação, na construção do entendimento e na transmissão de informações sobre acontecimentos no mundo, sejam eles grandes ou pequenos.

Direito à oportunidade

Acreditamos que todos devam ter a oportunidade de ser descobertos, montar um negócio e alcançar o sucesso de acordo com o próprio ponto de vista e que as pessoas comuns, não os influenciadores, decidem o que está em alta.

Liberdade para pertencer

Acreditamos que todos devam ser capazes de encontrar comunidades de suporte, eliminar obstáculos, ultrapassar as fronteiras e reunir-se em torno de interesses e paixões compartilhadas (YOUTUBE, 2019, grifo nosso).

O YouTube, na verdade, dá voz e imagem, seu aspecto mais importante, uma vez que o audiovisual é som e imagem. Ao mesmo tempo, a expressão “dar voz” sugere que a voz pertence ao Google, que a doa às pessoas, uma ideia um pouco controversa à mensagem de democratização da comunicação e liberdade de expressão descritas na missão. Um discurso mais coerente com essa proposta é o slogan *Broadcast yourself*, representado pelo nome da plataforma YouTube. “You” que significa você e “tube” que significa “tubo”, em referência ao tubo da televisão, ou “canal”, ou seja, “Você transmite” ou “Canal feito por você”, movimento observado no incentivo que a plataforma dá aos youtubers e expresso no trecho

“todos devem ter a oportunidade ser descobertos, montar um negócio e alcançar sucesso”. Desde dezembro de 2016, *youtuber* se transformou em um verbete no *Oxford English Dictionary*, que significa “um usuário frequente do site de compartilhamento de vídeos YouTube, especialmente alguém que produz e aparece em vídeos no site.

Atualmente ser *youtuber* é a profissão mais desejada de muitas crianças, adolescentes e jovens, o que antes foi ser médico, advogado ou jornalista. As crianças pedem aos pais que permitam a criação de um Canal na plataforma como um tipo de presente para que possam expor suas ideias e hobbies, os pais, por sua vez, escolhem determinada data ou idade para conceder esse “prêmio” ou “benefício”. Os canais infantis geralmente são monitorados pelos responsáveis, que inclusive participam ativamente da divulgação deles entre os amigos “Minha filha criou um canal no YouTube, segue ela lá. Ela já tem 30 seguidores”.

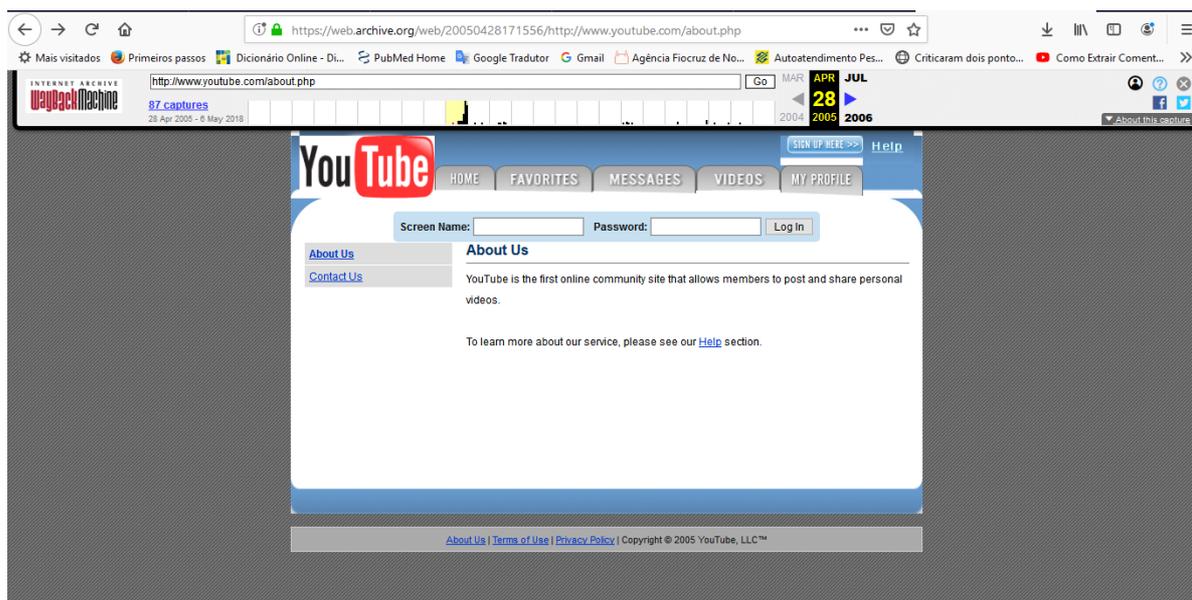
Acompanhando alguns desses canais é possível observar o domínio das crianças do que pode ser chamado de uma “linguagem *youtuber*”, uma forma de falar coloquial e ágil com muitas interpelações buscando sempre uma interação com o espectador e o tradicional pedido para seguir o canal e curtir o vídeo, o que mostra a preocupação e dependência das métricas quantitativas medidas de popularidade. Essas mudanças nas práticas sociais só salienta o aumento de importância da mídia na sociedade, uma forte evidência da *mediatização*.

E assim surge o YouTube para ser uma comunidade on-line onde os membros pudessem postar vídeos pessoais. Como se pode observar na figura 4, em 2005, a plataforma destacava o *ineditismo* da iniciativa. No início, eram vídeos curtos de até cinco minutos, cujas durações foram sendo aumentadas para 20 minutos até hospedar vídeos com duração superior a duas horas. Com o tempo, o site de compartilhamento de vídeos foi sendo apropriado e ressignificado pela sociedade e reconfigurando-se como um buscador de informação. Um estudo do próprio YouTube⁴⁶, baseado em pesquisas de opinião, confirma essa mudança onde 59% dos usuários acham que é melhor ficar atualizado pelo YouTube do que assistindo notícias⁴⁷; 46% concordam que assistem a programas de TV através do YouTube; 31% consideram a plataforma uma fonte de aprendizado e 77% concordam ao afirmar que encontram no *YouTube* conteúdos que não acham em outros lugares.

⁴⁶ YouTube Insights 2017 disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017>>. O estudo é baseado na Pesquisa Google e Reds com consumidores brasileiros on-line – maio de 2017.

⁴⁷ A pesquisa do YouTube não explicita que notícias sejam essas, tão pouco parece reconhecer os canais noticiosos que existem na própria plataforma.

Figura 4 – Página “Sobre”, YouTube, em 28 de abril de 2005



Fonte: Wayback Machine

A busca ativa por informação no YouTube remete a dois conceitos, “*push media* (‘mídia empurrada’): em que as mensagens vão a público, quer este as procure ou não e *pull media* (‘mídia puxada’): que serve aos que têm interesse ativo em buscar informações sobre determinado assunto)” (JENKINS, 2008 [2006], p. 278). O autor se referia às campanhas presidenciais, nas quais os candidatos, apesar de fazerem uso da internet para formar uma base eleitoral, dependiam diretamente da televisão para vencer as eleições. Apesar desse cenário ter mudado muito no Brasil e no mundo desde a publicação da obra, em 2006, o conceito permanece como uma forma de caracterização de mídia. A busca por informação em plataformas como o YouTube, que pode ser feita de qualquer lugar, mostra uma mudança de comportamento na sociedade midiaticizada ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade de circulação de discursos não dominantes, o que pode contribuir para não ampliar a hegemonia de certas perspectivas.

Ainda sobre a perspectiva da democratização da comunicação, há outras potencialidades de meios como o YouTube e portais de filmes como a Netflix, apesar de guardarem muitas diferenças como meios de comunicação e entre objetivos manifestos ou não em seus contratos fundacionais. Ambos funcionam como repositórios on-line via *streaming* (forma de transmissão digital onde o usuário só assiste se estiver on-line) de conteúdos audiovisuais, sendo que um é gratuito e outro não, “[...] graças a mídias como o YouTube e portais como a Netflix, explodiu, de maneira infinita, a possibilidade dos usuários acessarem

a esses discursos em casa de forma muito mais simples, grátis e sem limites de tempo.”⁴⁸(CARLÓN, 2016, p. 138).

Outra transformação ocorrida foi a de site de compartilhamento de vídeos pessoais para uma plataforma que abriga diversos “canais” que agregam conteúdos institucionais de empresas públicas e privadas, da sociedade civil organizada, de ONGs, de causas, de outros meios de comunicação, de celebridades e também de cidadãos de diversas idades. Jin Kim (2012) explora essa “institucionalização” do YouTube, que corresponde à mudança de conteúdos gerados por usuários (CGU), uma espécie de vila virtual, para conteúdos gerados por profissionais (CGP), após ter sido comprado pelo Google.

Além de concordar com a tese de Kim, Carlón avança para um importante ponto que ele chama de estratégias de *broadcast* dos amadores, “[...] evidente que o *YouTube* transbordou o seu contrato fundacional, mas também as incipientes estratégias de *broadcast* dos usuários.” (2016, p. 132, tradução nossa)⁴⁹. Mas, independentemente do tipo de conteúdo gerado, “[...] esta tese implica no *triunfo de estratégias de broadcast nos novos meios*” (CARLÓN, 2016, p. 132 grifos do autor, tradução nossa)⁵⁰. Aqui olha-se para o que há de novo nas mídias digitais percebendo as suas especificidades, que são as discontinuidades em relação aos meios tradicionais de comunicação de massa. Uma reflexão fundamental que acontece à luz do debate sobre o fim dos meios massivos.

*O que está acontecendo então? Não apenas as estratégias de broadcast [transmissão] sobrevivem, mas também são capazes de cooptar meios nascidos com contratos fundacionais muito diferentes, como o YouTube? Até onde este processo está sendo exitoso? E mais: O YouTube é hoje um meio massivo ou está caminhando para converter-se em um novo expoente dessa história, que ainda não se encerrou?*⁵¹ (CARLÓN, 2016, p. 132, grifos do autor, tradução nossa).

A principal problematização de Carlón (2016) refere-se ao debate entre a relação de evolução da narratividade televisiva e do YouTube; a do universo *broadcast* e a crise sistêmica

⁴⁸ O texto em língua estrangeira é: “[...] gracias a medios como *YouTube* y portales como *Netflix*, ha estallado hasta volverse casi infinita, y la posibilidad de los usuarios de acceder a esos discursos en el hogar se ha vuelto mucho más sencilla, gratis y sin límites horarios.”.

⁴⁹ O texto original em língua estrangeira é: “[...] evidente que *YouTube* ha desbordado no sólo la apuesta contenida em su relato y en su contrato fundacional sino, también, las incipientes estrategias *broadcast* de los usuarios.”.

⁵⁰ O texto em língua estrangeira é: “[...] esta tesis implica, en cierto nivel, el *triunfo de estrategias broadcast em los nuevos medios*.”.

⁵¹ O texto em língua estrangeira é: “¿*Qué es entonces lo que está sucediendo? ¿No sólo las estrategias broadcast sobreviven, sino que, además, son capaces de cooptar medios nascidos com contratos fundacionales muy diferentes, como YouTube? ¿Y hasta donde este proceso está siendo exitoso? Y además: ¿Es YouTube hoy un medio masivo o va camino em convertirse em un nuevo exponente de esa historia, que por lo tanto no se cerró?*”.

dos meios de comunicação de massa tradicionais; a convergência dos meios e o “fenômeno dos amadores”. Apesar do autor concordar com a ideia de estarmos vivendo uma era pós-TV, refuta a ideia de uma certa continuidade da televisão como a conhecemos (LOTZ, 2007), pois essa “perspectiva continuísta” não representa o alcance da emergência desse novo sistema de midiatização, que por sua vez só poderia ser conceituado a partir de uma “perspectiva rupturista”. “[...] este novo sistema estabeleceu uma mudança profunda tanto na discursividade como na circulação, incluindo neste último conceito não apenas a acessibilidade, mas também novas condições de produção dos ‘usuários’.”⁵²(CARLÓN, 2016, p. 136 tradução nossa).

Segundo Jin Kim (2012), o YouTube não deve ser pensado apenas com um meio revolucionário, mas também como evolucionário, uma vez que é influenciado pelas emissoras e audiências de TV, seja pelo gênero e estilo da programação televisiva como a própria lógica de canais e a periodização de conteúdos inéditos praticada por muitos canais, seja pela questão dos direitos autorais reivindicados pela plataforma e os anúncios.

Da perspectiva da transmissão convencional, o YouTube tem múltiplos significados: rival, novidade ou complemento. Da perspectiva dos negócios, especialmente em termos de violação de direitos autorais, o YouTube desafia a mídia antiga. Embora questões jurídicas e comerciais causem tensões entre as novas mídias e as mídias antigas, a nova estética e os aspectos técnicos do YouTube têm influenciado a transmissão tradicional. Além disso, o YouTube adota as regras do mercado, incluindo anúncios, que estão no cerne da transmissão comercial. Aqui, o YouTube imita a transmissão não apenas com seu método de conteúdo televisivo, mas também a transmissão como uma instituição que é monetizada por meio de anúncios. Nesse sentido, as redes não morrem; em vez disso, as antigas instituições de radiodifusão se transformam adotando tecnologias amigáveis à web ⁵³ (KIM, 2012, p. 62. tradução nossa).

Essa prática é identificada como o fenômeno de remediação (BOLTER; GRUSIN, 1999) ou referência à matriz da cultura televisiva (MARTÍN-BARBERO, 2015). Para Bolter e Grusin (1999), o significado cultural dos novos meios é atingido prestando homenagem aos

⁵² O texto em língua estrangeira é: “[...] este nuevo sistema ha establecido un cambio profundo tanto en la discursividad como en la circulación, incluyendo en este último concepto no sólo accesibilidad, sino también nuevas condiciones de producción de los ‘usuarios’”.

⁵³ O texto em língua estrangeira é: “From the perspective of mainstream broadcasting, YouTube has multiple meanings: rival, novelty or supplement. From the business perspective, especially in terms of copy- right infringement, YouTube challenges old media. Although legal and business issues bring about tensions between new media and old media, the new aesthetics and technical aspects of YouTube have influenced traditional broadcasting. Also, YouTube embraces the rules of the market, including advertisements, which lie at the core of commercial broadcasting. Here, YouTube imitates broadcasting not only with its method of televising content, but also broadcasting as an institution that is monetized through advertisements. In this sense, networks do not die; instead, the old broadcasting institutions transform themselves by adopting web-friendly technologies.”

meios antecedentes em um processo de remodelação dos conteúdos denominado *remediação*, uma relação semântica onde os novos meios dependem dos velhos. O que também remete ao movimento diacrônico entre Matrizes Culturais e Formatos Industriais presente no Mapa das Mediações de Jesús Martín-Barbero (2015).

O *YouTube* também pertence a um grande grupo de comunicação, o Google, fato que contribuiu para o sucesso e ampliação do alcance da plataforma. Aliás, como já sinalizou José van Dijck (2019), muitos dos setores sociais como transporte, saúde, educação, jornalismo têm se tornado quase inteiramente dependentes das infraestruturas digitais controladas por cinco grandes empresas de plataformas dos Estados Unidos: Google, Amazon, Facebook Apple e Microsoft. Não podemos perder de vista que a ascensão ao poder dos usuários comuns atende ao modelo de negócios do *Google*, que vê no cidadão comum um mercado consumidor e gerador receitas e assim o capitalismo se apropria da força de trabalho e lucra de forma quase que irrestrita. Esse modelo é praticado por várias empresas desenvolvedoras de aplicativos e plataformas, que investem no *yourself* para gerar divisas enquanto gerenciam virtualmente o negócio.

No entanto, a institucionalização do YouTube compromete o desempenho dos CGU, que apesar de não desaparecerem e continuarem a existir, assim como acontece com a contracultura e as mídias alternativas, ficarão cada vez mais marginalizados contradizendo o slogan *Broadcast yourself* (KIM, 2012, p. 62). Apesar dos enquadramentos impostos pelas dinâmicas comerciais e a rigorosa proteção de direitos autorais que reivindica direitos sobre sons e imagens disponibilizadas indevidamente nas produções audiovisuais publicadas na plataforma, o autor acredita no potencial do YouTube enquanto espaço midiático para amadores e realizadores independentes. Para isso, cita alguns exemplos de filmes independentes que tiveram a oportunidade de alcançar um público ampliado por conta do YouTube. Um deles refere-se ao documentarista e ativista de Robert Greenwald, que dividiu seu documentário em partes e publicou no YouTube para encurtar o tempo entre produção e distribuição e assim fazer o filme encontrar mais rapidamente o seu público. “Ao lidar com questões políticas como as eleições presidenciais de 2008 nos EUA, a guerra do Afeganistão e os preconceitos no canal Fox News, o canal de Greenwald no YouTube aproveita esse novo meio como uma eficiente janela criativa.”⁵⁴ (KIM, 2012, p. 63, tradução nossa).

⁵⁴ O texto em língua estrangeira é: “Dealing with such political issues as the 2008 US presidential election, the Afghanistan war and biases in the Fox News Channel, Greenwald’s YouTube channel has been capitalizing on this new medium as an efficient creative window.”

Outro exemplo citado pelo autor é o drama *Princess of Nebraska* (2007), de Wayne Wang, filme falado em inglês e mandarim que trata da questão do aborto. A distribuidora do filme, Magnolia Pictures, lançou o filme no YouTube mirando nas futuras vendas em DVD. A aposta da distribuidora era a de que poderia atrair mais espectadores com menos dinheiro resultando em maior interesse pelo DVD. O filme não alcançou o sucesso comercial, o que não significa que tenha fracassado. A produção conseguiu controlar as perdas financeiras sem ter gasto um milhão de dólares no lançamento e comercialização e ainda assim conseguiu ser vista por cerca de 250 mil espectadores no YouTube, a mesma audiência de outro filme da distribuidora, *A thousand years of good prayers* (2007), do mesmo diretor, que teve o lançamento comercial em cinemas de arte (salas de cinemas especializados em filmes artísticos e experimentais que não se enquadram apenas como entretenimento) (SICKLES, 2010). Em se tratando de audiovisual, a quantidade de público, seja nas salas de cinema ou nas salas de casa, é uma importante variável. O número de visualizações, assim como número de espectadores, é um importante medidores para aferir o sucesso de uma obra audiovisual na internet. Desprezar essa variável é ignorar um significativo elemento de análise da potencialidade de comunicação de um filme.

De todo o modo, o YouTube, o maior arquivo audiovisual da cultura contemporânea, é hoje um campo de tensões entre distintas culturas (CARLÓN, 2016) e aqui incluem-se vozes dominantes e periféricas, práticas e posicionamentos diversos.

[...] entendemos que a produção desencadeada por esse caminho deve ser abordada de uma perspectiva antropológica e [...] interpretada no contexto da *disputa sobre o poder* dado aos usuários comuns da possibilidade de [...] circular discursos em espaços públicos da mesma forma historicamente realizada (e ainda se faz hoje) por figuras públicas e grandes emissores institucionais. Portanto, se o *YouTube* é, desde o seu contrato fundacional, um novo meio, radicalmente diferente dos históricos meios de comunicação de massa, é porque *broadcast yourself* encarna a novidade que a ascensão dos sujeitos na história da mediatização trouxe consigo discurso⁵⁵ (CARLÓN, 2016, p. 141, grifos do autor, tradução nossa).

Para Kim (2012, p. 64), a potencialidade do YouTube ser um grande arquivo audiovisual foi perdida quando a plataforma foi “domesticada” em um canal de retransmissão

⁵⁵ O texto em língua estrangeira é: “[...] entendemos que la producción que esta vía desencadenó debe ser abordada desde una perspectiva antropológica, [...] e interpretada en el marco de la *disputa sobre el poder* que ha dado a los usuarios comunes la posibilidad de hacer circular discursos en los espacios públicos de modo semejante a como lo hecho históricamente (y lo hacen aún hoy) las figuras públicas y los grandes emisores institucionales. Por eso, si *YouTube* es, desde su proyecto fundacional un medio nuevo, radicalmente distinto de los históricos medios masivos, es porque *broadcast yourself* encarna la novedad que el ascenso de los sujetos en la historia de la mediatización trajo consigo.”

comercializado e dominado por conteúdos produzidos por profissionais (CGP) e assim foi a perda também a possibilidade de ser a perfeita videoteca, em alusão *A biblioteca de Babel*, conto de Jorge Luis Borges. No conto, o autor sugeriu a a ideia de uma biblioteca digital on-line. A perfeita biblioteca de Babel, além de ser expressa em todas as línguas, não teria nenhum problema pessoal ou mundial que não tivesse uma solução.

O YouTube pode ter melhorado tecnologicamente, mas, assim como as dúvidas sobre a Internet como uma 'biblioteca total' continuam, ainda restam perguntas sobre o YouTube como um repositório de vídeo estável. Às vezes, os usuários desativam clipes, por conveniência de gerenciar clipes ou por violação de direitos autorais. Não é uma experiência incomum para os usuários perceberem que os vídeos que assistiram acabaram. A confiabilidade do YouTube como uma biblioteca on-line estável é enfraquecida pela aplicação severa de direitos autorais e por caprichos dos usuários. As complicações legais assombram os serviços de vídeo on-line, enquanto os fatores de publicidade limitam o gênero de clipes no YouTube⁵⁶ (KIM, 2012, p. 65).

No entanto, o poder do YouTube não tão é novidade se pensarmos na história “curta” e recente de outras mídias digitais como blogs, sites de redes sociais e até o próprio e-mail, mas é sim se consideramos a história “longa” da midiatização audiovisual (CARLÓN, 2016, p. 141). Essa inovação pode ser comparada à *revolução digital*, conjunto de práticas que possibilitaram a mudança das tecnologias analógicas para digitais, que no campo do audiovisual se deu com a introdução e popularização do vídeo digital, que barateou e democratizou as formas de produção. Inclusive, a revolução digital impactou diretamente os documentários (LABAKI, 2005) contribuindo com o aumento da produção de filmes do gênero.

Mas ainda assim, a exibição e distribuição de filmes, sejam eles em TV ou em salas de cinema, sempre foi um gargalo. Dessa perspectiva, *Broadcast yourself* é também uma “revolução”, mas agora no âmbito da circulação de audiovisuais, cujo acesso sempre foi restrito aos cidadãos comuns e controlado por grandes grupos de comunicação.

“Publique o que quiser, escolha o que deseja publicar e o que deseja ver, quando quiser, na qualidade que desejar”. De alguma forma, eles nos dizem: até agora, outros decidiam que discursos circulavam, quando e a que horas. Agora é você quem pode tomar essas decisões: *tome o poder na circulação*

⁵⁶ O texto em língua estrangeira é: “YouTube might have improved technologically, but just as doubts about the internet as a ‘total library’ continue, questions about YouTube as a stable video repository remain. Users sometimes take down clips, either for the convenience of managing clips or because of copyright infringement. It is not an unusual experience for users to realize that the videos they watched are gone. The reliability of YouTube as a stable online library is weakened by severe application of copyright as well as users’ whims. Legal complications haunt online video services, while advertising factors limit the genre of clips on YouTube.”.

discursiva. Nem mais, nem menos. Por isso, *YouTube* é tanto um sintoma do fim dos meios massivos como a origem de uma nova era (CARLÓN, 2016, p. 141 grifos do autor, tradução nossa).

O YouTube carrega em si a essência da internet, que começou pessoal, tornou-se pública e depois comercial (KIM, 2012, p. 65). O contrato fundacional do YouTube foi rompido ao deixar de ser um site de compartilhamento de vídeos pessoais produzidos por usuários, “a transmissão tradicional reagiu com estratégias institucionais, incluindo proteção de direitos autorais e anúncios.”⁵⁷ (KIM, 2012, p. 65). No entanto, é preciso refletir se tudo está realmente perdido e que contraestratégias foram produzidas pelos usuários que também cooptam o “mercado” em prol de suas causas. Para Castells, o “YouTube tem sido uma das ferramentas mais eficientes de mobilização nos estágios iniciais dos movimentos [sociais].” (2015, p. 50) e, embora eles sejam baseados no espaço urbano por meio de ocupações ou manifestações, é na internet que têm a sua existência definitiva (2015, p. 48).

O documentário *O veneno está mesa* (2011), dirigido por Silvio Tendler, que em um dos canais onde está disponibilizado conta mais 600 mil visualizações, é um exemplo. A realização e disponibilização do filme no YouTube foi uma estratégia de comunicação adotada pela Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos para dialogar com diversos públicos, com quem é consumidor dos alimentos e vive nas cidades, e com quem trabalha no campo. A campanha é formada por um coletivo de movimentos sociais, instituições, entidades ambientalistas e organizações e membros da sociedade civil. Outra estratégia de mobilização foi contratar um renomado e premiado documentarista brasileiro para a realização do filme, assim como ter reunido depoimentos de formadores de opinião como o jornalista e escritor Eduardo Galeano, fatores que contribuíram com a grande repercussão do documentário e com a produção da sequência *O veneno está na mesa* (2014), do mesmo diretor.

A discussão de Jin Kim talvez represente um retrato de 2012, quando o artigo foi escrito. Não há como afirmar que YouTube teremos nos próximos anos, mas certamente este de 2019-2020, ao qual esta pesquisa se refere, não é mais o mesmo de 2012 e certamente não será o mesmo de daqui há alguns anos se a plataforma ainda existir. A institucionalização do YouTube é uma perspectiva relevante e um movimento que aconteceu também com outras mídias sociais como o Facebook e o Twitter, embora a profissionalização dos usuários, individuais ou coletivos, também seja um movimento que precisa ser observado. De todo modo, entender o YouTube como umas das consequências da evolução e não da revolução da

⁵⁷ O texto em língua estrangeira é: “[...] yet traditional broadcasting struck back with institutional strategies, including copyright protection and advertisements.”

cultura da internet parece desprezar o que há de novo na plataforma e as potencialidades por ela permitida, embora o autor tente um conciliação ao dizer que “YouTube representa a coexistência dos sistemas antigo e novo.”⁵⁸ (KIM, 2012, p. 65). Talvez a perspectiva de Carlón traga mais elementos para olharmos o que há de novo nas “novas mídias”, não desprezando que elas são e sempre serão continuidades e descontinuidades em relação aos outros meios e entendendo a comunicação em sua processualidade e não em módulos separáveis e isoláveis de análise.

2.2 O PARADIGMA DA AUTOCOMUNICAÇÃO DE MASSA

Carlos Alberto Scolari (2009) divide a discussão acadêmica sobre o que ele chama de comunicação digital na década de 1990 em dois grupos: os críticos às “novas” mídias e os simpatizantes. Aos críticos, cabiam o papel de enfatizar as continuidades das tecnologias de informação e comunicação (TIC) em relação aos meios de comunicação de massa no que tange os interesses econômicos, imperativos políticos e valores culturais. Aos simpatizantes, cabiam o papel de reconhecer as descontinuidades das mídias digitais e o seu papel revolucionário na criação de uma sociedade mais democrática e igualitária.

As primeiras conversações sobre as mídias digitais vieram com que se denominou Cibercultura a partir da década de 1990. Imbuídos de otimismo, os autores filiados a essa corrente de pensamento acreditavam na capacidade emancipatória das mídias digitais. Em geral os estudos, com foco nas comunidades virtuais e identidades on-line, eram descritivos e dualistas entre as visões apocalípticas, que determinavam o fim dos meios de comunicação de massa e as visões integradas, que viam no ciberespaço um novo lugar da sociedade capaz de promover a participação democrática e reduzir as desigualdades (SCOLARI, 2009).

Nos anos 2000, surge outra corrente chamada de Estudos de Internet (*Internet Studies*) com uma perspectiva interdisciplinar, onde os pesquisadores começam a explorar fora da própria área da qual eram oriundos, migrando para áreas como ciência da computação, design de interface, usabilidade, análise visual e de redes. A essa corrente se filia uma perspectiva metodológica chamada de *Digital Methods Initiative* (DMI)⁵⁹, de um grupo de pesquisa em Estudos da Internet formado por pesquisadores de mídias digitais que projetam métodos e ferramentas, de forma colaborativa e de acesso livre, para adaptar dispositivos e plataformas

⁵⁸ O texto em língua estrangeira é: “YouTube represents the coexistence of the old and new systems.”.

⁵⁹ Todos os métodos e ferramentas do DMI estão disponíveis no site:

<<https://wiki.digitalmethods.net/Dmi/DmiAbout>>

on-line, como Google, YouTube, Facebook e Twitter, para pesquisas sobre questões sociais e políticas. Esses métodos serão aprofundados mais adiante.

A discussão teórica sobre as mídias digitais por algum tempo foi baseada nas teorias de comunicação de massa, que evidentemente não deram conta das especificidades dos meios que não se baseiam mais numa lógica de comunicação de massa de um para muitos, mas numa comunicação de muitos para muitos. Quais são as características das mídias digitais? Digitalização? Interação? Virtualização? Convergência? Hipertextualidade? Para alguns autores, como Gustavo Cardoso (2010), o modelo baseado na comunicação em massa foi superado pelo modelo de comunicação em rede, onde os usuários têm a capacidade de interferir no sistema midiático, mudando a lógica transferencial para uma lógica de compartilhamento de informação produzida por diversas fontes em um sistema midiático organizado em rede. O modelo é definido por três características principais: “1) processos de globalização comunicacional; 2) ligação em redes de mídia de massa e interpessoais e, conseqüentemente, mediação em rede; e 3) diferentes graus de uso da interatividade.” (CARDOSO, 2010, p.24-25).

No entanto, é importante de destacar que a superação de um determinado modelo de comunicação não significa a sua descontinuidade, mas que um modelo se tornou hegemônico em detrimento de outros. Os modelos de comunicação baseados em meios de comunicação de massa e o modelo de comunicação em rede continuam existindo concomitantemente na sociedade midiaticizada. A ruptura se dá pelo aumento de importância da comunicação na sociedade, que expande a noção de centralidade e no potencial democrático das mídias digitais.

[...] a difusão de redes de comunicação horizontal e os múltiplos pontos de entrada no sistema de comunicação local/global modificaram profundamente a prática de poder em várias dimensões institucionais e sociais, aumentando a influência da sociedade civil e de atores sociopolíticos não institucionais na forma e na dinâmica política das relações de poder (CASTELLS, 2015 [2009], p. 33–34).

Nesse sistema midiático, formatos analógicos e digitais de mídia são articulados diversificadamente ao mesmo tempo em que o acesso às mídias é facilitado e estruturado em torno de dois nós principais: um centrado na baixa interatividade, materializado pela televisão, e outro centrado na centrado na alta interatividade, materializado pela internet (Web 2.0) (CARDOSO, 2010, p. 42). O primeiro nó reconhece a interatividade como a relação entre comunicadores e as mensagens trocadas, denominada abordagem comunicacional (KIM; SAWHNEY, 2002, p. 219), onde incluem-se a carta do leitor, ligações para um programa de

televisão e mensagens eletrônicas. Em outras palavras, a mídia interativa seria aquela que possibilita a troca interpessoal a partir de canais de comunicação. O outro nó compreende a interatividade como o ato de participar e modificar os conteúdos e formas da mídia em tempo real, correspondendo à abordagem ambiental (KIM; SAWHNEY, 2002, 219). Ambas as abordagens não dão conta de uma definição satisfatória, mas contribuem para um entendimento de que a internet viabiliza uma interatividade mais “participativa”, se assim é possível dizer.

A Web 2.0 favorece a interação pelas mídias digitais como o *YouTube*, dando origem a novos paradigmas comunicacionais como: ”1) retórica majoritariamente construída em volta da imagem em movimento; 2) novas dinâmicas de acessibilidade da informação; 3) utilizadores⁶⁰ como inovadores; e 4) inovação nos modelos de notícias e de entretenimento.” (CARDOSO, 2010, p. 24). Essa discussão se aproxima dos conceitos de cultura participativa e cultura da conexão discutidos por Jenkins, Green e Ford (2014). O conceito “cultura participativa” foi cunhado em 1992, por Henry Jenkins, para definir a produção cultural e as interações sociais dos fãs e foi evoluindo para se referir aos diversos grupos que atuam na produção e distribuição de mídia para atender seus interesses coletivos. Já na “cultura da conexão” o público deixa de ser visto como mero consumidor de mensagens, para ser visto enquanto “pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos da mídia” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 24).

O conceito de cultura da conexão traz uma atualização interessante ao destacar o compartilhamento de conteúdos. Desloca a participação, comumente identificada na produção, para a instância de circulação, muito por conta do entendimento que possuem da internet enquanto “um padrão de comunicação interpessoal aberta o mundo, isto é, com caráter de massa” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 8). Os autores também fazem uma importante reflexão sobre as mediações sociotécnicas, argumentando que não é somente por conta das tecnologias de mídia, que facilitam o compartilhamento informal e instantâneo, que os conteúdos circulam. As recomendações boca a boca e o compartilhamento de conteúdos de mídia como os recortes de jornal são práticas antigas que sempre mobilizaram as pessoas.

Talvez nada seja mais humano do que dividir histórias, seja ao pé do fogo ou em “nuvem”, por assim dizer. Todos devemos tomar cuidado para não supor que meios mais participativos de circulação possam ser explicados exclusivamente (ou mesmo basicamente) por esse surgimento da infraestrutura tecnológica, ainda que essas novas tecnologias desempenhem

⁶⁰ O autor usa o termo utilizadores para se referir aos usuários de internet.

um papel crucial na viabilização das mudanças [referem-se às mudanças no ambiente midiático por conta das mídias propagáveis] (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 25).

A propagabilidade “se refere ao potencial – técnico e cultural – de os públicos compartilharem conteúdos por motivos próprios, às vezes com a permissão dos detentores dos direitos autorais, às vezes contra o desejo deles.” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 26). Segundo os autores, esses recursos técnicos facilitam a circulação de conteúdos em relação a outros e às estruturas econômicas que permitem ou restringem a circulação. Lembrando que esses próprios recursos são de tecnologias midiáticas de empresas privadas, grandes conglomerados de comunicação, que também enxergam na propagabilidade uma estratégia de ampliação do mercado consumidor.

A abordagem dos autores também não conjectura que as pessoas estariam agora livres de antigas limitações com as tecnologias de mídia, pelo contrário,

[...] sugere que as facilitações da mídia digital funcionam como catalisadoras para a reconceituação de outros aspectos da cultura, exigindo que sejam repensadas as relações sociais, que imaginemos de outro modo a participação cultural e política, que as expectativas econômicas sejam revistas e que se reconfigurem as estruturas legais (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 25).

Em se tratando de YouTube, a propagabilidade é um recurso fundamental que reconfigura práticas sociais de se ver, produzir e compartilhar filmes e vídeos, um fenômeno possível de ser observado por pessoas de gerações anteriores ao advento da plataforma. Jenkins, Green e Ford (2014) sistematizam algumas características do conceito que ajudam a compreender aspectos estruturantes da plataforma de vídeos. Os autores fazem uma comparação com o conceito de aderência de Malcolm Gladwell (2009), aquilo que gruda, que significa o imperativo de criar conteúdos que atraiam a atenção da audiência provocando um forte engajamento capaz de motivar as pessoas a compartilharem. O termo é mais voltado para o ambiente comercial. A comparação feita pelos autores aproxima-se da perspectiva de *Critical Analytics*, de Richard Rogers (2018), que questiona os aspectos meramente quantitativos para análise das mídias digitais.

Ao todos são oito características comparáveis de aderência *versus* propagabilidade (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 28–31), mas apenas quatro podem ser associadas ao YouTube contribuindo para melhor compreensão das especificidades da plataforma. São elas:

- 1) “migrações de indivíduos *versus* fluxos de ideias”: enquanto a aderência se volta para a contagem de membros isolados da audiência, a

propagabilidade admite a relevância das conexões sociais entre os usuários, amplificadas e visibilizadas pelas mídias sociais, ainda que possam ter “mensurações quantitativas de frequência e amplitude dos deslocamentos de conteúdo” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 29);

- 2) “material centralizado versus material disperso”: a aderência coloca o conteúdo em um local centralizado mantendo o usuário preso para que possa se beneficiar dos parâmetros analíticos do site, a propagabilidade enfatiza o compartilhamento como os códigos *embedded* do *YouTube*, que por meio de um código HTML (linguagem utilizada para o desenvolvimento de sites) permite a incorporação de conteúdo de terceiros em sites, blogs e mídias sociais. O termo em inglês *embed* (incorporar) gerou o neologismo “embedar”, que significa incorporar conteúdo;
- 3) “canais escassos ou finitos versus uma miríade de redes temporárias (e localizadas)”: a aderência implica na limitação e controle do conteúdo mantendo a lógica de radiodifusão de um para muitos onde os canais competem entre si pela audiência, o modelo de propagabilidade supõe que qualquer conteúdo possa ser circulado, por meio dos canais existentes, “com o potencial de movimentar a audiência de uma percepção periférica do conteúdo para um engajamento ativo” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 30). Como exemplos a Netflix, uma provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming* onde o conteúdo é selecionado pela empresa ou produzido por ela própria e o YouTube onde qualquer pessoa pode produzir e publicar seu material audiovisual.
- 4) papéis separados e distintos versus colaboração através de papéis: no modelo de aderência os papéis de quem produz, divulga e espectador são bem definidos, no modelo de propagabilidade esses papéis se confundem, muitas vezes estando em perfeita colaboração.

Na perspectiva da Comunicação e Saúde o termo comunicação em rede não implica necessariamente no uso da internet e sim antagoniza o modelo de comunicação linear, bipolar e unidirecional peculiar dos modelos de comunicação baseados em meios de comunicação de massa como jornal, rádio e TV (ARAUJO; CARDOSO, 2007; CARDOSO; LERNER, 2009). Para as autoras, a comunicação em rede seria uma trama formada por fios que correspondem à diversas vozes sociais que circulam em várias direções conduzido múltiplos discursos, que

por sua vez se apropriam de outros discursos circulantes (CHARAUDEAU, 2006), temas recorrentes que são propagados dentro do campo social.

De todo modo, não há uma incompatibilidade entre os dois conceitos, para Cardoso (2010), independentemente das mudanças tecnológicas, o fator mais importante para a superação do modelo de comunicação baseado em meios de comunicação de massa é a forma como os usuários da internet se apropriam socialmente da mídia. Dessa forma, a internet pode possibilitar a participação dos usuários não apenas como destinatários, mas como interlocutores, o que implica, de um lado, no acesso a meios, canais e espaços de fala e, de outro, na existência de canais e espaços de escuta (ARAUJO; CARDOSO, 2007) ainda que as relações de saber e poder não tenham as mesmas condições.

As desigualdades, hierarquias, hegemonias e a diferenciação das posições discursivas se reproduzem na internet e são cada vez mais moduladas pelo Google por meio dos algoritmos (sequência finita de ações executáveis para a solução de um determinado problema) mostrando o impacto das mediações sociotécnicas. Ainda assim, é preciso reconhecer que no modelo de comunicação em rede, os usuários podem interferir com maior facilidade no sistema midiático. “Em vez de difusão de informação, tem-se agora informação compartilhada e gerada por múltiplas fontes, que operam em rede [...] A nova estrutura, na verdade, articula de modo diverso esses antigos formatos e ao mesmo tempo facilita o alcance de outros.” (NOGUEIRA, 2010, p. 8).

Com a informação sendo gerada por múltiplas fontes, os cidadãos tornam-se produtores de conteúdo em potencial, gerando notícias e publicando os questionamentos sobre as notícias produzidas. “[...] o papel exercido pelos meios passa a ser desempenhado também por outros atores, transformando a rotina de pessoas e instituições. A comunicação deixa de ser problema dos meios para ser problema da sociedade” (FAUSTO NETO, 2012, p. 20)”. A prática jornalística passa a ser compartilhada com diversos atores sociais e assim enfraquece-se o poder de mediação do jornalismo, que vem sofrendo inúmeros golpes como a não obrigatoriedade do diploma para o exercício da atividade profissional. A essa capacidade do cidadão comum de falar às massas, Manuel Castells chama de “autocomunicação de massa” (2007, 2015[2009]), que seria uma combinação de uma entrega descentralizada e um controle centralizado criando uma forma de comunicação historicamente nova, um novo paradigma comunicacional.

É comunicação de massa porque tem o potencial de atingir um público global, como é o caso de um vídeo divulgado no YouTube, um blog com links RSS para várias fontes na internet, ou uma mensagem para uma lista

gigantesca de e-mails. Ao mesmo tempo, é autocomunicação porque a produção da mensagem é autogerada, a definição do(s) receptor(es) potencial (ais) é autodirecionada e a recuperação das mensagens específicas, do conteúdo da World Wide web (www, a rede de alcance mundial) e de rede eletrônicas de comunicação é autosselecionada. As três formas de comunicação (interpessoal, comunicação de massa e autocomunicação de massa) coexistem, interagem e se complementam em vez de se substituírem (CASTELLS, 2015 [2009], p. 102).

Segundo o Castells (2015 [2009]), a autocomunicação de massa possibilitada pelas mídias sociais criam novas possibilidades de mobilização e organização para os movimentos sociais e indivíduos, aumentando as oportunidades de mudança social e fortalecendo o que ele chama de contrapoder. Aliás, toda a análise do autor é baseada na relação entre poder e contrapoder “(o poder vem amplamente das instituições; o contrapoder, da sociedade civil) (CASTELLS, 2015 [2009], p. 34). Mas é importante destacar que o conteúdo e o objetivo da mudança social não são definidos. “As pessoas, ou seja, nós mesmos, somos ao mesmo tempo anjos e demônios e, por isso, nossa maior capacidade de atuar na sociedade irá simplesmente projetar abertamente quem de fato somos em cada contexto temporal/espacial.” (CASTELLS, 2015 [2009], p. 26).

No entanto, para alguns autores, o empoderamento dos sujeitos no sistema midiático contemporâneo e o uso das redes sociais on-line precisam ser analisados com menos euforia e mais prudência. Muniz Sodré, por exemplo, ressalta que a força virtual das TIC não é garantia de uma manifestação real da participação dos cidadãos na tomada de decisões. “[...] o encolhimento do Estado e a dissolução progressiva do espaço público [...] concomitantes à expansão do mercado, confirmam o enfraquecimento da esfera em que se desenvolve a cidadania.” (2011, p.4). O que vemos é a transformação do cidadão em consumidor, cujo papel social não é mais lutar por todos os indivíduos e bens sociais, mas sim o de exigir seus direitos ou a garantia para o grupo que pertence. Por isso, Sodré justifica que ainda não é possível enxergar, com a rede, uma comunicação que tenha como objetivo o bem comum (2011b, não paginado).

De todo modo, o processo comunicacional ganha novas nuances na sociedade mediatizada. O potencial dialógico das tecnologias de informação e comunicação, que muitas vezes convergem várias mídias, permite um fluxo comunicacional em múltiplos sentidos ampliando as formas de mediatização. São tantas TIC, tantos *gadgets*, que Sodré acha mais apropriado chamar a sociedade contemporânea de *sociedade dos objetos*. Para ele, a internet e as TIC colocam em crise a identidade do jornalista como mediador. A mediação, antes feita

por pessoas, é hoje feita por máquinas. “Entre mim e você, na internet, há uma mediação, como no caso do telefone. É uma interação de natureza técnica.” (SODRÉ, 2012, p. 10).

Thiago Salgado (2016) reflete sobre as implicações da inserção das mediações sociotécnicas nos estudos de midiatização, que vem sendo pouco discutida pelas pesquisas na área. Entendendo o social cada vez mais midiatizado e as humanidades cada vez mais digitais, o autor investiga as maneiras pelas quais os atores não humanos medeiam os processos de midiatização. O constante e diversificado uso das mídias digitais e práticas rotineiras cada vez mais atreladas às operações computacionais se configuram como processos de mútua afetação entendidos com mediação pela Teoria Ator-Rede (TAR) (LATOURETTE, 2012).

Por sua vez, os processos de midiatização por mediações sociotécnicas são intensificados pelas possibilidades de circulação de conteúdos entre os meios pela dinâmica intermídia e a participação dos usuários no compartilhamento dos conteúdos on-line. Para Salgado (2016), essa circulação e acesso aos conteúdos está intrinsecamente ligada à ação algorítmica e às *affordances midiáticas*, que correspondem às capacidades de ação de um meio ou objeto como os botões de compartilhamento, as formas de incorporação (*embed*) em outros sites, o emprego de *hashtags* (#) para indexação de temas ou citação de outro perfil com o uso do “arroba” (@). “Esse conjunto de ações só é possível porque os meios utilizados oferecem condições para que essas ações sejam feitas. Os próprios meios (as empresas) reformulam suas *affordances* (layout e botões) de acordo com as ações dos usuários” (SALGADO, 2016, p. 1164).

Valendo-se de visualizações, comentários, curtidas (*likes*), não gostei (*dislikes*) e compartilhamentos (*shares, retweets*), os algoritmos do *YouTube*, do *Facebook*, do *Twitter*, do *Instagram*, entre outros meios, medeiam o [que] devemos ver e consumir, recomendando conteúdos embasados em postagens de outras pessoas que curtimos, comentamos, visualizamos e compartilhamos. Ao mesmo tempo que tornam visíveis conteúdos, as fórmulas matemáticas desses meios tornam pouco visíveis outros, uma vez que não tenhamos realizado nenhuma ação em relação à ação de recomendação algorítmica. [...] A mediação não humana é, nesse sentido, conjugada à mediação humana, por isso mediação sociotécnica (SALGADO, 2016, p. 1163).

Os meios oferecem condições para que as *affordances* midiáticas sejam realizadas e as reformulam constantemente de acordo com as ações dos usuários, que por sua vez são modificadas a partir das novas *affordances*. Da mesma forma acontece com os algoritmos que são aprimorados de acordo com tais ações. As plataformas, como toda tecnologia, não são neutras e nem livres de valor.

Elas vêm com normas e valores específicos inscritos em suas arquiteturas. Estas normas podem ou não conflitar com os valores fixados nas estruturas sociais, onde as plataformas competem para vir a ser implementadas. A dataficação e a mercantilização estão enraizadas nos princípios neoliberais do capitalismo dos Estados Unidos. Os dados são recursos transformados em mercadorias pelo processamento algorítmico (VAN DJICK, 2019).

Em um processo recíproco e contínuo mediado por atores humanos e não humanos que transformam e alteram sentidos, os meios “são mais que suportes; são ambiências de mediação que integram processos de mediação em associação com os humanos.” (SALGADO, 2016, p. 1165). A proposta dos métodos digitais é *seguir* os meios em que se pesquisa, pesquisar *com* eles, abordagem que veremos a seguir, entendendo-os enquanto mediadores, atentando para as suas especificidades e as ofertas de ações aos usuários e algoritmos e recorrer às próprias condições que os meios oferecem para pesquisá-los. Com o crescente uso das mídias digitais, aspecto fortemente ligado à mediação, torna-se mais claro o quanto as humanidades e comunicação são sociotécnicas.

2.3 DIGITAL METHODS E MÉTRICAS CRÍTICAS E DE VAIDADE

Em um texto fundador que inicia o livro *Digital Methods*, publicado em 2013 pelo MIT Press, Richard Rogers⁶¹ propõe uma nova vertente de estudos, os métodos digitais, que pensa em uma nova relação entre a internet e o que a baseia, “uma prática de pesquisa que aprenda com os métodos dos dispositivos on-line, readapte-os e busque fundamentar afirmações sobre a mudança cultural em dados web, introduzindo o termo “fundamentação em dados on-line” (*online groundedness*).” (2016 [2013], p. 2). Para o autor, tantos os métodos virtuais quanto os estudos de usuários nas ciências humanas e sociais têm dado pouca atenção aos dados extraídos dos meios e às possibilidades de pesquisa além da cultura on-line uma vez que, baseado nas descrições, privilegiam a observação, as entrevistas e os questionários. Os questionamentos de pesquisa não estariam mais em quanto as pessoas e a cultura estão on-line, mas no diagnóstico das mudanças culturais e condições sociais por meio da internet.

O ponto de partida conceitual é o reconhecimento de que a internet não é simplesmente um objeto de estudo, mas também uma fonte para os estudos. O conhecimento pode ser construído, então, com base em dados coletados e analisados por dispositivos, como os mecanismos de busca (ROGERS, 2016 [2013], p. 5).

⁶¹ A tradução utilizada foi realizada pelos pesquisadores Carlos d’Andréa e Tiago Barcelos Salgado do Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermediáticas (NucCon), vinculado ao Centro de Convergência de Novas Mídias (CCNM/UFMG).

A abordagem inicial dos métodos digitais baseia-se em seguir o meio, que seria uma forma particular de pesquisar as especificidades dele tanto pelo método de estudo quanto aos métodos do meio (ROGERS, 2016). O que significa também entendê-lo como instável e não tentando estabilizá-lo. Além da preocupação em conservação dos dados adquiridos, seja por meio de captura de sites ou arquivamento de dados, é preciso estar atento às atualizações e mudanças do meio. Rogers segue adiante com a virada metodológica proposta por Lev Manovich (2013), que se concentrou nos sistemas de recomendação dos conteúdos digitalizados, propondo direcionar a discussão aos conteúdos digitais, “os pouco questionados métodos da web são dignos de estudo, tanto em si, quanto nos efeitos que espalham por outras mídias” (2016, p. 12). Essa perspectiva de seguir o meio faz uma associação com a Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012), onde o autor destaca a importância de se desvelar o papel da técnica⁶² para compreendê-la e estudá-la.

Em uma pesquisa sobre o estabelecimento de *links* entre tipos de domínios Rogers (2016) localizou tendências que revelam uma “política de associação do cotidiano” ou “micropolítica dos hiperlinks”. De acordo com o estudo realizado, governos se *linkavam* com outros sites governamentais; sites não governamentais faziam links com uma variedade de sites, inclusive sites que faziam críticas a eles; sites corporativos, por sua vez, não faziam links com outros sites, exceto de seus coletivos como sites de comércio industrial e os sites acadêmicos e educacionais faziam links com iniciativas desenvolvidas por eles ou parceiros. “Ao caracterizar um ator de acordo com os *links* de entrada e de saída, nota-se que há alguma divergência quanto aos padrões e, mais genericamente, se links particulares que são recebidos falam pela reputação de um ator.” (ROGERS, 2016, p. 15).

Roger (2016) explora algumas possibilidades de estudos a serem feitos usando os dados do meio como o *Wayback Machine* do *Internet Archive* (<https://archive.org/web/>), iniciativa da qual o grupo de pesquisa dos métodos digitais faz parte e que utilizamos para recuperar a primeira versão do YouTube. Por meio desse site é possível acompanhar a evolução de uma página, ou de várias, ao longo do tempo, a partir da data em que começou a ser indexada. O autor cita como exemplo acompanhar os artigos “mais enviados” ou “mais compartilhados” da versão on-line do jornal *The New York Times*, que derivam de um sistema de recomendação para navegar pelas notícias. “O impacto dos sistemas de recomendação –

⁶² Muitos estudos sobre as tecnologias digitais e redes sociais on-line usam a Teoria Ator-Rede, mas Bruno Latour fala da importância de desvelar a técnica, que vai desde um ritual Maori dos índios do Xingu aos supercomputadores. O importante para o autor é a o entendimento do meio, qualquer que seja, digital ou não.

o meio dominante pelo qual a informação e o conhecimento são ordenados – pode também ser estudado por meio das expectativas dos usuários.” (ROGERS, 2016, p. 18). Outro exemplo se refere aos resultados da busca do Google, “os mecanismos de busca, um ponto de entrada crucial na web, são máquinas epistemológicas na medida em que rastreiam, indexam, armazenam em cache e, em última instância, ordenam o conteúdo.” (ROGERS, 2016, p. 20–21). Parei aqui

Em relação às fontes de informação, algumas são centrais na internet recebendo mais links e visitas, “seguindo o princípio de que o rico fica mais rico” (ROGERS, 2016, p. 22). É como opera o algoritmo PageRank. O PageRank⁶³ calcula a importância de uma página a partir da quantidade, qualidade e contextos de links que a página recebe. Por exemplo, as minhas amigas disseram em suas redes sociais on-line que um documentário que eu realizei era um excelente filme, mas a crítica delas não é relevante pois elas não têm legitimidade no campo do audiovisual. Ao passo que se um documentarista renomado como o João Moreira Salles disser que é um excelente filme ou se houver uma crítica positiva em um jornal de grande circulação a importância da obra aumenta pelo contexto em que se insere. A lógica do algoritmo remete ao modelo do mercado simbólico, onde os interlocutores ocupam posições diferenciadas e seus lugares de interlocução impactam na comunicação a ser realizada. Para o Page Rank, o conteúdo tem maior ou menor relevância dependendo de onde for citado.

A argumentação de Rogers em relação aos métodos digitais baseia-se no fato de que é possível aprender a partir dos métodos utilizados nos meios, “movendo a discussão da teoria sobre as especificidades dos meios de uma ontologia (propriedades e características) para uma epistemologia (método).” (2016, p. 30). Essa diferenciação no método pode, por exemplo, gerar resultados significativos como a redução de esforço no arquivamento de páginas da internet fazendo uso de uma ferramenta como a do projeto *Internet Archive*, como ele exemplifica. Mas a mudança mais substantiva na abordagem da pesquisa com os métodos digitais reside no deslocamento proposto “na medida em não se trata tanto de pesquisar a internet e seus usuários, mas sim estudar a cultura e a sociedade *com* a internet.” (ROGERS, 2016, p. 30, grifo nosso).

⁶³ O PageRank foi desenvolvido em 1995 por Larry Page, que deu origem ao nome do algoritmo, na Universidade de Stanford (EUA) que o patenteou. O nome é uma marca registrada do Google, que tem direitos de licença exclusivos sobre a patente. A universidade recebeu 1,8 milhão de ações do Google em troca do uso da patente, que em 2005 foram vendida por 336 milhões de dólares. Sabe-se que não é o único algoritmo utilizado pelo Google para a classificação de páginas, mas é o mais conhecido e o primeiro a ser utilizado. Para saber mais: https://www.redorbit.com/news/education/318480/stanford_earns_336_million_off_google_stock/.

No artigo *Otherwise Engaged: Social Media from Vanity Metrics to Critical Analytics* (2018), Rogers avança na discussão dos métodos digitais trazendo a discussão sobre as métricas quantitativas conhecidas como métricas de vaidade, *vanity metrics*, que representam o “teatro de sucesso” das mídias digitais, e o que ele chama de métricas críticas (tradução nossa), *critical analytics*, uma alternativa à medição da forma de engajamento para além da vaidade. Em crítica às métricas das mídias sociais baseadas em números – explícita na própria denominação “métricas de vaidade” –, o autor desenvolve um conjunto alternativo de métricas⁶⁴ para questões em torno de uma rede problemas, pois defende as mídias digitais como um local de mobilização de públicos e questões sociais e não apenas um espaço para a apresentação do eu e para a produção de redes sociais. “Em vez de me concentrar na rede social das mídias sociais, propus uma rede de questões (ainda dentro da mídia social) como um local de engajamento para profissionais, acadêmicos, ativistas, artistas, jornalistas e pesquisadores que trabalham em questões sociais amplamente definidas (ROGERS, 2018, p. 450–451).⁶⁵

As métricas críticas (*critical analytics*) são: 1) *voz dominante*, os atores específicos que dão voz à questão com maior força, correspondem às fontes consideradas mais impactantes, embora não necessariamente confiáveis; 2) *preocupação*, pessoas, organizações (ou conjuntos delas) que estão presentes ou ausentes, os atores que se preocupam e os que ignoram determinada questão; 3) *comprometimento*, que diz respeito à longevidade e à persistência da preocupação dos atores; 4) *posicionamento*, a articulação e a contra-articulação determinada pela escolha de palavras que são empregadas para denotar e discutir um tema, essas palavras podem fazer parte de uma agenda, representar uma tomada de posição ou um esforço consciente para não participar de um debate; 5) *alinhamento*, os atores que expressam a preocupação da mesma forma, mas que não são aliados (ROGERS, 2018, p. 455–456).

Em uma das pesquisas realizadas sobre a vacina contra o HIV em seções dos principais jornais estadunidenses, um grupo de pesquisadores e o autor descobriram que o tema era mais discutido na editoria de negócios do que na editoria de saúde. Sendo assim, o autor determinou como espaço oficial o noticiário, voz dominante o negócio e a saúde como voz marginal,

⁶⁴ O conjunto de cinco métricas desenvolvidas por Richard Rogers é baseado em conceitos desenvolvidos por outros autores – voz dominante/Michel Foucault; preocupação/Bruno Latour; compromisso/Ezra Suleiman; posicionamento/Raymond Williams e alinhamento/ Walter Lippmann. A originalidade de Rogers reside no fato de reuni-los e propor como alternativa para a pesquisa na internet diante da crítica ao uso das métricas de vaidade.

⁶⁵ O texto em língua estrangeira é: “Rather than concentrating on the social network in social media, I instead put forward the issue network (still social media) as a site of engagement for issue professionals, academics, activists, artists, journalists, and researchers working on social issues broadly defined.”

embora identifique que a questão faça parte de uma agenda global não governamental de saúde global, intergovernamental e transnacional (ROGERS, 2018, p. 457). Essa categorização faz uma aproximação com o modelo do mercado simbólico e as posições discursivas centrais e periféricas colocando em pauta a questão da desigualdade ao também trazer luz para a voz não dominante e não apenas a prevalência de uma voz sobre as demais.

A preocupação diz respeito aos tipos de atores envolvidos, ou melhor, que atores se preocupam com determinada questão. Rogers (2018) cita como exemplo uma pesquisa realizada sobre o acidente nuclear de Fukushima, em 2011, no Japão. Ao utilizar a ferramenta *Google Scraper*⁶⁶, que rastreia o a ressonância de um termo ou de uma série de termos em sites a partir de buscadores como o Google, destacaram-se a preocupação da ONG ambiental Greenpeace e em menor escala a ONG preocupada com animais *World Wildlife Fund*. Um acidente como Fukushima deveria ser uma preocupação governamental? Do campo da saúde? Ou do partido político japonês que investe em energia nuclear? De todo modo, trata-se de uma análise instantânea “especificamente para quem um problema é motivo de preocupação em um determinado momento. Além disso, pode-se perguntar quem está ausente e quem pode estar sujeito a se convencer a ingressar em outro momento quando outro retrato instantâneo pode ser tirado?”⁶⁷ (ROGERS, 2018, p. 459).

A questão do compromisso corresponderia à “preocupação longitudinal”, “Há quanto tempo uma questão preocupa os atores?” (ROGERS, 2018, p. 459), além de quem se preocupa com determinada questão, por quanto tempo determinada questão se mantém como preocupação para determinado ator enquanto o interesse diminuiu para outros atores. Essa perseverança seria o compromisso. Usando o *Wayback Machine* (ROGERS, 2016) para capturar as primeiras páginas do Greenpeace ao longo de sete anos, verificou-se a consistência da ONG na defesa de pautas como “Nuclear” (no caso contra a energia nuclear), “Oceanos”, “Tóxico”, “Florestas”, “Clima”, “Paz “ e “Desarmamento” (ROGERS, 2018, p. 460). De acordo com o autor, a aparência diária do menu de um site e o conteúdo gerado para mantê-lo são dispositivos de compromissos.

A métrica posicionamento é inspirada na perspectiva de Raymond Williams (1976), para quem a análise de posicionamento começa localizando e situando os atores de acordo

⁶⁶A ferramenta foi desenvolvida pela *Digital Methods Initiative* (DMI) de forma colaborativa e de acesso livre, para adaptar dispositivos e plataformas on-line como *Google*, *YouTube*, *Facebook* e *Twitter* para pesquisas sobre questões sociais e políticas. O Google Scraper está disponível em: < <https://wiki.digitalmethods.net/Dmi/ToolDatabase>>.

⁶⁷O texto em língua estrangeira é: “specifically to whom an issue is a matter of concern at a given time. Moreover, one can ask, who is absent and who may be subject to cajoling into joining at another given time, when another snapshot may be taken?”.

com a escolha intencional de uma palavra-chave (ou questão de linguagem) em oposição a outras pessoas no mesmo espaço (Williams, 1976). Rogers (2018, p. 462) propõe algumas perguntas: Quem está participando de um posicionamento e quem está participando de um contrapositionamento? Com que nuance? e De qual local? O posicionamento seria uma localização substantiva, topológica e também geográfica.

Quando a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo, em 2015, as hastags #lovewins e #celebratepride posicionavam aqueles a favor da decisão e as contrahastags #jesuswins e #loveloses aqueles que se posicionavam contra. Junto com as hastags, um conjunto de imagens também pode ser identificado: a favor imagens com arco-íris e contra cruces e imagens em tons vermelho. Ao identificar a localização das postagens, diferentes densidades também foram percebidas em regiões específicas dos Estados Unidos como o Cinturão da Bíblia (ROGERS, 2018, p. 462–463). A sobreposição da análise das hastags, da análise visual dos memes e da localização geográfica posicionou as reações em relação à decisão do tribunal estadunidense. Um estudo como esse, para além do mapeamento de questões políticas identificando regiões eleitorais pró ou contra determinados temas, apresenta diversas potencialidades no campo da saúde, como por exemplo, mapear focos de discussão de grupos antivacina, regiões mais propensas a determinadas doenças para citar alguns exemplos.

Por fim o alinhamento, que também pode ser identificado por palavras-chave ou termos específicos usados pelos atores ao discutir determinado problema que os identificam e os alinham. O exemplo citado por Richard Rogers (2018) refere-se ao conflito entre Israel e Palestina em relação à disputa do território, mais especificamente a barreira entre os territórios. Essa separação seria barreira de segurança ou *apartheid*? O uso de determinados termos em detrimento de outros demonstra uma tomada de posição a favor de determinada questão, contra ou uma posição neutra. No estudo identifica-se que quando “cerca de segurança” é usado trata-se da posição de Israel, enquanto “muro de *apartheid*” é a posição da Palestina. Da mesma maneira, outras expressões vão denotando tomadas de partido como “muro da separação”, ou uma tentativa de reconciliação como “cerca de separação” ou buscam uma neutralidade como “barreira”.

Alinhamento refere-se à companhia que as palavras-chave mantêm. Quem mais está fazendo uso dessa linguagem específica, e conseqüentemente sendo alinhado com outro? As pessoas se alinham com base na linguagem compartilhada. Seja em declarações capturadas pela mídia ou reproduzidas

do plenário parlamentar, o idioma compartilhado se torna o "sinal grosseiro" de Lippmann⁶⁸ (ROGERS, 2018, p. 466–467).

Apesar de toda a crítica às métricas de vaidade, não deixaremos de considerá-las para a análise proposta nesta pesquisa, em especial os números de visualizações dos vídeos, “gostei” e “não gostei” e “curtidas”. Os números são uma das dimensões possíveis para interpretar o social, desprezar essa dimensão quantitativa representaria ignorar uma importante variável de avaliação do sucesso dos filmes enquanto estratégias de comunicação e um importante impulsionador de circulação dos mesmos – quanto mais vistos, mais chances tem de serem vistos e recomendados pela própria plataforma. Além de ser contraditório do ponto de vista analítico, pois apenas se basear nas métricas de vaidade é uma perspectiva limitada das potencialidades das mídias sociais, um estudo baseado somente nas métricas críticas do YouTube, por exemplo, também seria insuficiente ao ignorar um fator tão importante para o funcionamento da plataforma quanto o número de visualizações.

Há um movimento de mão dupla que é reconhecível na história social da mídia, ela afeta é afetada pela sociedade, pois ela é também a sociedade. Se o capitalismo se apropria da força de trabalho dos cidadãos “empreendedores”, os cidadãos também se apropriam das mídias de forma emancipatória e isso não pode deixar de observado. O YouTube foi sim cooptado e transformado pelos interesses comerciais – que nunca deixaram de existir na história das mídias –, mas os usuários também estão se apropriando do YouTube para expressarem de forma marginal, periférica, mas principalmente estratégica. O YouTube é o sintoma de uma era midiaticizada onde as mídias transformam o mundo social mediando todas as formas da vida cultural. Além de ser um campo de tensões com regras próprias, é também um mercado simbólico onde discursos na forma de audiovisuais disputam atenção entre si. Acompanhar essas operações que começam a partir do YouTube é também uma forma de compreender processos emancipatórios na defesa de direitos como a democratização da comunicação, o acesso à informação e a circulação de discursos contrahegemônicos.

⁶⁸ O texto em língua estrangeira é: “Alignment refers to the company a keyword keeps. Who else is deploying that specific issue language, and therefore associated so as to be in line with another? One aligns oneself on the basis of shared language. Whether in utterances captured by the media or replayed from the parliamentary floor, shared language becomes Lippmann’s “coarse sign.”.

3 RASTREANDO FILMES: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como o aporte teórico-metodológico nos apropriamos livremente da matriz analítica do modelo de comunicação como mercado simbólico para analisar os contextos e condições de circulação e desenvolver uma matriz subsidiária do modelo para as mediações sociotécnicas que atuam na circulação de vídeos sobre saúde na internet. O modelo do mercado simbólico se refere a interlocutores, que são pessoas e não objetos como filmes, por isso a apropriação livre da matriz e seus conceitos operatórios, em especial a espiral das posições discursivas, que traz importantes contribuições para representar as desigualdades do processo comunicativo e a força das estratégias de comunicação para interferir na mobilidade dessas posições.

Como metodologia para a pesquisa em mídias digitais, tomamos como base a perspectiva dos métodos digitais, onde iremos mesclar os resultados das métricas críticas e das métricas de vaidade, e com o apoio metodológico da Teoria Ator-Rede para relatar os passos da pesquisa. A TAR é uma forma de abordagem dos fenômenos desde a sua fabricação, onde pessoas e coisas são simetricamente consideradas como atores – atores humanos e não humanos – e o social corresponde a uma “série de associações” entre esses atores, um “tipo de conexão” e não uma coisa si. “Nesta perspectiva, ao ‘seguir atores’ para entender as dinâmicas em que se inscrevem e seus efeitos, o próprio pesquisador se inclui na trama que descreve, assumindo seu papel no processo de construção do conhecimento. (GONÇALVES, 2016, p. 2). Em consonância com essa abordagem, que não renuncia a descrição etnográfica e da observação participante, a narrativa em primeira pessoa, se impõe ao texto como veremos a seguir.

Para analisar a circulação dos filmes e compreender as relações de poder entre os circuitos comunicacionais, a metodologia está dividida em três etapas: 1ª) identificação dos contextos de produção e circulação; 2ª) rastreamento da circulação dos filmes na internet por meio da API Google Scraper e 3ª) análise dos circuitos e identificação das mediações envolvidas. Para a recomposição dos contextos de produção e circulação dos filmes, foram utilizadas matérias, reportagens e notícias disponíveis na própria internet no intuito de já efetivar a perspectiva dos métodos digitais de estudar a cultura e sociedade *com* a internet. Seguindo os rastros deixados na rede, reconstituímos também as estratégias de circulação de cada um dos três filmes selecionados para o *corpus* da pesquisa.

De agora em diante o percurso analítico será detalhado passo a passo – os passos para frente e principalmente os passos para trás –, destacando a importância de cada escolha na

configuração dos resultados encontrados. Ainda que a reprodutibilidade dos resultados nas ciências sociais e humanas seja impossível, pretendemos com esse “protocolo” garantir a reprodutibilidade do método. No campo da ciência, tem-se por hábito relatar a história dos vencedores, dando a falsa impressão de que os resultados e descobertas foram encontrados com facilidade em um processo linear e não cheio de idas e voltas, erros e acertos. Aliás, muito mais erros do que acertos. Os fracassos são igualmente importantes e em algumas vezes ensinam mais que os resultados exitosos, colocando-nos diante de uma multiplicidade maior de desafios e questões. Afinal, o que move a ciência são as perguntas e não as respostas.

3.1 A SELEÇÃO DOS FILMES E DO MÉTODO: BASTIDORES DE UM PROCESSO

O fenômeno que chamamos de “redescoberta do parto” ganhou bastante força na internet. Uma série de filmes foram produzidos por instituições, coletivos e indivíduos e disponibilizados no *YouTube* fazendo circular a informação sobre os benefícios do parto normal, a quantidade elevada de cesáreas realizadas no Brasil, acima do percentual recomendado pela OMS e as violências obstétricas praticadas em muitos partos. É revelado o fato: a “epidemia” de cesáreas no Brasil não é baseada em evidências científicas e partir disso vários mitos são desconstruídos por meio de pesquisas, estudos e depoimentos de profissionais e pesquisadores do campo da saúde. No Brasil, desde a década de 1980, a hegemonia do modelo hospitalocêntrico e biomédico foi transformando o “parir” em um ato exclusivamente médico-hospitalar, muitas vezes cirúrgico, e tirando o protagonismo da mulher: a medicalização do parto. Diversos documentários começaram a circular na internet dando visibilidade a essas vozes – que no Brasil foram silenciadas por cerca de três décadas – e influenciando mulheres a optarem pelo parto normal como podemos ver em alguns depoimentos extraídos de reportagens sobre o tema.

Antes de engravidar, quando eu me casei, eu tinha muito medo do parto normal, o parto natural. Só que eu e meu esposo *começamos a ver alguns relatos de parto na internet e aquilo despertou em nós uma vontade, um interesse por conhecer o que era de fato. A gente assistiu a um filme e a partir desse documentário nasceu em nós esse desejo.* Então quando a gente descobriu que estava grávida a gente já tinha certo que queria muito vivenciar essa experiência. Então a gente foi buscar profissionais, informações e formas de transformar isso em possível (AMORIM, 2019, grifo nosso).⁶⁹

⁶⁹ JMTV 1ª Edição, entrevista com Rayssa Amorim, assessora jurídica, para o segundo episódio da série de reportagens “Ser mãe”, exibida em 10/05/2019, na TV Mirante, afiliada à Rede Globo no Maranhão. A matéria, que fala sobre os tipos de parto, destaca a volta do interesse das mães em ter um parto normal.

Ela ficou: “Como assim? Em 2018 fazer parto normal?”. *Mas depois que assistiu ao filme O renascimento do parto (do diretor Eduardo Chauvet), mudou de opinião e passou a aceitar. Meu pai diz que não entende, mas respeita. As pessoas não compreendem por que tu escolhes algo demorado. A mudança do nascer parece algo tão fora de contexto (DAL SANTO, 2010, grifo nosso).*⁷⁰

Em uma busca no Google pelo termo “parto”, na categoria “Vídeos”, obtivemos mais de 20 milhões de resultados⁷¹. A filmagem dos partos, antes evento particular da família, torna-se público na plataforma ganhando milhares de visualizações. Essa prática marca uma mudança cultural da forma de registro desse tipo de evento, que antes era feito por meio de fotografias, nas décadas de 1980 e 1990, e partir dos anos 2000, com a introdução e popularização das câmeras digitais no Brasil, passa a ser em vídeo. É preciso contextualizar que essa prática é mais comum na classe média, que tem acesso às tecnologias e recursos para contratar serviços audiovisuais. No “mercado da maternidade”, há toda uma indústria e empresas especializadas para fazer filmagens e fotografias de parto, e algumas vezes os serviços são oferecidos nos próprios sites das maternidades, o que nos remete ao metaprocessos de midiaticização do qual o parto e o nascimento são práticas sociais integrantes.

Diante da profusão de vídeos disponíveis no *YouTube* sobre o tema, o primeiro desafio foi a seleção do *corpus* da pesquisa. Durante o período de pesquisa exploratória, a navegação imersiva⁷² (SANTAELLA, 2004) permitiu compreender facetas do tema e das formas de comunicação das mulheres na internet, em especial do coletivo de gestantes e mães, e identificar alguns filmes-chave para o fenômeno de “redescoberta do parto”.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/videos/v/veja-os-tipos-de-parto-no-segundo-episodio-da-serie-ser-mae/7606357/>>.

⁷⁰ GaúchaZH, entrevista de Júlia Sal Santo, para a matéria “Parto humanizado: por que cada vez mais mulheres escolhem dar à luz de forma intensa, intimista e sem pressa”, de 31/08/2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2018/08/parto-humanizado-por-que-cada-vez-mais-mulheres-escolhem-dar-a-luz-de-forma-intensa-intimista-e-sem-pressa-cjpiluw5p0041btcnckad6mnp.html>>.

⁷¹ Busca realizada em 11 de março de 2020.

⁷² Lucia Santaella divide o leitor em três tipos: 1) contemplativo/meditativo, cujo ato de leitura é solitário, silencioso e concentrado, bastante associado à cultura livresca; 2) movente, o leitor de imagens em movimento, que pós Revolução Industrial foi se adaptando ao regime efêmero de oferta de imagens e informações desenvolvendo uma percepção ágil, associativa e sintética, porém instável e de pouca memória e 3) imersivo, oriundo dos processos de navegação das mídias digitais “um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, música, vídeo etc.” (SANTAELLA, 2004, p. 33).

3.1.1 Primeira tentativa: seguindo o filme “Nascer no Brasil”

Uma primeira aproximação foi realizada com o documentário *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas* (2014), de Bia Fioretti, realizado pela VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz. O filme de 20 minutos de duração apresenta o conteúdo emocional da pesquisa Nascer no Brasil, um inquérito epidemiológico sobre parto e nascimento em hospitais públicos e privados em todas as regiões brasileiras. O documentário mostra as ambiguidades na atenção ao parto e nascimento, que vão das intervenções excessivas e descaso com as pacientes às boas práticas.

O exercício exploratório teve como objetivo aprofundar o delineamento teórico e empírico para a investigação da circulação de audiovisuais no *YouTube*. A “primeira tentativa” buscou considerar as mediações sociotécnicas no contexto de midiatização usando como método a Teoria Ator-Rede (MUZI; CARDOSO, 2016). Para esse exercício exploratório, selecionamos o vídeo com maior número de visualizações do catálogo Selo Fiocruz Vídeo em 2016, na época formado por 24 vídeos, todos disponíveis no Canal da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz no *YouTube*. Durante o período analisado (02/03/2015, quando foi disponibilizado no canal, a 17/09/2016) o documentário obteve 21.504 visualizações. O maior número de visualizações em comparação aos demais surgiu como a primeira “controvérsia” e um rastro por onde começamos a seguir os atores envolvidos na circulação do filme. O segundo procedimento metodológico dessa tentativa foi analisar as métricas fornecidas pelo *YouTube Analytics*, ferramenta de monitoramento com dados sobre “Tempo de exibição”, “Origens de tráfego”, “Informações demográficas” entre outros.

O uso da TAR neste exercício exploratório nos levou a dois outros filmes por circunstâncias da sua produção e circulação. Neste rastreamento, onde tentamos traçar as redes de associações a partir de um filme, a primeira associação foi com o filme *O Renascimento do parto* (2013), de Eduardo Chauvet, documentário sobre o mesmo tema que teve grande repercussão de público e crítica, lançado um ano antes do *Nascer no Brasil*. O filme influenciou a produção do *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas*, que se voltou para os partos normais realizados no SUS, diferentemente de *O Renascimento do parto*, que fala de partos particulares. Assim como a circulação do documentário de Eduardo Chauvet também, pois o filme tornou-se referência nas comunidades discursivas de mães. A segunda associação se deu diretamente com a circulação, com o filme *Violência obstétrica – a voz das brasileiras* (2012), de Bianca Zorzam, Ligia Moreiras Sena, Ana Carolina Franzon, Kalu Brum e Armando Rapchan, lançado em um evento científico e disponibilizado no

YouTube. O documentário, com mais de 200 mil visualizações em 2016, era uma das principais origens de tráfego, uma vez que sugere o vídeo *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas*. Isso ocorre porque o público e os sistemas de pesquisa e descoberta do YouTube fazem uso das informações do título e ambos contêm as palavras “violência obstétrica”.

Nessa primeira tentativa observamos que a circulação de vídeos na internet é de fato operada por um mercado simbólico e mediada por indivíduos e comunidades discursivas que potencializam a circulação de discursos dando legitimidade às produções. Os três documentários analisados preliminarmente tiveram em comum o fato de terem sido produzidos por mulheres militantes do parto saudável e em condições adversas de produção, onde a ação colaborativa e parcerias foram determinantes para a realização. A rede de apoio é uma marca do movimento de mulheres. No entanto, as comunidades discursivas também foram responsáveis pelo encarceramento dos discursos, o que pode ser observado por referências e citações dos vídeos em páginas, sites e blogs afins e pelas avaliações positivas que os vídeos obtiveram no YouTube. Este movimento de encarceramento foi observado anteriormente em uma pesquisa sobre o Mapa da Comunicação e Saúde no Facebook, onde se constatou uma intensa comunicação entre os pares. (MUZI, 2014).

Outro ponto observado foi a questão da temporalidade. A internet também permite maior longevidade dos filmes, que operam numa lógica que se assemelha ao conceito da cauda longa (ANDERSON, 2006), que discorre sobre uma equivalência do mercado de nicho, que vende ao longo do tempo, em contraposição com os produtos populares, que são vendidos em grandes quantidades em um curto espaço de tempo. Nos casos dos documentários analisados, observamos que o tempo de vida em que estão disponíveis de YouTube é favorável ao número de visualizações e interações. Quanto maior o tempo em que estão disponíveis, mais visualizações recebem.

Os filtros de busca e descoberta também se mostraram como importantes mediadores da circulação. A forma como os vídeos são nomeados e indexados através de *tags* (palavras-chave) são determinantes para a circulação uma vez que *o YouTube atua* como um buscador de conteúdo e de forma “colaborativa”, pois um filme com maior número de visualizações pode alavancar a visualização de outros vídeos sobre o mesmo tema desde que usem as mesmas palavras contidas no título e/ou *tags*.

Apesar da pouca rastreabilidade dos dados, que passam a depender da observação das redes, e da complexidade da análise da circulação, a Teoria Ator-Rede mostrou-se uma potencial metodologia para a análise da circulação, viabilizando o mapeamento das

mediações, mas fazer uma pesquisa baseada nesse método implicaria outra forma de abordagem, que implicaria em seguir determinados passos indicados pelo autor. O exercício também apontou a necessidade de adensamento das questões de gênero e sobre a circulação discursiva para as próximas pesquisas. A comunidade discursiva de mães cria e reproduz condições favoráveis para a circulação de informações e promove o engajamento das mulheres, criando um contexto específico de análise, ao mesmo tempo em que a circulação de discursos na rede promove um ambiente agregador onde a intertextualidade potencializa a circulação operando como mais um mediador.

O uso de métricas do YouTube trouxe muitas informações sobre a circulação dos filmes na internet, mas são dados restritos, o que só foi viabilizado porque tivemos acesso à conta de administração do Canal da VideoSaúde. Nesse primeiro momento, isso não pareceu um empecilho, já que esse acesso já tinha sido garantido para fins de pesquisa e porque pensávamos em escolher filmes de temáticas diferentes do mesmo Canal. Nesse ponto entrou um elemento importante para a análise: a comparação. Acharmos que observar diferentes circuitos seria fundamental para compreender as mediações sociotécnicas envolvidas na circulação dos vídeos, dando uma visão mais ampliada do processo comunicacional que se dá na internet. Foi quando partimos para a segunda tentativa.

3.1.2 Segunda tentativa: filmes de diferentes temáticas produzem circuitos diferentes?

A segunda tentativa exploratória (MUZI; CARDOSO, 2017) teve como análise dois documentários produzidos pela VideoSaúde Distribuidora, *Nascer no Brasil* e *Nuvens de veneno* (2013), de Beto Novaes. O filme de 22 minutos de duração expõe as preocupações com as consequências do uso de agroquímicos no ambiente, especialmente na saúde do trabalhador. Além de terem sido produzidos pela VideoSaúde, os filmes tinham em comum o fato de partirem de pesquisas científicas sobre as respectivas temáticas. A análise utilizou os dados fornecidos pelo YouTube Analytics e teve como período a data de publicação dos vídeos, *Nascer no Brasil* foi publicado em 2 março de 2015 e *Nuvens de Veneno* em 13 de dezembro de 2013, a 12 de novembro de 2016. Um segundo procedimento metodológico foi utilizado, o rastreamento do link dos documentários no YouTube, que permitiu identificar em quais sites e documentos on-line foi compartilhado.

Na visão geral dos dados fornecidos pelo YouTube Analytics desde a data de publicação dos vídeos *Nascer no Brasil* e *Nuvens de veneno* até 12 de novembro de 2016, pode-se observar que as produções são vistas majoritariamente no Brasil (95% e 96%), o

primeiro mais visto por mulheres (76%) e o segundo mais visto por homens (69%). Para esses resultados é importante considerar o fato dos vídeos serem produções brasileiras faladas em português, com *tags* em português, e tratem, respectivamente, de temáticas do universo feminino e onde há prevalência de homens. A faixa etária predominante entre homens e mulheres varia dos 18 aos 35 anos, público majoritário do YouTube de forma geral, também conhecido como *millenials*, um termo criado pelo historiador e economista norte-americano Neil Howe nos anos 1990 para se referir à geração do milênio nascida a partir do início dos anos 80. O principal local de reprodução é a página individual do vídeo no YouTube e todas as avaliações dos vídeos no período foram positivas, indicando uma audiência receptiva ao filme e sugerindo um interesse ou procura do conteúdo específico. Os tipos de dispositivos mais usados foram computadores e celulares, nesta ordem.

No período analisado, *Nascer no Brasil* contava com um número crescente de visualizações, mais de 41 mil até julho de 2017, 1.188 compartilhamentos, 689 avaliações positivas, sete negativas (mão com polegar indicando gostei ou não gostei). Dos 31 comentários postados, 17 foram positivos em relação ao filme e à temática, elogios, mensagens de apoio, agradecimento ou solicitação de informação; 14 foram negativos em relação ao tema, relatos de experiências negativas, mensagens de gestantes com medo do parto, reclamação ou crítica sobre a rede de atendimento ou confirmando a violência obstétrica relatada no filme. A boa receptividade ao filme indica que a circulação foi entre pessoas afins ao tema e que, de certa forma, concordam com as questões discutidas, entre elas a existência da violência obstétrica. Pela leitura dos comentários também foi possível identificar que todos foram feitos por mulheres, nove foram identificadas como gestantes e três já são mães, o que confirma a prática de busca de informação no YouTube.

Na análise a partir da “origem do tráfego” das visualizações de *Nascer no Brasil*, os vídeos sugeridos (sugestões que aparecem ao lado ou depois de outros vídeos) foram as principais fontes com 46%; origem externa em segundo lugar, com 24%, e em terceiro lugar a pesquisa no YouTube, com 12%. Focando nos vídeos sugeridos, que mostram a força da mediação sociotécnica dos algoritmos, pode-se observar que tinham em comum, além da temática, o fato de conterem as mesmas palavras do título *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas*: “violência obstétrica”, “parto” e “Nascer no Brasil”. O título, como citamos anteriormente, é uma forma de busca e descoberta dos usuários e do próprio YouTube. Além disso, os três primeiros vídeos da lista possuem número de visualizações superior ao vídeo *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas*

práticas (201.774, 49.670 e 79.976 respectivamente⁷³), fator que alavanca a circulação do mesmo. Todos os filmes têm comentários positivos e predominantemente de mulheres e com a maioria das avaliações positivas, mais um indício da circulação entre pares.

O segundo fator, “origem externa”, trata-se do tráfego de websites e aplicativos que incorporam ou vinculam os vídeos publicados no YouTube. Destacaram-se o Facebook com 49%, o Google Search (resultados da pesquisa no Google vinculados a vídeos do YouTube) com 19%. A incorporação em sites de instituições públicas, como a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), Rede Humaniza SUS, Fiocruz e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) tiveram o mesmo impacto que veículos de comunicação alternativos como os blogs *Parto por Amor*, *Mãe de Peso* e o site independente *Criança e Saúde*. Já a pesquisa no YouTube foi responsável por 23% das visualizações, terceiro maior fator. Foi observada a presença de palavras contidas no título do filme e que também são palavras-chave da obra como “nascer no brasil”, “violência obstétrica” e “parto”. Com o documentário *Nuvens de veneno* a pesquisa no YouTube aparece como o principal fator para a origem do tráfego, com 72%, e as palavras buscadas foram majoritariamente ligadas ao título, o que aponta para uma busca consciente por parte dos usuários.

Rastreando pelo link do vídeo (<https://youtu.be/Q9G5uyRKsyk>) no Google, 469 resultados foram encontrados em 12 de novembro de 2016. Repetimos a busca em 16 de março de 2020 usando a mesma url⁷⁴ da primeira busca e encontramos 141 resultados, equivocadamente achamos que preservar a url da busca, e não somente a do filme, bastaria para a preservação dos dados. O que mostra a instabilidade dos resultados encontrados na internet e aponta para a necessidade de se ter formas persistentes de preservação dos dados coletados.

Em uma análise dos 10 primeiros resultados, excetuando o link do próprio filme no YouTube e anúncios, observou-se que o vídeo, mesmo sendo lançado em 2014 e disponibilizado na internet em 2015, continua sendo referenciado em publicações em 2017, o que lhe garante sobrevivência e amplia a circulação, atividade típica do fenômeno da cauda longa.

Agrupando em categorias, o link do vídeo foi compartilhado em dois sites, *Revista Araguaia*, uma publicação on-line e impressa da cidade de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, e no site do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert),

⁷³ Dados coletados do YouTube em 12 de novembro de 2016.

⁷⁴ Link da busca realizada no Google:
https://www.google.com.br/search?q=https://youtu.be/Q9G5uyRKsyk&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&ei=o0x6WaaRD8X5wgS8jbe4Dw.

uma ONG voltada para a promoção da igualdade de raça e gênero. As outras oito citações são atribuídas às mídias sociais, postagens no Facebook (2), em blogs (2), comentários em aplicativos ou comunidades on-line (2) e Twitter (1), confirmando a comunicação em rede possibilitada pela internet. Não houve a repercussão do link dos vídeos em grandes veículos de comunicação e sim em sites de comunicação alternativa.

Um olhar mais de perto sobre os compartilhamentos dos links nas mídias sociais evidenciou a articulação dos movimentos sociais e da sociedade civil na internet. O link foi compartilhado na página do Facebook *Enfermagem Obstétrica: Um olhar diferenciado*, criada para divulgar o papel da enfermagem obstétrica profissional – profissional de saúde habilitado pelo Ministério da Saúde para realizar parto normal que não tenha nenhuma complicação na saúde da criança ou da mãe, mas cuja habilitação gera controvérsias junto à comunidade médica. Foi também compartilhado no perfil do Twitter de uma suposta profissional de saúde, *Louise Saúde Digital – A informação ao Alcance de Todos*. Nesses espaços há apenas a publicação do link do vídeo no YouTube que gera a uma imagem miniatura do mesmo. São espaços nas mídias sociais criados para propagar a informação onde o compartilhamento ganha o sentido de democratizar a comunicação.

Em outra página no Facebook, cujo nome faz referência à pintora Frida Kahlo, *Não Me Kahlo*, de um coletivo feminista que atua na defesa do direito das mulheres e desenvolvimento de estudos sobre feminismo, o nome e link do filme aparecem em um *post* público publicado em 14 de junho de 2016 que continha uma lista de “9 DOCUMENTÁRIOS PARA DEBATER ABORTO E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA”. O *post* teve 1.600 curtidas, 324 comentários e mil compartilhamentos. A página tem mais de um 1,2 milhões de seguidores. A mesma lista foi replicada em dois blogs em datas posteriores à publicação em *Não Me Kahlo, Dinâmicas de Grupos e Serviço Social*, um espaço de discussão e troca de informação sobre dinâmicas de grupo para assistentes sociais e em um *blog* pessoal com conteúdo progressista, *Teoria versus Prática*.

Ainda nas mídias sociais, pudemos agrupar duas citações que vieram em ambientes virtuais com espaços para interação social através de troca de mensagens, que podem ser classificadas como plataformas independentes. A primeira em um comentário de um evento, o Encontro Regional dos Estudantes de Medicina (Erem 2017) feito em um aplicativo de eventos chamado *Evensi*. Em meio as conversas de confraternização e paquera, uma das estudantes, ao se dirigir aos participantes da oficina “Violência Obstétrica e Parto Humanizado”, disponibiliza os links “prometidos” de filmes sobre a temática. A outra citação apareceu em uma comunidade virtual do site *Baby Center*, com conteúdo voltado sobre

gravidez e bebês. Uma internauta passa o link do filme em resposta à pergunta “Meninas como é o parto pelo SUS?” e nela podemos ver o posicionamento em defesa pelo SUS.

O atendimento no SUS vem mudando bastante depois do Projeto Cegonha. Já existem no Brasil várias maternidades que fazem parto humanizado ou bem próximo disso, inclusive com a presença de doulas. Existem também as Casas de Parto, mas infelizmente ainda em pequeno número. Para se ter uma ideia o que se vê hoje é um movimento de algumas com planos de saúde irem fazer seus partos pelo SUS! Porque para se conseguir parto normal pelo plano é uma guerra e humanizado praticamente só particular. Passo dois links para vídeos produzidos no estudo da Fiocruz Nascer no Brasil: inquérito nacional sobre parto e nascimento, acredito que vá ajudar a esclarecer suas dúvidas.

Repetindo o procedimento com o link do vídeo *Nuvens de Veneno*, em 12 de novembro de 2016 foram encontrados 487 resultados, repetindo a busca⁷⁵ em 16 de março de 2020, foram localizados 86. No agrupamento por categorias dos 10 resultados encontrados na primeira página, o vídeo circulou em quatro sites ou portais independentes que abordam questões ambientais, *Nosso futuro roubado*, *EcoAgência*, *Movimento Sem Terra*, *Estação X*; em quatro mídias sociais, Google+, Facebook, Avaaz (em uma petição contra o uso de agrotóxicos); em um site de compartilhamento de vídeos que espelha os conteúdos do YouTube de forma automatizada e em uma apresentação elaborada pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) para o Encontro Nacional dos Trabalhadores do Setor de Fertilizantes e Defensivos Agrícolas – 2015. Vale destacar a disponibilização do link direto para o filme no *Dossiê Abrasco*, que aparece na segunda página de resultados, junto com outros seis vídeos bastante referendados sobre os temas agrotóxicos, transgênicos, agronegócio e agroecologia, são eles: *O veneno está na mesa*, *O veneno está na mesa II*, *O mundo segundo a Monsanto*, *Chapada do Apodi, morte e vida* e *Pontal do Buriti – brincando na chuva de veneno*.

Nuvens de veneno, lançado em outubro de 2013, na Fiocruz, foi disponibilizado espontaneamente pouco mais de um mês depois, em dezembro de 2013, no canal do Fórum Mato-grossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento (Formad), chamado de *secretaria formad*. De lá até de julho de 2017, o vídeo alcançou mais de 36 mil visualizações em uma curva ascendente, 1.031 compartilhamentos, 507 avaliações positivas, sete negativas e dos 47 comentários postados 41 foram em apoio. Disponibilizado no canal da VideoSaúde Distribuidora no YouTube três anos após o lançamento, em 19 de fevereiro de 2016, o vídeo

⁷⁵ URL da busca realizada no Google usando a url do documentário *Nuvens de veneno* no YouTube : https://www.google.com.br/search?q=https://youtu.be/v2eUR5EyX9w&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&ei=V216WIRAhLDABLCWqvgM#q=https://youtu.be/v2eUR5EyX9w&start=0.

não alcançou o mesmo desempenho do canal *secretariaformad*, não passando de 1.415 visualizações, 43 compartilhamentos, 23 avaliações positivas, nenhuma negativa e nenhum comentário.

Levando em consideração que o tempo de vida de um vídeo no YouTube atua positivamente para a sua maior visualização, é importante destacar que no mesmo canal, que conta com cerca de dois mil inscritos, há vídeos sobre outros temas disponibilizados no mesmo período com mais de 27 mil visualizações. A existência de um link mais antigo do mesmo vídeo que é mais referenciado, inclusive no *Dossiê Abrasco*, pode ser um fator que justifique a pouca visualização do vídeo disponibilizado no canal da VideoSaúde. Também corrobora o fato de que o Formad é uma organização do Mato Grosso, estado onde o filme foi gravado e estado onde vive e trabalha o professor Wanderley Pignati, um dos principais personagens do documentário, cuja tese serviu de argumento para o filme. Apesar da potencialidade de globalização da internet, “há uma tendência de comunicarmos com os pares, com os quais mantemos relações de proximidade e afinidade”.(MUZI, 2014).

Rastreando pelo link do vídeo disponível no canal VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz (<https://youtu.be/jZ1QUAxFaxs>) no Google encontramos nove resultados, consequência direta da menor circulação do vídeo. Mantendo a separação por categorias, cinco resultados foram como vídeo sugerido pelo *YouTube* em outros vídeos, dois em sites de compartilhamento de vídeos que espelham o conteúdo do *YouTube* e apenas dois resultados derivados de um ator humano, um no site da Terra Firme, coprodutora do filme, e um em um portal independente de notícias de Cuiabá, Mato Grosso. O link do vídeo foi postado em um comentário crítico à notícia “McDia Feliz acontece no próximo sábado; recursos irão para UTI pediátrica do Hospital de Câncer”. O comentário destaca o filme *Muito além do peso*, que critica a indústria alimentícia e suas estratégias para atingir o público infantil e o fato de que o estado é o campeão em envenenamento por agrotóxicos. Este comentário específico recebeu quatro avaliações positivas e quatro negativas, além de quatro outros comentários negativos.

Essa tentativa rendeu mais alguns apontamentos, os dois documentários selecionados partem do desafio de levar à sociedade o conhecimento científico produzido por pesquisadores e militantes que, em uma perspectiva midiaticizada, utilizaram o audiovisual enquanto estratégia para ampliar a circulação das suas pesquisas, saindo do campo acadêmico. A comunicação justifica-se na centralidade das mediações comunicativas da cultura. E a circulação do conhecimento na internet, por meio das mídias sociais, mostrou o potencial democrático para contribuir com a circulação de discursos contra-hegemônicos como os da

saúde coletiva, que não encontram espaço na mídia, despontando como uma nova *institucionalidade*, que favorece a democratização da comunicação e do acesso ao conhecimento em saúde. A comunicação em rede, aliada às práticas da cultura participativa e da conexão, oferece novos recursos e favorece a comunicação de grupos sociais que buscam se fazerem ouvir reforçando a associação à noção de direito que a comunicação no campo da saúde faz.

Também ficou visível como os documentários enquanto produtos midiáticos são “consequência de uma gama de processos, de expectativas, de interesses e de ações que resultam em sua composição como ‘um objeto para circular’ – e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação” (BRAGA, 2012, p.41). As novas configurações sociotécnicas propiciadas pela internet como alternativa à divulgação de informações transformam a pretensa passividade individual do assistir em uma ação coletiva no compartilhamento de informação, transformando significativamente práticas sociais e formas de *socialidades* e criando sentidos à tecnologia. E mais uma vez observou-se a circulação operando como um mercado simbólico e sendo mediada por comunidades discursivas que acabam restringindo a circulação dos filmes. Assim como as mediações sociotécnicas, as *tecnicidades*, no que tangem a longevidade dos filmes na internet e os filtros de busca e descoberta, atuaram como importantes mediadores da circulação.

Na segunda tentativa também identificamos quatro ganhos que foram levados para nossa “história dos vencedores”: o rastreamento do link e a categorização dos resultados por tipo de mídia. O rastreamento do link, apesar de revelar a instabilidade dos resultados encontrados na internet e apontar para a necessidade de se ter formas persistentes de preservação dos dados coletados, contribuiu com a análise da circulação, permitindo observar *in loco* onde o filme circula. Felizmente podemos antecipar aqui que os pontos fracos desse procedimento metodológico foram superados ao conhecer as ferramentas disponibilizadas pelo DMI. A segunda contribuição veio da categorização dos resultados por tipo de mídia – sites, mídias sociais e plataformas independentes – e a análise dos conteúdos das publicações sobre os filmes nos locais onde elas foram compartilhadas. A terceira contribuição dessa tentativa foi observar que a temática diferente não foi suficiente para render um circuito diferente. Identificamos muitas similaridades na circulação dos dois documentários na internet, em especial a circulação entre pares em um circuito midiático alternativo com pouca visibilidade em veículos da grande mídia, em parte atribuído à filiação em comum, ambos os filmes partem do mesmo realizador, a VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz, e foram originados a partir de pesquisas. O quarto ganho refere-se ao rastreamento feito pela URL do

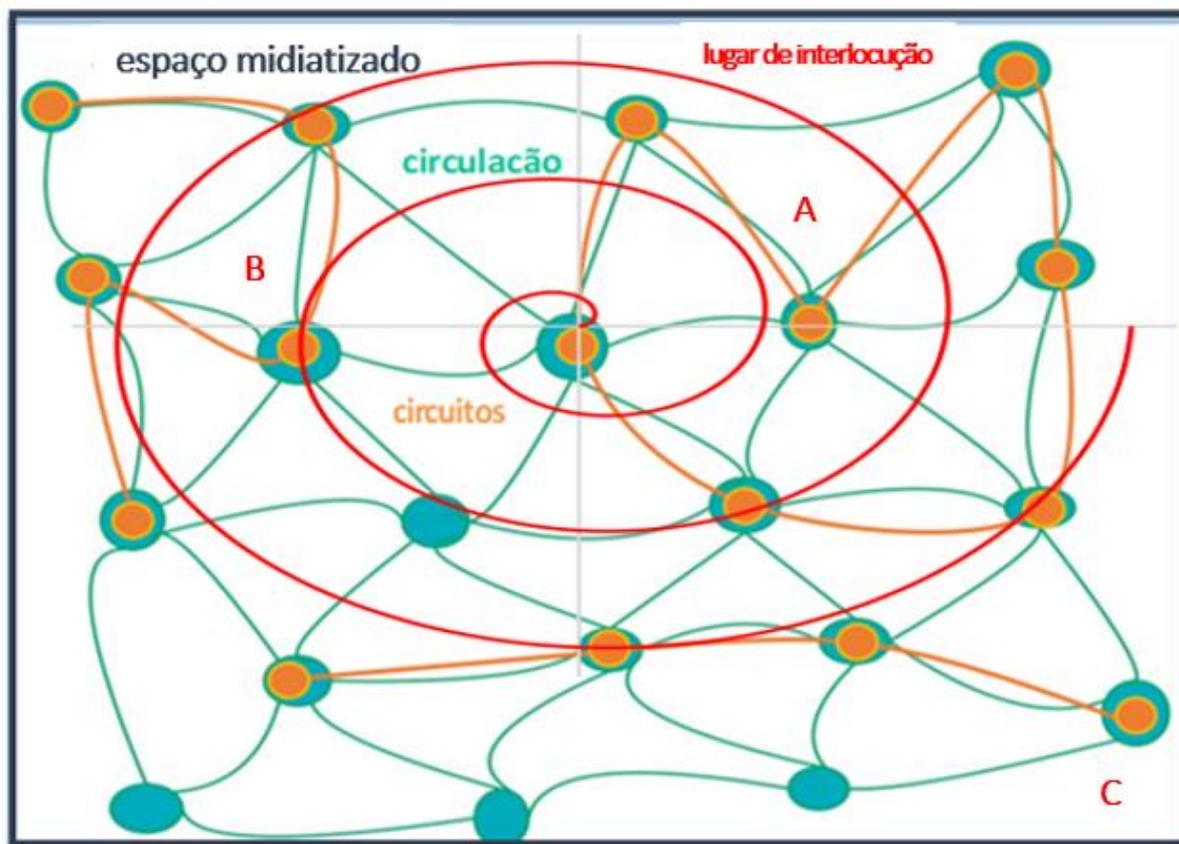
filme, onde foi observado os resultados em mídias alternativas e em mídias sociais. Os grandes veículos de comunicação não têm por hábito citar a URL de vídeos ou eles o fazem por meio do nome da obra ou encapsulam os filmes em seus sites e portais. O compartilhamento do link do filme é um tipo de rastro bem comum nas mídias sociais, onde os usuários compartilham esse tipo de endereço de forma mais habitual. A descoberta desse “erro” “na forma de rastreamento foi determinante para a escolha do nosso procedimento metodológico final. Ao mesmo tempo, observar circuitos tão parecidos nos levou a uma terceira tentativa.

3.1.3 Terceira tentativa: circuitos heterogêneos

A terceira tentativa se baseou no desenvolvimento de um critério para seleção de filmes a partir do lugar de interlocução dos realizadores dos documentários para identificar circuitos heterogêneos. A proposta inicial era selecionar documentários sobre saúde cujos realizadores (pessoas físicas ou jurídicas) ocupassem diferentes posições discursivas no modelo de comunicação como mercado simbólico – central, intermediário e periférico – a partir de dois critérios: legitimidade midiática e legitimidade no campo da saúde. A legitimidade midiática refere-se ao capital midiático, que confere prestígio para a emissão de determinados discursos, determinando um lugar de interlocução central no mercado simbólico, ainda que esse capital tenha diferentes valias nos diversos campos sociais. No campo da saúde, a legitimidade passa pelo reconhecimento da *expertise* no campo.

Para desenvolver a proposta dos circuitos heterogêneos foram definidos três circuitos identificados na representação gráfica (figura 5). O quadrado azul marinho representa a sociedade midiaticizada; a rede em azul claro representa a circulação, que se espalha por todo o espaço midiaticizado. Em laranja, os circuitos em diferentes formatos, que representam a variedade de formas de circulação e em diferentes posições discursivas: a letra A, no formato circular, corresponde ao circuito central; representado pela letra B, curvilíneo, o circuito intermediário e representado pela letra C, retilíneo, o circuito periférico. Sobreposta à representação gráfica, em vermelho, a espiral discursiva, elemento extraído do modelo de comunicação como mercado simbólico (ARAÚJO, 2002), que demonstra as desigualdade no processo de circulação A posição do lugar de interlocução refere-se à proximidade do centro da espiral.

Figura 525 - Representação gráfica dos circuitos heterogêneos



Fonte: gráfico elaborado pela autora

Após esse delineamento, o segundo passo foi identificar os circuitos produtores de vídeos sobre saúde que correspondam às posições discursivas determinadas a partir das duas variáveis: legitimidade no campo midiático e legitimidade no campo da saúde. Em se tratando de vídeos sobre saúde, a VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz se destacou pela tradição de três décadas e relevância no cenário brasileiro como um dos maiores acervos sobre o tema no país, com mais de nove mil registros. Polo de guarda, produção e disseminação de materiais audiovisuais em saúde, com base no Rio de Janeiro, a Distribuidora é ligada à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), reconhecida instituição de ciência e tecnologia em saúde da América Latina, vinculada ao Ministério da Saúde e instalada em 10 estados. A Distribuidora conta um canal no *YouTube* (www.youtube.com/videosaudedistribuidoradafiocruz) desde 6 maio de 2011, onde disponibiliza documentários, trailers, palestras, institucionais e vídeos curtos para internet. Conta com 22 mil inscritos e quase dois milhões de visualizações⁷⁶. O canal se descreve como “Canal oficial da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz dedicado à publicação

⁷⁶ Os dados dos três canais no *YouTube* foram coletados novamente em 8 de maio de 2020.

de vídeos informativos de caráter institucional e de interesse da população.” A partir dessas informações, caracterizamos a VideoSaúde como lugar de interlocução intermediário, que agrega legitimidade por ser parte de uma renomada instituição de saúde pública e de pesquisa, mas que não alcança a popularidade de um veículo de comunicação de massa ou de um *youtuber* cujo número de inscritos no canal é da ordem milhões.

A definição do nível intermediário foi estratégica para orientar a definição dos demais extremos e balizar os primeiros desafios. Como lugar de interlocução central, buscamos um realizador que, a despeito da legitimidade no campo da saúde, tivesse reconhecido capital midiático e chegamos ao canal do Drauzio Varella (<https://www.youtube.com/drdratrizovarella>). Criado em 1º de setembro de 2011, conta com mais de 2.310 milhões de inscritos e cerca de 132 milhões de visualizações. No canal estão disponíveis vídeos de diversos gêneros: entrevistas, telejornal, programa de TV, websérie, palestra, documentário entre outros. Em sua descrição no YouTube é definido como “O maior canal de saúde do Brasil: de resfriado a questões sociais. Falar para todos, com credibilidade e sem ser chato.”. Mais do que ser um profissional midiático da área da saúde, Drauzio Varella configura como uma empresa/grupo de comunicação voltada para a saúde. Além do canal no YouTube, o médico conta com perfis em outras mídias sociais e um portal de notícias com uma equipe equivalente em número a sites noticiosos.

É possível observar no Canal de Drauzio Varella uma televisualidade midiaticizada (SACRAMENTO; BORGES, 2017), cujo conteúdo segue estratégias, gêneros e formatos televisivos. O canal anuncia programação inédita e periódica às segundas e quintas-feiras, assemelhando-se à lógica televisiva, prática identificada como o fenômeno de remediação (BOLTER; GRUSIN, 1999), onde o significado cultural dos novos meios é atingido prestando homenagem aos meios anteriores em um processo de remodelação dos conteúdos. Uma relação semântica onde os novos meios dependem dos velhos, o que também remete ao movimento diacrônico entre Matrizes Culturais e Formatos Industriais presente no Mapa das Mediações de Jesús Martín-Barbero (2015), no caso em referência à matriz cultural televisiva.

Drauzio é um médico cancerologista, cuja ascensão enquanto personalidade midiática (CARVALHO, 2009) vem sendo construída ao longo dos anos e mediada pela verve professoral adquirida em anos de docência. É autor de *Estação Carandiru*, lançado em 1999, que recebeu o Prêmio Jabuti 2000 de livro do ano. A obra foi transformada no filme *Carandiru* (2003), de Hector Babenco, sucesso de crítica e público que catapultou Drauzio Varella para a cena midiática. Desde então, participa com regularidade de diversas séries sobre saúde

exibidas no programa semanal *Fantástico* da *Rede Globo*, além de ser recorrente fonte para diversos veículos de comunicação.

Como um lugar de interlocução periférico buscou-se uma entidade que não tivesse legitimidade reconhecida no campo da saúde nem capital midiático. O ponto de partida foi buscar um movimento social, que constitutivamente parte de uma situação periférica dentro da sociedade e organizando-se em um coletivo atua na luta por mudanças sociais. Nada mais periférico do que as pessoas em situação de rua, à margem da sociedade, sem endereço fixo, moradia, sem acesso à maioria dos direitos sociais. Foi quando encontramos a Rede Rua, uma organização da sociedade civil de caráter cultural, educacional e assistencial que atua desde 1991 promovendo o resgate dos direitos da população em situação de rua a partir do desenvolvimento de oficinas de desenvolvimento humano, de resgate de autoestima, de fortalecimento da cidadania e de comunicação popular. Desde a criação documentam audiovisualmente as atividades, reunindo um acervo com cerca de 900 títulos com produções de vídeos que registraram os acontecimentos da vida nas ruas, dos cárceres, das mulheres marginalizadas, dos sem-terra, das lutas no campo entre outros segmentos de excluídos, além de cursos e formações populares, seminários, manifestações e atos de movimentos pastorais e organizações sociais. O canal no *Youtube* *RedeRuadeComunicação* (www.youtube.com/rederuadecomunicacao) foi criado em 10 de janeiro de 2008, possui 1.200 mil inscritos e cerca de 420 mil visualizações. Não há descrição sobre o canal no *YouTube*.

Com os realizadores definidos a partir de suas posições discursivas, o próximo passo foi elencar quais vídeos seriam objetos de inferência para os circuitos. Optamos como critério de escolha produções que estivessem classificadas como documentários, com duração de até 20 minutos e que fossem de temáticas variadas podendo atrair diversos públicos. Ou seja, duas variáveis de suposta heterogeneidade, o lugar de interlocução e a temática, até mesmo porque entre os realizadores escolhidos não haveria a possibilidade de um tema em comum. No canal da VideoSaúde Distribuidora o documentário escolhido foi *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas* (2014), com 20 minutos de duração. No canal de Drauzio Varella, havia apenas duas obras do gênero documentário, foi selecionado o *Rio Doce, Rio Morto* (2015), sobre o impacto ambiental gerado pelo vazamento de resíduos tóxicos pela mineradora Samarco. No canal RedeRuadeComunicação o escolhido foi o documentário *Não somos mendigos* (2017), com nove minutos de duração. Os três filmes estariam inseridos no que chamamos de conceito ampliado de saúde. Os filmes selecionados tinham muitas diferenças entre si para além da temática, duração, linguagem, ano de produção etc. Inclusive isso foi observado no exame de qualificação e foi recomendado fugir da comparação entre os

filmes. Apesar da análise fílmica não ser um dos objetivos desta pesquisa, as especificidades dos mesmos e seus contextos de produção seriam fatores a serem incluídos na análise.

A hipótese era que a posição discursiva dos realizadores das produções audiovisuais, os interlocutores, era responsável pela qualidade dos circuitos. Em outras palavras, seria dizer que as características discursivas dos interlocutores são transferidas à forma de circulação dos produtos midiáticos por eles produzidos. Como pesquisadora questioneei o meu empenho em justificar a escolha dos filmes a partir de diferentes lugares de interlocução, entendendo que as escolhas de circuitos heterogêneos não necessariamente os garantiriam. Apesar do critério ter sido elogiado pelos pares em apresentações prévias do andamento da pesquisa, residia em mim a sensação de estar justificando demais as escolhas, fazendo escolhas para justificar e abrindo concessões para me adequar ao critério definido. Foi quando, no final de 2018, conheci as pesquisas e ferramentas do DMI e como esta pesquisa era *sobre* mídias digitais, me pareceu muito oportuno também pesquisar *com* os meios além de falar *sobre* eles.

3.1.4 *Quarta tentativa e valendo: o encontro com os métodos digitais*

O primeiro procedimento metodológico após o encontro com os métodos digitais foi criar um navegador próprio para pesquisa. Entendendo a internet como um território não neutro, onde a datatificação influencia os resultados da navegação, todos os passos deste estudo foram realizados em um navegador de pesquisa⁷⁷ criado para que as configurações pessoais e o histórico de navegação não interferissem nos resultados. Dentre as ferramentas para pesquisa disponíveis no Wiki do DMI (<https://wiki.digitalmethods.net/Dmi/ToolDatabase>), utilizei o Google Scraper⁷⁸ para a identificação e seleção dos filmes sobre o tema “parto”, uma palavra-chave de amplo conhecimento. O Google Scraper é mais especificamente uma API (*Application Programming Interface*), uma interface de programação que permite o acesso a um aplicativo ou plataforma na internet por meio de um conjunto de rotinas e padrões de programa. A ferramenta possibilita a consulta da ressonância de um termo específico ou uma série de termos – e não a expressão exata – em um conjunto sites a partir dos buscadores Yandex, Google, Bing, Yahoo, Naver, Baidu e DuckDuckGo gerando até mil resultados. Escolhi trabalhar com o

⁷⁷ O canal do *Digital Methods Initiative* no *YouTube* disponibiliza um vídeo tutorial, *The research browser*, que ensina como criar um navegador exclusivo para pesquisa. O vídeo está disponível em: <https://youtu.be/bj65Xr9GkJM>.

⁷⁸ A ferramenta está disponível em: <https://tools.digitalmethods.net/beta/searchEngineScraper>.
<https://wiki.digitalmethods.net/Dmi/ToolDatabase>

universo de 100 resultados para cada filme consultado para ser viável checar e analisar cada citação. O buscador escolhido foi o Google e os resultados são de acordo com os critérios da plataforma, que se baseia no algoritmo PageRank. Foi usado o domínio “com.br”, região “Brasil” e a língua escolhida foi “português”.

Usei duas expressões de busca no Google Scraper, que no aplicativo chama-se “*query*”(pergunta): a primeira, “filmes sobre parto”, mostrou logo em seus primeiros resultados a existência de listas de filmes sobre o tema, que oferecia um universo maior de resultados, me levando para uma segunda busca com a expressão “listas filmes sobre parto” no intuito de encontrar mais listas. Ao todo, nas duas buscas, foram encontradas sete listas de filmes sobre parto, onde foram compilados 29 filmes que foram ranqueados a partir do número de citações nas listas identificadas. A partir do critério de exclusão “estar disponível integralmente e gratuitamente no YouTube”, escolhi os três documentários mais citados nas listas para o *corpus*, que correspondem aos filmes que ocupam a terceira, quarta e quinta posição da tabela, que, para a minha surpresa, falavam especificamente de violência obstétrica. Os filmes mais citados que ocupam a primeira e segunda posição, *O renascimento do parto* (2013) e *Orgasmic Birth: the best kept secret* (2009), respectivamente, estão disponíveis no *YouTube* apenas no formato trailer. A versão integral só é possível ser vista mediante pagamento no *YouTube Filmes*, no caso do primeiro filme, e no *Vimeo*, no caso do segundo. Essa foi a descrição do “percurso vencedor” da escolha do *corpus*. Em geral, apenas documenta-se o que dá certo, mas a pesquisa é feita de idas e vindas, acertos e erros e por isso irei também documentar esse processo.

O uso do termo “filme”, originado da palavra inglesa *film*, que significa película, não foi aleatório. Foi convencionado pela indústria cinematográfica que “filme” se refere às obras de ficção realizadas nesse suporte e exibidas em cinema (AUMONT; MARIE 2003). Por conta de disputas dentro do campo cinematográfico, o termo começou a abarcar também o gênero documental, considerado uma categoria menor. Desde o fim da década de 1990, com o advento da tecnologia digital para o cinema e o desuso da película, as definições de filme estão sendo atualizadas, assim como, mais recentemente, a finalidade da exibição cinematográfica de um filme. Nos últimos anos, o Oscar⁷⁹, considerado a maior premiação do cinema mundial, indicou e premiou filmes distribuídos pela Netflix, assim como houve o lançamento mundial

⁷⁹ Para ser elegível ao Oscar, um filme precisa ter ao menos 40 minutos, exceto nas categorias de curtas-metragens, ter tido a primeira exibição pública em cinemas e ser exibido em Los Angeles por pelo menos uma semana entre os dias 1º de janeiro a 31 de dezembro do ano anterior. Fonte: <https://www.oscars.org/sites/oscars/files/92aa_rules.pdf>.

de filmes que não foram exibidos em uma sala de cinema pelo mesmo serviço de *streaming*. Desta forma, entendemos como filme uma obra audiovisual de ficção ou documental, não necessariamente para exibição cinematográfica, que faz uso de narrativa, enquanto o termo “vídeo” abarca inúmeros gêneros audiovisuais podendo ou não fazer ou não uso de narrativa cinematográfica. Entendemos como narrativa⁸⁰ cinematográfica uma sequência de imagens e sons construída de maneira intencional por meio de uma montagem/edição.

O trabalho exploratório de pesquisa havia mostrado que o termo “vídeo” renderia como resultado filmagens de parto – vídeos pessoais, sem narrativa, com caráter de registro e sem problematização sobre a questão do parto. No entanto, eu não testei esse termo como expressão de busca no Google Scraper e ao ser questionada sobre o fato senti a necessidade de refazer a coleta de dados. Como inicialmente eu não sabia que poderia selecionar uma data retroativa, no caso dia 13 de maio de 2019, refiz a busca em 1º de julho de 2019, com as mesmas variáveis anteriores e usando três expressões: “vídeos sobre parto”, “filmes sobre parto” e “lista filme sobre parto” e essa nova coleta trouxe outros achados. Posteriormente verifiquei que a busca por uma data retroativa não garante os mesmos resultados do que a busca realizada no mesmo dia.

Primeiramente, foi o comprovado que a busca por “vídeos sobre parto” não resulta em citações sobre filmes sobre parto e sim sobre registros de parto, esses vídeos são realizados por equipes de filmagem que fazem esse tipo de serviço ou de forma amadora com celular. Também foram localizadas matérias de TV disponibilizadas na internet que usam o termo “vídeo” na identificação e indexação. Dos 100 resultados, 47 foram matérias de TV, 32 registros de parto, 16 eram modalidades de vídeos (como animação, relato de parto), apenas três eram filmes sobre parto e dois não apresentavam nenhum vídeo, apenas a menção às palavras “vídeo” e “parto” ou apenas “parto”. A quantidade das matérias televisivas nos resultados demonstrou as inter-relações entre as mídias, configurando o fenômeno de remediação. As notícias são disponibilizadas em outros meios além daquele para o qual foram originalmente produzidas, apontando novas práticas de consumo das notícias e de acesso aos conteúdos midiáticos, um primeiro achado.

Dentre as matérias as matérias on-line ou televisivas, destacaram-se a repercussão dos registros de parto muitas vezes publicados em mídias sociais, foram localizados 12 resultados

⁸⁰ André Gaudreault et al (2009), baseado nos cinco critérios propostos por Christian Metz, define que uma narrativa possui início, meio e fim; conta com duas temporalidades, o narrativo, aquilo que é narrado, e o descrito, a narração em si; toda narrativa é um discurso, mas nem todo discurso é uma narrativa; não corresponde à realidade em si, a partir de momento em que é contada deixa de ser o real e, por fim, representa um conjunto de acontecimentos.

desse tipo. Em geral tratam sobre polêmicas ligadas ao conteúdo dos vídeos como observa-se nos títulos: “Reações a vídeo de parto normal geram debate na internet”⁸¹, sobre um vídeo de um parto domiciliar em pé publicado no Facebook; “Mulher dá à luz dentro do carro e compartilha vídeo impressionante!”⁸², sobre um registo de parto realizado no banco do carona a caminho do hospital; “Facebook e Instagram deixam de censurar fotos e vídeos de parto vaginal”⁸³; “Reações a vídeo de parto revelam que ainda precisamos aprender muito sobre o assunto”⁸⁴. Os exemplos listados revelam o tabu em torno do parto normal, visto como algo excêntrico e bizarro, ao mesmo tempo em que expõem aspectos do metaprocesso de midiaticização e seus desdobramentos na sociedade – os registros amadores e as postagens em mídias sociais de não celebridades virando notícia. O parto midiaticizado adquire diversas formas de circulação pelo sistema midiático em circuitos que vão das mídias sociais para os veículos de comunicação e vice-versa.

Há ainda os casos das matérias de TV no “estilo flagrante” a partir de registros feitos com celulares, como em “Mulher tem parto em corredor de hospital, no AM”⁸⁵, onde é exibido na íntegra o vídeo gravado de um celular recebido pela redação do telejornal, e em “Mulher tem parto em cadeira de rodas em hospital de Goiana”⁸⁶. Neste último caso, o vídeo gravado com o celular já foi produzido com o caráter de registro documental, “Vai nascer no chão aqui a criança. Faz sete minutos que eu cheguei aqui e o médico não apareceu ainda. A secretária quer fazer a ficha em uma emergência obstétrica. Não sei o que tem na cabeça. A famosa Goiana! [nome do município na Região Metropolitana do Recife]”, narra o médico socorrista da cidade vizinha que trouxe a gestante na ambulância.

O segundo achado é que a reprodutibilidade da pesquisa na internet não garante a reprodução dos resultados. Os resultados das buscas por “filmes sobre parto” e “lista filmes sobre parto” coletados em 1º de julho de 2019 foram diferentes dos resultados coletados em 13 de maio de 2019. Na segunda busca foram localizadas cinco listas de filmes sobre parto,

⁸¹ Matéria disponível em: <<https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/video-de-parto-normal-debate-internet/>>

⁸² Matéria disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/noticia/2019/05/mulher-da-luz-dentro-do-carro-e-compartilha-video-impressionante.html>>.

⁸³ Matéria disponível em: <<https://bebe.abril.com.br/parto-e-pos-parto/facebook-instagram-censurar-fotos-parto-vaginal/>>.

⁸⁴ Matéria disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2018/05/reacoes-a-video-de-parto-revelam-que-ainda-precisamos-aprender-muito-sobre-o-assunto/>>.

⁸⁵ Matéria disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/videos/v/mulher-tem-parto-em-corredor-de-hospital-no-am/7667693/>>.

⁸⁶ Matéria disponível em: <<https://tvjornal.ne10.uol.com.br/bronca-24-horas/2019/05/29/mulher-tem-parto-em-cadeira-de-rodas-em-hospital-de-goiana-veja-video-170345>>.

enquanto na primeira foram localizadas sete listas. Essa mudança se deve à instabilidade das informações disponíveis na internet, em especial à ação do algoritmo PageRank, que num mercado simbólico em constante movimento rendeu resultados diferentes em relação à ressonância dos termos pesquisados. A diferença dos resultados gerou dúvidas sobre qual coleta de dados usar: a primeira coleta onde não usei a expressão de busca “vídeos sobre parto” e foram localizadas sete listas e ou a segunda, mais de um mês depois, quando usei as três expressões e encontrei cinco listas, menos do que havia encontrado antes.

As idas e vindas do processo de coleta de dados me levaram a reflexões e questionamentos, mas sobretudo me fizeram compreender qual aspecto iria privilegiar por ser mais relevante. Privilegiei as listas, um relevante sistema de recomendação em nossa sociedade e elemento importante na circulação dos filmes sobre parto. Entendido isso, optei por manter o primeiro resultado com número maior de listas, oriundo da primeira coleta de dados realizada em 13 de maio de 2019, respaldada pelo fato de que a busca por “vídeos sobre parto” feita posteriormente não rendeu resultados, como já indicava, de maneira não sistematizada, a pesquisa exploratória.

Ler e fazer listas tem sido uma prática disseminada em livros, filmes, sites e aplicativos, não é difícil encontrar na internet listas sobre o assunto pelo qual se está buscando. Mas a atual popularidade das listas não significa que seja um fenômeno contemporâneo. Autores clássicos como Homero, Hesíodo e Cervantes e a iconografia das pinturas egípcias já usavam as listas enquanto recurso (ECO, 2010). Com o caráter didático e prescritivo, a literatura de listas também se populariza pelo significado de *expertise* reconhecida, uma vez que a elaboração das listas pressupõe um especialista ou conhecedor do tema que faz recomendações ao público gerando um produto de fácil consumo para os que não detêm tal conhecimento. Tradicionalmente, esse papel é ocupado pelas listas literárias, que atuam como indicadoras e divulgadoras de leitura contribuindo com a circulação das obras em especial para leitores leigos. Para Umberto Eco (2010), a atividade de listar – a reunião de elementos próximos por meio de um agente ou fator –, implica um pensamento de categorização, catalogação, ordenação instituindo um referência sobre um conjunto, criando uma imagem única e ampla sobre os objetos aproximados e revelando uma rede de conexões como livros, autores, temas, gêneros, finalidades, escolhas pessoais etc.

Essa primeira fase da pesquisa trouxe dois aspectos importantes, primeiramente a emergência da web semântica (WS), a capacidade das máquinas compreenderem significados por meio de funcionalidades técnicas delas derivadas como o uso dos algoritmos, uma mediação sociotécnica e, secundamente, o papel de curadoria do profissional que atua nas

mídias digitais, uma mediação humana que participa desse rede sociotécnica (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012). A capacidade da web semântica é limitada e os significados por vezes podem ser sobrepostos, isso porque falta para as máquinas a capacidade de atribuir sentidos de acordo com os contextos, uma vez que o mesmo termo pode ter diversos significados. Para isso existem as ontologias, que reúnem uma coleção de conceitos que são organizados e hierarquizados representando uma área de conhecimento e criando relações semânticas entre os termos, a web semântica, por sua vez, faz uso das ontologias para especificar as descrições dos conceitos. Na internet, as ontologias podem ainda ser enriquecidas pelo folksonomia, a forma de indexação colaborativa feita pelos usuários na internet por meio de tags e assim se aproximam mais da linguagem natural como o multilinguismo, a ambiguidade e a inventividade. Nesse sentido, a capacidade do comunicador em dominar as formas de tagueamento é determinante para a garantir a visibilidade do conteúdo nos buscadores por meio de técnicas de SEO (*Search Engine Optimization*) (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 128).

É neste ponto que folksonomias e ontologias constituem-se como elementos-chave para introduzir a significação do mundo real nos processos de busca e uso da rede. São elementos básicos de aproximação entre gerador/usuário de dados por meio de um processo de troca de significados comunicacionais que são incorporados semanticamente ao processo de busca dos sistemas. A presença do comunicador na construção de folksonomias e ontologias – e na instrução do processo construtivo de páginas com links semânticos – será fundamental para a consolidação da WS (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 128).

As autoras trazem uma importante reflexão sobre o papel dos buscadores, como o Google, e mídias sociais, baseados em algoritmos curadores que decidem qual informação será disponibilizada, “todo algoritmo é produto de um processo humano, com critérios de escolha previamente definidos com base em algum contexto de oferta da informação” (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 130). A dimensão social da tecnologia não deve ser esquecida, toda tecnologia é social e não só o que é tecnológico é tecnologia. A realidade técnica é uma realidade humana, não há oposição entre a cultura e a tecnologia, e a tecnologia é a mediação entre o homem e a natureza (SIMONDON, 2007). Assim, cada vez mais os algoritmos se afirmam no papel de mediadores sociotécnicos entre produtos midiáticos, interlocutores e usuários.

Diferentemente da era pré-internet, onde o conhecimento era restrito e localizado em livros, bibliotecas e jornais e dominado por estudiosos, a informação hoje encontra-se espalhada, em abundância e é também produzida por amadores, plagiadores e usuários que,

dentro outros critérios, se fiam nas métricas de vaidade, como a quantidade de visualizações, curtidas como forma de validação de textos e vídeos. Nesse sentido, os próprios usuários se beneficiam desse processo colaborativo que acaba dando visibilidade para determinados conteúdos, deixando os dados mais localizáveis e compreensíveis. É nesse ponto que observamos a importância das listas como sistemas de recomendação, destacando-se no rastreamento de filmes sobre parto. As listas são compêndios de informação previamente identificada, selecionada e posta à circulação em um formato de fácil acesso. A objetividade das listas contribui com a sua propagabilidade, mas não só isso, as listas implicam em uma curadoria., mais um ponto a ser examinado.

A curadoria é outro aspecto refletido por Corrêa e Bertocchi,(2012), que propõem um olhar sobre os comunicadores como agenciadores dessa rede sociotécnica, em especial o posicionamento do jornalista e dos veículos de comunicação. Denominam de “jornalista curador” o profissional responsável pela sofisticação do algoritmo, “Quanto mais informações circunstanciais, sociais e comportamentais se fizerem necessárias para a modelagem do algoritmo, mais deveria ser exigida a participação do elemento humano como alimentador do modelo.”(CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 137). As autoras fazem uma distinção entre a curadoria realizada pelos algoritmos menos complexos, que “aprendem” olhando para trás considerando o comportamento do usuário (comentários, recomendações, o curtidas, o que leu), e a curadoria humana, que olha para o futuro, “capaz de agregar novas e inusitadas perspectivas à informação, oferecendo aos seus usuários a surpresa, o inesperado ou simplesmente aquilo que o usuário nem imaginaria existir no mundo e sobre o mundo, ampliando seu próprio entendimento de mundo”(CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 137). A partir dessa diferenciação destacam o papel do jornalista no que elas chamam de “novo contexto cibercultural”.

O que inferimos é que a curadoria no jornalismo é capaz de se favorecer da evolução tecnológica, mas ela não é fruto de um determinismo. Ao contrário, ela é uma ação deliberada de quem assume papéis de re-mediação na sociedade, seja um ativista, um blogueiro, um pesquisador, um jornalista ou um comunicador (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 139).

A conclusão das autoras também aponta para “um cenário de extrema valorização da palavra e, portanto, de seus artífices – jornalistas e comunicadores – que têm diante de si a perspectiva de consolidação de seu papel na sociedade digital maquínica que parece emergir.” (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 141). Mas nesse ponto pretendemos fazer um deslocamento para além do papel do jornalista-curador na sofisticação dos algoritmos. O papel

do curador também passa pela produção e circulação de conteúdos para a internet como as listas, formas curatoriais por natureza, e vai além do profissional de jornalismo. As listas, como pudemos observar, são conteúdos altamente propágaveis, uma vez que contribuem com a visibilidade de determinados conteúdos deixando-os mais localizáveis e compreensíveis, além de serem legitimados pelo formato e pela curadoria de quem a realizou. Como veremos adiante, o curador prescindiu ser um jornalista de fato, mas não deixa de ser um comunicador em suas diversas formas assumidas na sociedade midiaticizada, como uma personalidade médica-midiática, uma blogueira, uma ativista ou uma usuária.

Voltando à coleta de dados para a seleção dos filmes, nos 100 resultados mais relevantes obtidos no Google Scraper com a pergunta “filmes sobre parto” identificamos sete filmes, quatro documentários e três ficções e seis listas de filmes sobre parto. Nesta lista reunimos os resultados encontrados fora das listas, apesar de indicarmos na última coluna à direita se pertenciam a alguma lista ou não. Essa indicação foi necessária para aferir a precisão da busca em relação ao tema e a precisão do conteúdo reunido nas listas. Em uma análise mais detalhada desses filmes, foi possível observar que a busca pela *query* “filmes sobre parto” não foi suficiente para localizar os filmes, trazendo dois resultados que, apesar de conterem “parto” no título, não se referiam ao tema em si. Foram eles: *Um parto de viagem* (2010), onde o parto é apenas o propulsor do enredo da comédia, que conta a história de um homem que vai ser pai pela primeira vez e pega uma carona para conseguir presenciar o parto do filho, e *Meu trabalho é um parto* (2010), mantendo o trocadilho do título em inglês *Labor pains*, conta a história de uma jovem que mente estar grávida para permanecer no emprego. Tabulando os dados dessa primeira busca (tabela 1), independentemente de pertencerem a uma lista ou não, a palavra “parto” (destacada em negrito) aparece na maioria dos títulos. *O renascimento do parto* e suas continuações (2 e 3) destacam-se entre os filmes mais citados.

Tabela 1 – Filmes localizados na busca por “filmes sobre parto”

Filmes localizados na busca por “filmes sobre parto”						
	nº de citações	título do filme	ano de lançamento	nacionalidade	gênero	pertence à alguma lista
1	14	O renascimento do parto	2013	Brasil	documentário	sim
2	14	O renascimento do parto 2	2018	Brasil	documentário	sim

3	11	Um parto de viagem (<i>Due date</i>)	2010	USA	ficção	não
4	8	O renascimento do parto 3	2018	Brasil	documentário	sim
5	3	Parto sim	2019	Brasil	ficção	não
6	3	Meu trabalho é um parto (<i>Labor pains</i>)	2010	USA	ficção	não
7	1	A parteira	2019	Brasil	documentário	não

Fonte: tabela elaborada pela autora

Na segunda busca, com a expressão “lista filmes sobre parto”, foram encontradas 44 listas, das quais apenas sete listas foram de filmes sobre parto, e 15 filmes foram citados fora de listas. As demais listas que não correspondiam à *query* “lista filmes sobre parto” podem ser divididas em três grupos: 1) listas de temáticas relacionadas, em geral são filmes de ficção que tratam da gestação e das mudanças ocorridas no período cujos títulos aparecem os termos “filmes sobre gravidez”, “para assistir durante a gravidez”, “sobre maternidade”, “família”, “para assistir com crianças”, “espiritualidade” e “sagrado feminino”, “violência contra mulher” e “mulheres empoderadas”; 2) listas que não são de filmes mas que falam sobre parto, como as de “músicas para ouvir na hora do parto” ou de “fotos para fazer na maternidade”; 3) listas de filmes cujas temáticas não se relacionam com parto, como de “pessoas com deficiência”, “lançamentos da Netflix”, lançamentos de salas comerciais de cinema, “filmes para chorar de rir”, “filmes de terror para assistir com crianças” e “filmes engajados em causas sociais”. Vale destacar a presença de *O renascimento do parto* em listas com temáticas relacionadas como “violência contra mulher” e de “filmes sobre mulheres empoderadas”, visibilizando a rede de associações que se forma em torno do filme e o posicionamento do filme na luta pelos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

Quanto aos 15 filmes localizados fora de listas na busca por “lista filmes sobre parto” (tabela 2), oito eram ficções, seis documentários e um não identificado. Sete contavam com a palavra “parto” no título, destacado em negrito na tabela 2. Nos demais, a palavra estava na sinopse, exceto em *Filha das sombras* (2007), que “parto” apareceu nos comentários de um usuário da rede social on-line onde foi citado. Novamente *O renascimento do parto* e suas continuações estão entre os mais citados.

Fora das listas a precisão dos filmes em relação ao assunto foi bem menor. Nos filmes de ficção, que datam a partir do ano 2000, o parto é um elemento secundário, um contexto de dor, perda ou abandono para o desenvolvimento da trama. Como é o caso de *Onde mora o*

coração (2000), sobre uma adolescente grávida, sem família, que logo após ser abandonada pelo namorado entra em trabalho de parto em uma loja de departamentos tornando-se uma personalidade instantânea e ganhando novos amigos e família. *Acusada de morte* (2001) conta a história de uma parteira que se vê obrigada a realizar um parto cesariano com uma faca de cozinha para salvar o bebê e a mãe, que acaba não resistindo, e por isso torna-se culpada de homicídio dividindo as opiniões da comunidade da cidade rural onde vive. Em *Contagem regressiva* (2013), o protagonista perde a esposa por conta de complicações no parto e tem que cuidar do bebê prematuro, que precisa ser mantido em uma incubadora durante a passagem do furacão Katrina em Nova Orleans. Já *Filha das sombras* (2007) é sobre uma mulher, que após ter o seu primeiro filho esperado por anos, enfrenta um quadro de depressão por conta da rotina e ausências constantes do marido e vê o sonho de ser mãe ser transformado em um pesadelo. O longa-metragem rendeu o seguinte comentário de “edwards”, usuário da rede social de filmes e séries *Filmow*: “Como aquele cara deixa uma mulher linda e maravilhosa como a Laura [Elisabeth Sue] sozinha em uma mansão daquela? E ainda com depressão pós parto? Tadinha, ela não teria passado por nada disso se o marido dela fosse eu... (grifo nosso)”⁸⁷. Por conta desse comentário o filme *Filha das sombras* apareceu como um dos resultados na busca. Depressão pós-parto é tema de *O estranho em mim* (2008), longa alemão sobre um casal apaixonado que está esperando o primeiro filho e após o nascimento a mãe do bebê começa a ter depressão e não reconhecer o bebê como parte de si. Nessa lista de dor, sofrimento e abandono inclui-se o curta-metragem brasileiro *Parto sim* (2019), que retrata a história, baseada em fatos, das grávidas que moram em Fernando de Noronha (PE) e são proibidas de parir na ilha e por isso precisam deixar suas casas até a 34ª semana de gestação e ir para o Recife, onde há assistência médica adequada para o parto.

Tabela 2 – Filmes localizados na busca por “lista de filmes sobre parto”

Filmes localizados na busca por "lista filmes sobre parto"						
	nº citações	título do filme	ano de lançamento	nacionalidade	gênero	pertence à alguma lista
1	20	O renascimento do parto	2103	Brasil	documentário	sim
2	4	O renascimento do parto 2	2018	Brasil	documentário	sim
3	2	Contagem regressiva (<i>Hours</i>)	2013	USA	ficção	não

⁸⁷ Página do filme na rede social de cinema *Filmow*. Disponível em: <https://filmow.com/filha-das-sombras-t5024/>.

4	2	O renascimento do parto 3	2018	Brasil	documentário	sim
5	2	Parto sim	2019	Brasil	ficção	não
6	1	Acusada de morte (<i>Midwives</i>)	2001	USA	ficção	não
7	1	Andando com fé	não identificado	não identificado	não identificado	não
8	1	Filha das sombras (<i>First Born</i>)	2007	USA	ficção	não
9	1	Meu trabalho é um parto (<i>Labor pains</i>)	2010	USA	ficção	não
10	1	O estranho em mim (<i>Das fremde in mir</i>)	2008	Alemanha	ficção	não
11	1	Liberdade para nascer (<i>Freedom for birth</i>)	2012	Reino Unido	documentário	não
12	1	Onde mora o coração (<i>Where the heart is</i>)	2000	USA	ficção	não
13	1	Parto orgásmico (<i>Orgasmic birth</i>)	2009	USA	documentário	sim
14	1	Simbiose	2017	Brasil	documentário	não
15	1	Um parto de viagem (<i>Due date</i>)	2010	USA	ficção	não

Fonte: tabela elaborada pela autora

A questão do parto é central nas produções documentais recuperadas pelas listas. Os filmes, que datam a partir de 2009, dedicam-se a discutir as formas de nascer como a trilogia *O renascimento do parto*, cujo primeiro filme fala sobre o parto humanizado, o segundo volta-se para a questão da violência obstétrica e o terceiro aborda várias subtemas dentro do tema principal como o SUS que dá certo, o parto orgásmico, parto na água, parto normal após cesárea, cuidados com recém-nascidos, a cena obstétrica na Holanda, Nova Zelândia e em Camboja e a importância do aleitamento materno segundo diretrizes da OMS. Os demais documentários seguem a mesma linha como *Liberdade para nascer* (2012), que no site oficial dos realizadores é apresentado como uma espécie de filme-movimento, “*The mother’s revolution*”, “com mais de mil exposições públicas em 50 países e em 17 idiomas [...] que ajudou a estabelecer os Direitos Humanos no Parto como um movimento global.” (MICROBIRTH, tradução nossa).⁸⁸ *Parto orgásmico: o segredo mais bem guardado* (2009), apresenta as potencialidades emocionais, espirituais e físicas do parto contrapondo-se ao mito do parto doloroso, perigoso e medicalizado. E por fim aparece *Simbiose* (2017), documentário

⁸⁸ Disponível em: <http://microbirth.com/about/> Acesso em 22 de julho de 2019.

sobre a parteira tradicional Maria dos Prazeres, que realiza partos de mulheres de classe média da região metropolitana do Recife e na comunidade rural de Jaboatão dos Guararapes (PE).

Se na ficção a questão do parto não é central e está associada a momentos difíceis de dor, sofrimento, perda e abandono, nos documentários o tema ganha centralidade e é associado a sentimentos de alegria, emoção, prazer, empoderamento e protagonismo feminino, construindo uma narrativa de renascimento (*O renascimento do parto*), libertação (*Liberdade para nascer*), revelação (*Parto orgásmico: o segredo mais bem guardado*) e benefício (*Simbiose*). As associações de dor, sofrimento e fatalidade podem inclusive ser observadas nos títulos das obras de ficção, mais enfaticamente nas adaptações para o português⁸⁹, como é possível observar em *Contagem regressiva*, no original *Hours* (Horas); *Acusada de morte*, que em inglês é *Midwives* (Parteiras); *Filha das sombras*, cujo título original também é bastante diferente, *First born* (Primeiro filho, Primogênito); *Meu trabalho é um parto*, que guarda a mesma relação semântica de *Labor pains* (Dores do parto); *O estranho em mim* que praticamente mantém o título original alemão *Das Fremde in mir* (A estranheza em mim) e *Um parto de viagem*, que originalmente é *Due Date*, data de vencimento, expressão que significa que algo está vencido como uma fatura bancária ou a data esperada para o nascimento de um bebê. Em um artigo sobre a trilogia *O renascimento do parto*, uma crítica de cinema fala sobre a construção social de parto e dor:

O terceiro e último filme da trilogia vem para provocar e reforçar. Ele começa falando sobre parto orgásmico, algo que só nos parece contraditório porque, como a entrevistada diz, a visão religiosa e patriarcal nos faz dissociar a mãe do ser sexual – e aceitamos de bom grado que um ser humano nasça da dor, mas não que nasça do prazer (MAGALHÃES, 2019).⁹⁰

Ao contrário do resultado localizado pelo sistema de busca que identifica as palavras-chave, as listas de filmes (tabela 3) sobre parto implicam uma curadoria, que confere credibilidade, legitimidade e objetividade à recomendação. Conforme podemos ver na tabela 3, todas as listas foram elaboradas por mulheres, em sua maioria profissionais de saúde dedicadas à assistência ao parto, e publicadas em mídias e sites de serviços especializados voltadas ao parto, nascimento e maternidade. As publicações das listas concentram-se entres os anos de 2015 a 2018. No primeiro *scrap* (busca realizada pela ferramenta Google Scraper)

⁸⁹ As distribuidoras de filmes têm liberdade para modificar os títulos dos filmes estrangeiros, se assim preferirem. Trata-se de uma estratégia de marketing que visa atrair mais público, podendo dialogar com contextos culturais, por conta disso, a simples tradução dos títulos não é via de regra no Brasil e no mundo.

⁹⁰ Disponível em: <<https://medium.com/cinesuffragette/trilogia-o-renascimento-do-parto-e-a-viol%C3%A2ncia-obst%C3%A9trica-de-cada-dia-e029201d29d1>>.

com a *query* “filmes sobre parto” foram encontrados seis listas, no segundo *scrap* com a *query* “listas filmes sobre parto” foram localizadas cinco listas. Reunindo os dois resultados obtivemos setes listas, três listas foram comuns às duas buscas (listas 1, 2 e 3).

Tabela 3 – Listas de filmes sobre parto

Listas de filmes sobre parto localizadas no Google a partir da ferramenta Google Scraper								
nº da lista	título da lista	elaborada por	data de publicação	nº de filmes	origem	categoria	observação sobre origem	query
1	7 filmes sobre parto e gestação para assistir enquanto o bebê não vem	Érica de Paula, doula, educadora perinatal, psicóloga e codiretora de <i>O renascimento do parto</i>	18/12/2017	7	Lunetas	mídia especializada	portal de jornalismo para famílias e interessados na infância	[filmes sobre parto] [lista filmes sobre parto]
2	14 filmes imperdíveis sobre Parto	equipe do Parto por amor, que é formada por enfermeiras obstétricas	29/07/2016	14	Parto por amor	serviço especializado	realiza parto domiciliar planejado	[filmes sobre parto] [lista filmes sobre parto]
3	8 filmes que ajudarão você a escolher o tipo de parto	Juliana Torres, ginecologista e obstetra	01/04/2015	8	Cordvida	serviço especializado	armazena células-tronco	[filmes sobre parto] [lista filmes sobre parto]
4	Parto Natural Humanizado	Sabrina G., usuária da rede social Filmow	não identificada	11	Filmow	rede social de cinema		[lista filmes sobre parto]
5	Dia das Mães: mulheres lutam pelo direito natural de parir Filmes pra ver	Alice de Souza e Anamaria Nascimento, jornalistas do Diário de Pernambuco	13/05/2018	3	UFPE	instituição de ensino	reprodução da matéria publicada no Diário de Pernambuco	[lista filmes sobre parto]

6	6 filmes incríveis sobre Parto	Eleonora Bianchi, psicóloga, doula, educadora perinatal e instrutora de yoga	26/09/2018	6	Despertar do parto	serviço especializado	oferece cursos e eventos para gestantes, casais grávidos, mãe-bebê e profissionais ligados à assistência ao parto	[filmes sobre parto]
7	Parto do princípio Filmes e vídeos	rede de mulheres do do Parto do princípio	não identificada	21	Parto do princípio	mídia especializada	rede de mulheres usuárias do sistema de saúde brasileiro, tem como atuação principal a defesa e a promoção dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher	[filmes sobre parto]

Fonte: tabela elaborada pela autora

Analisando as setes listas localizadas nas duas buscas (“filmes sobre parto” e “lista filmes sobre parto”) identificamos 29 filmes (tabela 4): 23 documentários, seis ficções. A recorrência do documentário nesse tipo de cinematografia nos faz refletir sobre como o gênero vocaliza a necessidade de circulação do discurso sobre a defesa do parto normal. As produções datam de 1983 a 2018, mas se intensificam em 2013 e 2014 (gráfico 1), principalmente os documentários. Todos os filmes indicados nas listas discutiam com precisão a questão do parto, nascimento e maternidade. Para a seleção do *corpus* de análise optamos pela escolha dos três filmes mais citados pelas listas e que estivessem disponíveis integralmente no YouTube, plataforma que escolhemos como “ponto de entrada” para analisar a circulação. *O renascimento do parto* está disponível no formato trailer e na íntegra no canal pago do YouTube, o *Youtube Filmes* pelo valor de R\$3,90. O segundo filme mais citado, o documentário estadunidense *Orgasmic Birth: the best-kept secret*, também está disponível apenas no formato trailer no YouTube. Ambos os filmes estão disponíveis em plataformas pagas de filmes e são comercializados em DVD, mas usaram o YouTube como forma de divulgação do trailer. Dessa forma, escolhemos os três filmes seguintes, destacados em amarelo na tabela 4: *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas* (2013); *Violência obstétrica: a voz das brasileiras* (2012) e *A dor além do parto* (2013). Todos os três

filmes são documentários, todos os três filmes são sobre violência obstétrica, todos foram dirigidos por mulheres, todos os três filmes contam com a mesma história peculiar que começava com a necessidade de dar voz às vozes das mulheres em sofrimento.

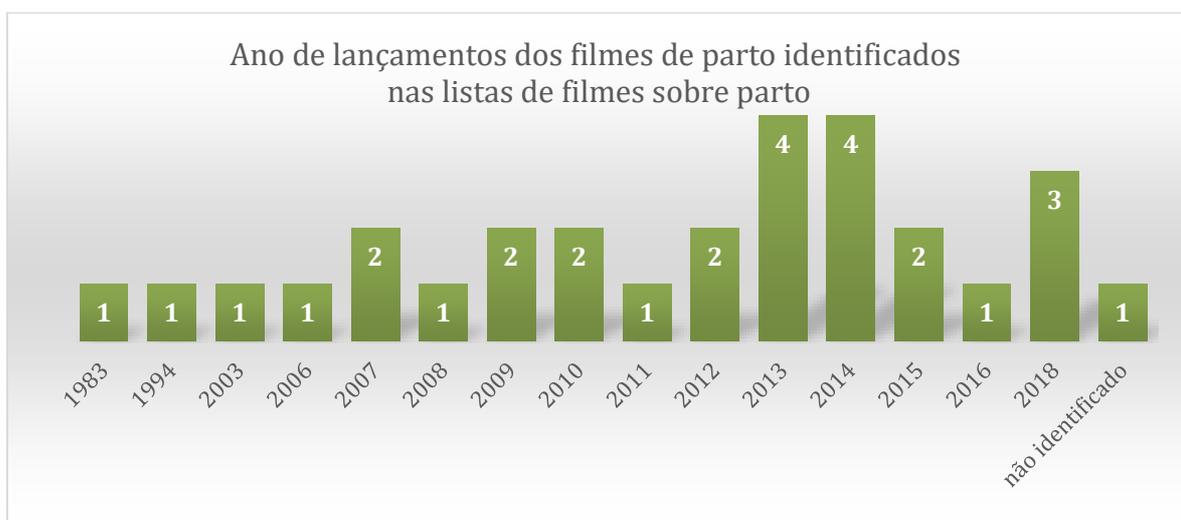
Tabela 47 – Lista de filmes recomendados nas listas de filmes sobre parto

Filmes recomendados nas listas de filmes sobre parto							
	nome do filme	ano de lançamento	nacionalidade	citações	listas	posição	gênero
1	O renascimento do parto	2013	Brasil	7	1,2,3,4,5,6,7	1º	documentário
2	Parto orgásmico: o segredo mais bem guardado (<i>Orgasmic Birth: the best-kept secret</i>)	2009	EUA	5	1,2,3,4,6	2º	documentário
3	Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas	2014	Brasil	4	1,2,4,6	3º	documentário
4	Violência obstétrica: a voz das brasileiras	2012	Brasil	3	1,2,7	3º	documentário
5	A dor além do parto	2013	Brasil	3	2,3,4	3º	documentário
6	<i>Microbirth</i>	2014	Reino Unido	2	1,3	4º	documentário
7	O começo da vida	2016	Brasil	2	1,5	4º	documentário
8	Parto no Brasil: a caminho da humanização	2009	Brasil	2	2,7	4º	documentário
9	Parto natural humanizado (Parto natural)	2010	Brasil	2	3,4	4º	documentário
10	O renascimento do parto 2	2018	Brasil	2	4,6	4º	documentário
11	Hanami - O florescer da vida	[2011?]	Brasil	1	2	5º	documentário
12	Parir é natural	2015	Brasil	1	2	5º	documentário
13	Nascer no Brasil: Cesárea, mitos e riscos	2014	Brasil	1	2	5º	documentário
14	Ligeiramente grávidos (<i>Knocked up</i>)	2007	EUA	1	2	5º	ficção
15	Plano B (<i>The back-up</i>)	2010	EUA	1	2	5º	ficção

16	O que esperar quando você está esperando (<i>What to expect when you're expecting</i>)	2012	EUA	1	2	5º	ficção
17	Juno (Juno)		EUA	1	2	5º	ficção
18	Júnior (Junior)	1994	EUA	1	2	5º	ficção
19	Parto humanizado	2013	Brasil	1	3	5º	documentário
20	Waterbirth	não identificado	EUA	1	3	5º	documentário
21	The bussiness of being born	2008	USA	1	3	5º	documentário
22	O renascimento do parto 3	2018	Brasil	1	4	5º	documentário
23	Na sala de parto	2018	Brasil	1	4	5º	documentário
24	Parto cesárea no Brasil: a verdade	2014	Brasil	1	4	5º	documentário
25	Nascimento e maternidade (<i>Tarachime</i>)	2006	Japão	1	4	5º	documentário
26	First comes love	2013	EUA	1	4	5º	documentário
27	O olmo e a gaivota (<i>Olmo ande seagull</i>)	2015	França	1	5	5º	documentário
28	Monthly python: the meaning of life	1983	Reino Unido	1	6	5º	ficção
29	Um dia de vida	2003	Brasil	1	6	5º	documentário

Fonte: tabela elaborada pela autora

Gráfico 1 - Ano de lançamento dos filmes sobre parto - 1993-2018



Fonte: gráfico elaborado pela autora

A seleção do *corpus* de pesquisa ter resultado em três documentários veio ao encontro do interesse do nosso interesse de pesquisa, o fato passaria despercebido se não fosse a

provocação da orientadora. Com formação completar em audiovisual, especificamente em cinema documental, realizadora e produtora de documentários e pesquisadora do tema desde a graduação, reconheço que esse “acaso” não poderia ser naturalizado. Não saberia dizer quais desafios e escolhas seriam tomadas por mim no percurso deste estudo caso fossem filmes de ficção, que fogem da minha área de interesse de pesquisa. Por mais que busquemos uma imparcialidade na pesquisa, buscando uma postura neutra e “asséptica” diante dos dados, somos o tempo todo atravessadas pelas nossos afetos e paixões, tanto para o bem quanto para o mal. Assumir isso neste momento da pesquisa, menos que um demérito, nos parece ser uma visão honesta e realista da pesquisa científica. É como se estivéssemos colocando mais uma variável nessa rede probabilística de resultados e, fazendo uma analogia com as tradições do cinema documental, realizando uma “pesquisa verdade” (em alusão à tradição francesa do cinema verdade), mostrando a realidade da pesquisa e não apenas pesquisando a realidade.

Entre as idas e vindas para selecionar o *corpus* da maneira mais objetiva possível, foi interessante observar algumas divergências como ter mais resultados de filmes sobre parto usando como *query* “lista filmes sobre parto” e localizar mais listas sobre o tema usando como *query* “filmes sobre parto”. Para além da rigidez do método e das possibilidades oferecidas pelas APIs, tal fato mostrou que precisamos também de toda a nossa subjetividade para duvidar dos resultados e construir um método ao longo do caminho que dê conta de toda a singularidade do objeto e porque não também a subjetividade dele. Em uma mescla de ousadia e humildade, uma relação mais igualitária entre o social e técnica, entre o humano e o não humano, me parece aí estar o equilíbrio. Foi também curioso observar, ou melhor, me permitir ver a emergência de um subtema para ser tomado como plano de fundo para essa análise. Assim como a dor sentida pelas mulheres em sofrimento, a violência obstétrica “gritou” aos meus olhos e se impôs como parte da pesquisa e um bom ponto de observação para as possibilidades e impossibilidades de circulação de documentários sobre a saúde. A ver e ouvir.

3.2 A PROPOSTA DE UM MÉTODO

Para o rastreamento dos filmes e análise dos circuitos de circulação usamos novamente a ferramenta Google Scraper, tomando os títulos selecionados como pergunta (*query*). Antes de optar por esse caminho testamos a busca com a URL dos filmes no YouTube. Ambas as buscas revelavam resultados que citavam o nome do documentário, a URL ou ambos. A diferença é que a busca somente pela URL concentrava a maioria dos resultados em mídias sociais, onde a prática do compartilhamento do endereço eletrônico é comum, invisibilizando os resultados em veículos de comunicação e sites de instituições governamentais e não

governamentais, que não têm como prática a recomendação de um link de um outro site ou plataforma. Dessa forma, optamos por priorizar os resultados da busca pelos títulos dos filmes.

Outra decisão metodológica foi categorizar as citações sobre os documentários por tipos de mídia: 1) site/portal; 2) mídias sociais (YouTube, Facebook, Twitter, Filmow) e 3) plataforma independente (que não está ligada à nenhuma grande empresa como Google, Facebook etc.). Entendemos as mídias sociais como plataformas, mas, para efeito de melhor diferenciação optamos por diferenciar chamando um grupo de mídia de mídias sociais e outro de plataforma independente. Da mesma forma optamos por categorizar as citações pela origem das publicações, uma divisão por setores da sociedade, uma aproximação com a noção de campo de Pierre Bourdieu. Ao todo oito setores foram identificados (Tabela 5): 1) academia (sites de eventos científicos como congressos e instituições de ensino); 2) imprensa (veículos de comunicação); 3) iniciativa privada; 4) saúde; 5) justiça; 6) mídia especializada (veículos de comunicação independentes voltados para a questão do parto, nascimento e maternidade); 7) sociedade civil organizada (coletivos, sindicatos e associações de classe) e 8) usuário (a indivíduo).

Certamente essas categorias se atravessam e muitos dos resultados se enquadram em muitas delas ao mesmo tempo, categorizar a vida é sempre um desafio que o homem criou para organizar e compreender o ambiente (homem, natureza e cultura) e por ironia sempre nos deparamos com a insuficiência das mesmas para explicar o mundo. Como diria o sociólogo Bruno Latour (1994), “jamais fomos modernos”. Hoje, com os metaprocessos de globalização e midiatização, vemos cada vez mais os imbricamentos da sociedade, não há nada que não esteja conectado em rede, não há crise política do nosso país que não influencie a economia de países do outro lado mundo, não há desastre ambiental local que não impacte o ambiente global, não há vírus que resista às fronteiras geográficas, mas ainda assim insistimos em categorizar para dar conta do desafio maior que é fazer caber nos olhos, ainda que a visão seja periférica, os processos contínuos e incessantes de circulação.

Para rastrear a circulação dos três documentários na internet e identificar as mediações sociotécnicas envolvidas executamos os seguintes procedimentos metodológicos:

Etapa 1 – Identificação dos contextos de produção e circulação

- 1.1) busca e recuperação dos contextos de produção e circulação dos filmes por meio matérias e reportagens disponíveis na própria internet para a reconstrução dos rastros e pistas dos contextos;

Etapa 2 – Rastreamento da circulação dos filmes na internet

- 2.1) uso de navegador de pesquisa⁹¹, opção possível como o navegador Firefox;
- 2.2) instalação da extensão “dmitools” para acessar o API Google Scraper;
- 2.3) busca pelo título dos filmes entre aspas com a mesma “setagem”: número de resultados 100, buscador Google, domínio com.br; região Brasil, língua português;
- 2.4) realização da coleta de dados dos três filmes no mesmo dia para garantir os mesmos contextos de circulação na internet;
- 2.5) extração dos dados em formato CSV e importação para o Excel;
- 2.6) categorização dos resultados por tipo de mídias e setores da sociedade e visualização dos dados por meio de software produtor de grafos de rede Gephi;
- 2.7) visão geral das citações por tipos de mídia, por setores da sociedade e do cruzamento das duas categorias;
- 2.8) identificação das citações por cada grupo de mídias (sites e portais; mídias sociais e plataformas independentes).

Etapa 3 – Análise dos circuitos e identificação das mediações envolvidas

3.1) Análise dos circuitos

- 3.1.1) análise dos circuitos por tipos de mídia, setores da sociedade e o cruzamento das duas categorias;
- 3.1.2) análise do circuito de circulação em sites e portais
- 3.1.3) análise do circuito de circulação nas mídias sociais
- 3.1.4) análise do circuito de circulação nas plataformas independentes.

3.2) Identificação das mediações sociotécnicas

Os dados coletados em CSV foram visualizados em Excel (figura 6). Além das nove colunas originais, adicionamos mais seis colunas: “veículo” (para identificação do nome do veículo); “setor” (para identificar o setor da sociedade); “tipo de mídia”, “tags” e

⁹¹ O navegador de pesquisa não é necessário para a coleta de dados via ferramentas do DMI, pois elas já fazem essa “neutralização”, por assim dizer, mas foi indispensável para a checagem e análise dos resultados, procedimento realizado na sequência

“observações”. Os dados preenchidos na coluna “tags” referem-se às palavras-chaves dos textos, quando existem, e dos vídeos principais de cada resultado no YouTube. Para a obtenção das *tags* dos vídeos no YouTube⁹², é necessário um procedimento adicional para extração que implicam em clicar o botão direito do mouse sobre a página de visualização do vídeo no YouTube e selecionar a opção “Exibir código fonte da página” e uma nova guia é aberta contendo o código fonte da página. Para localizar as tags, pressiona-se a tecla F3 ou Ctrl+F para abrir uma barra de busca onde digitamos “keywords” e ao pressionar duas vezes a tecla “Enter” o navegador irá grifar a palavra “keywords” e após ela, na sequência, seguem as palavras usadas como tags

no vídeo.

Figura 6 – Imagem da tabela de visualização da coleta de dados

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	M	N	O	P
result	search engine	query	article title	article url	article description	total nr of results (best guess)	date	filetype	veículo	setor	tipo de mídia	descrição	Tags	Observações
0	google	"Nascer no Brasil"	Nascer no Brasil: Pa	https://www.youtube.com/watch?v=bi05nla	No Brasil, a chance de di	732	n/a 20/ n/a		Youtube VideoSaúde	saúde	mídia social	página do filme	["Nascer no Brasil", "parto", "violência obstétrica", "boas práticas", "Flocruz", "Video Saúde", "comunicação e saúde", "labor and birth", "labor", "birth", "nasci miento", "SUS", "episiotomi a", "ontocina", "best practices", "Violencia Obstétrica", "Cibstretio Labo", "parturition", "Public Health"]	
1	google	"Nascer no Brasil"	Nascer no Brasil: Pa	https://www.youtube.com/watch?v=bi05nla	No Brasil, a chance de di	732	n/a bi05/ n/a		Youtube VideoSaúde	saúde	mídia social	página do trailer do filme		
2	google	"Nascer no Brasil"	Nascer no Brasil: Pa	https://portal.flocruz.com.br/pt-br/assuntos/gravidez-e-parto/na-ocasião-do-nascimento	Retrato do nascimento	732	n/a n/a		Portal Flocruz	saúde	site/porta	página do filme no vídeo na plataforma		
3	google	"Nascer no Brasil"	Nascer no Brasil: Pa	https://portal.flocruz.com.br/pt-br/assuntos/gravidez-e-parto/na-ocasião-do-nascimento	No Brasil, a chance de di	732	n/a n/a		Portal Flocruz	saúde	site/porta	vídeo na plataforma de vídeos da		
4	google	"Nascer no Brasil"	Nascer no Brasil: Pa	https://portal.flocruz.com.br/pt-br/assuntos/gravidez-e-parto/na-ocasião-do-nascimento	No Brasil, a chance de di	732	n/a n/a		Portal Flocruz	saúde	site/porta	vídeo na plataforma de vídeos da		
5	google	"Nascer no Brasil"	Nascer no Brasil: Pa	https://portal.flocruz.com.br/pt-br/assuntos/gravidez-e-parto/na-ocasião-do-nascimento	No Brasil, a chance de di	732	n/a n/a		Portal Flocruz	saúde	site/porta	vídeo na plataforma de vídeos da		
6	google	"Nascer no Brasil"	Nascer no Brasil: Pa	https://www.arca.fiocruz.com.br/pt-br/assuntos/gravidez-e-parto/na-ocasião-do-nascimento	Titlo: Nascer no Brasil: Pa	732	n/a 23/ n/a		Arca Relatório Institucional da Flocruz	saúde	site/porta			

Fonte: API Google Scraper

O uso Gephi foi apenas para visualizar o circuito de circulação do documentário por meio das citações encontradas no Google Scraper, para tal usamos a forma de utilização padrão. O tamanho e distância dos nós e arestas não possuem uma correspondência gráfica com os dados, ao contrário, são meramente ilustrativos. O objetivo da representação gráfica é permitir a observação da circulação pelas mídias digitais e os respectivos setores da sociedade.

⁹² Tutorial disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2017/08/como-descobrir-tags-de-videos-do-youtube-sem-precisar-baixar-nada.ghtml>>.

3.3 NASCER NO BRASIL: PARTO, DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA ÀS BOAS PRÁTICAS: A MEDIATIZAÇÃO DA PESQUISA

3.3.1 *Contextos de produção e circulação*

Recentes evidências científicas sugerem que o modelo medicalizado de nascimentos, com excesso de intervenções como medicamentos para indução ou aceleração do parto, anestesia, episiotomia, e principalmente a cesariana desnecessária, tiveram como uma das suas consequências o aumento na taxa de nascimentos prematuros, além inúmeros casos de violência obstétrica que marcam a vida das mulheres. Para aprofundar o estudo das repercussões destes procedimentos sobre os desfechos maternos e neonatais, foi criado, sob a coordenação geral da pesquisadora da Fiocruz Maria do Carmo Leal, o projeto de pesquisa “Nascer no Brasil: Inquérito Nacional sobre Parto e Nascimento”⁹³. Um estudo inédito realizado em hospitais públicos e privados de todas as regiões do Brasil entre 2011 e 2012 e que entrevistou 24 mil mulheres. O intuito da pesquisa foi conhecer melhor a atenção ao pré-natal, ao parto, ao nascimento e ao puerpério no Brasil, além de estimar a prevalência da prematuridade e a incidência de complicações clínicas imediatas ao parto, e após o parto para as mães e recém-nascidos. Também se descreveu a prevalência de morbidade materna grave e desenvolveu-se o conceito de morbidade neonatal grave.

O documentário *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas*⁹⁴, retrata, por meio de depoimentos de mulheres logo após o nascimento de seus filhos, as ambiguidades na atenção ao parto e nascimento, excesso de intervenções, descaso com pacientes e procedimentos que passaram a serem usados de forma rotineira causando mais traumas do que benefícios, é “o conteúdo emocional da pesquisa Nascer no Brasil”, como está descrito na capa do DVD. O filme mescla depoimentos das parturientes, em sua maioria, com profissionais de saúde e dados sobre os resultados da pesquisa.

O filme foi dirigido, produzido e gravado por Bia Fioretti, publicitária, ativista do parto natural e pesquisadora do campo da Comunicação e Saúde. A produção foi realizada em parceria com a VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz, setor realizador e distribuidor de vídeos da Fundação Oswaldo Cruz. A VideoSaúde viabilizou com recursos próprios a edição, finalização e autoração em DVD do filme. A produção contou com um recurso de quatro mil reais para a execução do tratamento de áudio e tiragem de mil cópias em DVD, que contém

⁹³ Disponível em: <<http://www6.ensp.fiocruz.br/nascerbrasil/introducao-e-justificativa/>>.

⁹⁴ Disponível em: <<https://youtu.be/Q9G5uyRKsyk>>.

dois vídeos, assim divididos no processo de montagem por opção da diretora para não contrapor os discursos em uma mesma obra. São eles: *Parto, da violência obstétrica às boas práticas* (20min) e *Cesária: mitos e riscos* (17 min). A série em DVD foi lançada em um evento na Fiocruz, no Rio de Janeiro, e disponibilizada em DVD na livraria da Editora Fiocruz em dezembro de 2014.

Em 2 de março de 2015, o documentário (figura 7) foi disponibilizado no canal da VideoSaúde Distribuidora Fiocruz no YouTube. O Canal foi criado em 6 de maio de 2011 e conta com 20.800 inscritos e um total de 1.838.328 visualizações até 6 de abril de 2020. Até a mesma data o filme possuía 92.972 visualizações – o que corresponde a 5% do total de visualizações do canal –, 1.953 “Gostei”, 31 “Não gostei” – 98,4% das avaliações são positivas e 1,6% negativas – e 85 comentários. Dos comentários, 52 são realizados por mulheres (61, 2%), 4 por homens (4,7%), 26 pela equipe da VideoSaúde (30,6%) e 3 (3,5%) não foram identificados. A identificação do sexo foi feita pelo nome ou foto do perfil na plataforma. Entre os comentários destacam-se relatos de dor, elogios ao filme, apoio à luta contra a violência obstétrica e busca de informações sobre o tema.

Figura 7 – Página do documentário *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas* no YouTube



Fonte: YouTube, captura de tela realizada em 06/04/2020

Em 23 de março de 2017, o vídeo foi disponibilizado em acesso aberto no Repositório Institucional da Fiocruz, Arca, onde é possível visualizar e fazer *download* da obra. Até 23 de março de 2020 foram realizadas 3.134 consultas ao vídeo e 2.099 downloads no Brasil.

A realização dos vídeos surge da iniciativa da coordenadora da pesquisa “Nascer no Brasil”, Maria do Carmo Leal, para sensibilizar as pessoas sobre o lado humano do parto. A ideia inicial era produzir pequenos filmes, com temas específicos, para apoiar a apresentação

formal dos resultados da pesquisa para profissionais e pesquisadores da saúde em eventos científicos e acadêmicos. “O filme seria apenas uma maneira elucidativa das pessoas ouvirem a voz e verem a imagem dessas mulheres. Por trás dos números existem seres humanos”, explica a diretora Bia Fioretti (2016)⁹⁵. Outra ideia era que os vídeos fossem exibidos nas salas de espera da atenção pré-natal do SUS.

Ao assistir a primeira versão do filme, a coordenação da pesquisa decidiu apresentá-lo à VideoSaúde Distribuidora, que usa o audiovisual como estratégia de comunicação, investindo nas potencialidades para promover a reflexão e suscitar o debate sobre o SUS. Na VideoSaúde a iniciativa ganhou outros contornos. A Distribuidora sugeriu que o filme entrasse para o catálogo do Selo Fiocruz Vídeo e que fosse exibido em TV aberta no programa VideoSaúde. A oportunidade levou a diretora a refletir sobre o formato do filme, uma vez que a voz da pesquisa estaria ampliada para uma audiência maior.

Entre as filmagens e a edição haviam se passado dois anos. Para conter o excesso de cesárea, a Secretaria de Saúde da Mulher [do Governo Federal] havia implantado novas políticas e um programa de boas práticas nos hospitais do SUS. Como nós somos ativistas da causa do nascimento saudável e cientes de que a realidade do nascimento no Brasil estava em uma fase de transição, tomamos a decisão de voltar a campo para filmar e verificar se realmente as novas práticas estavam sendo implantadas no sistema público de saúde. Nós voltamos a alguns hospitais da primeira amostra e vimos uma outra realidade na qual as mulheres notavam as diferenças de mudanças de prática. O filme assume o formato final e a temporalidade de três anos, com a documentação de momentos distintos na prática do nascimento. Não são todos os hospitais que aderiram às mudanças, mas a nossa intenção foi trabalhar em um filme educativo, democrático, que todos tivessem acesso, onde qualquer pessoa pudesse compreender e que os números da pesquisa estivessem explícitos. Assim, diante desta oportunidade, *o filme passaria a ser um produto social da própria pesquisa com disseminação de conteúdo acadêmico* (FIORETTI, 2016, grifo nosso).

A ideia inicial de produzir pequenos filmes com temas específicos sobre a pesquisa “Nascer no Brasil” já apontava para o metaprocesso de midiaticização que influencia a sociedade e reconfigura práticas sociais. Nesse momento, a coordenadora da pesquisa, que já foi vice-Presidente de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz, reconhecia que apenas as formas tradicionais de divulgação da pesquisa, como o relatório técnico, sumário executivo e apresentações orais com slides em congressos, não seriam mais suficientes para fazer circular o conteúdo do inquérito nacional. Ao chegar em uma equipe especializada em

⁹⁵ As informações sobre este filme foram adquiridas pela autora por meio de entrevistas realizadas com a diretora do filme em 2014 e 2016, no âmbito das atividades desenvolvidas para a VideoSaúde Distribuidora.

Comunicação e Saúde, a VideoSaúde, a ideia inicial desenvolve-se para um documentário, ganhando outras janelas de exibição como o home vídeo (DVD), a TV aberta e a internet, ganhando outros públicos para além do acadêmico e científico.

O documentário também contou com um lançamento, realizado no campus da Fiocruz no Rio de Janeiro, onde houve a exibição do filme sucedida de debate com a diretora e a coordenadora da pesquisa. O evento, do qual eu participei da curadoria e organização, foi um momento interessante e relevante para esta pesquisa, pois lá eu fui capturada pela temática da violência obstétrica, que como profissional e pesquisadora em saúde pública e “não mãe” desconhecia por completo. Na verdade, a captura veio pela emoção dos relatos das mulheres, de suas narrativas de sofrimento e dor e de alegria quando faziam o parto normal humanizado. Na plateia, homens e mulheres da comunidade Fiocruz e um grupo de doulas que vieram exclusivamente para o evento. O debate foi marcado por mais relatos emocionados e lágrimas e uma frase chamou a atenção da pesquisadora, que até esse momento tinha dado lugar à mulher e profissional do campo da saúde. “Muito bom vocês da Fiocruz falarem isso. Ter esse *selo da Fiocruz* é muito importante para nós doulas. Quando defendemos o parto normal somos chamadas de loucas e índias. Esse filme dará muita força para o nosso trabalho.”, disse uma das mulheres. Será que a legitimidade da Fiocruz poderia mesmo virar esse jogo? O que naquele filme me comoveu e comoveu tanto os homens e mulheres presentes na plateia. Não há dúvida, somos atravessadas pelos afetos. Foi amor à primeira vista.

Voltando à produção, a preocupação da diretora em retratar no filme a implementação das boas práticas no âmbito do SUS foi potencializada após o lançamento, em 2013, do documentário *O renascimento do parto*, obra que teve grande repercussão de crítica e público. O filme aborda, como alternativa ao parto cesariano, o parto normal domiciliar. Este tipo de parto não é realizado pelo SUS e nem coberto pelo Sistema de Saúde Suplementar (planos de saúde). O alto custo do procedimento acaba tornando-o viável apenas à classe média e alta. A ideia da diretora Bia Fioretti era mostrar o parto normal como possibilidade no SUS, que atende 75% da população brasileira. Por conta disso, fez questão de “voltar a campo” e mostrar as boas práticas, fato que só se deu após a implementação da Política de Humanização do Parto. Antes disso, as gravações realizadas durante a pesquisa só mostravam experiências de violência obstétrica no âmbito do SUS.

3.3.2 *Rastreamento da circulação*

Dos 100 resultados extraídos pelo Google Scraper, trabalhamos com o universo de 76 citações, pois cinco resultados não citavam o filme e os demais eram repetidos. Ressaltamos o fato do contexto ter sido impactado pelas polêmicas em torno da proibição do uso termo “violência obstétrica” pelo Ministério da Saúde ocorridas entre maio e junho de 2019. O termo, carregado de sentidos, significa um posicionamento em favor dos direitos da mulher em detrimento de um posicionamento da classe médica na preservação da sua hegemonia. O debate reavivou as discussões sobre o assunto gerando uma série de novos textos na internet, dando “nova vida” aos conteúdos já existentes e evidenciando as dinâmicas da circulação de filmes na internet e suas diversas temporalidades.

3.3.2.1 Visão geral dos tipos de mídia e setores da sociedade

A divisão por tipo de mídia mostrou-se bastante equilibrada entre sites e portais com 43 resultados, 56,6%, e mídias sociais com 30, equivalendo a 39,5%, enquanto apenas três resultados se referiam às plataformas independentes, cerca de 3,9%. Essa divisão evidenciou o aumento de importância das mídias sociais para a circulação de informações, mostrando-se tão presente quanto os formatos institucionais de sites e portais que requerem toda uma infraestrutura para serem mantidos. Por outro lado, as plataformas independentes, alternativas às empresas que controlam as mídias sociais mais populares, mostraram-se ainda incipientes e com pouco engajamento.

Olhando sob a perspectiva do setor de origem (gráfico 2), os veículos da área da saúde foram os que mais concentraram as publicações sobre o documentário *Nascer no Brasil*, 37 citações, 48, 7% dos resultados. Enquanto o setor imprensa foi pouco representativo, ao todo foram 11 resultados, 14,5%, próximo dos resultados do setor academia, ao todo 8, cerca de 10,5%. Na imprensa nota-se que não são os veículos de comunicação com maior popularidade, ou seja, com audiência e circulação nacional, e sim um veículo de comunicação pública como o portal da *Empresa Brasileira de Comunicação* (EBC) e veículos regionais como o site do *ABCD Maior* (da região do ABCD paulista), *Dhoje interior* (interior paulista) e o *Folhaonline.es* (Espírito Santo) e os canais do YouTube da *TV Brasil*, *TVE Bahia*, *TV Record de Santa Catarina* e *Diário de Pernambuco*. Observa-se que em todos os tipos de mídia as citações nos veículos do setor saúde foram predominantes. Essa visão geral pode ser visualizada no gráfico 2 e na figura 8. Na figura 8, os nós cinzas correspondem aos tipos de

mídia identificadas entre as citações e os nós coloridos correspondem aos setores das sociedades, que estão agrupados pela cor para melhor visualização.

Gráfico 2 – Citações sobre o documentário *Nascer no Brasil* por tipos de mídia e setores da sociedade

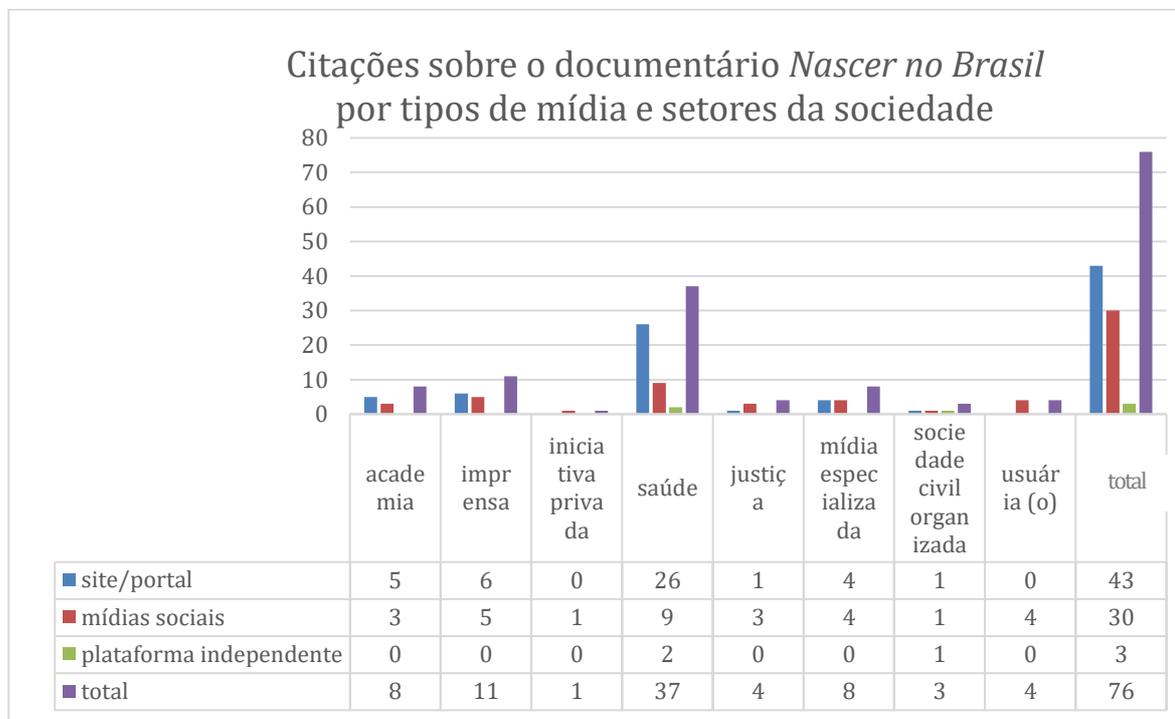
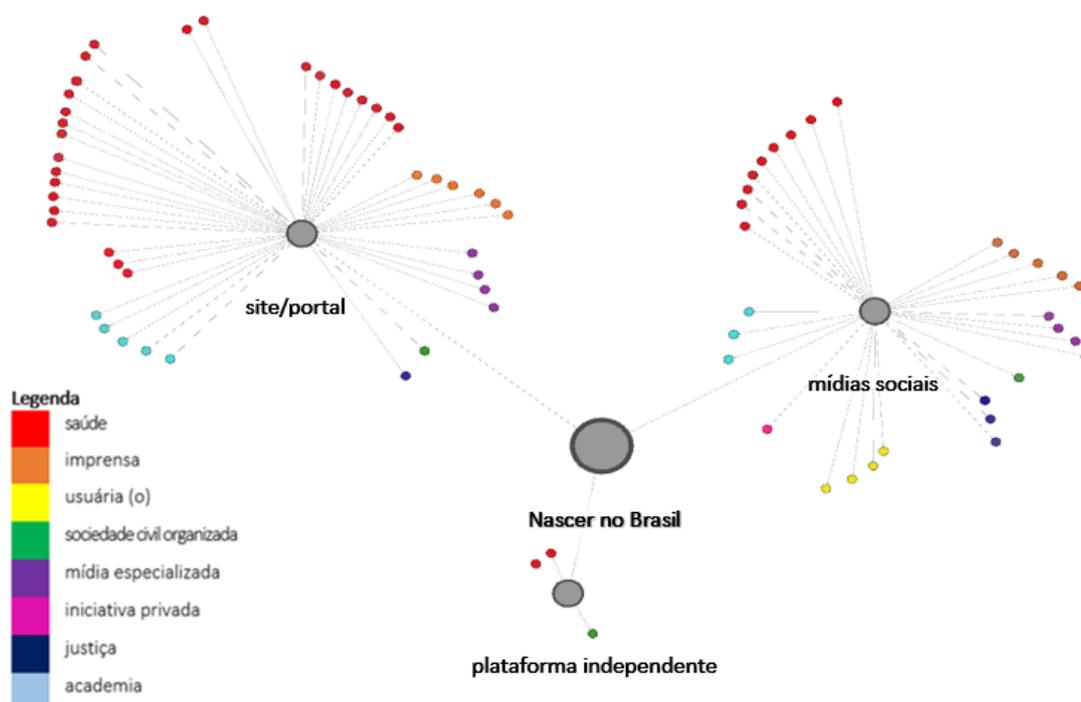


Figura 8 – Citações sobre o documentário *Nascer no Brasil* por tipos de mídia e setores da sociedade



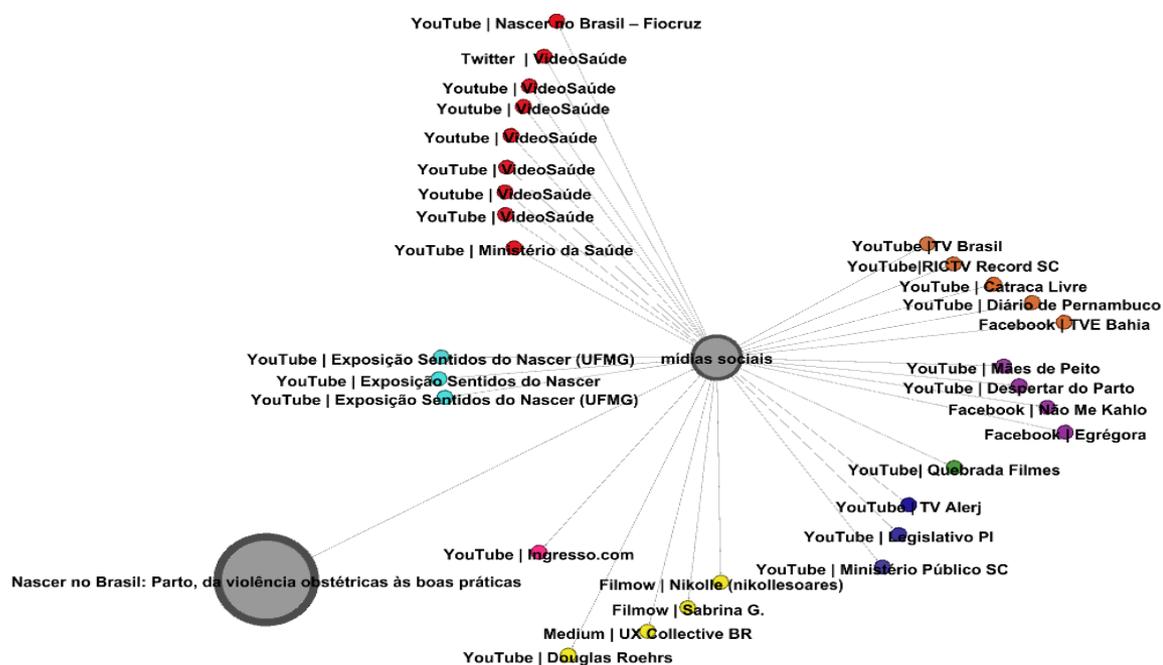
Fonte: imagem elaborada pela autora

documentário em seus sites e portais são o que podemos chamar de afins, como Centro Brasileiro de Estudos em Saúde (Cebes), o Fundo Nacional de Saúde (órgão também ligado ao MS), a Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso) e o Ministério da Saúde.

3.3.2.3 Mídias sociais

Nas mídias sociais houve melhor distribuição, sem grande recorrência em apenas uma das categorias, e maior diversidade no que diz respeito aos setores de origem das publicações (figura 10). *Nascer no Brasil* foi citado por todos os setores categorizados: usuários, iniciativa privada, academia, saúde, imprensa, mídia especializada, sociedade civil organizada e justiça. A saúde concentrou a maioria das citações e dentro do setor a Fiocruz é a instituição que mais citou o documentário. A Fiocruz também conta com forte presença nas mídias sociais, o que não é garantia do aumento da circulação, observamos um baixíssimo engajamento nos perfis no Twitter, o mesmo não acontece no Facebook. A repetição no YouTube da VideoSaúde foi identificada como uma atividade algorítmica, pois o documentário é recomendado após outros vídeos do canal da Distribuidora no campo “vídeos sugeridos”.

Figura 10 – Citações sobre o documentário *Nascer no Brasil* nas mídias sociais



Fonte: imagem elaborada pela autora

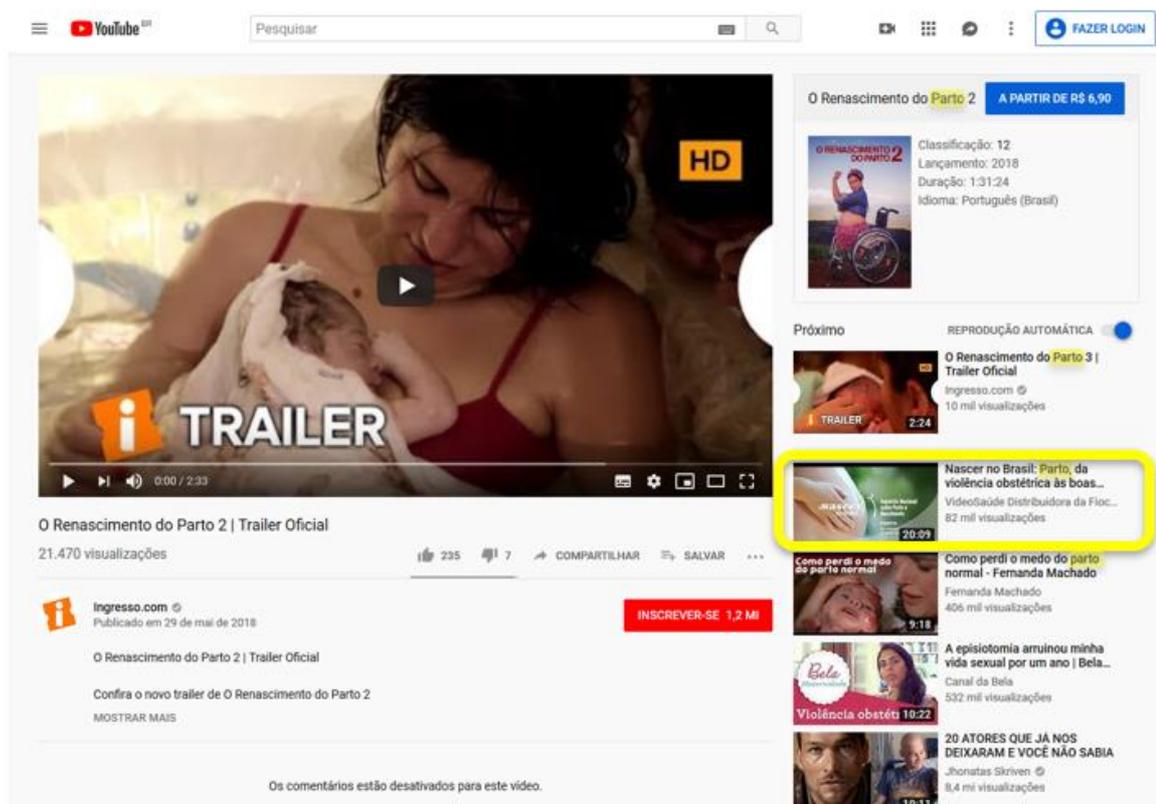
Olhando para os 27 resultados em que o documentário *Nascer no Brasil* apareceu no YouTube, quatro não citavam o filme, mostrando uma inconsciência da busca; 19 vezes aparecia como vídeo sugerido e três tratavam do filme em si, um no Canal da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz, onde foi originalmente publicado, e duas vezes localizado em outros canais. Um deles no canal do grupo de pesquisa *Nascer no Brasil*, um dos desdobramentos da midiatização do inquérito nacional, e o outro no canal da *Quebrada Films*, um projeto de cinema itinerante que reúne outros filmes sobre saúde e temáticas sociais, neste caso mostrando outra faceta das mídias sociais, que é a apropriação de conteúdos, sejam eles textos, imagens, sons ou audiovisuais. Não é incomum vermos uma mesma produção audiovisual publicada em diversos canais, o que pode ser considerada uma forma de utilização indevida de um conteúdo autoral. Em ambos os canais o documentário obteve poucas visualizações (202 e 14 respectivamente), o que nos fez refletir sobre o poder de circulação de veículos alternativos de comunicação, uma vez que são considerados meios periféricos no modelo de comunicação como mercado simbólico. A relevância e capacidade de espraiamento de um grande meio de comunicação é bem maior e por isso ainda tão almejado e perseguido por realizadores e assessores de comunicação.

Em um dos resultados do YouTube, no *Canal do Ingresso.com* (figura 11), cujo vídeo principal é o trailer oficial do documentário *O renascimento do parto 2*, ao entrar várias vezes no mesmo *link* coletado, observamos o quanto são instáveis e personalizadas as indicações dos vídeos sugeridos, que além de mudarem de posição, às vezes não aparecem, mostrando o dinâmico funcionamento dos algoritmos. A palavra “parto” (destacada em amarelo na figura) é recorrente nos títulos dos vídeos, a exceção é o vídeo *A episiotomia arruinou a minha vida sexual*, mas vendo o código-fonte da página do vídeo a palavra “parto” aparece várias vezes nas *tags* do vídeo. As palavras-chave extraídas foram: episiotomia, vida sexual, episiotomia bela gil, parto episiotomia, ocitocina, litotomia, amniotomia, clampeamento, clampeamento do cordão umbilical, *parto* humanizado, *parto* normal, *parto* cesariano, *parto*, cesarea, *parto* natural, nascimento, bebê, mulher, maternidade, parto em casa, cirurgia, hospital, Canal da Bela, Bela Gil, Bela, Gil, Bela Maternidade, bela youtube, inhome, placenta, você pode substituir, bela gil placenta, bela gil polemicas, bela gil memes, bela gil parto, gnt.

Extraímos também as palavras-chaves do vídeo principal, *O Renascimento do Parto 2 / Trailer Oficial*, do *Canal Ingresso.com*. Foram elas: cinema; filmes; filme; legendado; dublado; trailers; trailer; estreia; oscar; Sinema; Ingresso; ingresso.com; Ingressocerto; ingresso; certo; Rock; in; Rio; Cinemark; cinemais; UCI; Kinoplex; Cinesystem; Cinesistem; estreias; 2017; filmes. Além da variação das palavras entre plural e singular, que ampliam as

possibilidades de busca e descoberta, há a presença da palavra cinema com erro de grafia, “Sinema”, prevendo o comportamento de busca do usuário que pode digitar errado o termo. Notamos também o que chamamos de *tags oportunistas*, que são aquelas que não necessariamente tem a ver com o conteúdo, mas por serem populares ou “bombadas”, para usar uma gíria da própria internet, são utilizadas para alavancar o conteúdo de forma estratégica, uma prática usada no *Instagram* com as *hashtags*. Dentre elas destacam-se as palavras “oscar”, uma vez que o filme *O renascimento do parto 2* não recebeu esse tipo indicação, e “Rock”, “in” e “Rio”, em referência ao popular evento de rock. Fizemos a extração das tags de outros três trailers no mesmo canal: *Bacurau* (2019), *O renascimento do parto 3* (2018), ambos brasileiros, e *Paris 8* (2018) francês, e as mesmas *tags* foram usadas, o que nos leva a crer que seja uma combinação padrão de palavras usada para os vídeos postados no canal.

Figura 11 – Citação do documentário *Nascer no Brasil* como vídeo no sugerido no YouTube, 12/08/2019



Fonte: YouTube

Outro fator que chamou a atenção fica por conta do último vídeo que aparece na imagem “20 atores que já nos deixaram e você não sabia”, que ilustra que o comportamento dos algoritmos pode atuar “tanto para o bem como o para o mal”. Em navegação no YouTube,

seja em um navegador de pesquisa ou não, é comum aparecer sugestão de um ou mais vídeos “fora da curva”, ou seja, que não têm muito a ver com o vídeo principal. Neste caso, o vídeo com mais de oito milhões de visualizações fala sobre atores que já morreram e ao analisar as palavras-chave usadas nenhuma remete ao conteúdo sobre parto ou nascimento, pelo contrário, foram usadas palavras que remetem a morte com “medo”, “assombração”, “vulto”, “mistério”, “assustador”, “assombrado”, “obsuro”, “monstruoso”, “sobrenatural”, dentre outras. Uma hipótese que lançamos pode estar relacionada à aproximação semântica entre “deixaram” e “parto”, do verbo partir, um sentido completamente descontextualizado do sentido do ato de parir. No campo das Ciências da Informação essa aproximação equivocada significaria justamente falta de semântica, mais precisamente ontologia, “que cria a relação relações semânticas entre os termos”(CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 127).

Por fim, um resultado no setor mídia especializada se destacou. Uma lista não identificada na busca de listas, “9 DOCUMENTÁRIOS PARA DEBATER ABORTO E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA”, publicada em 14 de junho de 2016 na página do Facebook *Não Me Kahlo*, um coletivo feminista que atua na defesa do direito das mulheres e desenvolvimento de estudos sobre feminismo. No dia da coleta de dados, 12 de agosto de 2019, a lista tinha recebido cerca de 1.700 mil curtidas, 522 comentários e mil compartilhamentos⁹⁶. Os três documentários selecionados para esta análise fazem parte da lista (*post* na íntegra abaixo).

9 DOCUMENTÁRIOS PARA DEBATER ABORTO E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

1) Clandestinas

<https://www.youtube.com/watch?v=7nikE1c5-Wg>

2) O aborto dos outros

<https://www.youtube.com/watch?v=de1H-q1nN98>

3) Fim do silêncio

<https://vimeo.com/6251893>

4) *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*

<https://www.youtube.com/watch?v=eg0uvonF25M>

5) *A dor além do parto*

<https://www.youtube.com/watch?v=cIrIgx3TPWs>

⁹⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/9-document%C3%A1rios-para-debater-aborto-e-viol%C3%Aancia-obst%C3%A9trica1-clandestinashttpsww%279-DOCUMENT%C3%A1RIOS-PARA-DEBATER-ABORTO-E-VIOL%C3%Aancia-OBST%C3%A9TRICA%27w/621134851393518/>>.

6) O renascimento do parto

<https://www.facebook.com/orenascimentodoparto/>

7) *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas*

<https://www.youtube.com/watch?v=Q9G5uyRKsyk>

8) Somos lo que hacemos para cambiar lo que somos

<https://www.youtube.com/watch?v=6B0qWB5fbOo>

9) Historias de genero: violencia obstetrica

<https://www.youtube.com/watch?v=iaJZmZm1S88> (NÃO ME KAHLO, 2016, grifo nosso).

Em busca realizada no Google, no dia 30 de março de 2020, com o título da lista entre aspas, foram localizados “aproximadamente 106 resultados”, mas apenas 10 foram apresentados e abaixo do último a seguinte mensagem: “Para mostrar os resultados mais relevantes, omitimos algumas entradas bastante semelhantes aos 10 resultados já exibidos. Se preferir, você pode repetir a pesquisa incluindo os resultados omitidos.”. Até a presente data não havia percebido essa funcionalidade do Google e foi interessante ela ir ao encontro do que eu havia percebido na coleta de dados por meio do Google Scraper: a repetição de resultados. Em todas elas a grafia do título em maiúscula é mantida, assim como a ordem dos filmes sobre violência obstétrica e aborto, que explicitam a reprodução da lista original. Muitas vezes a lista fazia parte de uma lista de listas mostrando a popularidade do formato de catalogação e a sua propagabilidade.

Além do resultado original no Facebook do coletivo, a lista foi reproduzida no YouTube de Francisco Luiz Grassi (usuário)⁹⁷ no formato de *playlist* (uma lista de reprodução); no site do Sindicato dos Trabalhadores no Ensino Público de Mato Grosso – subsede de Várzea Grande – Sintep-VG⁹⁸ (sociedade civil organizada) em um conjunto de 10 listas intitulada como “Lista de documentários sobre várias questões sociais”; no Tumblr (plataforma de blog/microblog, direcionada a textos curtos ficando entre o WordPress e o Twitter) do Não Me Kahlo⁹⁹; no site do Ministério Público do Estado do Tocantins¹⁰⁰ (justiça), também em um conjunto de 11 listas chamado de “DOCUMENTÁRIOS INTERESSANTES”; na rede social acadêmica *Academia.edu*¹⁰¹ (academia), em um trabalho

⁹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLdzECV8uJzzR3XYtWN2LqqvOajCupgq60>>.

⁹⁸ Disponível em: <http://www.sintepvg.org/experiencias_escolares/id-538292/lista_de_documentarios_sobre_varias_questoes_sociais>.

⁹⁹ Disponível em: <<https://coletivonaomekahlo.tumblr.com/post/146069857576/9-document%C3%A1rios-para-debater-aborto-e-viol%C3%Aancia>>.

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://mpto.mp.br/nucleo-maria-da-penha/2017/08/02/documentarios-interessantes>>.

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.academia.edu/29307767/UNIFESP_-_INTERVEN%C3%87%C3%83O_PARADID%C3%81TICA_SOCIOLOGIA_PARA_UMA_ESCOLA_CO>.

no formato de projeto pedagógico, onde ao final a lista aparece juntamente com outras quatro listas de filmes; no blog *Cursinho Popular Laudelina*¹⁰² (sociedade civil organizada) em mais um conjunto de 12 listas sob o título “Lista de videodocumentários sobre temas fundamentais”; no blog *Mestre Bicheiro*¹⁰³, uma associação cultural de capoeira (sociedade civil organizada) em uma lista de 12 listas com o título “Site de pesquisa sobre problemas sociais”; no *Wiki de Bruno Padalko*¹⁰⁴ (usuário) juntamente com outras quatro listas de filmes, nesta citação tem a origem da fonte “Lista de filmes (copiado da página *Não me Khalo*)” e no blog *Clube de Leitura – Mulheres Que Leem Mulheres*¹⁰⁵, sob o título “Documentários para debates”, mais um conjunto de 12 listas de filmes.

O canal de Francisco Luiz Grassi, que não conta com nenhuma personalização e por isso não podemos saber mais sobre o usuário, reproduziu a lista de uma forma que até então não tinha sido ainda identificada nos resultados no YouTube. Os filmes aparecem listados na forma de *playlist* (figura 12), uma funcionalidade da plataforma que permite a catalogação de vídeos e a reprodução da respectiva lista em sequência diretamente de seus canais. A *playlist* criada pelo usuário, que possuía 46 visualizações até o dia 30 de março de 2020, mantém a grafia, incluindo o uso de letras maiúsculas como foi publicada originalmente no perfil no Facebook do Não Me Kahlo, mesmo contendo oito documentários em vez de nove como o título sugere. A ausência se deve ao fato do sexto filme indicado na lista original, *O renascimento do parto*, não estar disponível gratuitamente no YouTube como os demais.

[MBATIVA TESTE BRUNO GORGUEIRA PADALCO ORIENTADOR A D%C3%89BORA GOULAR T GUARULHOS 2016](#)>.

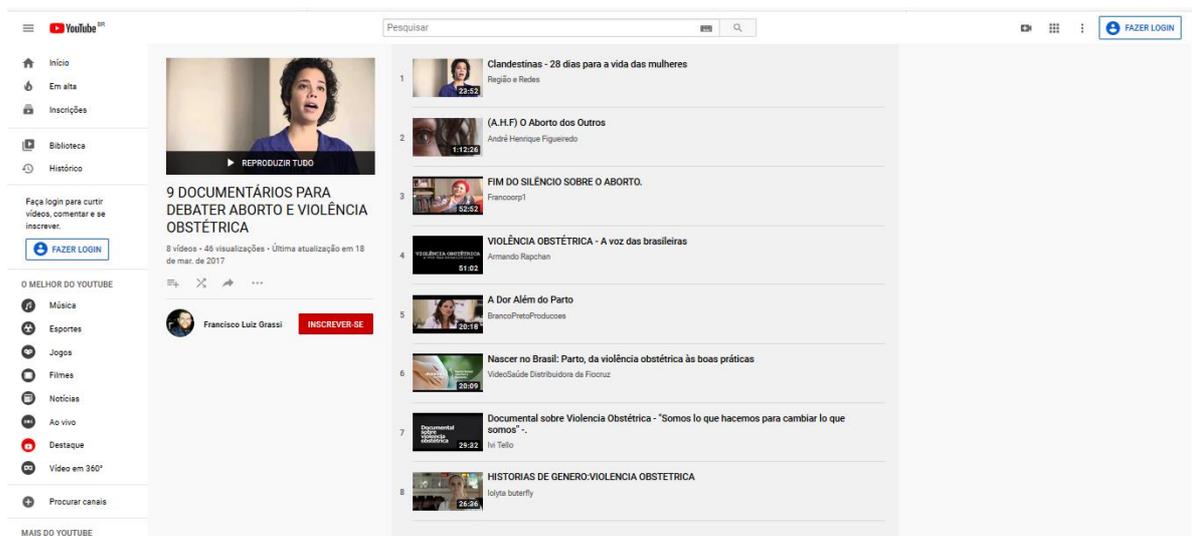
¹⁰² Disponível em: <<http://cursinholaudelina.blogspot.com/2017/>>.

¹⁰³ Disponível em: <http://mestrebicheiro.blogspot.com/2018/>

¹⁰⁴ Disponível em: <https://pt.wikiversity.org/wiki/Utilizador:Bruno_Padalko>.

¹⁰⁵ Disponível em: <<https://clubedeleituramulheresqueleemmulheres.wordpress.com/>>.

Figura 1226 – Playlist “9 DOCUMENTÁRIOS PARA DEBATER ABORTO E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA”



Fonte: YouTube

3.3.2.4 Plataformas independentes

Nas plataformas independentes foram localizados três resultados (figura 13), dois na Rede Humaniza SUS, uma rede social das pessoas interessadas e/ou já envolvidas em processos de humanização da gestão e do cuidado no SUS, do setor saúde, e um no Bombozila, plataforma de acesso a documentários independentes, que retratam as lutas sociais globais, que categorizamos como sociedade civil organizada. No caso da Rede Humaniza SUS, são os próprios usuários que postam os conteúdos.

Figura 13 – Citações sobre o documentário *Nascer no Brasil* nas plataformas independentes



Fonte: figura elaborada pela autora

3.3.3 *Análise do circuito e identificação das mediações envolvidas*

3.3.3.1 Circuito Nascer no Brasil: a circulação entre os pares

A maior quantidade de citações do documentário no setor saúde em todos os três grupos de mídias observadas foi um resultado que se destacou. Apesar do que ouvimos no evento de lançamento do filme, sobre a Fiocruz ser um “selo” de qualidade, vimos que isso não foi suficiente para chamar a atenção da imprensa e de outros setores da sociedade para a questão da violência obstétrica. Pelo contrário, o documentário circulou muito entre os pares e neles destacamos os diversos veículos da própria Fiocruz, uma comunidade discursiva em si, e por instituições afins do setor saúde que com ela possuem vínculo institucional e/ou o mesmo posicionamento em relação ao tema violência obstétrica. Coube às mídias sociais um papel mais distributivo no que tange à circulação. No entanto, a Fiocruz mostrou-se bastante midiaticizada e consciente da importância do acesso à informação e democratização da comunicação disponibilizando o documentário de várias maneiras.

Ao mesmo tempo, o aumento de importância das mídias sociais para a circulação de informações mostrou-se um dado relevante para se pensar formas alternativas de atuação na área da Comunicação e Saúde, ainda mais se levarmos em consideração que o PageRank, algoritmo do Google, privilegia as citações de mídias como sites e portais de meios de comunicação e de instituições. As mídias sociais tiveram quase o mesmo desempenho na circulação de informações do que as formas mais tradicionais e institucionalizadas como os sites e portais. Mas quão institucionalizadas não estão também as mídias digitais, em especial o YouTube? O Canal da VideoSaúde no YouTube é o “Canal oficial da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz dedicado à publicação de vídeos informativos de caráter institucional e de interesse da população”, conforme a descrição na seção “Sobre”.

Já plataformas independentes, importantes iniciativas para fazer frente às empresas que controlam as mídias sociais mais populares e garantir a descentralização do controle da informação e democratizar as formas de acesso, revelaram a necessidade de maior investimento em divulgação. Mais além disso, elas ainda se mostraram dependentes do próprio YouTube, pois elas embedam os vídeos da plataforma. Se um dia o YouTube for descontinuado, como aconteceu com o Orkut, os vídeos ali depositados sumirão e, conseqüentemente, sumirão também dos lugares que usaram os links da plataforma. A questão da preservação e armazenamento dos conteúdos é uma variável que precisa ser observada na construção das plataformas independentes para que elas possam de fato serem independentes. Nesse sentido, a Fiocruz dá um importante passo ao disponibilizar o documentário para

download em MP4 (um tipo de formato de arquivo de vídeo bastante acessível e democrático) em seu repositório institucional. Isso permite a busca e recuperação do documentário, independentemente do YouTube. Ao mesmo tempo, estar disponível em uma plataforma tão popular é reconhecer as novas práticas sociais e dinâmicas da sociedade e ir ao encontro do público.

3.3.3.2 Mediações sociotécnicas: a importância dos sistemas de recomendação

Dentre os resultados, dois sistemas de recomendação contribuíram para a ampliar o circuito de circulação do *Nascer no Brasil*: as listas, que são compartilhadas e reproduzidas em outras mídias digitais e os algoritmos do YouTube, por meio dos vídeos sugeridos (figura 14), que aparecem à direita da tela se forem visualizados em um computador ou na parte inferior da tela se vistos em um celular. O sistema de recomendação do YouTube funciona com base no que os espectadores assistiam antes, tópicos relacionados e histórico de exibição de forma que os vídeos sugeridos podem vir de qualquer canal, inclusive do mesmo canal a que se está assistindo. Os resultados são classificados de acordo com o nível de correspondência do título, das descrições usadas nas *tags* dos vídeos e no conteúdo com as palavras-chaves usadas na busca pelo usuário. É importante destacar que a coleta e checagem dos dados foi realizada com um navegador de pesquisa onde o meu histórico de consumo de vídeos não foi salvo, do contrário os vídeos sugeridos seriam completamente diferentes. Ao mesmo tempo, é também preciso ponderar que esse ambiente controlado e asséptico é uma realidade utópica e idealizada, pois a navegação sempre sofrerá a influência da datatificação e dos algoritmos. Além disso, os usuários não têm como costume configurar seus computadores para não deixarem rastros de navegação. Logo, o que estamos apresentando é

mais um ambiente “neutralizado” dos meus rastros, onde é possível observar melhor a ação dos algoritmos e as mediações sociotécnicas na circulação dos filmes.

Figura 274 – Página de visualização do *Nascer no Brasil* no YouTube e vídeos sugeridos



Fonte: YouTube

O sistema de recomendação do YouTube pelos vídeos sugeridos permitiu a “entrada” do documentário *Nascer no Brasil* como sugestão nos canais do Ministério Público de Santa Catarina e na Alerj (Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro), uma vez que a violência obstétrica, considerada um crime, é também um tema do campo da justiça, e nos canais do *Diário de Pernambuco* e da *RICTV*, afiliada da *TV Record* em Santa Catarina, contribuindo para a regionalização do tema. Os vídeos principais dos canais citados se referiam ao debate sobre o que é violência obstétrica. Esse resultado, para além dos pares do campo da saúde, foi promovido pelos algoritmos, que por meio da web semântica buscam manter relação com os títulos dos vídeos principais e suas palavras-chave (*tags*) usadas como indexação. No entanto, o campo da justiça faz parte do contexto da violência obstétrica, seja pela defesa dos direitos das mulheres, seja pela judicialização dos casos de violência.

Por outro lado, observa-se uma resistência da parte de veículos da grande imprensa. Fomos encontrar um uso interessante em um site noticioso do interior paulista, *DHOJE Interior*, que na matéria “Rio Preto: Procuradoria quer que a Santa Casa diminua o número de partos não humanizados”¹⁰⁶ “embeda” o documentário *Nascer no Brasil* como informação complementar à matéria que trata da questão da violência obstétrica. Esse mesmo tipo de uso

¹⁰⁶ Matéria disponível em: <<https://dhojeinterior.com.br/rio-preto-procuradoria-quer-que-a-santa-casa-diminua-o-numero-de-partos-nao-humanizados/>>.

foi feito pelos veículos de comunicação da Fiocruz ao abordar o mesmo tema. Na grande imprensa recomendações desse tipo são poucos comuns, muito por conta dos interesses comerciais dos grandes veículos que se esmeram por manter o usuário navegando no próprio site ou portal, ampliando as métricas de audiência e as chances de visualizações e cliques em anúncios e matérias. O *link* para um filme, que em geral tem uma duração maior, seria um “convite para sair” do veículo uma vez que o usuário não iria mais continuar com a navegação. A relação contrária acontece com vídeos sensacionalistas ou pitorescos, em geral de curta duração, como vimos nas matérias jornalísticas citadas no começo deste capítulo. O título de uma matéria falando sobre um vídeo com essas características, usualmente chamativo, é um convite para o usuário clicar, entrar e dar uma “espiadinha” e continuar navegando.

3.4 VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: A VOZ DAS BRASILEIRAS: UM GRITO COLETIVO DE SOCORRO

3.4.1 *Contextos de produção e circulação*

A história do documentário *Violência obstétrica: a voz das brasileiras* também começa com uma pesquisa, “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado”, realizada pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com o Sesc, cujos dados chamaram bastante atenção. Divulgada em agosto de 2010, somente ganhou repercussão na mídia em fevereiro de 2011. A partir de então, coletivos femininos, por meio das mídias sociais, se articularam e se mobilizaram para fazer circular os dados da pesquisa, debater o tema invisibilizado e reivindicar os direitos das mulheres. No dia 24 de novembro de 2011, um grupo de blogueiras feministas realizaram uma “blogagem” coletiva sobre o tema “Violência obstétrica é violência contra a mulher”, buscando claramente associar a violência sofrida em ambiente hospitalar pelas parturientes como um tipo de violência contra mulher e marcando posição da expressão que carrega em si lutas e conflitos de poder, gênero e classe.

No dia seguinte, 25 de novembro de 2011, Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher”, dezenas de textos sobre o tema foram publicados com relatos das experiências de dor vividas na hora do parto. Foi a primeira ação de ciberativismo do coletivo de mulheres mães. No mesmo dia, a pesquisadora Ligia Moreiras Sena lançou no Facebook, blogs e Twitter um convite à participação na pesquisa de doutorado que desenvolvia sobre violência obstétrica e a percepção das mulheres que a viveram. Para ampliar a divulgação do convite, aproveitou o twittaço que aconteceu no dia com a *hashtag*

#FimDaViolenciaContraMulher. Centenas de mulheres se inscreveram para serem entrevistadas.

A segunda ação, promovida pelos blogs *Parto no Brasil*, *Cientista que virou mãe* e *Mamíferas* se deu em 8 de março de 2012, Dia Internacional da Mulher. Tratava-se do Teste da Violência Obstétrica, baseado em um documento disponível na internet da associação civil argentina Dando a Luz e o do coletivo brasileiro Maternidade Libertária. O teste, divulgado em 75 blogs, alcançou mais de duas mil mulheres e em três dias obteve mais de mil resultados compilados. Ao fim do prazo de 38 dias, 1.966 nascimentos foram avaliados. “A expressiva participação no Teste da Violência Obstétrica era apenas um indicativo da força que as mulheres, juntas, têm para denunciar um grave problema de cidadania, de falta de oportunidades, de nenhum direito de escolha.” (SENA, 2012c).

Uma terceira postagem coletiva realizada nos blogs *Cientista Que Virou Mãe*¹⁰⁷ e *Parto no Brasil* aconteceu em outubro de 2012, convidando as mulheres a enviarem depoimentos, gravados de forma caseira, com suas histórias sobre violência, intolerância, ignorância e racismo durante o parto a partir de um roteiro de perguntas elaborados pelas realizadoras Bianca Zorzam (USP), Ligia Moreiras Sena (blog *Cientista que virou mãe*), Ana Carolina Franzon (blog *Parto no Brasil*), Kalu Brum (blog *Mamíferas*), mães, ativistas, pesquisadoras do campo da Saúde Coletiva e profissionais de saúde. As depoentes gravaram os depoimentos em suas próprias casas com *webcams*, celulares e máquinas fotográficas. Com o apoio de um fotógrafo e videomaker, Armando Rapchan, em poucos dias o documentário foi editado com 20 depoimentos e um total de 52 minutos para ser lançado, no dia 17 de novembro, no 10º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva (Abrasco), realizado em Porto Alegre. Poucos dias depois, em dia 24 de novembro de 2012, o documentário foi publicado no YouTube, no canal de Armando Rapchan, e divulgado no dia seguinte, um ano após o início das ações de ciberativismo, no dia 25 de novembro de 2012, Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres.

Convidamos os amigos de Porto Alegre, e os que não são daqui mas estão no ABRASCÃO ([10o. Congresso Brasileira de Saúde Coletiva](#)), a assistir a apresentação do vídeo "VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA - A VOZ DAS BRASILEIRAS".

Será apresentado na sessão de comunicações coordenadas que se iniciará às 18:30, na UFRGS, sala Anne Frank 10.

¹⁰⁷ Atualmente o blog se transformou na primeira plataforma brasileira de informação independente produzida exclusivamente por mulheres mães e financiada coletivamente.

Venha ver - e sentir - a realidade atual da assistência ao parto no Brasil. Se você mandou o seu relato e compartilhou a sua história, com o *objetivo de desnaturalizar o assunto, de mostrar o que acontece nas salas de parto pelo Brasil, de alertar outras mulheres, enviaremos hoje ainda o vídeo a vocês, estamos apenas procurando a melhor forma para isso, já que o arquivo é grande*. Infelizmente não pudemos usar, nesta edição, todas as fotos que nos foram enviadas, mas agradecemos muito pelo grande número de arquivos recebidos de tantas mulheres.

Aproveito para agradecer sinceramente a toda a equipe que idealizou e trabalhou para que isso acontecesse. Especialmente à Bianca Zorzam e Armando Rapchan, que dedicaram madrugadas a fio em busca de concretizar esse ideal.

A violência obstétrica não é mito.

E essas admiráveis mulheres vão te contar o que é.

Estamos bastante otimistas aqui em Porto Alegre. As pessoas estão falando sobre o assunto, estão discutindo o tema, a violência obstétrica está sendo desnaturalizada - o primeiro passo.

Na cerimônia de abertura, que aconteceu ontem às 20:00 na PUC - RS, tivemos a grande satisfação de ouvir o presidente da ABRASCO (Associação Brasileira de Saúde Coletiva), Luiz Augusto Facchini, dizer em alto e bom som "Os índices de cesarianas estão se aproximando dos 60% no Brasil. Isso é inadmissível, isso é um absurdo! É preciso promover mudanças e apoiar o trabalho das obstetrias".

E foi com grande espanto que também pudemos ouvir o Sr. Ministro da Saúde Alexandre Padilha dizer que "É inaceitável que as mulheres brasileiras sejam vítimas de violência obstétrica" - inclusive, ouvi dizer que um grupo de pesquisadores e ativistas se manifestaram com veemência nesses momentos, levantando-se e aplaudindo de pé...

No dia 25 de novembro, Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, nós divulgaremos amplamente este vídeo. O link para assisti-lo será distribuído entre todo mundo que quiser compartilhar e contribuir para que a voz das brasileiras, falando sobre essa questão tão importante, chegue ao maior número possível de pessoas. Muito obrigada a todos que participaram dessa ação.

Ligia Moreiras Sena

Bianca Zorzam

Ana Carolina Franzon

Kalu Brum¹⁰⁸ (SENA, 2012^a, grifos nossos)

Em toda a história de origem do filme é possível observar o engajamento e ação das mulheres como fator propulsor e o entendimento do direito à comunicação e à informação como determinantes sociais da saúde ao “alertar outras mulheres”. No *post*-convite publicado no blog para a sessão de lançamento do congresso conhecido popularmente como Abrascação, observamos a preocupação em tornar visível o tema, como podemos destacar no trecho “desnaturalizar o assunto, de mostrar o que acontece nas salas de parto pelo Brasil” e de

¹⁰⁸ Disponível em: <<https://www.cientistaqueviroumae.com.br/blog/textos/violencia-obstetrica-a-voz-das-brasileiras-hoje-no-abrascao>>.

comunicar a outras mulheres como forma de empoderamento. Desse esforço deriva todo o investimento na circulação do documentário “nós divulgaremos amplamente este vídeo. O link para assisti-lo será distribuído entre todo mundo que quiser compartilhar e contribuir para que a voz das brasileiras, falando sobre essa questão tão importante, chegue ao maior número possível de pessoas”. Interessante observar dois aspectos no trecho sobre a dificuldade de envio do filme às participantes “[...] enviaremos hoje ainda o vídeo a vocês, estamos apenas procurando a melhor forma para isso, já que o arquivo é grande”. O primeiro seria o destaque para o contato mais pessoal direcionado a cada uma, essa forma de interpelação é também uma estratégia discursiva que pode contribuir com o engajamento. O segundo aspecto seria a menção ao tamanho do arquivo, preocupação que em 2005 deu origem ao YouTube.

Uma outra postagem, “Ação coletiva de divulgação do vídeo ‘Violência obstétrica – A voz das brasileiras’¹⁰⁹, promove a reflexão de como a plataforma superou a funcionalidade inicial de compartilhar vídeos pessoais entres amigos para compartilhar “vozes” com o maior número de pessoas, além de destacar as estratégias de captura da recepção e o convite à participação.

[...] No próximo domingo, 25 de novembro, será o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres. E *estamos chamando todo mundo para participar de um esforço coletivo de divulgação do vídeo "VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA, A VOZ DAS BRASILEIRAS"*.

Para se juntar a nós e participar desta ação, basta clicar na imagem que abre esta postagem e preencher o formulário. *Nós entraremos em contato com você no próximo sábado com todas as informações para incorporar o vídeo em seu meio de comunicação.*

Se você tem um blog, blogue.

Se você tem um twitter, twitte.

Se você tem um perfil no Facebook, divulgue.

Se você coordena um grupo de gestantes ou de maternidade e paternidade, divulgue e organize uma apresentação coletiva.

Se você é professor, inclua o vídeo em seu programa.

Se você é gestor ou outro profissional de saúde, inclua em uma roda de conversa.

Se participa de listas de discussão, envie o link.

Vamos ouvir essas vozes, vamos ecoá-las. Elas não podem mais ser ignoradas. [...] (SENA, 2012b, grifos nossos)

Apesar de não citar o nome da plataforma YouTube, o post faz menção à sua forma de propagabilidade, à incorporação ou códigos *embedded*, que facilita a circulação. “Nós

¹⁰⁹ Disponível em: <<https://cientistaqueviroumae.com.br/blog/textos/acao-coletiva-de-divulgacao-do-video-violencia-obstetrica-a-voz-das-brasileiras>>.

entraremos em contato com você no próximo sábado com todas as informações para incorporar o vídeo em seu meio de comunicação”. No trecho acima destacado, uma convocação, com a forma verbal no imperativo e pronomes na segunda pessoa com o intuito de persuadir o destinatário da mensagem, Ligia Sena busca mobilizar “todo mundo” para participar de um esforço de “circulação on-line” nas mídias sociais pedindo “Se você tem um blog, blogue.”, “Se você tem um twitter, twitte.”, “Se você tem um perfil no Facebook, divulgue.”, “Se participa de listas de discussão, envie o link.”. E apostando de outras formas de “circulação off line”, “Se você coordena um grupo de gestantes ou de maternidade e paternidade, divulgue e organize uma apresentação coletiva. Se você é professor, inclua o vídeo em seu programa. Se você é gestor ou outro profissional de saúde, inclua em uma roda de conversa.”. A separação on-line e off line é mais uma forma de organização para analisarmos o fenômeno, uma vez que entendemos que o mundo on-line e off line são imbricados e complementares, portanto, sem oposição. O que acontece “fora” da internet influencia a circulação de discursos em quaisquer formatos dentro da internet e o que acontece “dentro” da internet reverbera e influencia discursos proferidos e publicados fora da internet.

Em 25 de novembro de 2012, *Violência obstétrica: a voz das brasileiras* (figura 15) foi disponibilizado no canal de Armando Rapchan no *Youtube* (<https://www.youtube.com/user/ArmandoRapchan>), videomaker que editou o documentário. O Canal foi criado em 21 de junho de 2010 e conta com 372 inscritos e um total de 255.460 visualizações até 6 de abril de 2020. Até a mesma data o filme possuía 255.037 visualizações – o que representa 99,8% do total de visualizações do canal, 3 mil “Gostei”, 75 “Não gostei” – 97,6% de avaliações positivas e 2,4% negativas – e 355 comentários. Dos 355 comentários, 277 (78%) foram realizados por mulheres, 21 por homens (5,9%), 13 pela equipe do filme (3,7%) e 44 (3,5%) foram perfis não identificados (12,4%). Alguns usuários fizeram comentários diversas vezes e evoluíram para conversas e discussões com 18 e até 34 respostas. Em geral são relatos de mulheres que também sofreram violências obstétricas, elogios ao filme, apoio à luta contra a violência obstétrica, busca de informações sobre o tema. Também tiveram críticas à qualidade técnica do filme e ao parto normal.

Figura 15 – Página de visualização do documentário *Violência obstétrica* no YouTube



Fonte: YouTube.

3.4.2 Rastreamento da circulação

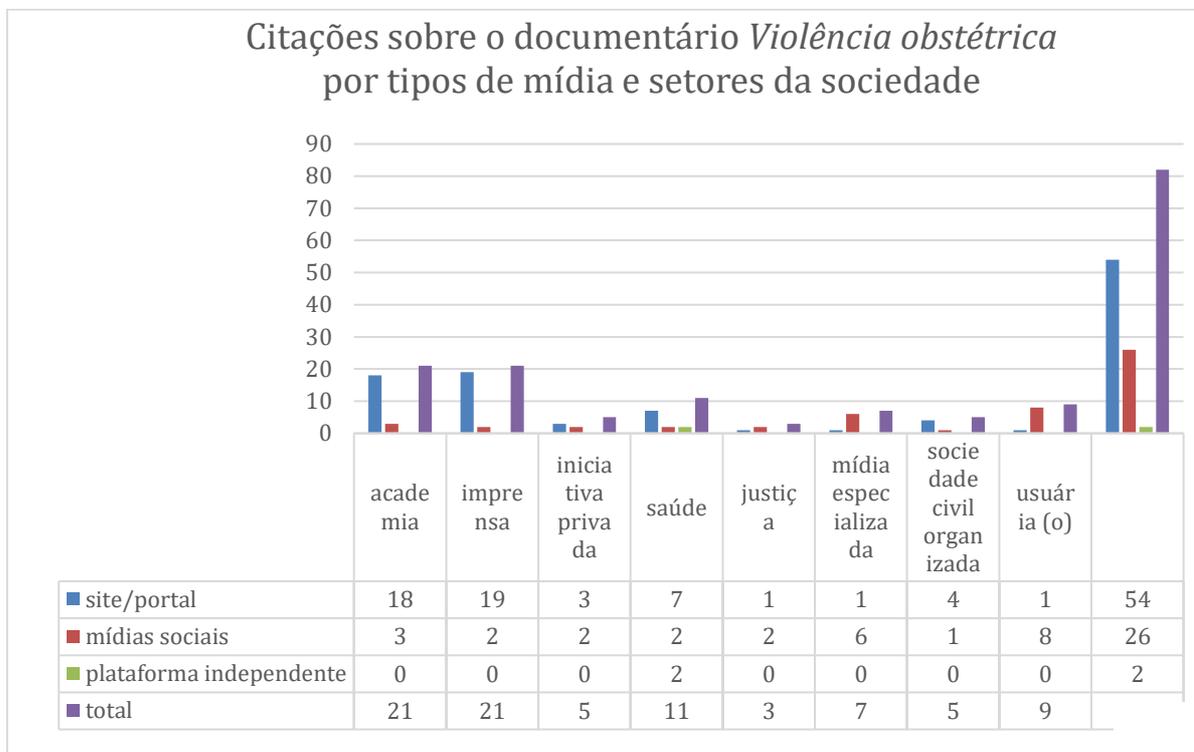
Dos 100 resultados mais relevantes obtidos na coleta, 82 foram considerados e 18 descartados. O descarte se deu por conta de repetições, a mesma citação aparecia como um resultado diferente; inconsistências, resultados que não citavam o filme e um link indisponível.

3.4.2.1 Visão geral dos tipos de mídia e setores da sociedade

Do total dos 82 resultados, 54 foram em sites e portais, o que corresponde a 65,9%; 26 nas mídias sociais, 31,7% e dois em uma plataforma independente, 2,4% (gráfico 3 e figura 16). A divisão por tipo de mídia não foi equilibrada entre sites/portais e mídias sociais como no filme anterior. O documentário *Violência obstétrica* obteve maior alcance junto a sites e portais não ficando restrito às mídias sociais de onde partiu toda a mobilização. Já a plataforma independente manteve a inexpressividade observada anteriormente. Em relação aos setores da sociedade destacaram-se a imprensa e academia, que concentraram a maioria dos resultados, 21 cada, o que corresponde a 25,6%, e juntos os dois setores reúnem mais da metade do total geral dos resultados, 51,2%. O setor saúde foi responsável por 11 citações, que correspondem a 13,4% dos resultados. Não houve destaque de um setor em todos os tipos de mídia e sim concentrações de setores por tipos de mídia. Imprensa e academia se destacaram nos sites e portais, concentrando 68,5% dos resultados nesse grupo de mídia; mídia especializada e

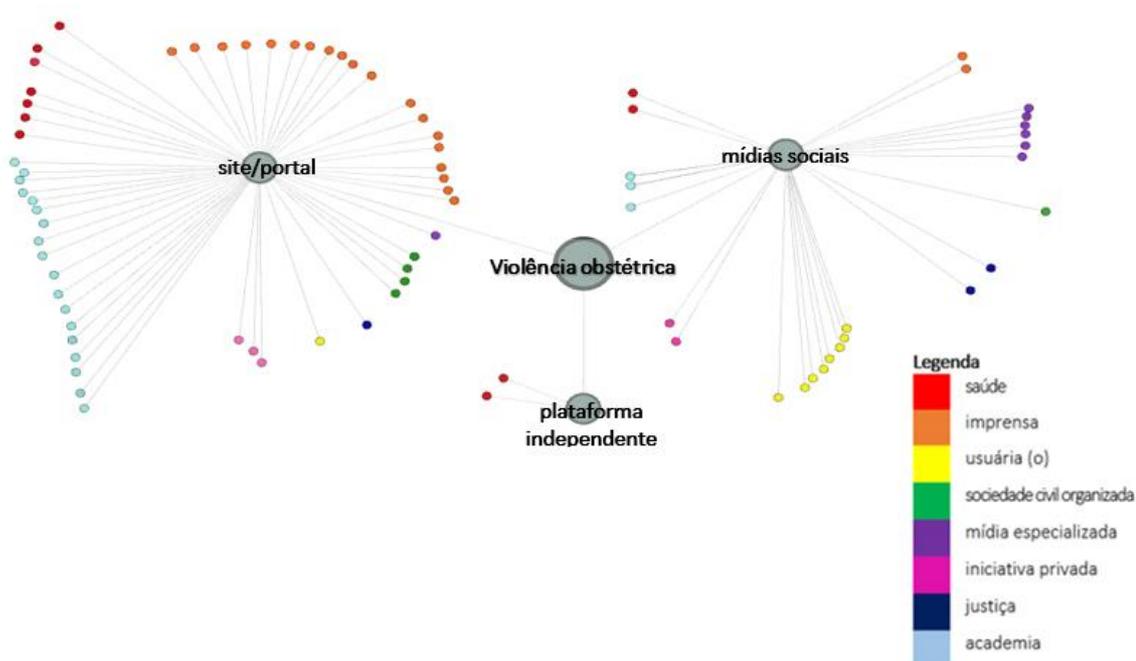
usuários concentraram 53,8% dos resultados nas mídias sociais e o setor saúde foi responsável por 100% dos resultados em plataformas independentes.

Gráfico 3 – Citações sobre o documentário *Violência obstétrica* por tipos de mídia e setores da sociedade



Fonte: gráfico elaborado pela autora

Figura 1628 - Divisão das citações sobre *Violência obstétrica* por tipos de mídia e setores da sociedade

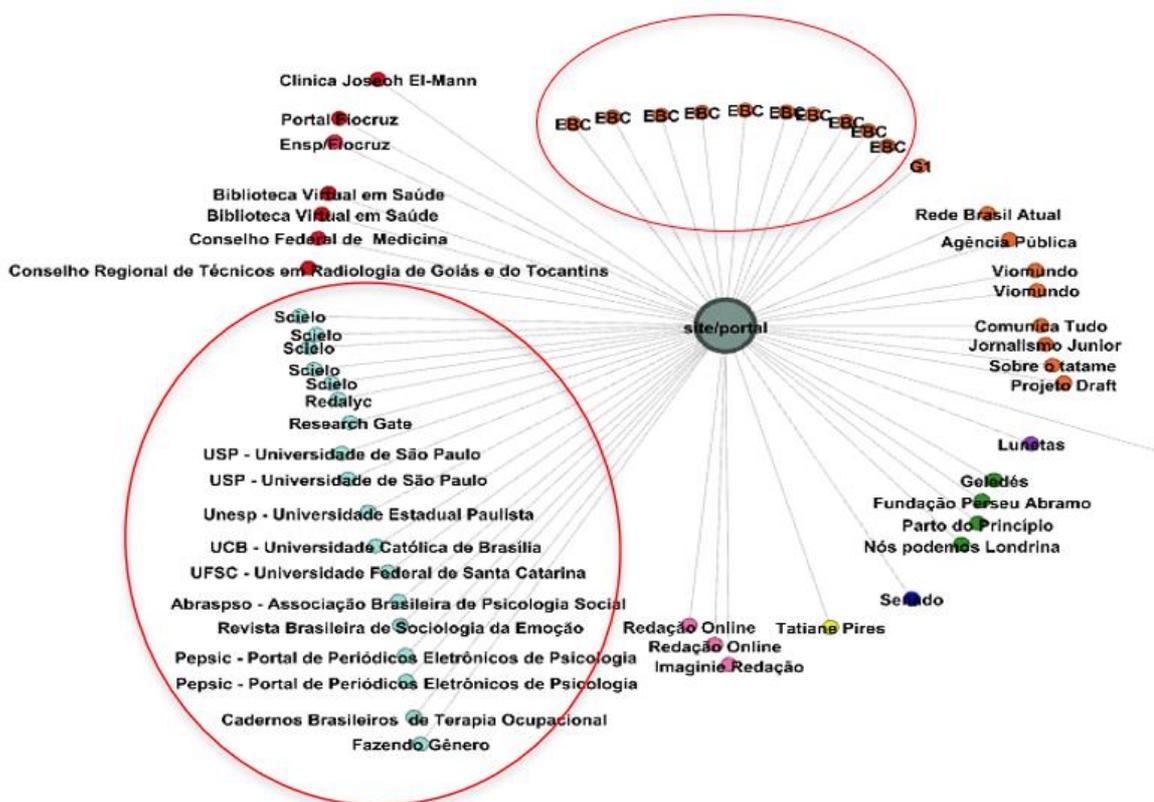


Fonte: figura elaborada pela autora

3.4.2.2 Sites e portais

Sites e portais foi o grupo de mídia que mais citou o documentário *Violência Obstétrica*. Nele foram identificadas citações por todos os setores da sociedade, mas a imprensa, reunindo 19 resultados e academia, com 18 resultados, se destacaram. Dentro do setor imprensa chamou a atenção a concentração de citações no *Portal EBC* (figura 17), ao todo dez, mais da metade dos resultados da categoria. Das nove citações restantes oito foram em veículos independentes, que se autodefinem como “espaço de cidadania”, “bom jornalismo”, “o que você não vê na mídia” realizando um outro tipo de jornalismo, alternativo e contra-hegemônico e um em grande veículo de comunicação.

Figura 17 – Citações sobre o documentário *Violência obstétrica* por tipos de mídia e setores da sociedade



Fonte: figura elaborada pela autora

No caso do *Portal EBC*, dos dez resultados apenas quatro falavam sobre o filme em si. Três eram notas (uma do dia 26 de dezembro de 2012 e duas do dia 27 de dezembro de 2012) que abordavam a realização do documentário e recomendavam assistir à reportagem embedada do telejornal *Repórter Brasil* da *TV Brasil*, “Documentário mostra casos em que

mulheres sofrem violência durante o parto"¹¹⁰, publicada no YouTube em 26 de dezembro de 2012. A reportagem que contém trechos do filme e entrevista com uma das realizadoras, Bianca Zorzam, erra o nome da obra e o chama de “Violência obstétrica é violência contra a mulher”, que foi o tema da primeira blogagem coletiva, realizada em 24 de novembro de 2011, fruto da ação das blogueiras feministas. O quarto resultado, também uma nota, publicada no dia 25 de março de 2013, cita como fonte o site *Agência Pública*. A nota contém uma sinopse e o filme embedado. Os outros seis resultados do *Portal EBC* se justificam por conta do sistema de organização de informação, a web semântica, que organiza os conteúdos disponíveis por meio de *tags*, como podemos ver na figura 18 a organização por “violência no parto”.

A multiplicação dos resultados se deu por conta do sistema de tagueamento, que reuniu várias vezes as quatro matérias localizadas sob diferentes *tags* como: “violência no parto”, “trabalho de parto”, “frases ouvidas durante o parto”, “maus tratos durante o parto”, “maternidade privada”, “maternidade particular”, “convênio médico e “hospital particular”. Na nota que contém a sinopse e o documentário embedado (figura 19), por exemplo, identificam-se 38 *tags*. O sistema de tagueamento amplia as formas de recuperação e descoberta do conteúdo e, conseqüentemente, amplia a circulação. Cada conteúdo publicado recebe diversas *tags* como: “tratamento ruim durante o parto”, “atendimento ruim durante o parto”, “casa de parto”, “hospital público”, “hospital privado”, “hospital particular”, “que denotam todo o trabalho de curadoria do jornalista¹¹¹ ao selecionar expressões de buscas prevendo o interesse do usuário e assumindo o papel de “re-mediação na sociedade” (CORRÊA; BERTOCCHI, 2012, p. 139).

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ojwhK148vdY&feature=emb_title>.

¹¹¹ Apesar de citar o profissional de imprensa, entendemos que a atividade de curadoria na internet se estende para outros atores sociais, sejam eles usuários de mídias sociais, ativistas, celebridades, blogueiros, youtubers, pesquisadores e comunicadores de uma forma geral.

Figura 29 – Conteúdos reunidos no Portal EBC pela tag “violência no parto”

The screenshot displays the EBC Portal interface with search results for the tag "violência no parto". The page features a navigation bar at the top with categories like Cidadania, Cultura, Educação, Esportes, Infantil, Notícias, and Tecnologia. Below the navigation, there are sections for "Ao vivo" (live streaming) and "Temas do momento" (current topics). The main content area is titled "violência no parto" and lists several articles and video thumbnails. Each article includes a title, a date, and a brief description. The footer contains links to various EBC services and programs.

ÚLTIMAS

- Parto humanizado exige práticas de segurança** (20h26 - 17/07)
- Uma em cada quatro brasileiras sofre violência no parto** (14h36 - 23/05)
- Mapeamento de violência no parto quer prevenir ocorrências nos serviços de saúde** (07h19 - 12/08)
- Mapa da Violência obstétrica: denúncias pela internet** (16h10 - 25/03)
- Direitos legais são desrespeitados nas maternidades** (16h00 - 25/03)
- Teste mostra que 51% das mulheres ficou insatisfeita com o parto** (15h14 - 25/03)
- Leia o relato de uma mulher que sofreu violência durante o parto** (15h23 - 25/03)
- Violência obstétrica: a voz das brasileiras** (15h30 - 25/03)
- Uma em cada quatro mulheres sofre violência no parto** (14h59 - 25/03)
- Documentário une depoimentos de mulheres agredidas durante o trabalho de parto** (10h48 - 27/12)
- Documentário sobre violência obstétrica** (10h34 - 27/12)
- Documentário mostra casos em que mulheres sofrem violência durante o parto** (11h15 - 26/12)

Sobre a EBC

- Governança Corporativa
- Ouvidoria
- Denúncia
- Simplifique!
- Acesso a informação
- Publicidade Legal
- Contato

TV Brasil

- Programação
- Programas
- Vídeos
- Sobre a TV

Rádios

- Nacional FM
- Nacional de Brasília
- Nacional do Rio de Janeiro
- Nacional da Amazônia
- Nacional do Alto Solimões
- MEC FM
- Rádio MEC

Agência Brasil

- Cultura
- Direitos Humanos
- Educação
- Geral
- Internacional
- Pesquisa e Inovação
- Política

Radioagência Nacional

- Entrevistas
- Notícias
- Programetes
- Radionovelas
- Sonoras
- Spots

EBC Serviços

- A Voz do BRASIL
- Rede Nacional de Rádio

EBC Empresa Brasil de Comunicação

Política de privacidade | Termos de uso

Reprodução autorizada mediante indicação da fonte.

Fonte: Portal EBC

Figura 19 –Nota de divulgação de documentário *Violência obstétrica* publicada no Portal EBC

Noticias

Violência obstétrica: a voz das brasileiras

Criado em 25/03/13 15h24 e atualizado em 28/01/15 11h47
Por Agência Pública

Vídeodocumentário popular sobre mulheres que sofreram violência durante o parto. Produzido a partir de depoimentos reais de mulheres, gravados em suas próprias casas com webcam, celular e máquina fotográfica.




Creative Commons - CC BY 3.0 -

TAGS: AGÊNCIA PÚBLICA, COLABORATIVO, PARTO, VIOLÊNCIA NO PARTO, TRABALHO DE PARTO, PARTO NORMAL, PARTO NATURAL, CESARIANA, PARTO CESÁRIO, VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA, FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, OBSTETRÍCIA, TRATAMENTO RUIM DURANTE O PARTO, ATENDIMENTO RUIM DURANTE O PARTO, CASA DE PARTO, HOSPITAL PÚBLICO, HOSPITAL PRIVADO, HOSPITAL PARTICULAR, SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE, FORMAS DE VIOLÊNCIA DURANTE O PARTO, GRAVIDEZ, GESTAÇÃO, MULHERES GRÁVIDAS, DIREITOS DA MULHER, EXAME DE TOQUE, FRASES OUVIDAS DURANTE O PARTO, MATERNIDADE, MATERNIDADE PÚBLICA, MATERNIDADE PRIVADA, MATERNIDADE PARTICULAR, VIOLÊNCIA NA SAÚDE, MAUS TRATOS DURANTE O PARTO, SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE, REDE PÚBLICA DE SAÚDE, REDE PRIVADA DE SAÚDE, CONVÊNIO MÉDICO, PLANO DE SAÚDE, COLABORATIVO

Fonte: Portal EBC

Ainda dentro do setor imprensa, mas olhando para o “subsetor” veículos independentes, que concentra oito das 19 citações totais do setor, identificamos dois resultados

no portal *Viomundo – Diário de Resistência* (www.viomundo.com.br), cujo *slogan* é “O que você não vê na mídia”, com temporalidades bem distintas. O primeiro deles se refere à matéria “Violência obstétrica: Em vídeo, brasileiras denunciam abusos, maus tratos e sofrimento nas mãos de profissionais de saúde”¹¹², publicada em 25 de novembro de 2012, atendendo ao pedido da ação coletiva das blogueiras. A matéria aborda os dados da pesquisa “Mulheres brasileiras e Gênero nos espaços público e privado” realizada pela Fundação Perseu Abramo, a mobilização das mulheres nas mídias sociais, o processo de realização documentário e ao final, incorporado ao texto, disponibiliza o filme. O segundo resultado é um artigo, “Cíntia Freitas rebate Ministério da Saúde e CFM: Violência obstétrica é realidade nacional”¹¹³, publicado em 7 de junho de 2019, em referência ao despacho do Ministério da Saúde que proibia o uso do termo violência obstétrica em publicações oficiais. No artigo, a feminista, obstetra e militante da área da saúde coletiva questiona o documento do Ministério da Saúde, que se posiciona contra o uso da expressão por possuir “conotação inadequada” uma vez que os profissionais de saúde não “têm a intencionalidade de prejudicar ou causar dano” às mulheres. A articulista cita o documentário *Violência obstétrica: a voz das brasileiras* como uma das provas da intencionalidade da violência contra as parturientes.

Outro exemplo é o site *Sobre o tatame* (www.sobreatatame.com), que se define como “um espaço de conteúdos sobre cidadania, comportamento e cultura. O site publicou o artigo do jornalista Steffi de Castro, “Violência obstétrica: a maternidade não deve começar assim!”¹¹⁴, em 23 de maio de 2019, uma matéria recente que recupera o documentário realizado em 2012. O artigo cita o documentário *Violência obstétrica* e incorpora-o ao texto. Já o site da *Agência Pública - Agência de Jornalismo Investigativo* (<https://apublica.org>), que se identifica como “uma organização sem fins lucrativos que acredita que o bom jornalismo deve ser compartilhado e espalhado”, publicou em 25 de março de 2013 a reportagem intitulada “Na hora de fazer não gritou”¹¹⁵, da jornalista Andrea DiP. O título faz menção à frase que muitas mulheres escutam na hora do parto, considerada uma forma de violência obstétrica. A reportagem se insere em um Especial do Dia Internacional da Mulher e também apresenta os dados da pesquisa “Mulheres brasileiras e Gênero nos espaços público e

¹¹²Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/blog-da-saude/violencia-obstetrica-em-video-brasileiras-denunciam-abusos-maus-tratos-e-sofrimento-nas-maos-de-profissionais-de-saude.html>>.

¹¹³Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/blogdasaude/cintia-freitas-rebate-ministerio-da-saude-e-cfm-violencia-obstetrica-e-realidade-nacional.html>>.

¹¹⁴Disponível em: <<https://www.sobreatatame.com/violencia-obstetrica-a-maternidade-nao-deve-comecar-assim/>>.

¹¹⁵Disponível em: <<https://apublica.org/2013/03/na-hora-de-fazer-nao-gritou/>>.

privado”; a ação de ciberativismo das blogueiras que colocaram no ar o Teste da Violência Obstétrica e realizaram um documentário colaborativo; o modelo alternativo de parto humanizado e os direitos legais das mulheres na hora parto.

A última citação do setor imprensa foi do que chamamos de um grande veículo de comunicação, oriundo de um forte grupo de comunicação, o portal *GI*, das organizações Globo. O filme é citado em uma nota na Editoria Campinas e Região, “Unicamp exhibe documentário sobre violência obstétrica nesta quinta”¹¹⁶, publicada em 21 de maio de 2012, que comunicava a exibição gratuita do filme com informação sobre local e horário da sessão, o que na linguagem jornalística chama-se de uma nota de “serviço”, ou seja, sem aprofundamento do tema.

Na categoria academia, dos 18 resultados, 11 foram relacionados a trabalhos acadêmicos, na maioria artigos científicos, um deles de Ligia Moreiras Sena, uma das realizadoras do filme e criadora do *Blog Cientista que virou mãe*. A academia é lugar de fala de três das quatro realizadoras, pesquisadoras do campo da Saúde e que na ocasião da produção e lançamento do filme eram alunas dos Programas do Pós-graduação em Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) e de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dentro do setor academia também buscamos identificar os subsetores de origem dos trabalhos, as áreas científicas melhor dizendo, tanto dos autores, quanto de onde foram publicados, no caso dos artigos científicos.

Das 11 produções científicas localizadas na coleta de dados pelo Google Scraper, três artigos abordavam o processo de realização e “circulação” do documentário nas mídias sociais. O artigo *Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães: relato de duas experiências*¹¹⁷, de Ligia Moreiras Sena e Charles Tesser, ambos pesquisadores do Departamento de Saúde Pública da UFSC, foi publicado em 2017 na revista interdisciplinar *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, voltada para as áreas da Educação e Comunicação nas práticas de Saúde, da formação de profissionais de Saúde e da Saúde Coletiva em sua articulação com a Filosofia, as Artes, as Ciências Sociais e Humanas. Já o artigo *Violência obstétrica: ativismo nas redes sociais*¹¹⁸, de Lia Luz e Vânia Gico, pesquisadoras do campo das Ciências Sociais, foi publicado em 2015 no periódico *Cadernos*

¹¹⁶Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2013/05/unicamp-exibe-documentario-sobre-violencia-obstetrica-nesta-quinta.html>>.

¹¹⁷Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832017000100209&script=sci_abstract&tlng=pt>.

¹¹⁸Disponível em: <<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1109>>.

Brasileiros de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), cuja “área mãe” é área de Educação Física, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). As mesmas autoras produziram mais um artigo, *Blogs como canais alternativos de comunicação para o renascimento do parto*¹¹⁹, publicado em 2016 na *Intercom – Revista Brasileira do Congresso Internacional de Comunicação*, da área de Comunicação Social, “respeitando a interdisciplinaridade e a abrangência temática características da área do conhecimento”, como se apresentam dentro do *Portcom – Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação*.

Outra forma de circulação do documentário *Violência obstétrica* na produção acadêmica foi como objeto de estudo, como na monografia de conclusão do curso de Psicologia da Universidade Católica de Brasília (UCB), *Ser tratada como lixo. É normal?: A experiência de mulheres vítimas de violência obstétrica*¹²⁰, de Angélica da Silva, defendida em 2015. Por meio da análise de conteúdo e problematização sob a ótica da epistemologia feminista, a autora analisa os mais de vinte depoimentos do documentário. Outro exemplo foi no artigo “*Parem a violência obstétrica*” *obstétrica!*” *A construção das noções de “violência” e “vítima” nas experiências de parto*¹²¹, de Mariana Pulhez, publicado em 2013 na *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, da área das Ciências Sociais. Nele a autora reflete sobre as construções em torno das ideias de “vítima” e “violência” a partir de dois episódios: a Marcha pelo Parto em Casa, realizada em Campinas (SP) em junho de 2012, e o documentário *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*, divulgado na internet em novembro do mesmo ano. Na ocasião da escrita do artigo a autora era mestranda de Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente doutoranda do mesmo curso, a autora segue com a pesquisa voltada à análise da maneira pela qual a categoria “violência obstétrica” é criada, os significados que lhe são atribuídos e as arenas de conflitos éticos construídos em torno da noção de “bom parto”. Em seu perfil na rede social profissional, LinkedIn, na parte dedicada à apresentação, lê-se “Violência obstétrica: luta por reconhecimento, judicialização e a noção de um ‘bom parto’”.

¹¹⁹ Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2440>>.

¹²⁰ Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/handle/123456789/8594>>.

¹²¹ Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSEv12n35Ago2013completo.pdf>>.

Ainda como objeto de estudo, o documentário colaborativo foi selecionado por Hellene Santos e colaboradores no trabalho *Atuação da Psicologia diante da Violência Obstétrica: uma discussão a partir da produção de documentários*¹²², apresentado em 2017 no XIX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso). Os autores selecionaram dois filmes, *Violência obstétrica: a voz das brasileiras* e *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas* – mais uma associação entre os filmes do corpus – para discutir o tema e possíveis intervenções que o profissional de Psicologia poderia desenvolver dentro do ambiente hospitalar junto às parturientes.

Outras citações podem ser agrupadas em artigos que reconhecem a relevância do documentário no contexto de defesa dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher como acontece em *Autonomia para quem? O discurso médico hegemônico sobre a violência obstétrica no Brasil*¹²³, publicado em 2017 no Dossiê Gênero e Ciências: Histórias e Políticas no Contexto Ibero-Americano do *Cadernos Pagu*, periódico do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Unicamp, de Luciana Palharini, colaboradora da Pós-graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática (PECIM) da Unicamp. O documentário também é reconhecido como referência no artigo *Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna, e propostas para sua prevenção*¹²⁴, de Simone Diniz e colaboradoras, que integram o Departamento de Saúde Materno-Infantil. Faculdade de Saúde Pública da USP. O trabalho foi publicado em 2015 no *Journal of Human Growth and Development*, periódico da Faculdade de Saúde Pública da USP, cujo objeto de estudo e discussão são as relações entre o crescimento e o desenvolvimento do ser humano. O trabalho cita os documentários *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*, assim como *Nascer do Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas* – mais uma associação entre os filmes do corpus – como documentários que ajudaram a dar visibilidade ao tema.

Há ainda artigos que reconhecem o filme como estratégia para a visibilização e enfrentamento da violência obstétrica como *Violência obstétrica: uma contribuição para o debate acerca do empoderamento feminino*¹²⁵, de Juliana Zasciurinski, publicado em 2015

¹²² Disponível em: <http://www.encontro2017.abrapso.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1051>.

¹²³ Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010483332017000100307&script=sci_abstract&tlng=pt>.

¹²⁴ Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822015000300019&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>.

¹²⁵ Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/violencia-obstetrica_juliana-miranda.pdf>.

nos Anais XII Semana da Mulher e *O renascimento do parto, e o que o SUS tem a ver com isso*¹²⁶, mais um artigo de Simone Diniz, este publicado em 2014 na *Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. Por fim, o filme é citado no artigo *A “violência obstétrica” e as disputas em torno dos direitos sexuais e reprodutivos*¹²⁷, de Mariana Pulhez, autora já citada anteriormente, este apresentado em 2013 no Seminário Internacional Fazendo Gênero, que reúne pesquisadoras, estudantes, ativistas, artistas, professoras e interessadas nas questões que envolvem as mulheres.

No setor saúde, dos sete resultados, dois estão relacionados à classe médica. Um deles, na clínica particular Joseph El-Mann Neonatologia & Pediatria, que publicou em 16 de maio de 2018 uma matéria extensa, com três vídeos incorporados, intitulada “Violência obstétrica: Como identificar?”¹²⁸. Nela, além de apresentar o dado mais chamativo da pesquisa da Fundação Perseu Abramo, de que uma em cada quatro gestantes já sofreu esse tipo de violência no Brasil, explica e define as formas de configuração; quem pode praticar esse tipo de violência; os diversos tipos de violência (não se restringe aos médicos(as) obstetras, mas também aos profissionais de saúde como enfermeiros (as), anestesistas, técnico (as) em enfermagem, recepcionistas e administração do hospital); a legislação de amparo às mulheres; glossário de termos relacionados à violência e ao parto humanizado e como denunciar disponibilizando telefones e endereços on-line úteis. Entre os vídeos um deles é o documentário *Violência obstétrica: a voz das mulheres*, que, além de estar embedado, está disponível via link no YouTube, logo abaixo do link da Declaração da OMS contra a Violência Obstétrica. A matéria, escrita por duas mulheres, cita como fonte de pesquisa a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O outro resultado da classe médica é um parecer do Conselho Regional de Medicina do Mato Grosso do Sul¹²⁹ em resposta à consulta realizada pelo presidente da Câmara de Vereadores de Campo Grande (MS). A consulta se referia ao Projeto de Lei (PL) 8605/17 do vereador Odilon de Oliveira (PDT) a respeito da Humanização da Assistência Obstétrica, que usa como justificativa e referência a pesquisa “Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado” e o documentário *Violência Obstétrica: a voz das Brasileiras*. O parecer, que declara ser “louvável” a preocupação expressa pelo PL,

¹²⁶ Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000100217>.

¹²⁷ Disponível em: <http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1372972128_ARQUIVO_PULHEZ_MarianaMarques_fazendogenero10_ST69.pdf>.

¹²⁸ Disponível em: <<https://www.elmann.com/violencia-obstetrica/>>.

¹²⁹ Parecer CRM/MS nº 13/2018 disponível em: <https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/pareceres/MS/2018/13_2018.pdf>.

assume a subjetividade da interpretação do termo violência obstétrica e reafirma a preservação da autonomia médica concluindo que o mesmo não deve ser aprovado na forma em que está. O documento está disponível no portal do Conselho Federal de Medicina.

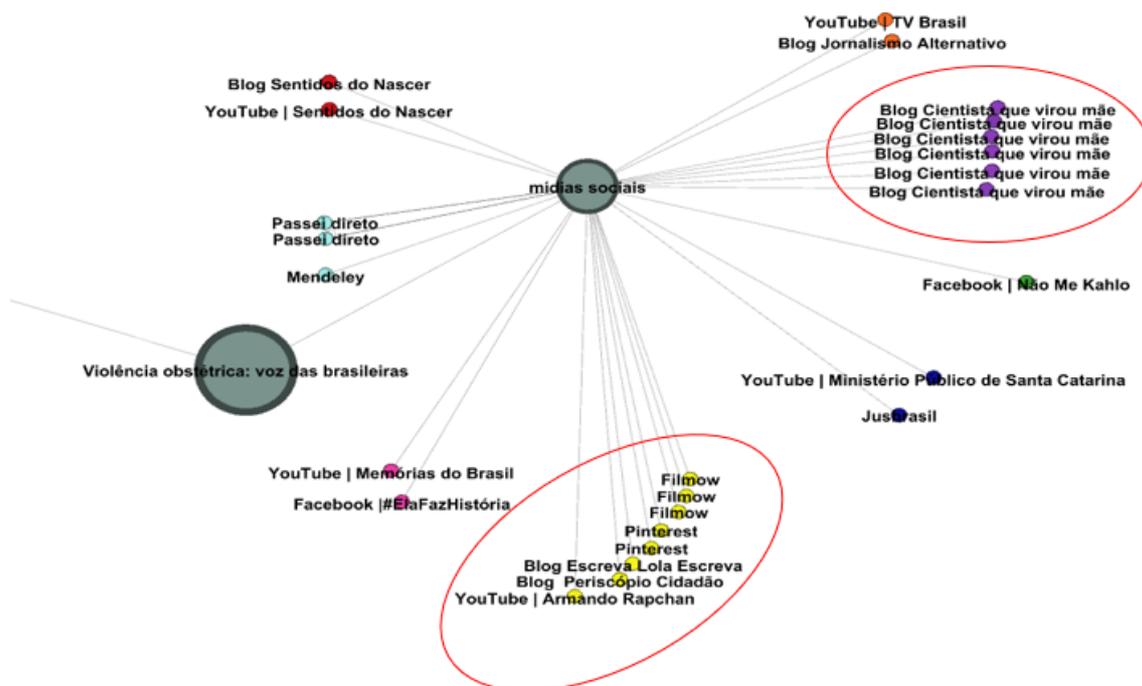
As demais citações categorizadas como do campo da saúde são da *Biblioteca Virtual em Saúde*, *Portal Fiocruz* e site do Conselho Regional de Técnico em Radiologia de Goiás e do Tocantins. A *Biblioteca Virtual em Saúde* disponibiliza o artigo já citado anteriormente sobre o ciberativismo das mulheres mães contra a violência obstétrica e o processo de realização do documentário, de Ligia Sena, uma das realizadoras do filme. O *Portal Fiocruz* publicou uma matéria, “Redes sociais e violência: dos horrores à resistência”¹³⁰, de 30 de julho de 2018, sobre a cobertura de uma das mesas do Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, o Abrascão, em que pesquisadora Ligia Sena esteve presente apresentando a experiência iniciada no blog *Cientista que virou mãe*, que atualmente é uma plataforma colaborativa de produção de informação, como um contraponto à disseminação de ódio nas redes. “Nós precisamos nos apropriar da internet como ferramenta de pesquisa e de enfrentamento a esse show de horrores mostrado nessa mesa, procurando marcar posição, disputar as narrativas, mas nos mantendo abertas ao diálogo”, argumentou Sena (2018). O documentário é incorporado ao texto da cobertura. Já no site do Conselho Regional de Técnico em Radiologia de Goiás e do Tocantins, o documentário aparece incorporado em cinco de abril de 2013 na sessão de vídeos. Dos 20 vídeos disponíveis no site, *Violência obstétrica: a voz das brasileiras* é o único cujo tema não se refere diretamente aos profissionais de radiologia.

3.4.2.3 Mídias sociais

As mídias sociais detiveram 31,7% dos resultados, cerca da metade dos resultados obtidos em sites e portais, e também alcançaram todos os setores da sociedade (figura 20). Dentre eles o setor que mais se destacou foi o de usuários, com oito citações e mídia especializada, com seis citações, todas realizadas pelo blog *Cientista que virou mãe*, de onde partiu toda a iniciativa do filme e respectiva divulgação.

¹³⁰ Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/redes-sociais-e-violencia-dos-horrores-resistencia>>.

Figura 20 – Citações sobre o documentário *Violência obstétrica* nas mídias sociais



Fonte: figura elaborada pela autora

No setor usuário tiveram três postagens na rede social on-line de filmes *Filmow* que citavam *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*. Uma era o perfil do filme na rede, onde é possível saber que o documentário é citado em 11 listas na plataforma; a segunda era a página da ficha técnica do filme e a terceira uma lista de “Documentários para debater aborto e violência obstétrica”, da qual fazia parte. O documentário também é catalogado no *Pinterest*, uma rede social visual para usuários encontrarem ideias e referências. O documentário aparece nas pastas “Documentários”¹³¹, de uma usuária que é psicóloga e psicanalista, e na outra aparece em uma pasta “Filmes”¹³², sem identificação da usuária.

Ainda no setor usuário há duas postagens em blogs, mas apenas duas delas integravam a ação de ciberativismo convocada pelas blogueiras para a blogagem coletiva no dia 25 de novembro de 2012, foi no blog *Escreva Lola Escreva*. Na blogosfera há uma prática chamada de *guest post* (post de convidado), que é quando se posta o conteúdo de um convidado, geralmente dono de um outro blog ou site. Essa rede de associações e colaborações além de permitir a integração entre blogueiros, aumenta a visibilidade do blog convidado possibilitando a captura de novos seguidores, mas também atua como mais um sistema de

¹³¹ Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/378302437427586902/>>.

¹³² Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/142707881917547649/>>.

referência. Ao convidar uma blogueira para escrever um *guest post* credita-se para a autora a legitimidade e autoridade no assunto contribuindo para que ela seja reconhecida como tal. A referência, materializada pela citação em forma de link, é, como já vimos, uma importante moeda de troca na internet. Um dos exemplos é o blog *Escreva Lola Escreva*, referência do movimento feminista no Brasil, da professora universitária Lola Aronovich. O blog, criado em 2008, possui em média 260 acessos por mês e mais de 60 mil seguidoras. Lola Aronovich publicou um *guest post*¹³³ do blog *Cientista que virou mãe* sobre violência obstétrica no dia da ação coletiva, 25 de novembro de 2012, e obteve 50 comentários comprovando a popularidade do *Escreva Lola Escreva* e a sua posição de destaque no mercado simbólico. Já o blog *Periscópio Cidadão*¹³⁴, dedicado à cultura, política, direitos, futebol e sociedade, que publicou o mesmo *guest post* não obteve nenhum comentário. Esse resultado foi inclusive repetido na coleta de dados.

Há ainda mais oito citações em blogs, mas em outros setores da sociedade. Seis delas são no próprio blog *Cientista que virou mãe*, uma no setor saúde no blog *Sentidos do Nascer*¹³⁵ e uma no setor imprensa no blog *Jornalismo alternativo*¹³⁶. As postagens do *Cientista que virou mãe* foram contempladas anteriormente ao analisarmos os contextos de produção e circulação do documentário. Nos blogs *Sentidos do Nascer* e *Jornalismo alternativo* o filme é citado em embedado em postagens sobre o tema violência obstétrica, mas em temporalidades distantes. A primeira data de 19 de abril de 2015, com um comentário e a respectiva resposta e a segunda 20 de março de 2014, sem nenhum comentário.

3.4.2.4 Plataformas independentes

Nas plataformas independentes foram localizados dois resultados (figura 21), ambos na Rede Humaniza SUS (RHS). Uma das postagens foi realizada em 28 de outubro de 2013 por Emilia Alves de Sousa, assistente social e editora da Rede Humaniza SUS, cujo interesses na rede são “conhecer e interagir com pessoas que fazem um SUS diferente, em conhecer e compartilhar experiências do ‘SUS que dá certo.’”. Na postagem¹³⁷, que leva o nome do

¹³³ Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2012/11/guest-post-violencia-obstetrica-voz-das.html>>.

¹³⁴ Disponível em: <http://asclejr.blogspot.com/2012/11/violencia-obstetrica-voz-das.html>

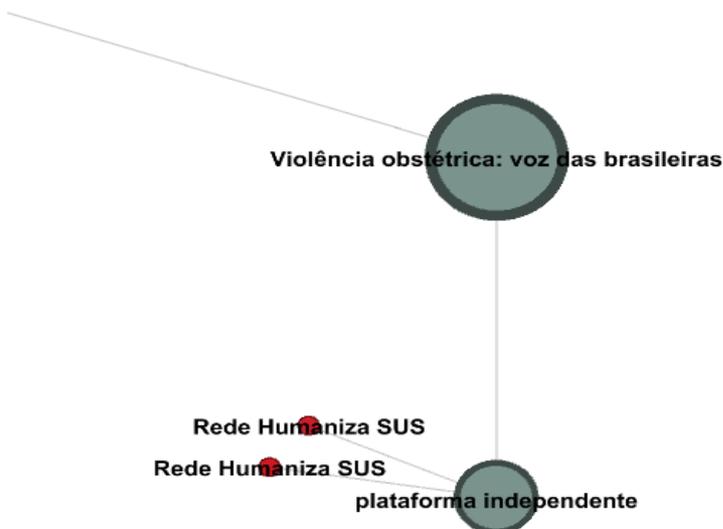
¹³⁵ Disponível em: <<http://www.sentidosdonascer.org/blog/2015/04/violencia-obstetrica-a-voz-das-brasileiras/>>.

¹³⁶ Disponível em: <<http://fabiano-amorim.blogspot.com/2014/03/documentario-violencia-obstetrica-voz.html>>.

¹³⁷ Disponível em: <<http://redehumanizasus.net/66801-violencia-obstetrica-a-voz-das-brasileiras/>>.

documentário, a usuária faz um texto com uma saudação aos usuários da rede e explica o porquê de estar compartilhando “me fez lembrar a experiência desagradável que eu também passei no momento do meu parto. Quem já passou por isto sabe o quanto que é dolorosa a violência num momento que é o mais esperado pela mulher, o nascimento do filho”. Além de pedir aos usuários que assistam ao documentário, a usuária da RHS faz um apelo “Que estas vozes não sejam em vão, sejam ouvidas e disparem mudanças na direção da humanização do parto!”. Ao final do texto o filme está embedado. Até 4 de abril de 2020 a postagem tinha 11 votos, 2.330 visualizações e 135 compartilhamentos e dois comentários, sendo que um era uma resposta da usuária que postou. A RHS permite o compartilhamento para o Facebook, Twitter e WhatsApp.

Figura 21 - Citações sobre o documentário *Violência obstétrica: voz das brasileiras* nas plataformas independentes



A outra publicação¹³⁸ na RHS foi realizada pela Rede de Apoio à Maternidade Ativa (R.A.M.A), que não disponibilizou na plataforma informações pessoais e interesse. A postagem realizada em 25 de novembro de 2012 atendia à convocação feita pelas blogueiras ativistas e reproduz uma parte do texto de divulgação do documentário postado originalmente no blog *Cientista que virou mãe* e ao final disponibiliza o link para o documentário no YouTube. O *post* da R.A.M.A obteve 13 votos, 1.936 visualizações, nenhum compartilhamento e seis comentários, dois eram respostas da R.A.M.A. Duas usuárias reclamavam sobre a falta do vídeo e a R.A.M.A explica “Não sei o que aconteceu, porque além do link para o vídeo, havia um texto-base.”. O texto reproduzido pela R.A.M.A. aparece

¹³⁸ Disponível em: <<http://redehumanizausus.net/59338-video-violencia-obstetrica-a-voz-das-brasileiras/>>.

com um espaço em branco no início e só ao final vê-se o link do vídeo. O encapsulamento do vídeo na postagem figura como um fator atrativo para o compartilhamento, assim como a texto emotivo e pessoal publicado no primeiro post na RHS. No segundo, com bem menos engajamento, apesar de ser uma rede de apoio o *post* recebe dois comentários “reclamando” a falta do vídeo em si.

3.4.3 *Análise do circuito e identificação das mediações envolvidas*

3.4.3.1 Circuito *Violência obstétrica*: a estratégia *broadcast* dos amadores

Os resultados mais expressivos nos sites e portais, e não nas mídias sociais de onde o filme nasceu, e nos setores academia e imprensa, para além do setor que chamamos de mídia especializada voltados ao temas maternidade, parto e nascimento, revelam que a estratégia *broadcast* das blogueiras feministas foi exitosa para fazer o filme circular e dar visibilidade ao tema-tabu da violência obstétrica. Ao passo que os poucos resultados no setor saúde de um documentário realizado por um coletivo de mulheres que combate a violência obstétrica mostram mais uma vez a questão do alinhamento e posicionamento. A pouca visibilidade no campo da saúde é também evidência da resistência da classe médica em discutir o tema e dos desafios a serem enfrentados para combater a prática.

A repercussão do documentário na imprensa, ainda que seja em veículos de comunicação pública e alternativa, revela que a simples discussão do assunto denota um posicionamento contra-hegemônico e um alinhamento de veículos independentes que optam por fazer um jornalismo mais engajado e militante discutindo em maior profundidade a questão e por isso a invisibilidade do documentário nos grandes veículos de comunicação, que quando apareceu foi de forma superficial, sem aprofundamento da questão. No caso das citações sobre o filme na empresa pública de comunicação revelam também um posicionamento político sobre o tema. As quatro publicações no *Portal EBC* datam de 26 de dezembro de 2012 a 25 de março de 2013, período em que o governo de então não se opunha ao uso da expressão.

As citações do documentário feitas pela academia – lugar de legitimidade, tanto como obra de referência, quanto estudo de caso exitoso ou objeto de estudo –, representam a conquista e o reconhecimento das evidências científicas ainda tão contestadas. Mas ao mesmo tempo é preciso observar o posicionamento e um alinhamento de áreas que repercutem esses discursos. A partir da leitura dos 11 trabalhos acadêmicos, identificamos que todas as publicações estavam dentro da área das Ciências Sociais e Humanas em Saúde, reunindo

pesquisadoras dos campos das Ciências Sociais e Humanas, Saúde Pública e Coletiva. Na área da Saúde, o assunto foi abordado pela Psicologia Social, deixando visível o silêncio da área da Medicina, uma vez que estamos discutindo um discurso e modelo médico hegemônico. Ampla maioria em todos os artigos citados e sempre como primeiras autoras, as mulheres assumem para si o papel de dar visibilidade ao debate do tema ao mesmo tempo em que expõem como se trata de uma questão de gênero, de classe e de poder. Eu, pesquisadora, aqui me insiro ao ser capturada pela temática. Ao identificar os nomes completos das autoras dos trabalhos, estou propositalmente marcando também a centralidade das mulheres na circulação desse discurso.

3.4.3.2 Mediações sociotécnicas: web semântica e ciberativismo

O sistema de tagueamento dos sites e portais se mostraram importantes propulsores da circulação ao permitir diversas combinações de busca e descoberta dos conteúdos e promovendo mais resultados sobre um mesmo conteúdo, uma revalorização da palavra e da curadoria do profissional de comunicação responsável por essa curadoria.

Toda a ação das blogueiras-mães mediada pelas mídias sociais, além de ter se mostrado uma forma de resistência ao modelo hegemônico biomédico de assistência ao parto, representou uma contribuição às mães que buscam informação sobre gestação na internet ou, de forma mais contundente, serviu de prova material para comprovar a violência obstétrica no âmbito da justiça. Ao mesmo tempo, a ação coletiva das mulheres também mostrou estratégias *broadcast* para os “novos meios”, a potencialidade da autocomunicação de massa e do YouTube como veículo para promover um movimento e revelando a força do ciberativismo para abrir espaços para a circulação de discursos contra-hegemônicos. A blogueiras lançaram mão de diversos recursos disponíveis na internet como o uso *hashtags*, blogagem coletiva, *guest post*, a propagabilidade das plataformas como YouTube, que permitem o fácil compartilhamento de vídeos, e a própria acessibilidade dos meios tecnológicos que permitem que as mulheres enviem seus vídeos gravados de forma amadora com *webcams*, celulares e câmeras fotográficas. Para além da tecnicidade do “ciber” não podemos deixar de lado o “ativismo” das blogueiras, com as estratégias de captura da recepção com o convite para enviarem os depoimentos, a interpelação nas postagens e o chamamento para a participação da circulação do filme. Vê-se nesse filme-processo um fluxo contínuo de investimento por meio das realizadoras, que vai desde o momento da produção à circulação, contribuindo de forma determinante para que o circuito de circulação tenha sido tão amplo.

Além de um avanço para a luta contra a violência obstétrica, toda a visibilidade alcançada fez com que o filme se tornasse uma referência no tema, permitindo que a obra continuasse a circular na rede para além da ação coletiva de divulgação de quando foi lançado. Isso foi observado nas diversas temporalidades que vão desde a data de lançamento em 2012 até 2019, por conta da repercussão à polêmica relacionada à proibição do uso do termo violência obstétrica. Ao mesmo tempo, observa-se que os diversos movimentos da circulação são impulsionados por fatos que acontecem fora e dentro da internet também em fluxo contínuo.

3.5 A DOR ALÉM DO PARTO E PARA ALÉM DA UNIVERSIDADE

3.5.1 *Contextos de produção e de circulação*

Quatro alunas de graduação em Direito da Universidade Católica de Brasília, Amanda Rizério, Letícia Campos, Nathália Machado e Raísa Cruz, escolheram como trabalho de conclusão de curso realizar um documentário sobre violência obstétrica, *A dor além do parto*¹³⁹. O tema foi escolhido por ser um tipo de violência negligenciada jurídica e socialmente e ainda inédito dentro do âmbito acadêmico em que as realizadoras se inseriam.

A abordagem do tema violência obstétrica deu-se por ser de alta relevância social, pois sua ocorrência perdura no tempo, sendo recorrente tanto na rede pública quanto na rede privada de saúde, sem que a população sequer saiba que os maus tratos sofridos implicam uma violação de direitos e que não deve ser aceita como algo pertinente ao procedimento médico (CAMPOS, 2013).

O desejo das autoras era que o tema pudesse ser utilizado para além da universidade, com uma utilidade pública. Por conta disso, o filme de 20 minutos de duração foi lançado no dia 25 de novembro de 2013, Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres. O objetivo era “servir como veículo de informação e denúncia, constituindo-se num importante instrumento de conscientização dos profissionais do direito e da saúde, bem como das mulheres que pretendem ser mães.” (CAMPOS, 2013). Assim como os demais filmes, observa-se a preocupação com a circulação dos documentários e a necessidade de dar voz e visibilidade a um assunto desconhecido de grande parte da sociedade e que sofre grande resistência para ser discutido de forma mais ampla. A preocupação em ser um “veículo de informação e denúncia” o transforma, desde a sua concepção, em um ato militante e de

¹³⁹ Disponível em: <<https://youtu.be/cIrlgx3TPWs>>.

empoderamento feminino que encontra no audiovisual a possibilidade de dar voz a um discurso que pouco circula, evidenciando o entendimento da comunicação como determinante para a garantia de direitos como o da saúde e das mulheres.

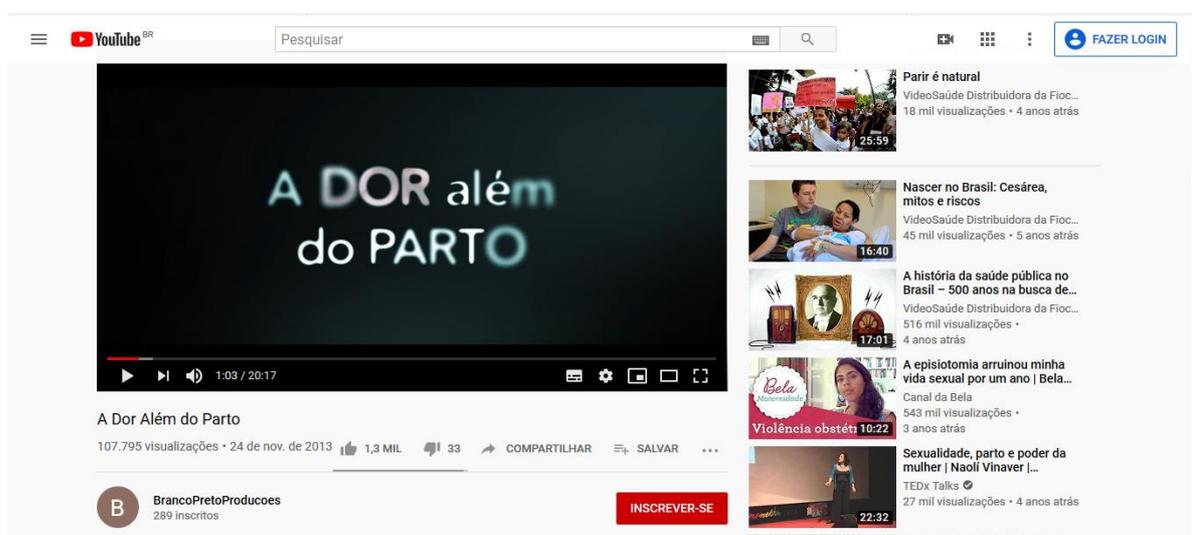
Preocupadas com a circulação da obra desde o início, as autoras adotaram estratégias para potencializar a disseminação do trabalho acadêmico como disponibilizá-lo na plataforma YouTube e lançá-lo na efeméride de combate à violência contra a mulher. Mas as estratégias não cessam por aí. É possível observar o investimento das realizadoras em fazer o filme circular para além dos muros da universidade pela escolha dos depoentes do filme como a obstetra e pesquisadora Melânia Amorim, e da médica e ex-coordenadora de Saúde da Mulher do Ministério da Saúde (2011-2017) Esther Vilela, importantes atrizes na luta e defesa da humanização do parto e dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres estando presentes também em outros filmes sobre o tema.

Melânia Amorim, feminista e ativista, atua na área de Saúde Materno-Infantil, com ênfase nas linhas de pesquisa de Medicina Baseada em Evidências, Humanização do Parto e Nascimento, Hipertensão e Gravidez, Gestação de Alto-Risco, Medicina Fetal; faz parte dos Comitês Especializados da Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) de "Medicina Baseada em Evidências" e "Gestação de Alto-Risco" e é membra da Rede de Humanização do Nascimento (Rehuna) no Brasil e presidente de honra do Instituto Paraibano de Pesquisa Prof. Joaquim Amorim Neto (Ipesq). Com reconhecida experiência profissional e acadêmica acumulando dois pós-doutorados (um na Unicamp e outro na OMS), Melânia Amorim é convidada pelo Ministério Público de vários estados para participar de audiências públicas para convencer hospitais a firmarem Termos de Ajustamento de Conduta para combater as violências obstétricas. Possui um blog, *Estuda, Melânia, Estuda!* (<http://estudamelania.blogspot.com/>), onde escreve sobre parto e nascimento, além de dar palestras em ONGs sobre as violências na hora do parto. Já Esther Vilela, especialista em ginecologia e obstetrícia, por 16 anos foi gestora do Hospital São Pio X (antigo Hospital de Goiânia), no município de Ceres, Goiás, onde implantou um modelo de atenção humanizada ao parto e nascimento que se tornou referência para o Ministério da Saúde. Por conta disso, atuou como consultora da Política Nacional de Humanização de 2003 a 2010. De 2011 a 2017, foi coordenadora nacional da coordenação-geral de saúde das mulheres do Ministério da Saúde, conselheira do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e representante do MS na Comissão Intersetorial de Saúde da Mulher/Conselho Nacional de Saúde.

No YouTube (figura 22) o filme foi disponibilizado em 24 de novembro de 2013 no canal da produtora Branco Preto Produções

<https://www.youtube.com/user/BrancoPretoProducoes>), criado em 24 de fevereiro de 2012, que conta com 289 inscritos e 163.857 visualizações até 06 de abril de 2020. Até a mesma data o filme tinha 107.784 visualizações – 68,78% das visualizações de todo o canal –, 1.300 gostei e 33 não gostei e 87 comentários, sendo 81 de mulheres e seis de homens. Os comentários mesclam relatos de dor, elogios ao filme, apoio à luta contra a violência obstétrica e busca de informações sobre o tema

Figura 22 – Página de visualização do documentário *A dor além do parto* no YouTube



Fonte: YouTube

O documentário pode ser classificado como expositivo, com narração em *off*, recursos gráficos como cartelas explicativas, infográficos e animações e uso de imagens de cobertura aproximando muito de uma reportagem jornalística. Outro recurso que se destaca é o uso de trilha sonora, usada para conduzir a emoção do telespectador, chamativa nos momentos em que há informação na tela e emotiva e dramática em imagens de partos e durante os depoimentos das mulheres que sofreram violência obstétrica. O documentário dirigido por graduandas do curso de Direito é muito bem executado tecnicamente, uma vez que foi realizado por uma empresa produtora de audiovisual, o que remete à questão discutida anteriormente da profissionalização dos amadores e o que contribui para dar mais credibilidade à produção e, conseqüentemente com a circulação. Para as imagens de cobertura, o documentário se utiliza de filmes sobre o tema como *O renascimento do parto*, do programa jornalístico *Profissão Repórter* da Rede Globo e de outros vídeos do YouTube disponibilizando os respectivos títulos e URLs nos créditos finais. Na lista de 13 produções disponibilizadas na plataforma estão registros pessoais de parto e outros documentários

nacionais e estrangeiros. É o YouTube servindo com um grande arquivo de imagens e retroalimentando o próprio YouTube.

Ao todo são 10 depoentes, cinco especialistas e cinco mulheres que sofreram violência obstétrica. Dos especialistas um é um promotor de justiça do Distrito Federal e as quatro demais profissionais de saúde, uma médica gestora, uma médica especialista em obstetrícia, uma doula e uma psicóloga também especialista em obstetrícia. Os especialistas são os que mais aparecem no documentário, ao todo são 22 inserções, enquanto as depoentes que foram vítimas de violência obstétrica aparecem 14 vezes. Das 22 inserções dos especialistas, 10 são do promotor de justiça, que é a primeira imagem do filme, marcando o setor de origem do documentário, justiça, e marcando também o posicionamento, que é discutir a questão da violência sob o ponto de vista jurídico.

3.5.2 Rastreamento da circulação

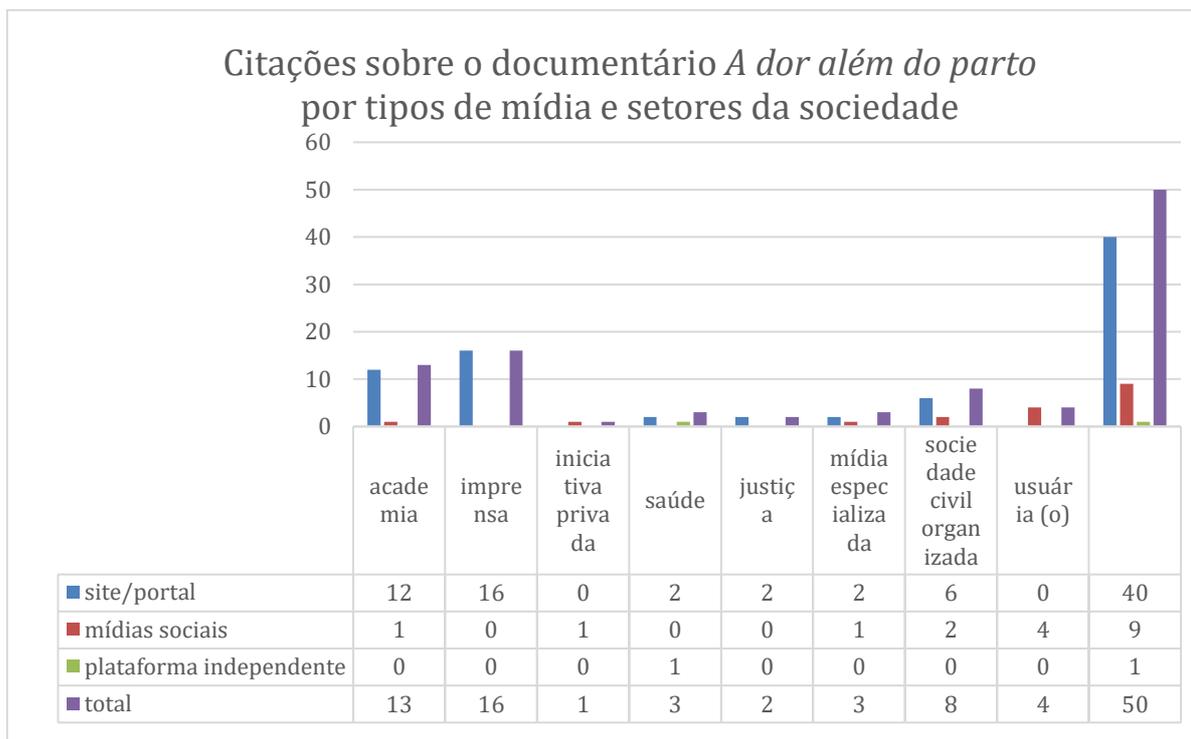
Dos 100 resultados para o documentário *A dor além do parto*, 50 foram descartados, 27 por serem repetidos, 18 por não citarem o filme em si e cinco por possuírem o link quebrado impossibilitando a análise da citação. A expressão “a dor além do parto”, carregada de significado pela analogia e jogo de palavras, foi muitas vezes localizada em títulos de matérias, artigos e até em um outro vídeo, tornando-se um clichê para abordar o assunto.

3.5.2.1 Visão geral dos tipos de mídia e setores da sociedade

As citações do filme por tipo de mídia se concentraram em sites e portais, ao todo foram 40, o que corresponde a 80% dos resultados; nas mídias sociais foram nove, 18% e nas plataformas independentes um resultado, o que equivale a 2% do total (gráficos 4 e figura 23). Em se tratando de um trabalho de conclusão de curso de graduação, a repercussão em sites e portais é um dado bastante representativo.

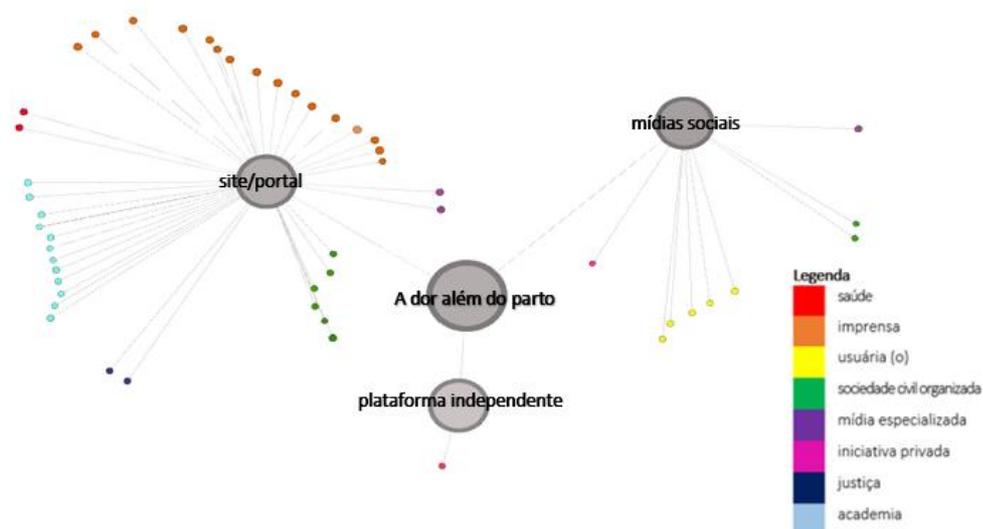
Olhando para os setores de origem, o documentário alcançou todos, ainda que tenha sido de forma desigual como ocorreu com os demais filmes. A concentração ficou nos setores imprensa com 16 resultados, 32% e no setor academia com 13 resultados, 26%. O setor sociedade civil organizada teve oito resultados, o que corresponde a 16%, três resultados no setor saúde, o a 6% e dois no setor justiça, 4%, lugar de origem das realizadoras do documentário. Considerando novamente o fato de ser um trabalho acadêmico e ter alcançado, ainda que minimamente, todos os setores categorizados pode ser considerado um feito, indo ao encontro do objetivo das realizadoras.

Gráfico 4 – Citações sobre o documentário *A dor além do parto* por tipos de mídia e setores da sociedade



Fonte: gráfico elaborado pela autora

Figura 2330 – Divisão das citações sobre *A dor além do parto* por tipos de mídia e setores da sociedade



Fonte: figura elaborada pela autora

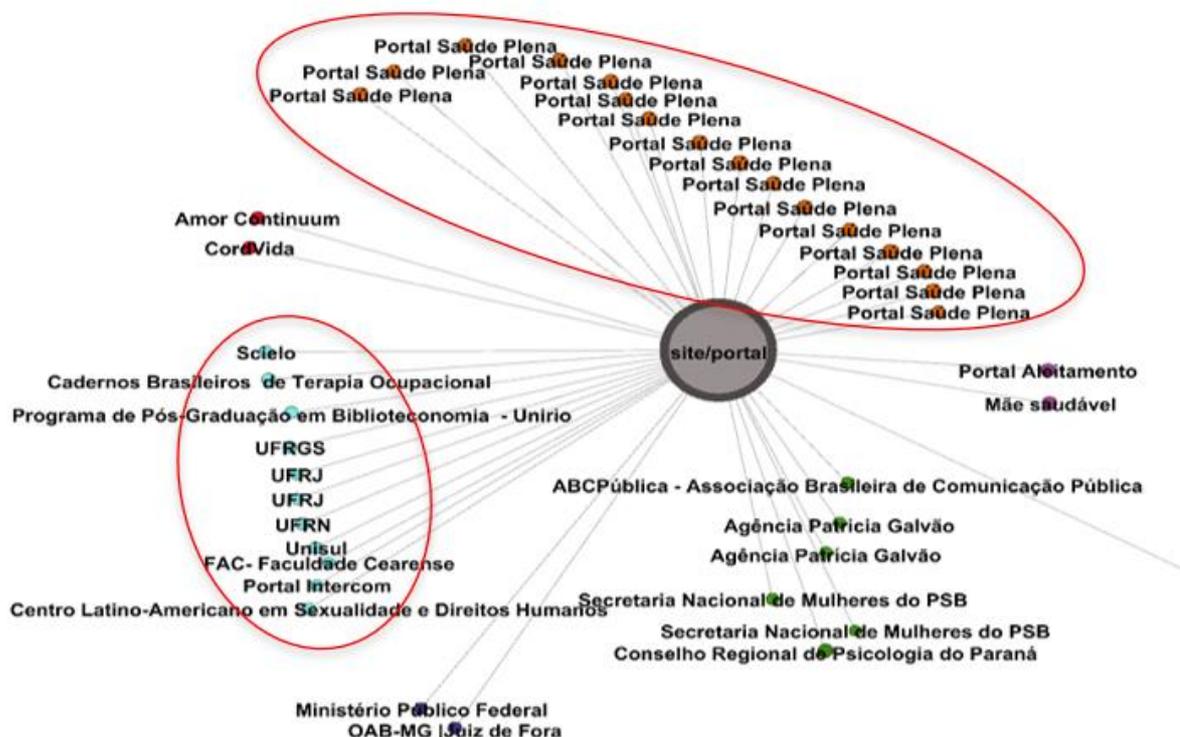
3.5.2.2 Sites e portais

Nos sites e portais, os setores imprensa e academia se destacaram da mesma forma como aconteceu com documentário *Violência obstétrica*. Os dois setores reúnem mais da metade dos resultados, ao todo 58%. Destacou-se a quantidade de citações da imprensa serem em um mesmo veículo de comunicação, todos os 16 resultados foram do *Portal Saúde Plena* (figura 24), um portal de medicina, bem-estar, comportamento, beleza e nutrição do *Estado de Minas*, que pertence ao Grupo Diários Associados. A não menção de filme em outros veículos de comunicação do que chamamos de grande imprensa é compreensível em se tratando da natureza da obra, um trabalho realizado por estudantes do curso de direito, que não foi lançado no circuito comercial cinema e nem foi premiado em nenhum festival. Por outro lado, tantas citações em um mesmo veículo chamou atenção. Dos 16 resultados, identificamos que apenas duas matérias são diferentes e foram publicadas na mesma data, 9 de dezembro de 2013, em ambas o filme está embedado. A primeira é “Documentário 'A dor além do parto' denuncia que maioria dos erros médicos estão ligados à obstetria”¹⁴⁰, que se baseia em depoimentos do próprio filme para tratar do tema, além do depoimento de uma das diretoras do filme, Letícia Campos. A segunda matéria é uma entrevista com a realizadora, “Violência obstétrica é negligenciada do ponto de vista jurídico e social”, afirma autora de documentário”¹⁴¹. As demais citações foram em outras matérias sobre parto e nascimento que na seção “Saiba mais” faziam *link* para essas duas matérias aumentando assim o número de resultados.

¹⁴⁰ Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2013/12/09/noticias-saude,193328/documentario-a-dor-alem-do-parto-denuncia-que-maioria-dos-erros-medi.shtml>>.

¹⁴¹ Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2013/12/09/noticias-saude,193327/violencia-obstetrica-e-negligenciada-do-ponto-de-vista-juridico-e-soc.shtml>>.

Figura 24 – Citações sobre o documentário *A dor além do parto* em sites e portais



Fonte: figura elaborada pela autora

Já no setor acadêmico nota-se que a maior parte das citações, oito de um total de 13, foram feitas no âmbito da graduação em outros trabalhos de conclusão de curso, como monografias, e em trabalhos apresentados em congressos. As outras cinco citações foram em trabalhos de pós-graduadas como nos artigos *Violência obstétrica: ativismo nas redes sociais* (LUZ; GICO, 2015) e *Blogs como canais alternativos de comunicação para o renascimento do parto* (LUZ; GICO, 2016), citados anteriormente na análise sobre o filme *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*; em duas dissertações de mestrado e uma pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, um projeto do Programa de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Saúde do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Mais uma vez o filme consegue romper limites: um trabalho de graduação ser referendado em trabalhos do âmbito de pós-graduação.

No setor da sociedade civil organizada, o filme é divulgado, em maioria, por instituições que atuam na defesa de direitos, como a Associação Brasileira de Comunicação Pública, voltada aos direitos do cidadão à informação, à participação e no dever do Estado de prestar contas de suas ações; na Agência Patrícia Galvão, dedicada aos direitos das mulheres

Figura 2531 – Postagem do blog CordVida.

8 filmes que ajudarão você a escolher o tipo de parto



1 de abril de 2015

O nascimento de um filho é sempre um momento único e especial e, algumas vezes, um pouco incerto para os pais, especialmente para a mulher. Dúvidas e medos com relação à nova vida que está chegando e quanto à escolha do parto são muito comuns nessa fase. Para te ajudar a refletir sobre essa decisão tão importante, listamos oito filmes que tratam o parto a partir de óticas diferentes, todos com cenas e relatos incríveis sobre os diferentes tipos existentes e, cada um deles, defendendo com seus argumentos a melhor opção. Veja:

1 – Parto Natural

Dirigido por José Gaspar, o documentário *"Parto Natural"* aborda os benefícios do parto natural como um momento de valor único para o casal, para a mulher e também para a nova vida que chega. O documentário defende que as técnicas utilizadas nesse tipo de parto – aromaterapia, cromoterapia, massagens e banhos, por exemplo – reduzem substancialmente as dores físicas e ainda critica a transformação do parto em técnica cirúrgica, citando o alto índice de cesarianas desnecessárias no Brasil.

2 – A dor além do parto

O documentário de Amanda Rizeiro, Leticia Campos, Nathália Machado e Raísa Cruz traz uma série de relatos de mulheres que foram vítimas da violência obstétrica. O foco do filme é criticar esse tipo de violência, caracterizada por qualquer tipo de intervenção médica realizada sem o consentimento explícito da mulher (como anestesia, episiotomia ou indução do parto com hormônios, por exemplo).

3 – Parto Humanizado

Esse vídeo-documentário produzido por Isabela Nicastro mostra as vantagens e a importância do parto humanizado e defende o novo modelo como alternativa para redução da mortalidade neonatal. Além disso, o documentário levanta a bandeira do parto em casa para gestantes de baixo risco.

4 – O renascimento do parto

Um dos mais aclamados documentários em defesa do parto natural humanizado, o filme de Erica de Paula e Eduardo Chaves critica a realidade obstétrica no Brasil, que tem como característica a prática inestável da cesariana com hora marcada e as intervenções médicas não consentidas ou desnecessárias. Ele apresenta uma série de argumentos, como depoimentos de estudiosos e pais, a respeito dos problemas psicológicos, sociais, antropológicos, e até mesmo econômicos, consequentes dessa cultura. Apesar de reconhecer a importância da cesariana nos casos onde há real necessidade, o filme alerta para os perigos dessa prática quando feita de forma leve.

5 – Orgasmic Birth

Esse filme lança um novo olhar sobre o parto natural, destacando suas potencialidades emocionais e espirituais, ressaltando a relevância da experiência para a mulher como algo que vai muito além da dor, alcançando inclusive níveis orgâsticos de prazer.

6 – Microbirth

Produzido por Tom Harman e Alex Wakeford, esse documentário mostra o parto literalmente através de uma nova ótica: a lente do microscópio. Com imagens incríveis, ele apresenta um estudo sobre como os tipos de parto influenciam a saúde das crianças durante sua vida.

7 – Waterbirth

Se você considera ter um parto na água, não deixe de assistir *Waterbirth*. Esse documentário traz uma série de filmagens de partos reais realizados na água e resalta os seus benefícios para a mãe e para o bebê.

8 – The Business of Being Born

O documentário de Rici Lake apresenta a realidade contemporânea dos partos nos Estados Unidos e compara vários métodos diferentes, entre eles o parto normal com doulas e parteiras, as cesarianas e os partos domiciliares na água.

E você, já tomou sua decisão? Pense bastante, estude, analise todas as opções e escolha o que for melhor para você e seu bebê. Corte para nós e sua opinião ou divida sua experiência!

Compartilhe 

 Dra. Juliana Torres Alzguir Snel Corrêa
(CRM: 5279398-1)
Residência Médica em Ultrassonografia Obstétrica e Geral;
Ginecologia Infanto Pueral (criança e adolescente);
Atua como ginecologista obstetra há 12 anos.

Fonte: site *CordVida*

e comunicação; na Secretaria Nacional de Mulheres do PSB, também voltada aos direitos das mulheres. É a primeira vez em que aparece como resultado um partido político. Novamente a questão do posicionamento contra-hegemônico se evidencia ao ser citado por instituições que lutam pela garantia de direitos, o que nos remete ao discurso de Carlos Nelson Coutinho no que diz respeito à ideia equivocada dos direitos naturais, uma vez que os indivíduos não nascem com direitos. “Os direitos são fenômenos sociais, são resultados da história. [...] As demandas sociais, que prefiguram os direitos só são satisfeitas quando assumidas nas e pelas instituições que asseguram uma legalidade positiva.” (COUTINHO, 2008, p. 54).

No setor saúde, a pouca visibilidade do filme anterior se repete, mas novamente é compreensível em se tratando da natureza da obra e da polêmica em torno do tema. Ainda assim, foram rastreadas duas citações em sites. Um delas em site de uma doula, *Amor Continuum* (www.amorcontinuum.com.br), que disponibiliza o documentário na seção de vídeos e o outro em um blog dentro do site de uma empresa de armazenamento de células-tronco, *CordVida* (www.cordvida.com.br), onde o filme aparece citado em uma lista de “8 filmes que ajudarão você a escolher o tipo de parto”¹⁴², elaborada por uma ginecologista e

¹⁴² Disponível em: <<http://www.cordvida.com.br/blog/8-filmes-que-ajudarao-voce-a-escolher-o-tipo-de-parto/>>.

obstetra (figura 25). Dessa forma, um site comercial que vende serviços da área da saúde adota a forma blog para oferecer conteúdos e assim atrair novos usuários, na verdade clientes em potencial.

O imbricamento e atravessamento de linguagens e mídias é um dos aspectos marcantes da midiaticização que transforma a ação social cotidiana. A empresa de armazenamento de células-tronco apropria-se da linguagem coloquial de um texto de um blog para “divulgar informações relevantes para as futuras mães e pais sobre assuntos que rondam o universo da gravidez” mesmo diz “não tem como objetivo a divulgação de um blog exaustivo e completo que faça recomendações médicas”, como explicam ao final de cada postagem. Essa estratégia contribui com a circulação dos serviços prestados da empresa, em um outro formato, que não o de conteúdo institucional. Todas as postagens do blog são assinadas por médicos, repetindo a estrutura da figura 11, com identificação junto ao Conselho Regional de Medicina (CRM) e a qualificação do profissional de saúde, reafirmando a legitimidade médica.

No setor justiça o filme é citado na seção Notícias do site da Ordem dos Advogados do Brasil - Subseção Juiz de Fora. Trata-se de uma nota intitulada “Mulheres à Luta”¹⁴³ sobre a programação de um dia de atividades para formação e troca de experiência no dia 25 de novembro, Dia Internacional de Luta Contra a Violência Contra a Mulher. O documentário é um dos dois curtas exibidos no “Eixo Violência Obstétrica”. A outra citação é na ata¹⁴⁴ de uma Audiência Pública com a finalidade de debater questões relacionadas à violência obstétrica no município de Maceió-AL.

3.5.2.3 Mídias sociais

Apesar de ter recebido o apoio do blog *Cientista que virou mãe*, que fez uma postagem sobre o filme, *A dor além do parto* não alcançou a mesma repercussão nas mídias sociais que os outros dois filmes, responsável por 18% do resultados (figura 26). Sob o título “A Dor Além do Parto” - novo documentário sobre violência obstétrica - Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres¹⁴⁵, o post foi publicado no dia 25 de novembro de 2013, dia da efeméride, e antes mesmo do texto já aparece o documentário embedado. No texto, elogio e recomendação: “Informativo, real, chocante, necessário. [...], “E hoje, quero

¹⁴³ Disponível em: <<https://www.juizdefora-oabmg.org.br/noticias/exibir/2275/Mulheres-a-luta.html>>.

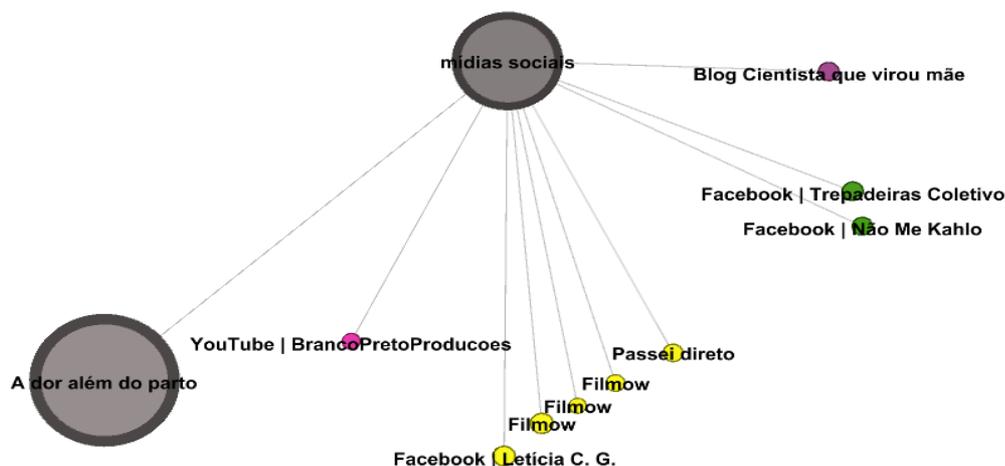
¹⁴⁴ Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/al/sala-de-imprensa/ata-violencia-obstetrica>>.

¹⁴⁵ Disponível em: <<https://www.cientistaqueviroumae.com.br/blog/textos/a-dor-alem-do-parto-novo-documentario-sobre-violencia-obstetrica-dia-internacional-pela-eliminacao-da-violencia-contra-as-mulheres>>.

convidar você a conhecer mais uma iniciativa fundamental. Dedique 20 minutos do seu dia a assistir esse novo e excelente documentário: ‘A Dor Além do Parto’.’”.

O filme foi também citado por dois coletivos de mulheres no Facebook, o *Trepadeiras Coletivo*, que fazia um convite¹⁴⁶ para a palestra "Violência Obstétrica e Parto Humanizado" com a exibição do documentário. A outra citação é do do coletivo *Eu Não Me Kahlo*, com a já citada lista de nove documentários para debater aborto e violência obstétrica¹⁴⁷ que circulou em vários lugares. A mesma lista é compartilhada no perfil do Facebook de uma usuária¹⁴⁸, mais uma citação que foi rastreada pela busca, mas sem relevância, uma vez que a postagem teve uma curtida e dois comentários. O filme é citado na rede social de filmes *Filmow*, todas as três vezes são por meio de usuárias que compartilham a mesma lista de nove documentários sobre aborto e violência obstétrica. Também é citado no *Passei direto*¹⁴⁹, uma plataforma de estudos onde estudantes e especialistas compartilham conteúdos por temas e disciplinas. Na disciplina “SOS Enfermagem” o filme aparece como sugestão para debater o tema violência obstétrica.

Figura 26 – Citações sobre o documentário *A dor além do parto* nas mídias sociais



Fonte: figura elaborada pela autora

¹⁴⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/ag-da-bot%C3%A2nica-ib-usp/palestra-viol%C3%Aancia-obst%C3%A9trica-e-parto-humanizado/316147418747126/>>.

¹⁴⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/9-document%C3%A1rios-para-debater-aborto-e-viol%C3%Aancia-obst%C3%A9trica-1-clandestinashttpswww/621134851393518/>>.

¹⁴⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/vilamamifera/posts/a-dor-al%C3%A9m-do-partohttpwwwyoutube.com/watchvzirigx3tpwsdocument%C3%A1rio-em-v%C3%ADdeo-apes/558574790884371/>>.

¹⁴⁹ Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/35817326/violencia-obstetrica/2>>.

3.5.2.4 Plataformas independentes

Houve apenas uma citação na plataforma independente da Rede Humaniza SUS (figura 27), onde também foram citados os dois outros documentários. Uma usuária, que participa da comunidade chamada “Disciplina Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde, fez uma postagem¹⁵⁰, em 22 de abril de 2015, onde embedou o filme e abaixo disponibilizou um texto sobre a origem da obra, sinopse, ficha técnica e a seguinte recomendação: “>> Eu indico esse documentário, que *acredito que muitos já tenham visto*, mas vale a pena para conhecimento. Mostra alguns pontos da violência contra a mulher na hora do parto. #humanizarépreciso”. Destaca-se a menção a muitos já terem visto o filme. O *post* obteve 16 votos, 1.941 visualizações, seis compartilhamentos e dois comentários, um era a resposta da usuária que publicou.

Figura 27 - Citações sobre o documentário *A dor além do parto* nas plataformas independentes



Fonte: figura elaborada pela autora

3.5.3 Análise do circuito e identificação das mediações envolvidas

3.5.3.1 Circuito *A dor além do parto*: quebrando os muros da universidade

Dos três filmes, *A dor além do parto* foi o que teve o circuito mais restrito de acordo com a quantidade de resultados identificados na busca pelo Google Scraper, 50 ao todo, mas ainda assim teve uma trajetória exitosa se consideramos que o documentário conseguiu circular para além dos muros da universidade. Um trabalho de conclusão de curso (TCC) que

¹⁵⁰ Disponível em: <<http://redehumanizasus.net/89790-documentario-a-dor-alem-do-parto/>>.

não ficou limitado ao repositório ou biblioteca acadêmica da instituição de ensino de origem. Em geral, esse tipo de publicação é totalmente invisível, cumprindo mais a função protocolar enquanto exigência para a conclusão de um curso de graduação ou pós-graduação do que para divulgar o conhecimento ali produzido.

No campo da Ciência da Informação, há um conceito chamado de literatura cinzenta, que corresponde, de acordo com a Quarta Conferência Internacional sobre Literatura Cinzenta (GL'99), aos documentos eletrônicos e impressos produzidos por governos, institutos, academia, empresas e indústria que não são publicados por editores científicos e comerciais e, por isso, são menos localizáveis, como menor circulação. Há inclusive gradações de cinza para os diversos tipos de documentos, as teses e dissertações, por exemplo, corresponderiam à literatura cinzenta média; a clara corresponderia às atas e notas de reuniões, publicadas em forma de manuscrito e a escura às comunicações privadas, que não serão publicadas ou que servirão para a preparação de um manuscrito publicável. Há exemplos de boas práticas que buscam sistematizar e catalogar a literatura cinzenta como os repositórios institucionais. No Brasil, temos a Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Como o nome da iniciativa indica, o banco é dedicado a teses e dissertações, os TCCs correspondem a um tom mais forte de cinza, ficando ainda mais invisível ao público. Todo esse preâmbulo é para justificar o feito realizado pelas quatro graduandas, agora já bacharéis em Direito, ao conseguirem levar o trabalho acadêmico, potencialmente invisível, para outros setores da sociedade além da academia. O trabalho foi citado em diferentes tipos de mídia na internet, contribuindo com o debate e repercussão do tema violência obstétrica no âmbito da justiça, como vimos na ata da Audiência Pública e no evento organizado pela OAB, e por instituições da sociedade civil organizada que atuam na defesa de direitos como a Associação Brasileira de Comunicação Pública a Agência Patrícia Galvão e o Partido Socialista Brasileiro.

O destaque em sites e portais dos setores academia e imprensa indicam que o documentário conseguiu ultrapassar a circulação do seu circuito de origem, ainda que na imprensa os resultados tenham sido todos de um mesmo veículo, cuja mediação será identificada mais adiante. Na academia, o desempenho foi além ao ser citado não apenas em trabalhos de graduação, mas também de pós-graduação como artigos científicos, subvertendo uma invisível hierarquia, porém presente, que acontece no meio acadêmico.

A timidez do circuito nas mídias sociais também se explica pela ausência de investimento na circulação na forma de ciberativismo, como ocorreu com o documentário *Violência Obstétrica: a voz das mulheres*, ainda que seja perceptível ações por parte da

realizadoras em divulgar o filme. Essa articulação foi identificada no conteúdo da entrevista da realizadora Letícia Campos ao *Portal Saúde Plena*, no post do blog *Cientista que virou mãe*, e ainda, como “esbarramos” durante a pesquisa, na página de visualização do *Violência Obstétrica* no YouTube, em um comentário da diretora pedindo para assistirem também o documentário *A dor além do parto*. No comentário, aproveita-se da repercussão do filme para alavancar o seu próprio, “Assistam também o documentário sobre violência obstétrica: A dor além do parto: [A Dor Além do Parto](#)”.

Ainda que o Circuito *A Dor Além do Parto* tenha sido mais periférico em comparação aos demais documentários, em relação ao seu próprio “lugar interlocução”, com a devida licença acadêmica para usar o conceito de forma livre, podemos, independentemente do resultado quantitativo, identificá-lo como um circuito exitoso. E aqui voltamos ao post na Rede Humaniza SUS, voltada para profissionais da saúde, onde a usuária diz que acredita que muitos já tenham visto o filme. O TCC na forma de produto audiovisual ampliou o seu alcance no quesito visibilidade conseguindo ir além do que se esperava para esse tipo conteúdo, quebrando os muros da universidade e alcançando outros setores da sociedade.

3.5.3.2 Mediações envolvidas: “sócio” e “técnica” mediando a circulação

O fato de todas as citações do documentário no setor imprensa terem sido no mesmo veículo chamou a atenção. A quantidade de citações de um veículo de imprensa nos resultados é influenciada pela atuação do algoritmo Page Rank, que valoriza este tipo de meio, mas também tem a ver com o posicionamento do jornal, uma vez que certas notícias são silenciadas. No caso do *Portal Saúde Plena*, observamos que as duas matérias sobre o filme foram escritas pela mesma jornalista, Valéria Mendes, autora de grande parte das matérias publicadas no portal. Uma delas “Violência Obstétrica: se você ainda não acredita, escute essas mulheres”¹⁵¹, que ganhou o 1º lugar na categoria Internet no 8º Prêmio Délio Rocha de Jornalismo de Interesse Público concedido pelo Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais. Essa jornalista trabalhou no grupo Diários Associados de 2013 a 2016, mesmo período em que se concentram todos os resultados localizados referentes ao filme *A dor além do parto*, de agosto de 2013 a novembro de 2015 – lembrando que o filme foi lançado em 25 de novembro de 2013. Valéria Mendes foi também colaboradora do blog *Cientista Que Virou Mãe* de 2015 a 2017, de onde partiu toda a mobilização para o filme *Violência obstétrica: a voz das*

¹⁵¹Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/03/26/noticias-saude,192718/violencia-obstetrica-se-voce-ainda-nao-acredita-escute-essas-mulhere.shtml>>

brasileiras e se pós-graduou em Comunicação e Saúde pela Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (2017). Os contextos relacionados até aqui evidenciam o envolvimento da jornalista com a questão de saúde pública e de que forma os afetos e posicionamentos individuais reverberam e atuam como atores na circulação trazendo o componente humano como mediador. A jornalista com o seu olhar sensível ao tema foi responsável por pautar e manter em pauta a violência obstétrica no veículo.

Mais uma vez vimos a atuação das listas como fator de mediação. A presença em uma lista é um fator que gera credibilidade, pois implica em uma curadoria. A cada compartilhamento da lista há um fortalecimento e reafirmação do conteúdo ali compartilhado, num processo semelhante ao que vemos na disseminação de notícias falsas, onde o compartilhamento atua como um propulsor e ratificador da notícia.

Por fim, identificamos mais um fator que mediou essa circulação, a qualidade técnica do filme. Se o documentário poderia sofrer alguma resistência por se tratar de um trabalho acadêmico de graduação, a mesma foi dissolvida pela forma e conteúdo do filme, que não se parecem com um conteúdo amador, pelo contrário. O uso de efeitos gráficos, trilha sonora, narração, fotografia padronizada das entrevistas e uso de muitas imagens de cobertura esteticamente “profissionalizaram” o conteúdo, que não foi realizado por profissionais do meio audiovisual e aqui nos referimos às quatro diretoras que são bacharéis em Direito. Do outro lado, do ponto de vista conteudista, houve a escolha de duas personalidades médico-midiáticas que já falam sobre o tema em outros filmes e veículos de comunicação e que contribuíram com a repercussão do documentário.

3.6 OS CIRCUITOS, SUAS SEMELHANÇAS E HETEROGENEIDADES

3.6.1 Contextos de produção e de circulação

Após a análise dos três circuitos conseguimos identificar semelhanças e heterogeneidades entre os contextos de produção e circulação (tabela 5). Dentre os contextos de produção, observamos três aspectos: o tempo de duração dos documentários; o ano de produção da obra e o realizador/diretor. Como contextos de circulação analisamos 11 aspectos: ano de publicação no Youtube, que não necessariamente é o mesmo em que o filme foi realizado; número de resultados no Google Scraper; número de inscritos do canal onde os filmes estão publicados; número de visualizações; o percentual de visualizações em relação ao número de visualizações do canal; o número de gostei; o percentual de gostei em relação a todas as avaliações; o número de não gostei; o percentual de não gostei em relação as

avaliações e o número de comentários. Os dados quantitativos foram coletados novamente 6 de abril de 2020.

Analisando os contextos de produção, a primeira semelhança foi observar que as obras datam de um mesmo triênio – 2012, 2013 e 2014 –, período em que o assunto foi ganhando espaço na mídia por conta da publicação de pesquisas sobre o tema e a reivindicação dos direitos foi sendo traduzida em políticas públicas de humanização do parto. O fato do tema estar sendo discutido pela sociedade favoreceu a circulação dos filmes na ocasião dos respectivos lançamentos, como foi possível aferir pelas datas das citações dos filmes localizadas na internet

A segunda semelhança foi identificar o protagonismo feminino. Todos os três documentários foram dirigidos por mulheres, em maioria ativistas, que abraçaram o tema e a luta pela defesa dos direitos sexuais e reprodutivos femininos. As diretoras, conforme rastreamos em entrevistas e depoimentos sobre as obras, viram no audiovisual, mais especificamente no documentário, e em sua disponibilização pública no YouTube uma estratégia para circulação do tema até então invisibilizado pela sociedade. O protagonismo feminino também foi identificando entre as depoentes, maioria não apenas como vítimas que relatam suas experiências, mas maioria também entre os especialistas elencados para discutir o tema. Esse protagonismo feminino garantiu a circulação dos filmes entre gestantes e mães.

Tabela 5 - Aspectos dos contextos de produção dos documentários sobre violência obstétrica

ASPECTOS DOS CONTEXTOS DE PRODUÇÃO DOS DOCUMENTÁRIOS SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA											
documentários	duração	ano de produção	realizador diretoras								
<i>Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas</i>	20 min	2014	Fiocruz Bia Fioretti								
<i>Violência obstétrica: a voz das brasileiras</i>	51 min	2012	Bianca Zorzam, Ligia Moreiras Sena Ana Carolina Franzon Kalu Brum								
<i>A dor além do parto</i>	20 min	2013	Amanda Rizério Letícia Campos Nathália Machado Raísa Cruz								
ASPECTOS DOS CONTEXTOS DE CIRCULAÇÃO DOS DOCUMENTÁRIOS SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA											
documentários	ano de publicação no YouTube	nº de resultados no Google Scaper	nº de inscritos no canal	nº de visualizações do canal	nº de visualizações do filme	% de visualizações em relação ao canal	nº de gostei	% de gostei	nº de não gostei	% de não gostei	nº de comentários

<i>Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas</i>	2015	76	20800	1.838.328	92.972	5%	1.953	98,4%	31	1,6%	85
<i>Violência obstétrica: a voz das brasileiras</i>	2012	82	372	255.460	255.037	99,8%	3.000	97,6%	75	2,4%	355
<i>A dor além do parto</i>	2013	50	289	163.857	107.784	65,8%	1.300	97,5%	33	2,5%	87

Fonte: tabela elaborada pela autora

Olhando para as heterogeneidades dos contextos de produção e cruzando com os contextos de circulação, um primeiro resultado foi identificar que a maior duração de um dos documentários não impactou na quantidade de visualizações. Pelo contrário, *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*, com 51 minutos de duração, foi o filme mais visto dentre os três, com mais que o dobro de visualizações que os demais, o que vai de encontro com a própria recomendação do YouTube de que vídeos mais curtos são mais assistidos.

Outro resultado foi a quebra da expectativa da determinação do peso de uma renomada instituição de pesquisa em saúde pública. *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas*, que tem o selo da Fiocruz, foi o documentário menos visualizado dentre os três. No entanto, é preciso considerar a data em que foram publicados, um importante elemento para a circulação. O tempo de permanência de um vídeo no YouTube contribui com as visualizações, quanto maior o tempo mais chances de ser sugerido pelo sistema de recomendação da plataforma, de ser compartilhado e/ou recuperado por conta de algum fato que o faça estar em evidência e assim entrar em uma nova dinâmica de circulação ou (re)circulação. Dos três filmes *Nascer no Brasil* foi o último a ser publicado no YouTube.

Sobre os aspectos dos contextos de circulação, o primeiro item a ser observado foi o ano de publicação no YouTube. *Nascer no Brasil* teve um ano de intervalo entre sua produção e a data em que foi disponibilizado na plataforma. O filme que teve mais visualizações foi o que estava há mais tempo no YouTube, *Violência Obstétrica*, e o filme com menos visualizações foi o que estava a menos tempo disponível, *Nascer no Brasil*. O número de resultados válidos coletadas por meio do Google Scraper foi o segundo aspecto analisado. O documentário *Violência obstétrica* obteve o maior número de resultados, 82; seguido por *Nascer no Brasil* com 76 e por último *A dor além do parto* com 50. Esse quantitativo foi um indicativo de sua circulação na internet.

Os demais elementos se referem ao próprio YouTube. Tanto *Violência obstétrica* quanto *A dor além do parto* estão disponíveis em canais com menos de 400 inscritos, o

primeiro em um canal de uma pessoa física, Armando Rapchan¹⁵², videomaker que editou o documentário, e o segundo no canal de uma produtora audiovisual, Branco e Preto Produções¹⁵³. O número de visualizações de cada um dos filmes no YouTube corresponde a mais de 50% do total de visualizações dos respectivos canais. *Violência Obstétrica* com 99,8%, praticamente a totalidade, e *A dor além do parto*, com 65,8%. Esse resultado indica que a popularidade dos filmes não foi construída a partir da relevância dos canais onde foram publicados, ao invés disso, os dois documentários que foram responsáveis por aumentar a visibilidade dos canais. Diferentemente do que ocorre com o *Nascer no Brasil*, responsável por 5% das visualizações do Canal da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz¹⁵⁴, que possui mais de 20 mil inscritos e mais de 1 milhão e 800 mil visualizações. Neste caso vimos que a popularidade do canal da Fiocruz, que conta dezenas de outros vídeos, independe do número de visualizações do documentário, enquanto os outros dois canais possuem poucos vídeos postados.

Ainda em relação à circulação, todos os três filmes foram bem avaliados pelos usuários da plataforma, o que é medido pela mão com sinal positivo significando “gostei”. A taxa de avaliações positivas foi de 98,4% para o *Nascer no Brasil*, 97,6% para o *Violência Obstétrica* e 97,5% para *A dor além do parto*, enquanto a taxa de avaliações negativas, com o polegar para baixo indicando “não gostei”, ficou entre 1,6%, 2,4% e 2,5%, respectivamente. A larga maioria de avaliações positivas indica que circularam por uma audiência receptiva ao tema. Esse resultado sugere um encapsulamento do filme em comunidades que defendem o parto normal e lutam contra a violência obstétrica e que a mensagem do filme foi bem recebida por essa audiência, tanto no que se refere ao conteúdo quanto à forma (estética). Mas a boa receptividade também assinala um resultado divulgado pela pesquisa do próprio YouTube (YouTube Insights), ou seja, que os usuários buscam pelo conteúdo que querem assistir. Soma-se a isso o sistema de recomendação da plataforma que sugere vídeos de assuntos similares aos que os usuários estão assistindo. Dessa forma é compreensível essa boa aceitação dentro do contexto de uma mídia puxada (*pull media*) como o YouTube, onde a audiência busca informações sobre determinado assunto.

Os comentários, para além do quantitativo, revelaram o engajamento com os filmes. Em maioria são comentários de apoio, relatos de sofrimento, busca de informações e em menor quantidade críticas ao tema ou ao documentário, mostrando uma rede de apoio que se

¹⁵² Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/ArmandoRapchan>>.

¹⁵³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/BrancoPretoProducoes>>.

¹⁵⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/VIDEOSAUDEFIO>>.

forma em torno do filme, que por sua vez passa a ser um ponto de encontro para a troca de informações sobre violência obstétrica. Mais uma vez *Violência obstétrica* se destaca, obtendo 355 comentários, enquanto *A dor além do parto* obteve 87 e *Nascer do Brasil* 85.

3.6.2 *Rastreamento da circulação*

A circulação entre sites e portais, as mídias mais institucionalizadas, foi predominante entre os três filmes (tabela 6), sempre correspondendo a mais da metade dos resultados. Esse resultado precisa ser ponderado com o fato de que a API que utilizamos para coletar esses dados se baseia em um algoritmo que classifica os resultados pela relevância do veículo na internet, quantas vezes ele é citado e recomendado por outras fontes. Ou seja, essa conclusão é enviesada pelo PageRank e outros algoritmos do Google, o que destaca ainda mais a importância das mídias sociais na circulação dos filmes, que ainda assim tiveram significativa representação nos resultados. Enquanto isso, as plataformas independentes se mostram ainda incipientes e periféricas em meio ao concorrido mercado das plataformas operadas por grandes grupos como Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft. Ainda assim é importante destacar essas iniciativas, necessárias em meio a tantos conglomerados de comunicação que detém o acesso aos dados disponibilizados na internet e de forma não transparente os utilizam e podem descontinuar o serviço que oferecem aos usuários a qualquer momento. Nos setores da sociedade, o destaque para a área da saúde coube ao filme *Nascer no Brasil*, resultado muito determinado pela instituição de origem. Nos demais filmes, academia e imprensa foram os setores que mais se destacaram, ainda que a academia também seja o setor de origem dos documentários *Violência Obstétrica* e *A dor além do parto*.

O Circuito *Nascer no Brasil* caracterizou-se por ser um circuito fechado, entre pares, concentrando-se no setor saúde de onde foi produzido. Muitas das citações localizadas entre os resultados foram feitas pela própria Fiocruz ou instituições afins. Coube às mídias sociais uma melhor distribuição em relação aos setores. O Circuito *Violência Obstétrica* se caracterizou como um circuito mais aberto, ainda que concentrado em sites e portais e nos setores academia e imprensa. A academia é também o setor de origem das realizadoras. Muitos dos resultados eram artigos escritos por pesquisadoras da área das Ciências Sociais e Humanas em Saúde. Mas, o também destaque na imprensa indica que o filme ampliou o seu circuito de origem, alcançando principalmente veículos de comunicação pública e alternativa, o que revelou uma resistência dos grandes veículos de comunicação em debater o assunto e um posicionamento por parte dos meios que optaram por citar o filme em matérias e reportagens.

Por fim, o Circuito A dor além o parto foi o que teve menor amplitude, mas, apesar disso não se fechou no seu setor de origem, academia. Dos três circuitos, era o que tinha menor potencial de alcance por conta do lugar de interlocução das realizadoras, mas ainda assim se destacou no setor imprensa, além da academia. Embora tenha tido um desempenho mais tímido em relação aos demais, conseguiu se fazer circular e alcançou a sociedade, seu objetivo original.

Tabela 68 - Rastreamento da circulação e identificação das mediações sociotécnicas

RASTREAMENTO DA CIRCULAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DAS MEDIAÇÕES SOCIOTÉCNICAS				
documentários	divisão geral por tipos de mídia	divisão geral por setores da sociedade	análise dos circuitos	mediações sociotécnicas
<i>Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas</i>	sites/portais: 56,6% mídias sociais: 39,5% plataformas i.: 3,9%	academia: 10,5% imprensa: 14,5% iniciativa privada: 1,3% saúde: 48,7% justiça: 5,3% mídia especializada: 10,5% sociedade civil org.: 3,9% usuário (a): 5,3%	circuito com maior circulação no setor de origem, saúde	1) algoritmos/sistema de tag e de recomendação 2) listas
<i>Violência obstétrica: a voz das brasileiras</i>	sites e portais: 65,9% mídias sociais: 31,7% plataformas i.: 2,4%	academia: 25,6% imprensa: 25,6% iniciativa privada: 6,1% saúde: 13,4% justiça: 3,7% mídia especializada: 8,5% sociedade civil org.: 6,1% usuário (a): 11%	circuito mais ampliado, com mais citações e melhor distribuído pelos setores da sociedade	1) algoritmos/sistema de tag e de recomendação 2) listas 3) ciberativismo
<i>A dor além do parto</i>	sites e portais: 80% mídias sociais: 18% plataformas i.: 2%.	academia: 26% imprensa: 32% iniciativa privada: 2% saúde: 6% justiça: 4% mídia especializada: 6% sociedade civil org.: 16% usuário (a): 8%	circuito mais restrito, com menor quantidade de resultados, mas consegue sair do setor de origem, academia,	1) algoritmo/sistema de tag e recomendação 2) listas 3) comunicador em associação com os algoritmos 4) qualidade técnica do filme

Fonte: tabela elaborada pela autora

3.6.3 Identificação dos circuitos

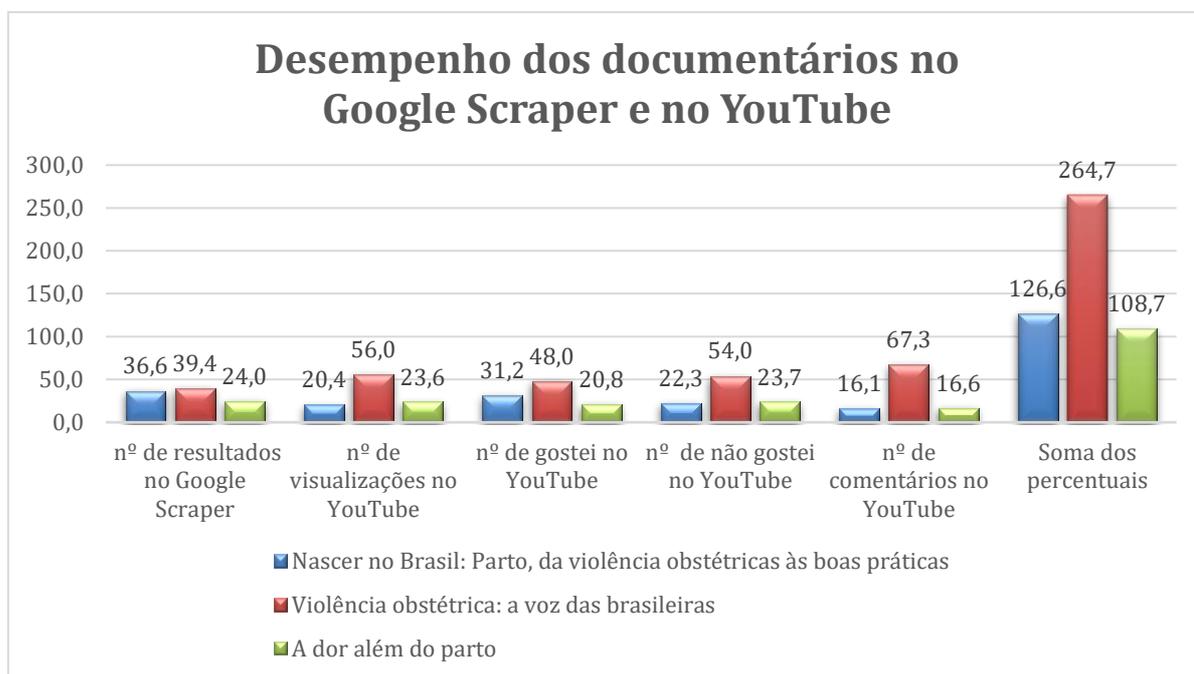
Retomando a proposta dos circuitos heterogêneos, aventada em uma das tentativas de análise, dentre os três filmes qual seria o circuito mais central, intermediário ou periférico? Como aferir isso? Quais critérios usar para além do lugar de interlocução das realizadoras? Ao longo do processo de análise destacamos cinco métricas: 1) número de resultados no Google Scraper; 2) número de visualizações no *YouTube*; 3) número de gostei; 4) número de não gostei e 5) número de comentários (Tabela 8). O número de resultados no Google Scraper, apesar de ser quantitativamente expresso, foi qualitativamente considerado uma vez que analisamos cada um dos resultados coletados e categorizamos segundo o tipo de mídia e setor

da sociedade onde o filme foi citado. Dentre os cinco critérios, o número de resultados no Google Scraper e o número de visualizações foram os dois indicadores de mais valia em relação aos demais.

O Circuito Violência Obstétrica obteve os melhores resultados em todas as cinco métricas, sendo fácil identificá-lo como o circuito central. O Circuito Nascer no Brasil obteve mais resultados no Google Scraper e o Circuito A dor além do parto mais visualizações no YouTube. Qual filme corresponderia ao circuito intermediário e periférico? Tomando o lugar de origem das realizadoras confirmamos a centralidade do documentário o Circuito Violência Obstétrica, onde as realizadoras, blogueiras ativistas e pesquisadoras, são reconhecidas nas comunidades discursivas das mulheres e mães tanto pela legitimidade midiática, quanto pela legitimidade do campo da saúde de onde são oriundas. O Circuito Nascer no Brasil seria identificado como o circuito intermediário, pois parte de uma destacada instituição de saúde pública, ficando com a legitimidade do campo da saúde. O Circuito A dor além do parto corresponderia ao circuito periférico, pois trata-se de uma iniciativa de quatro estudantes de graduação de Direito em final de curso, ou seja, sem a legitimidade midiática e sem a validade do campo da saúde. Para surpresa, *A dor além do parto* obteve mais visualizações, mais avaliações positivas e negativas e mais comentários – nesses últimos três indicadores a diferença quantitativa foi pequena – que o *Nascer no Brasil*. Só não superou o documentário realizado pela Fiocruz em resultados no Google Scraper, cuja diferença quantitativa foi expressiva (Tabela 7), ainda que muitas das citações localizadas foram publicadas nos próprios veículos de comunicação institucional da Fiocruz. Como resolver essa equação de forma equilibrada?

O procedimento adotado foi equiparar por meio de porcentagem as cinco métricas escolhidas como indicadores da circulação (gráfico 5). Para essa normalização, o percentual total correspondeu à soma dos resultados dos três filmes em cada um dos indicadores. Esses percentuais foram somados e *Violência Obstétrica* obteve o maior resultado dentre os três, 264,7, confirmando-se como circuito central, *Nascer no Brasil* obteve o segundo maior resultado, com 126,6, definindo-se como circuito intermediário e *A dor além do parto* em terceiro, com 108,7, justificado a sua posição como circuito periférico.

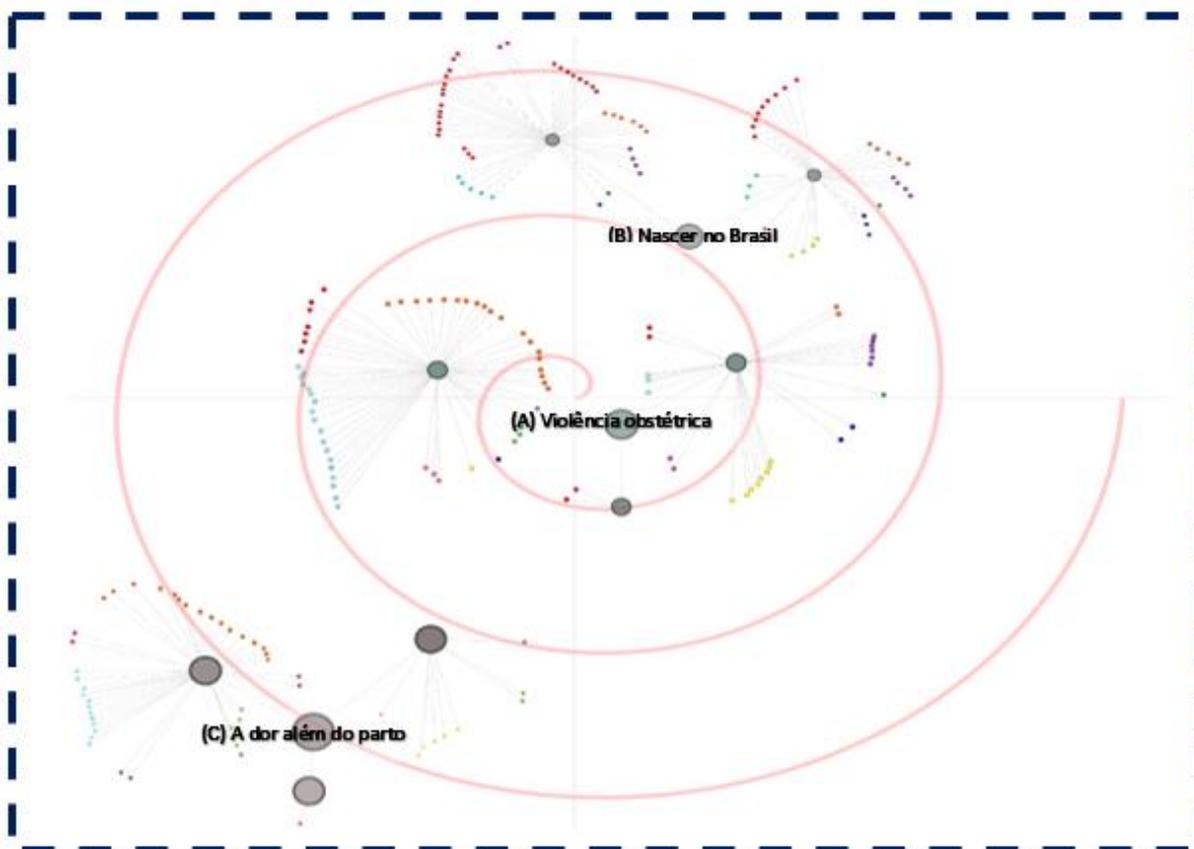
Gráfico 5 – Métricas escolhidas como indicadores da circulação



Fonte: gráfico elaborado pela autora

Os três filmes apresentam similaridades e diferenças que vão configurando os circuitos de forma heterogênea. Na representação gráfica do Mapa da Circulação dos Documentários sobre Violência Obstétrica na Internet (figura 28) o espaço midiático é simbolizado pelo tracejado azul marinho, indicando a sua continuidade e espraiamento, e não um sistema fechado; os circuitos, visualizados pelo Gephi, estão dispostos em relação à proximidade do centro da espiral, em referência à representação gráfica do Modelo de Comunicação como Mercado Simbólico (ARAÚJO, 2002). O circuito central é representado pela letra (A) que corresponde ao documentário *Violência obstétrica: a voz das brasileiras*, o intermediário pela letra (B), *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas* e o periférico pela letra (C), *A dor além do parto*. O posicionamento dos circuitos não pretende ser uma forma de avaliação do desempenho dos filmes, que não é o objetivo da pesquisa, mas a localização é uma forma de apresentar os circuitos, levando em consideração as mediações sociotécnicas envolvidas na circulação.

Figura 28 - Mapa da circulação dos documentários sobre violência obstétrica na internet



Fonte: figura elaborada pela autora

Em se tratando do tema violência obstétrica, importante pauta na agenda da defesa dos direitos das mulheres, o documentário *Violência obstétrica: a voz das brasileiras* (A), realizado por mulheres ativistas, feministas, mães e pesquisadoras do campo da Saúde Pública e Coletiva ocupou posição de maior circulação. Contribuíram para esse resultado a legitimidade midiática que obtiveram à frente dos blogs *Cientista que virou mãe*, *Parto no Brasil* e *Mamíferas* para fazer circular as vozes das brasileiras que foram vítimas desse tipo de violência. O fato do documentário ter sido produzido de forma colaborativa, ainda que amadora, foi um importante diferencial que, desde a produção, contribuiu com o engajamento das usuárias. O envolvimento gerado pela coleta dos depoimentos promoveu o reconhecimento de um discurso silenciado e contribuiu com mulheres que se identificassem com os depoimentos. A qualidade técnica com que foram gravados e a longa duração do documentário ficaram em segundo plano não atrapalhando a circulação do filme. Ao mesmo tempo, as depoentes e demais mulheres convocadas à luta tornaram-se coparticipes na circulação dos filmes, atendendo à segunda convocação feita pelas realizadoras, que as convidaram a compartilhar o documentário pelos meios digitais e presenciais.

Já o documentário *Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas* (B), identificado na posição intermediária, fez valer a legitimidade de uma reconhecida instituição de pesquisa na área da saúde, mas que midiaticamente não teve a mesma repercussão do filme amador realizado pelo coletivo de mulheres, ainda que também conte com os relatos de mulheres que sofreram violência, usuárias do SUS, e depoimentos de profissionais e pesquisadores da saúde. Na ocasião do lançamento do filme no Rio de Janeiro, o grupo de doulas e ativistas da humanização do parto presentes reconheceu a importância do “selo” da Fiocruz para abordar a questão, pois dava um peso e legitimidade a elas, muitas vezes chamadas de “loucas” e “índias” por defenderem um parto normal, sem intervenções cirúrgicas desnecessárias e com respeito às mulheres. Não foi bem assim como vimos usando a comparação como recurso metodológico.

Na periferia do mapa estaria *A dor além do parto* (C), realizado por estudantes de direito, que não contavam com a legitimidade midiática e tão pouco a legitimidade do campo da saúde. O TCC conseguiu ultrapassar os muros da universidade, muros acadêmicos que os outros os outros dois filmes também ultrapassaram, pois todas as outras demais realizadoras, além de ativistas, são também pesquisadoras da área da saúde, sublinhando o papel precursor do discurso acadêmico-científico na defesa de discursos contra-hegemônicos. Se as lutas sociais precedem os direitos, o discurso acadêmico-científico precede as políticas públicas de saúde. Todos os três filmes ultrapassaram os muros da universidade, mas é importante ressaltar que o muro das alunas de graduação era bem mais alto e ainda assim conseguiram. Não há um circuito vencedor em detrimento de outro. Existem diferentes circuitos, diferentes estratégias e diferentes mediações.

3.6.4 Identificação das mediações

Como foi observado no Mapa da Circulação dos Documentários sobre Violência Obstétrica na Internet, os circuitos mantiveram as posições central, intermediária e periférica atribuídas às realizadoras pela legitimidade midiática e no campo da saúde, assim como a prevalência da circulação no setor de origem das produções. Essa transferência de valores foi uma importante mediação identificada. É como se os filmes recebessem esse tipo herança e partir dela construíssem o seu próprio legado. Assim como as heranças não são garantias de uma prosperidade financeira, as posições das interlocutoras/realizadores não são determinações para os processos de circulação dos produtos midiáticos, são mediações que agem sobre os circuitos, que por sua vez sofrem a interferência de outras mediações. Essa

transferência de características mostra uma certa limitação, no caso da posição intermediária e periférica, em circular para além dos pares e do setor de origem, enquanto o circuito central assim se caracteriza por romper com essas limitações.

Violência obstétrica: a voz das brasileiras ocupa a posição central no mapa da circulação dos filmes sobre violência obstétrica muito por conta da mobilização e posição de legitimidade que essas mulheres tinham para abordar o assunto e aqui incluem-se as mulheres realizadoras dos filmes e as mulheres participantes do filme que relataram de forma voluntária as suas experiências de dor e sofrimento durante o parto. O engajamento com o filme foi construído pelas realizadoras desde o processo de produção à circulação do documentário por meio de ações de ciberativismo. A identificação de outras mulheres é a maior forma de propagação do discurso contra a violência obstétrica, que é expressa e materializada no compartilhamento e citação do filme em outras mídias, nos comentários e nas formas de avaliação positiva (curtidas e gostei) disponíveis nas mídias sociais, as *affordances* midiáticas.

Também foi possível identificar a mediação dos algoritmos, por meio dos sistemas de tagueamento e de recomendação. Essa forma de classificação e indexação potencializa as formas de busca e descoberta de um conteúdo, no caso o filme. Outro sistema de recomendação que se destacou foram as listas, que por meio da curadoria realizada adquirem legitimidade na rede contribuindo com a propagabilidade das mesmas e, conseqüentemente, dos itens nelas listados. Assim com fazem as listas de livro mais vendidos, de músicas mais tocadas, as listas de filmes impulsionam o ato de assistir atuando também como uma importante mediação juntos aos usuários.

Já a posição intermediária do documentário *Nascer no Brasil*, de uma reconhecida instituição de saúde pública, garantiu a circulação entres os pares, nos veículos da própria instituição e em instituições de saúde. Os muitos resultados coletados no Google Scraper, da própria Fundação Oswaldo Cruz mostram a relevância que a instituição possui dentro da internet de acordo com a curadoria mediada pelo algoritmo Page Rank do *Google* e não somente que a Fundação publicou muito sobre o filme. Ao contrário do que se poderia pensar inicialmente, o selo Fiocruz não garantiu a mais ampla circulação – dos três filmes *Nascer no Brasil* foi o que obteve menos visualizações, mas sabe-se que esse é um retrato de um momento, onde tudo muda a cada instante. Mas esse resultado promove a reflexão sobre as novas configurações e práticas da sociedade midiaticizada, onde a legitimidade de uma instituição de pesquisa em saúde não foi, nos circuitos estudados, o fator mais preponderante para a circulação de um discurso sobre saúde com outras vozes sem esta credencial falando

em igualdade de alcance e volume ou até mais. Também se observou a mediação dos algoritmos (sistema de tagueamento e de recomendação) e das listas.

A dor além do parto obteve uma circulação mais restrita, configurando-se como o circuito periférico dentre os três, no entanto, como um trabalho de conclusão, superou as expectativas para esse tipo produção acadêmica, saindo da universidade e ganhando outros setores da sociedade. A forma de apresentação do filme, que primou pela qualidade técnica e estética, foi uma importante mediação para conferir credibilidade ao filme. Esse filme revelou ainda uma diferente mediação em relação aos demais ao se destacar em um veículo de comunicação específico, a mediação do jornalista, de uma jornalista, no caso, favorável à causa, que foi responsável pela visibilização do tema violência obstétrica em um grande veículo de comunicação. Do resto, como vimos, se encarregaram os algoritmos ao multiplicar os resultados na internet dando a impressão de um forte posicionamento do veículo de comunicação em relação à questão, mas como vimos foi efeito da web semântica.

Tanto na produção dos filmes, quanto na produção textual nos meios de comunicação, quanto na produção acadêmica, as mulheres ocupam um lugar central na arena de disputas em torno do tema, que é, como visto até aqui, uma luta das mulheres e pelas mulheres. São sempre elas as principais autoras e atrizes no processo de visibilização e defesa dos direitos sexuais e reprodutivos e não foi diferente no caso da violência obstétrica onde as mulheres protagonizaram as mobilizações em torno do tema por serem as vítimas diretamente impactadas por essa violência. Muitas vezes observou-se uma sobreposição de lugares de fala: mulheres, mulheres mães, mulheres mães e pesquisadoras dos campos da Saúde Pública, da Saúde Coletiva, da Comunicação e Saúde. Enquanto o silenciamento da área médica é notório. Falar sobre o tema é admitir a culpa, negligência ou más práticas, a classe profissional se coloca como “imune” a falhas e erros.

Ao mesmo tempo é preciso observar a relatividade das posições dos circuitos que funcionam nesta análise comparativa. O filme que recebeu a posição central no mapa da circulação, assim o recebeu por ter conseguido ultrapassar os limites da sua concepção de filme amador, pois além da legitimidade midiática e no campo da saúde das mães blogueiras e pesquisadoras, essas mulheres investiram em ações na rede para fazer o filme circular e alcançar um maior número de pessoas. O feito é representado pelo número de visualizações no YouTube, mais de 250 mil, que se equipara às maiores bilheterias do cinema documental

no circuito comercial brasileiro¹⁵⁵. Diferentemente da lógica do circuito comercial onde o filme em cartaz é submetido ao desempenho semanal da bilheteria, que muitas vezes vai mingando ao longo do tempo, um filme na internet possui o seu desempenho medido por um quantitativo cumulativo que independe da semana. Pelo contrário, um filme na internet se beneficia do fenômeno da cauda longa e quanto maior for o tempo de disponibilização na rede maior será o número de visualizações.

O aumento do número de visualizações ao longo do tempo ocorre por conta dos ciclos de circulação que podem ser reativados por algum fato, como ocorreu como a polêmica da proibição do termo violência obstétricas em documentos oficiais do Ministério da Saúde ou até por conta de um simples compartilhamento. Mais uma vez observamos como o processo circulatório é dinâmico e instável. Daqui há alguns anos pode não ser mais o mesmo, por isso queremos preservar a forma e não conteúdo desta pesquisa. A forma de observar um fenômeno tão complexo e dinâmico que se desenvolve na internet com o intuito de contribuir com outras estratégias de comunicação no campo da saúde, outros estudos sobre circulação.

¹⁵⁵ Segundo o Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (OCA), que tem por objetivo a difusão de dados e informações produzidas pela Agência Nacional do Cinema (Ancine), são eles: *Vinícius* (2005), de Miguel Faria Jr., com 271.979 espectadores; *Todos os corações do mundo* (1996), de Murilo Salles, com 265.017 espectadores e *Pelé Eterno* (2004), de Anibal Massaini, com 257.932 espectadores. A primeira produção é sobre o cantor e compositor Vinícius de Moraes, as outras duas sobre futebol, três assuntos bem populares e a atrativos, diferentemente de um documentário sobre violência obstétrica repleto de testemunhos de dor e sofrimento de mulheres. Os dados foram extraídos da “Listagem de Filmes Brasileiros Lançados 1995 a 2018” disponível em: < <https://oca.ancine.gov.br>>.

CONCLUSÃO

Muito se fala da instância comunicacional da circulação, é consensual a sua importância em uma sociedade em rede, globalizada e midiaticizada, mas ainda há muito o que avançar nas formas de compreender esse processo, as forças e as mediações atuantes. Em parte, porque a circulação é um processo difícil de rastrear e circunscrever, pois é um fenômeno instável, dinâmico e interminável. Sob a influência de múltiplas forças em diversos sentidos, a circulação sofre constantes processos de mediação, que mantêm intacto o caráter imprevisível do fenômeno ainda que haja alguma previsibilidade dos circuitos. Diante de tamanha complexidade, o que é possível é apreender momentos, assim como os filmes fazem com as imagens. Buscou-se, dessa forma, avançar na direção do objetivo desta pesquisa e desenvolver e propor um método de mapeamento e análise da circulação de vídeos na internet, a partir da análise experimental dos três documentários sobre violência obstétrica.

A midiaticização, metaprocesso que é estrutura e estruturante da sociedade contemporânea, influencia e reconfigura práticas sociais e formas de sociabilidade. O metacapital midiático responde pelo poder sobre outras formas de capital e se estabelece como uma importante mediação na sociedade midiaticizada. A circulação marcada pela presença cada vez mais onipresente das mídias digitais e difusão de imagens, que ampliam e potencializam as formas de circulação de conteúdos, ganha o status de um metaprocesso, assim como a midiaticização. Aliás, os dois metaprocessos influenciam e são influenciados um pelo outro em uma dinâmica constante de retroalimentação. Se circulação e a midiaticização antes mesmo da internet já eram importantes processos na sociedade, com o seu advento ampliam as respectivas capacidades de espraiamento e influência.

A própria materialização do discurso contra a violência obstétrica em um documentário disponibilizado no YouTube é um dos aspectos desses metaprocessos. É, primeiramente, o reconhecimento do audiovisual como linguagem e estratégia de comunicação e índice da circulação do tema na sociedade. Ao escolher o gênero documental e publicá-lo na internet, as realizadoras estavam reconhecendo e reforçando o papel da midiaticização na sociedade, essa força motriz que reconfigura dinâmicas e práticas sociais, e compreendendo o potencial do documentário, reconhecida estratégia de luta dos movimentos sociais desde a década de 1980, para promover o debate e reflexão sobre o tema e assim visibilizar uma questão marginal na sociedade. Outro aspecto da midiaticização é a forte presença de instituições nas diversas mídias digitais como portais, sites, mídias sociais e até mesmo desenvolvendo plataformas independentes, o que não é restrito às organizações,

empresas públicas e privadas, se estende aos cidadãos comuns que, por meio das mesmas mídias, encontram espaço para expressarem suas vozes e propagarem os conteúdos que consideram relevantes, novas práticas viabilizadas pelo modelo baseado na comunicação em rede e pela autocomunicação de massa.

O olhar a partir do estudo das mediações, e não somente pelo estudo dos meios ou dos seus conteúdos, rompendo com o midiacentrismo, oferece uma visão das transformações e dinâmicas da sociedade que vão ganhando materialidades sociais e densidades culturais, continuidades e descontinuidades. Nessa articulação entre práticas comunicacionais, cultura e contextos, as mediações se situam como lócus de observação do social. Neste ponto, a análise do fenômeno comunicacional a partir da instância da circulação sob a dimensão teórica dos estudos de midiatização e mediações se mostraram convergentes e complementares, ainda mais em se tratando de um estudo sobre mídias digitais. Nesse tipo de pesquisa, olhar para as mediações, em especial as mediações sociotécnicas é basilar, já que todo o processo é mediado pela tecnologia, pela ação humana e a midiatização. A midiatização se apresenta como a principal mediação dos processos sociais, uma *metamediação*.

O modelo de comunicação como mercado simbólico, sob e sobre o qual desenvolvemos esta perspectiva teórico-metodológica, contribuiu com importantes conceitos operativos e “inspiradores”. Desse modelo, nos apropriamos do lugar de interlocução, mesmo cientes de que, em sua formulação original refere-se ao lugar ocupado pelos participantes de um ato comunicacional específico e em curso. Nesta análise, buscamos reter a dinamicidade e a ideia força de que a comunicação ocorre em contextos, moldando a atuação e tomadas de posição entre actantes, que nada guardam de passividade. Nessa perspectiva, apontamos a interlocução como mediação primeira identificada na circulação dos documentários na internet. A localização dos circuitos, inspirada nas posições discursivas do modelo, também foi uma importante contribuição para o objetivo da tese, colaborando com o mapeamento e análise da circulação dos documentários, assim como o conceito de comunidades discursivas que ajudou a identificar. Toda a matriz de análise do mercado simbólico, que permite a identificação dos fatores de mediação que promovem o fluxo dos atores entre as posições de poder que movem a sociedade e que já continha as mediações tecnológicas, também nos inspirou a gerar uma matriz subsidiária de mediações sociotécnicas que atuam na circulação de vídeos sobre saúde na internet.

As idas e vindas ao longo do processo de pesquisa, na maioria das vezes omitidas nos resultados das pesquisas, são um dos momentos do processo em que há maior produção de conhecimento, onde há maior aprendizado. A ciência dá a ver história dos vencedores, mas

sabe-se que até o dia do triunfo final inúmeras batalhas são perdidas, há muito mais suor do que inspiração. Desenvolver e propor um método de mapeamento e análise da circulação foi mais um desses processos de idas e vindas e a cada fracasso inúmeras descobertas foram sendo feitas. Nada foi por acaso ou em vão. Por isso, nesta tese teve-se a preocupação com o registro e descrição desse caminho, que não foi linear, tão pouco fácil. Passado o desafio introdutório de selecionar o *corpus* da pesquisa, que não é um processo de menor importância e neutro, o próximo passo foi buscar um método para atender ao primeiro objetivo específico, rastrear a circulação dos documentários disponíveis no YouTube.

Uma primeira tentativa foi realizada nesta direção baseada no rastreamento por meio da URL do documentário disponível na plataforma usando o buscador Google. O método, apesar de promissor, se mostrou precário no sentido da extração e preservação dos dados, duas ações fundamentais para a pesquisa, principalmente na internet onde os dados são flutuantes e podem desaparecer a qualquer momento. Foi quando identificamos uma API desenvolvida por pesquisadores do DMI que fazia isso de maneira não “artesanal”, pois possibilitava a extração dos dados em formato CSV e a importação para o Excel. Essa forma de coleta de dados, ainda que influenciada pelo algoritmo Page Rank do Google, não foi um problema, pelo contrário, fez parte do problema ao entendermos a lógica de funcionamento do meio. Fazer o uso dos métodos digitais se mostrou fundamental para pesquisadores de mídias digitais que pretendem não apenas pesquisar o meio, mas pesquisar *com* ele.

Seguir as citações de um filme na internet, fazendo distinções dos tipos de mídia digitais e setores onde foram citados permitiu um mapeamento da circulação e, conseqüentemente, inferências em relação à institucionalização do discurso comunicado, a propagabilidade junto às mídias sociais, a relevância das plataformas independentes e permeabilidade do tema na sociedade de uma forma geral. O rastreamento representado graficamente serviu como um mapa que orientou a compreensão das características dos próprios circuitos – aberto, fechado, central, intermediário ou periférico – e a identificação das mediações sociotécnicas que atuavam em cada um deles, nosso segundo objetivo específico. A comparação entre os três filmes, por sua vez, se apresentou como um método fundamental para estabelecer o aspecto relacional revelando fatores, estratégias e mediações que contribuíram com a circulação de cada filme. Acreditamos que, do contrário, haveria apenas a descrição de um processo de circulação de um documentário sobre saúde e suas estratégias de comunicação.

A combinação das análises qualitativa e quantitativa também foi um ganho metodológico. A abordagem qualitativa permitiu a apreciação de aspectos subjetivos das

publicações localizadas na internet, observar as mediações sociotécnicas e compreender a partir das métricas críticas a rede de problemas em torno da questão da violência obstétrica. Já a abordagem quantitativa permitiu uma melhor visualização do fenômeno como a distribuição da circulação pelos tipos de mídias digitais e setores da sociedade, além de contribuir com a identificação dos tipos de circuitos. A esses ganhos soma-se a representação gráfica por meio do software de análise de redes Gephi, que permitiu uma melhor observação do circuito, que por ser tão extenso escapa aos olhos. O trivial desafio foi decidir quais categorias utilizar para a análise, mas a observação do fenômeno foi revelando e impondo-as de maneira orgânica. É preciso destacar que o ato de categorizar é sempre um processo tentativo. Foi interessante observar em meio à dificuldade do processo de categorização dos setores da sociedade como o social é imbricado, como os campos sociais se interligam e como todos são atravessados pelo processo de midiatização.

O cotejamento dos resultados por meio das métricas críticas (voz dominante, preocupação, comprometimento, posicionamento e alinhamento) renderam diversos resultados. A voz dominante na luta contra a violência obstétrica é a das mulheres. Na métrica preocupação destacam-se os coletivos feministas, que participam ativamente do debate da questão, com o apoio de veículos de comunicação pública e independente, academia e algumas instituições do campo da saúde como a Fiocruz e Abrasco. No entanto, é gritante a ausência do debate na classe médica e grandes veículos de comunicação. Coube às mulheres mães e ativistas a continuidade do debate, o que representa a métrica de comprometimento. Os demais atores (pessoas ou instituições) são suscetíveis ao factual, episódios que trazem o assunto à tona como o lançamento de uma pesquisa, de um filme, um caso grave que tenha ocorrido em algum estabelecimento de saúde sucedido de morte ou uma polêmica em torno da questão, como a proibição do uso da expressão violência obstétrica pelo Ministério da Saúde. Dessa forma, também é possível observar o posicionamento e alinhamento favorável de instituições do campo da saúde coletiva e pública, academia, ONGs e movimentos sociais que defendem os direitos humanos de forma ampliada e articulação contra da classe médica, em especial as associações de classe.

Ainda no mapeamento, vimos que desprezar as métricas de vaidade disponibilizadas pelo próprio YouTube seria um equívoco. Por mais críticas que se tenham a essa forma de medição, são elas também as formas reconhecíveis de desempenho do próprio meio e nelas é baseada a forma de funcionamento da plataforma, mediando o que deve ser oferecido. Ignorar as lógicas de operação e métricas dos meios equivale, aos pesquisadores de mídias digitais, desprezar os significados culturais de um determinado grupo social em uma pesquisa

antropológica. É não reconhecer os signos e símbolos que dão sentidos aos ritos e rituais do ambiente. Dessa forma, usamos, além dos resultados da API Google Scraper, o número de visualizações, de “gostei”, “não gostei” e de comentários como indicadores da circulação de vídeos na internet, entendendo que os números são uma das dimensões para interpretar o social.

A síntese visual promovida pela representação gráfica do Mapa da circulação dos documentários sobre violência obstétrica na internet materializa o percurso e o método proposto para analisar a circulação de vídeos sobre saúde na internet. Os algoritmos e todas as *affordances* midiáticas (formas de incorporação dos vídeos, botões de compartilhamento, hastags indexadoras) mostraram-se uma mediações-chave. Os sistemas de recomendação atuam e interferem na circulação de vídeos na internet de forma bastante significativa, assim como as listas, que também são um sistema de recomendação onde a curadoria é mais evidente. Ambos são sistemas sociais, pois toda técnica é social, produto e resultado do trabalho humano, sem a insistente dicotomia que se impõe aos falarmos de tecnologia. Na internet, na verdade, destaca-se a todo momento essa conjugação da mediação tecnológica (não humana) associada à mediação humana, a mediação sociotécnica.

Dentre as mediações sociotécnicas, destacaram também as ações de ciberativismo e/ou engajamento junto ao público. Esta mediação identificada em um dos filmes foi determinante para a maior amplitude da circulação de um dos documentários. As ações de ciberativismo e engajamento na rede se apropriaram de todas as *affordances* midiáticas, que permitem a maior propagabilidade dos conteúdos, mas também acionam uma importante mediação que não cabe na categoria sociotécnica, a afetividade. Por meio dos afetos nos aproximamos de determinados discursos em detrimentos de outros seja para apoiar e seja para criticar. O ciberativismo e os apelos para o engajamento acionaram essa dimensão afetiva evidenciando que as redes sociotécnicas são também redes de amor e ódio, esperança e descrença. Essa rede é representada pelas ações das mães ativistas, mas também pela jornalista sensível ao tema que emplacou o assunto no veículo de comunicação em que trabalhava. Essa ação somada à web semântica multiplicou os resultados na internet. Do resto se encarregam os algoritmos, incansáveis e resistentes assim como as ativistas, mostraram o “alto nível de comprometimento”, se assim é possível dizer.

Outras mediações sociotécnicas foram identificadas. A internet também possibilita diversas temporalidades, circuitos e apropriações, que operam numa lógica que se assemelha ao conceito da cauda longa, onde os produtos midiáticos circulam ao longo do tempo. O tempo de disponibilidade de um vídeo nível no YouTube é favorável ao número de visualizações e

interações. Os filtros de busca também se mostraram como importantes mediadores. A forma como os vídeos são nomeados e indexados através de *tags* são determinantes para a sua circulação uma vez que o YouTube atua como um buscador de conteúdo e de forma “colaborativa”, na medida em que um filme com maior número de visualizações pode alavancar a visualização de outros vídeos sobre o mesmo tema quando contém as mesmas palavras no título ou *tags*.

A tecnologia também possibilitou que as mulheres que sofreram violências obstétricas enviassem os depoimentos pela internet captados por câmeras fotográficas, celulares e *webcams*. A internet torna-se não só um lugar de circulação de um produto, mas de mobilização para participar da produção. Resultado das transformações da sociedade midiaticizada, onde o testemunho configura-se também como forma contemporânea de ação política e expressão da subjetividade. A coletânea de testemunhos reunidos na forma de um documentário materializou a luta das mulheres. Essa luta foi também se deu na academia, na forma de artigos científicos e trabalhos apresentados em congressos e assim permeando o campo da saúde, até então bastante resistente à culpabilização dos profissionais de saúde, em especial dos médicos, e pelo campo da justiça, em projetos de lei e audiências públicas como prova da existência do agravo.

O YouTube tem sido uma referência na rede para mulheres, mães e gestantes que procuram informações sobre parto e nascimento. A oferta de vídeos e filmes justifica-se pela procura e vice-versa. Como pode ser observado, os documentários disponíveis na plataforma podem e são utilizados em defesa da direitos, contra a violência e o preconceito. A rede de mulheres que se desenvolve a partir dos filmes mostra que internet e apropriação dela como ferramenta de pesquisa, estratégia de comunicação, visibilização de discursos contra-hegemônicos é materialização desse empoderamento. Essa potencialidade dialoga com o contrato fundacional o Youtube, *Broadcast yourself*, que é atualizado em sua missão de “dar voz às pessoas”, “dar uma oportunidade de serem ouvidas”, “um palco para serem vistas”. Seria esse um mundo mais democrático sob a perspectiva da comunicação? Seria essa uma plataforma onde os cidadãos têm acesso aos meios de produzir discursos e fazê-los circularem no Mercado Simbólico da Comunicação? São novas dinâmicas que neste momento, inclusive, estão sendo intensamente modificadas com a pandemia no novo coronavírus, onde observa-se a revalorização dos profissionais da imprensa, ciência e da saúde como um todo, não somente os médicos.

Lacunas e apontamentos foram deixados no caminho percorrido até aqui, principalmente no que tange à riqueza dos discursos deixados na forma dos comentários,

rastros da circulação que poderão ficar para as futuras pesquisas. Por meio da combinação de teorias e métodos buscamos avançar no desenvolvimento e proposta de um método de mapeamento e análise da circulação de vídeos sobre saúde que considere as mediações sociotécnicas cada vez mais onipresentes na sociedade midiaticizada, onde não somos mais somente humanos, onde a tecnologia jamais foi apenas técnica. Essas mediações são cada vez mais determinadas e determinantes na circulação dos filmes. Estão cada vez mais imbuídas em influenciar a circulação de conteúdos na internet. Acompanhar esse movimento incessante é compreender aspectos e transformações da sociedade e futuramente contribuir com a circulação de outros discursos sobre saúde, contra-hegemônicos ou não, mas discursos sobre saúde legitimados pelo saber científico e/ou tradicional, mas saberes e não notícias falsas como virou moda nos últimos anos. O acesso a esse saber sobre saúde, além de um direito que garante outros direitos, é um saber que contribui com a autonomia dos cidadãos e determina socialmente a saúde dos mesmos.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Rayssa. Segundo episódio da série Ser mãe. **JMTV 1ª Edição**, 10 mai, 2019. Disponível em: < <http://g1.globo.com/ma/maranhao/videos/v/veja-os-tipos-de-parto-no-segundo-episodio-da-serie-ser-mae/7606357/>>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- ANDERSON, C. **A cauda longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.
- ARAÚJO, C. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, p. 192–204, 2009.
- ARAÚJO, I. S. DE. **Mercado simbólico: interlocução, luta, poder: um modelo de comunicação para políticas públicas**. [s.l.] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- ARAÚJO, I. S. DE. Mercado simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, v. 8/14, p. 165–178, 2004.
- ARAÚJO, I. S. DE. Contextos, mediações e produção de sentidos: uma abordagem conceitual e metodológica em comunicação e saúde. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 3, n. 3, p. 42–50, 2009.
- ARAÚJO, I. S. DE. Polifonia, concorrência discursiva e produção dos sentidos. O método do mapa do mercado simbólico. **UNIREVISTA**, v. 1, n. 3, p. 1–11, 2006.
- ARAÚJO, I. S. DE;; CARDOSO, J. M. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- BARONE, J. G. B. R. E S. **Comunicação e indústria audiovisual: cenários tecnológicos e institucionais do cinema brasileiro na década de 90**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- BARRETO, M. L. O conhecimento científico e tecnológico como evidência para políticas e atividades regulatórias em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 2, p. 329–338, 2004.
- BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **Violência contra a mulher**, [s.d.]. (Nota técnica).
- BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. **Remediation: understanding new media**. Cambridge: The MIT Press, 1999.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social network sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 210–230, 2007.
- BRAGA, J. L. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A. S.; ARAÚJO, D.; BRUNO, F. (Eds.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: **Mediação & Mediatização**. Salvador;

Brasília: EDUFBA; Compós, 2012a. p. 31–52.

BRAGA, J. L. Las políticas de los internautas es producir circuitos. In: CARLÓN, M.;

FAUSTO NETO, A. (Eds.). . **Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación**. 1ª ed. Buenos Aires: La Crujía, 2012b. p. 43–59.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

CAMPOS, L. Entrevista “Violência obstétrica é negligenciada do ponto de vista jurídico e social”, afirma autora de documentário. **Portal Saúde Plena**, 9 dez. 2013.

CARDOSO, G. Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade de informação. In: MORAES, D. (Ed.). . **Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade de informação**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010. p. 25–32.

CARDOSO, J. M.; LERNER, K. Os jovens e os discursos sobre aids: da centralidade dos contextos para a apropriação de sentidos. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, p. 67–75, 2009.

CARLÓN, M. **Después del fin: una perspectiva no antropocêntrica sobre la post-tv, el post-cine y youtube**. Buenos Aires: La Crujía, 2016.

CARVALHO, M. Campo jornalístico, campo da saúde e racionalidades políticas a partir do estudo de caso de um intelectual-jornalista. In: BEATRIZ KUSHNIR (Ed.). . **Maços na gaveta: reflexões sobre mídia**. Niterói: Eduff, 2009.

CASTELLS, M. Communication, Power and Counter-power in the Network Society. **International Journal of Communication**, v. 1, n. June 2006, p. 238–266, 2007.

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CETIC.BR. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros : TIC domicílios 2018 = Survey on the use of information and communication technologies in brazilian households : ICT households 2018**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.

COMITÊ LATINO-AMERICANO E DO CARIBE PARA A DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER. **Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher: Convenção de Belém do Pará** São Paulo Instituto para Promoção da Equidade, Assessoria, Pesquisa e Estudos, , 1996.

CONRAND, P. **The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (BRASIL). **Parecer nº 32/2018** Brasil, 2018. Disponível em: <<https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/pareceres/BR/2018/32>>

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (BRASIL). **Resolução CFM nº 2.232/2019, de 16 de setembro de 2019** Brasil, 2019.

CORRÊA, E. S.; BERTOCCHI, D. A cena cibercultural do jornalismo contemporâneo: web semântica, algoritmos, aplicativos e curadoria. **MATRIZES**, n. 2, p. 123–144, 2012.

COULDRY, N. Mediatization or Mediation? Alternative Understandings of the Emergent Space of Digital Storytelling. **New Media & Society**, v. 10, n. 3, p. 373–391, 2008.

COULDRY, N. Mediatization an the future of field theory. In: LUNDBY, K. (Ed.). . **Mediatization of communication**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2014. p. 227–245.

COUTINHO, C. N. Notas sobre cidadania e modernidade. In: **Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p. 49–70.

DA-RIN, S. **Espelho partido - tradição e transformação no documentário**. 4.ed ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

ECO, U. **A vertigem das listas**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FASANELLO, M. T.; ARAUJO, I. S. DE; PORTO, M. F. Produção audiovisual nas lutas dos movimentos sociais do campo no Brasil: dimensões comunicacional e epistemológica. **Revista de Comunicación y Ciudadanía Digital Publicación**, v. 5, n. 2, p. 118–147, 2016.

FAUSTO NETO, A. As bordas da circulação. **Alceu**, v. 10, n. 20, p. 55–69, 2010a.

FAUSTO NETO, A. Além das bordas da circulação. In: ANTONIO FAUSTO NETO; VALDETTARO, S. (Eds.). . **Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosário: Universidad Nacional de Rosário, 2010b. p. 2–17.

FAUSTO NETO, A. F. Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. **Matrizes**, v. 1, n. 2, p. 89–105, 2008.

FIORETTI, B. **Nascer no Brasil: Parto, da violência obstétrica às boas práticas** BrasilVideoSaúde Distribuidora, , 2004.

FLEURY-TEIXEIRA, E.; MENEGHEL, S. N. **Dicionário Feminino da Infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

FRANCO, M. **Aruanda**. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/aruanda/grierson.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<http://csbh.fpabramo.org.br/sites/default/files/pesquisaintegra.pdf>>.

GARBIN, H. B. DA R.; PEREIRA NETO, A. DE F. P.; GUILAM, M. C. R. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, v. 12, n. 26, p. 579–588, 2008.

GAUDREAU, A. et al. **A narrativa cinematográfica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

GONÇALVES, F. N. Rhein II ou notas sobre a construção da visibilidade da fotografia na arte contemporânea. **Revista Famecos**, v. 23, n. 3, 2016.

GRAJALES, F. J. 3RD et al. Social media: a review and tutorial of applications in medicine and health care. **Journal of Medical Internet Research**, v. 16, n. 2, 2014.

GUIMARÃES, M. C. S. et al. Educação sanitária em 16mm: memória audiovisual do Serviço Especial de Saúde Pública - SESP. **Interface: Communication, Health, Education**, v. 14, n. 32, p. 23–34, 2010.

GUIMARÃES, M. C. S.; SILVA, C. H. DA; NORONHA, I. M. H. El acceso a la información como determinante social de la salud. **Salud Colectiva**, v. 7, n. 1, p. S9–S18, 2011.

HARZHEIM, E. Ministério da Saúde mantém decisão de não usar termo violência obstétrica, diz secretário. Entrevista concedida a Natália Cancian. **Folha de São Paulo**, 10 jun. 2019.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

KIM, J. The institutionlization of YouTube: from user-generated content to professionally generated content. **Media, Culture & Society**, v. 34, n. 1, p. 53–67, 2012.

KIM, P.; SAWHNEY, H. A machine-like new medium - theoretical examination of interactive TV. **Media, Culture & Society**, v. 24, n. 2, p. 217–233, 2002.

KROTZ, F. The meta-process of “mediatization” as a conceptual frame. **Global Media and Communication**, v. 3, n. 3, p. 256–260, 2007.

LABAKI, A. **É Tudo Verdade: Reflexões sobre a cultura do documentário**. São Paulo: Francis, 2005.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador, Bauru, São Paulo: Edufba; Edusc, 2012.

LEITE, T. C. **Sobre jornalistas e médicos: contextos e mediações**. [s.l.] Fiocruz, 2016.

LELO, T. V.; GROHMANN, R. A diversidade do conceito de circulação nos estudos em Comunicação. **Eccom**, v. 5, n. 9, p. 21–34, 2014.

LERNER, K. et al. A circulação do sofrimento: visibilidade e protagonismo em novas configurações comunicacionais. In: PAULO CÉSAR CASTRO (Ed.). **A circulação discursiva e transformação da sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2018.

LEV MANOVICH. **Software takes command**. 1ª ed. Nova York: Bloomsbury Academic,

2013.

LOTZ, A. **The television will be revolutionized**. Nova York: University Press, 2007.

LUZ, L. H.; GICO, V. DE V. Violência obstétrica: ativismo nas redes sociais. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 23, n. 3, p. 475–484, 2015.

LUZ, L. H.; GICO, V. DE V. **Blogs como canais alternativos de comunicação para o renascimento do parto**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. **Anais...**São Paulo: 2016Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n2/1809-5844-interc-39-02-0147.pdf>>

MADATHIL, K. C. et al. Healthcare information on YouTube: a systematic review. **Health Informatics Journal**, v. 21, n. 2, p. 173–194, 2014.

MAGALHÃES, L. **Trilogia “O Renascimento do Parto” e a violência obstétrica de cada dia**. Disponível em: <<https://medium.com/cinesuffragette/trilogia-o-renascimento-do-parto-e-a-violencia-obstetrica-de-cada-dia-e029201d29d1>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MAIA, M. B. **Humanização do Parto: política pública, comportamento organizacional e ethos profissional**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

MALCOLM GLADWELL. **O ponto da virada: como pequenas coisas podem fazer diferença**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

MARTÍN-BARBERO, J. Uma aventura epistemológica. Entrevistadora: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Matrizes**, v. 2, n. 2, p. 143–162, 2009.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagens ambientes e redes**. 2. ed ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MEILI, A. M. **Cinema na internet: espaços informais de circulação, pirataria e cinefilia**. [s.l.] PUCRS, 2015.

METZ, C. **Linguagem e cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MICROBIRTH. Disponível em: <<http://microbirth.com/about/>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Despacho de 03 de maio 2019**Brasil, 2019a. Disponível em: <https://sei.saude.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&codigo_verificador=9087621&codigo_crc=1A6F34C4&hash_download=c4c55cd95ede706d0b729845a5d6481d07e735f33d87d40984dd1b39a32d870fe89dcf1014bc76a32d2a28d8f0a2c5ab928ff165c67d8219e35be>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Ofício n° 296/2019/COSMU/CGCIVI/DAPES/SAPS/MS**Brasil, 2019b.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Recomendação nº 29/2019** Brasília, DF, 2019a. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/docs/recomendacao_ms_violencia_obstetrica.pdf>

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Recomendação nº 44/2019** Brasil, 2019b. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/docs/recomendacao-cfm>>

MORAES, A. F. DE. Vídeo em saúde - elemento de persuasão. v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 2013.

MURTINHO, R. **ESTADO , COMUNICAÇÃO E CIDADANIA Diálogos pertinentes sobre a relação entre direito à saúde e direito à comunicação**. [s.l.] Universidade Federal Fluminense, 2012.

MUZI, D. Comunicação em rede na contramão do SUS: uma análise da experiência da VideoSaúde no Facebook. In: TAVARES, D.; REZENDE, R. (Eds.). **Mídias & Divulgação Científica: Desafios e Experimentações em meio à Popularização da Ciência**. Rio de Janeiro: Ciências e Cognição, 2014.

MUZI, D.; CARDOSO, J. M. Uma análise da circulação de audiovisuais em saúde no YouTube - possibilidades , desafios e limites a partir do vídeo Nascer no Brasil An circulation analysis of health audiovisuals on YouTube - possibilities , challenges and limits from the video Birth i. **Anais do V Colóquio Semiótica das Mídias**, p. 1–20, 2016.

MUZI, D.; CARDOSO, J. M. Mediações comunicativas da cultura na circulação de vídeos sobre saúde no YouTube. **VI Colóquio Semiótica das Mídias. Anais...**, v. 6, n. 1, p. 1–22, 2017.

NÃO ME KAHLO. **9 DOCUMENTÁRIOS PARA DEBATER ABORTO E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/NaoKahlo/photos/9-documentarios-para-debater-aborto-e-violencia-obstetrica1-clandestinashttpswww/621134851393518>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. 3.ed ed. Campinas: Papirus, 2008.

NOGUEIRA, M. A. Prefácio. In: MORAES, D. DE (ORG. . (Ed.). **Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010. p. 7–14.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Prevenção e eliminação de abusos , desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde. n. 5, p. 4, 2014.

PATRICK CHARAUDEAU. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA NETO, A. et al. O paciente informado e os saberes médicos: um estudo de etnografia virtual em comunidades de doentes no Facebook. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 22, p. 1653–1671, dez. 2015.

PIERRE BOURDIEU. **The State Nobility: elite schools in the field of power**. 1ª ed. Stanford CA: Stanford University Press, 1998.

RANDEREE, E. Exploring technology impacts of healthcare 2.0 initiatives. **Telemedicine and e-health**, v. 15, n. 3, 2009.

REQUER, C. S. **Novos processos de realização e circulação no longa-metragem brasileiro Castanha**. [s.l.] PUCRS, 2017.

ROGERS, R. O fim do virtual: os métodos digitais. **Lumina - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF**, v. 10, n. 3, p. 1–34, 2016.

ROGERS, R. Otherwise Engaged: Social Media from Vanity Metrics to Critical Analytics. **International Journal of Communication**, v. 12, n. 0, p. 23, 2018.

SACRAMENTO, I. A era da testemunha: uma história do presente. **Physis**, v. 7, n. 1, p. 125–140, 2018.

SACRAMENTO, I.; BORGES, W. C. **A televisualidade midiaticizada do testemunho: a dismorfia corporal num canal do YouTube**. XXVI Encontro Anual da Compós. **Anais...**São Paulo: 2017

SALGADO, T. B. P. **Midiaticizações sociotécnicas: farejar o social das mídias digitais e seguir os rastros das humanidades**. Anais do I Seminário Internacional de Pesquisas em Midiaticização e Processos Sociais. **Anais...**São Leopoldo, RS: Unisinos, 2016

SAMPSON, M. et al. A systematic review of methods for studying consumer health YouTube videos, with implications for systematic reviews. **PeerJ**, v. 1, p. e147, 2013.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, B. DE S. **A crítica da razão indolente: contra o desprédício da experiência**. 8^a ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SCHRAIBER, L. B. Prefácio. In: VIEIRA, E. M. (Ed.). **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p. 9–14.

SCOLARI, C. A. Mapping conversations about new media: the theoretical field of digital communication. **New Media and Society**, v. 11, n. 6, p. 943–964, 2009.

SENA, L. M. “Violência obstétrica - a voz das brasileiras” - Hoje, no Abrascão. **Cientista que virou mãe**, 16 nov. 2012a.

SENA, L. M. Ação coletiva de divulgação do vídeo “Violência obstétrica - a voz das brasileiras”. **Cientista que virou mãe**, 22 nov. 2012b.

SENA, L. M. Violência obstétrica - a voz das brasileiras: assista! **Cientista que virou mãe**, 25 nov. 2012c.

SENA, L. M. **Redes sociais e violência: dos horrores à resistência**. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/redes-sociais-e-violencia-dos-horrores-resistencia>>. Acesso

em: 17 dez. 2019.

SENA, L. M.; TESSER, C. D. Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães: relato de duas experiências. **Interface - Comunicação, Saúde e Educação**, v. 21, n. 60, p. 209–220, 2017.

SICKLES, R. C. **American film in the digital age**. Santa Bárbara, Califórnia: ABC-Clio, LLC, 2010.

SILVA, W. M. DA. **Transformar é Preciso: transformações na relação de poder estabelecida entre médico e paciente (um estudo em comunidades virtuais)**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2011.

SILVA, G. Pode o conceito reformulado de bios midiático conciliar mediações e midiatização? In: MATTOS, M. Â.; JUNIOR, J. J.; JACKS, N. (Eds.). . **Mediação & Mediatização**. Salvador; Brasília: Compós; Edufba, 2012. p. 107–122.

SIMONDON, G. **El modo de existencia de los onjetos técnicos**. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. **Jornalismo, participação, memória**. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis120_web.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2020.

TAVARES, D. Audiovisual e ciência: que tal uma DR? In: TAVARES, D.; REZENDE, R. (Eds.). . **Mídias & Divulgação Científica: Desafios e Experimentações em meio à Popularização da Ciência**. Rio de Janeiro: Ciências e Cognição, 2014.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

VAN DIJCK, J. **A sociedade da plataforma: entre vista com José van Dijck**. Disponível em: <<https://digilabour.com.br/2019/03/06/a-sociedade-da-plataforma-entrevista-com-jose-van-dijck>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

VANCE, K.; HOWE, W.; DELLAVALLE, R. P. Social internet sites as a source of public health information. **Dermatologic Clinics**, v. 27, n. 2, p. 133–136, 2009.

VIEIRA, E. M. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

WILLIAMS, R. **Keywords: Vocabulary of culture and society**. Londres: Fontana, 1976.

YOUTUBE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/>>. Acesso em: 1 nov. 2019.

YOUTUBE. **YouTube: Our Brand Mission** YouTube, , [s.d.]. Disponível em: <<https://youtu.be/kwmFPKQAX4g>>

ZANARDO, G. L. DE P. et al. Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, p. 1–11, 2017.